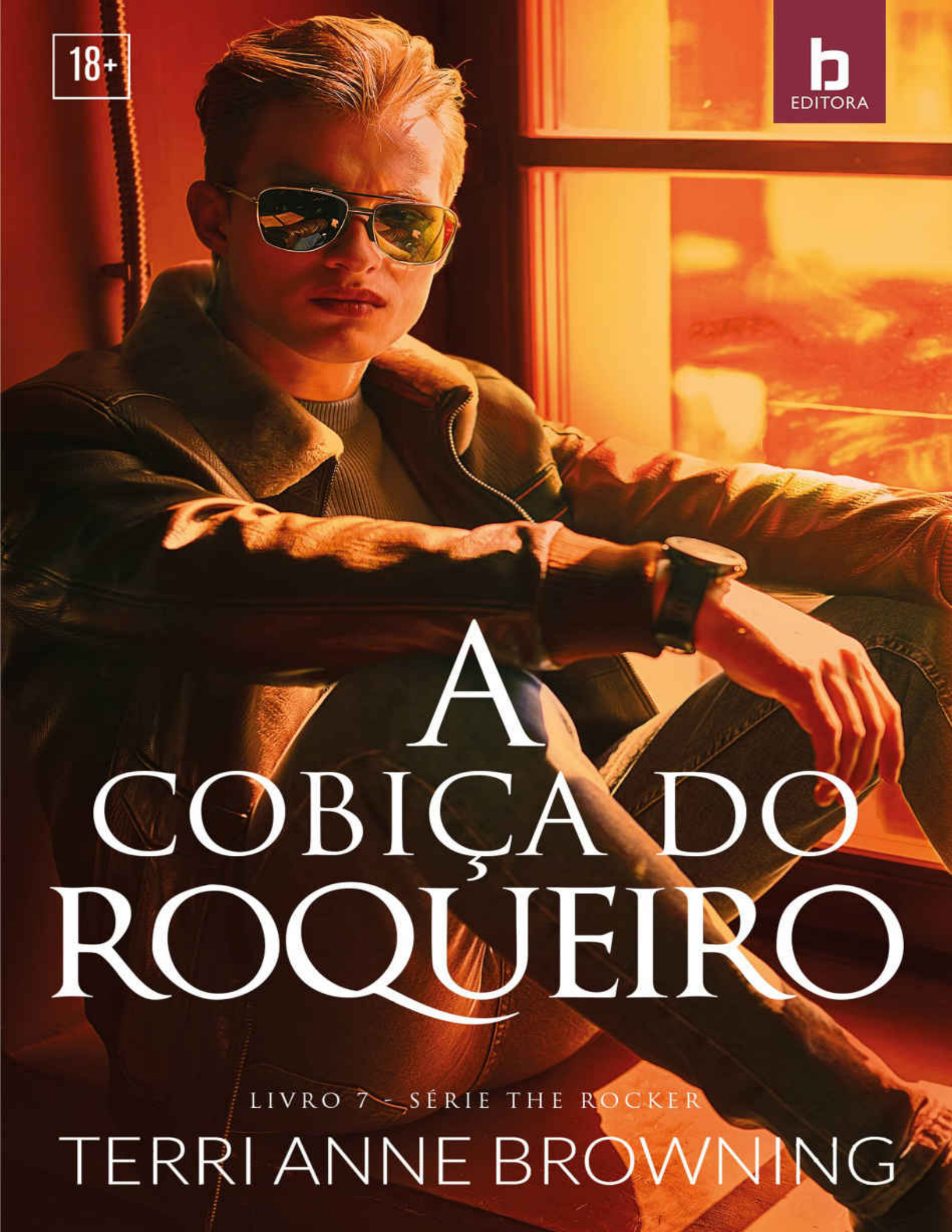
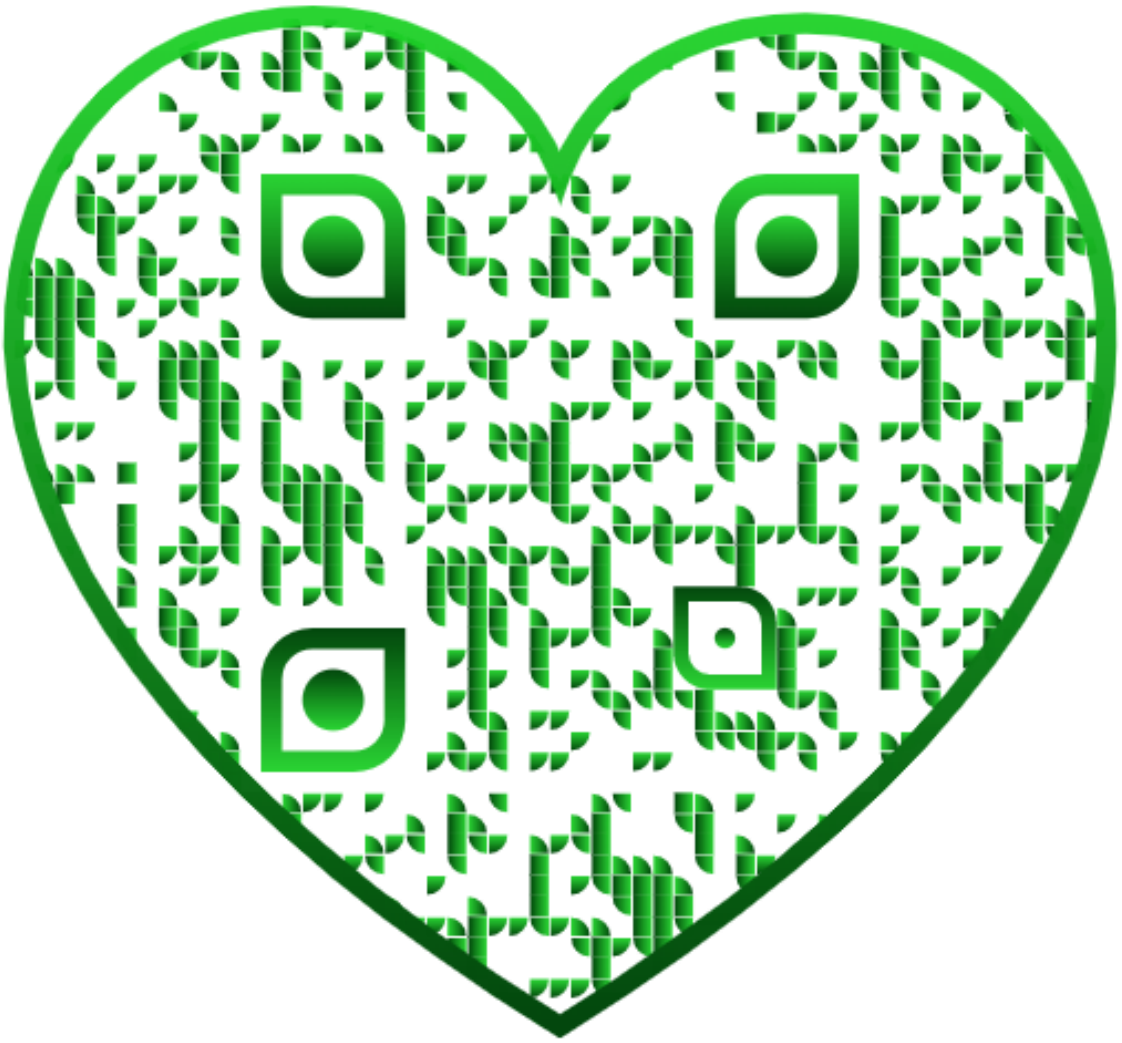

18+
EDITORA
A COBIÇA DO ROQUEIRO
LIVRO 7 - SÉRIE THE ROCKER
TERRI ANNE BROWNING



A COBIÇA DO ROQUEIRO

LIVRO 7 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Copyright © 2022 Editora Bezz
Copyright Original © 2014 Anna Henson/Terri Anne Browning
Título original: *The Rocker Who Wants me*

Tradução**:** Taís Guerra

Revisão final/Preparação: Vânia Nunes

Capa adaptada: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CONTEÚDO ADULTO – 18+

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B899c
v. 7

Browning, Terri Anne
A cobiça do roqueiro [recurso eletrônico] : the rocker / Terri Anne Browning ; tradução Taís Guerra. - 1. ed. - Arujá [SP] : Bezz, 2022.
recurso digital ; 7 MB (A cobiça do roqueiro ; 7)

Tradução de: The rocker who wants me
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-89906-61-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Guerra, Taís. II. Título. III. Série.

CDD: 813
22-80280 CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

28/09/2022 04/10/2022

Sobre *trademark*™: a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

Editora Bezz

www.lojabezz.com.br

Sumário

Agradecimentos
Nota da Editora
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Epílogo
Playlist

Agradecimentos

Primeiro, preciso dedicar um ENORME agradecimento a VOCÊS, os fãs. Sem vocês, não existiria nenhum *Roqueiro*… ou série. Vocês continuam pedindo mais e, por isso, continuo publicando. Vocês me fazem ter vontade de escrever até meus dedos sangrarem de amor pelos Demons e, agora, por Axton. Por isso, serei eternamente grata. Agradeço o amor contínuo e o apoio de todos vocês.

Às minhas leitoras BETA, sem às quais estaria perdida. Vocês, meninas, são quem me mantêm no caminho certo, e estaria realmente perdida sem suas valiosas contribuições.

À minha MELHOR amiga do mundo inteiro, Felicity 'Flick' Boulton. Sem você, a Fanpage do Demon's Wings seria uma pilha de lixo. Agradeço por todo seu trabalho e por manter os Demons vivos para todos.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu marido, Mile Browning, que sempre será meu fã número um. Sem seu amor, apoio e contínua compreensão acerca do meu escritório bagunçado, minhas mudanças erráticas de humor e minhas loucuras, de modo geral, não seria capaz de fazer nada disso. Você não é só um marido maravilhoso, mas também um incrível empresário. Eu te amo, daqui até a lua!

Nota da Editora

A saga dos Roqueiros continua!!

Seja bem-vindo(a) à continuação da série. Mas, espera! Caso este livro seja o primeiro que você esteja lendo, saiba que ele pode ser lido como um 'stand alone'. No entanto, para aqueles que vêm acompanhando a série desde o início – desde *Nos Braços do Roqueiro* – irá curtir muito mais esta nova fase.

A partir de agora, as histórias irão direcionar mais para os integrantes da banda *OtherWorld*, cuja empresária, *Emmie*, também é empresária da banda anterior, a *Demon's Wings*.

No entanto, os integrantes da *Demon's* também estarão presentes, como amigos e quase uma família, significando que você ainda vai ter muito mais de seus personagens preferidos.

Acomode-se confortavelmente e siga com mais esta aventura numa nova turnê cheia de drama, surpresas e muita paixão.

Conteúdo adulto (18+)

Série THE ROCKER

(ordem de leitura, preferencialmente)

- Nos Braços dos Roqueiro (Nik & Em)
- O Coração do Roqueiro (Jesse & Layla)
- O Anjo do Roqueiro (Drake & Lana)
- O Roqueiro que me Amava (Shane & Harper)
- A Proteção do Roqueiro (Nik & Em)
- Demon's Wings – Os Bebês dos Roqueiros (todos)

- A Cobiça do Roqueiro (Axton & Dallas)

Prólogo

Dallas

Dizer que estava cansada seria o eufemismo do ano. Era dezembro, e isso já dizia tudo.

Contudo, era um cansaço bom. Depois de um turno de doze horas no pronto-socorro, onde estive extremamente ocupada, indo de uma emergência para outra, permaneci e ajudei a trazer a filha de Lana e Drake Stevenson ao mundo. Minha linda e pequena "sobrinha" nasceu saudável e perfeita. Neveah já é uma destruidora de corações, e ensinarei a ela tudo que sei.

Deixei os novos pais sozinhos e levei Neveah ao berçário, para que Lana pudesse ter uma noite boa de sono antes que sua família despencasse em cima dela e do marido na manhã seguinte. Felizmente, amanhã é meu dia livre e aproveitarei para dormir. Talvez, Linc fizesse algumas panquecas para mim.

Pensando no apetitoso café da manhã do meu colega de quarto, meu estômago grunhiu, lembrando-me de que não havia comido desde o café da manhã anterior ao meu turno. Isso foi há quase 24h. Suspirando, catei o pouco dinheiro que levava comigo caso precisasse parar em uma máquina de venda automática. Na maior parte dos dias, o meu almoço era esse, porque estava muito ocupada para fazer uma refeição decente.

Abrindo a porta que dava para a sala de espera, só tive olhos para a máquina de salgadinhos. *Cebolitos* ou *Snickers*?

Dois passos na sala de espera da maternidade e uma necessidade que não era fome, de repente, começou a me consumir. Dei um próximo passo vacilante enquanto minha cabeça se virava na direção de Axton Cage, o único homem capaz de despertar essa urgência em mim. Sentado no canto

de uma sala mal iluminada, com o celular nas mãos, ele mantinha os olhos grudados em mim. Meus peitos instantaneamente apontaram, e apertei minhas coxas uma na outra, quando minha calcinha umedeceu. Minha típica reação ao deus do rock.

Ele esteve no quarto, com Lana e Drake, durante todo o trabalho de parto, e quando ela empurrou Neveah em direção ao mundo. Durante as seis horas, não dirigi nenhuma palavra a ele. Não estressaria minha amiga durante um dos mais incríveis – e incrivelmente doloridos – momentos de sua vida. Então, ignorei tudo e todos, focando em todo treinamento que recebi durante meu período na obstetrícia. Nunca foi minha primeira opção trabalhar na maternidade, e isso não mudaria no futuro próximo. Mas, para Lana, fiz uma exceção, porque queria estar ao seu lado neste momento tão inspirador e importante.

Axton e o pai de Lana, Cole Steel, ficaram calados durante as seis horas completas do trabalho de parto. Imagino que tenham pensado que, desde que ficassem mudos, Lana não gritaria com eles nem os mandaria embora. Ela não prestou muita atenção neles, mais concentrada em respirar através da dor. Essa maluca não quis tomar a peridural. Drake foi muito forte durante a coisa toda, mesmo que tenha percebido o olhar aterrorizado em seu rosto, enquanto ele ajudava a trazer a filha ao mundo.

Com minha fome esquecida por um momento, comecei a me virar novamente para a porta. Não tinha forças para lidar com Axton esta noite. Inferno, duvido que algum dia terei forças para lidar com ele. Nós só fazíamos duas coisas bem e, normalmente, ambas me esgotavam até um ponto sem retorno. Sexo não estava nos meus planos, e nunca mais estaria novamente. Então, só sobrava brigar.

— Dallas… — Seu tom era quase de súplica. Quase. Axton normalmente não implorava, a não ser que fosse por minha boca no seu pau. Foi o suficiente para me fazer parar com a mão na maçaneta, mas não para me fazer virar.

Não deveria doer tanto assim estar na mesma sala que ele. Se não estivesse tão cansada, não teria que lutar para evitar que meu queixo

tremesse. Eu teria sido capaz de reforçar as paredes que ele me obrigou a construir ao redor do meu coração.

— Nunca tivemos a chance de conversar depois do casamento de Shane.

Cerrei o maxilar, o lembrete de nosso último final de semana juntos me deu o combustível necessário para que a raiva secasse minhas lágrimas, e para me virar para encará-lo.

— Bom, não aconteceu nada que já não estivesse esperando. Tudo que ela precisou fazer para que voltasse correndo para ela foi dizer o seu nome.

Ele se levantou e jogou o celular no banco ao lado, enquanto dava dois passos em minha direção. Como sempre, agia casualmente, como se minha raiva não o incomodasse. Esse era um dos motivos de ser tão fácil pensar que nunca se importaria comigo do jeito que eu precisava.

— Eu tinha que ir, Dallas. Ela ia ligar para a polícia. Liam tinha drogas por todo o apartamento, e se o sobrinho dela tivesse pego alguma delas… — Ele parou, e seu maxilar trancou, como se não pudesse continuar.

— Então, é claro que ela te ligou — assenti, com meu coração se partindo mais um pouco. — Não para Wroth, que é primo dela, ou para Zander ou Devlin, que também poderiam ter dado um jeito. Porque você sempre sabe como consertar o que há de errado com ela. Porque ela não pode fazer nada sem você ali segurando a maldita mão dela.

Axton suspirou e enfiou as mãos nos bolsos da frente do jeans.

— Você não tem nada com que se preocupar com relação a Gabriella e eu. Nós terminamos há muito tempo, *baby*. Ela não significa nada para mim. Menos do que nada.

Essa não era a primeira vez que dizia exatamente as mesmas palavras para mim. No início do nosso relacionamento, se é que podemos chamá-lo assim, tinha certeza de que ele se encontrava com Gabriella Moreitti pelas minhas costas. Na primeira noite que conheci a pequena roqueira italiana, acusei-o de ter transado com ela durante uma festa. Ele nunca negou, apenas riu. Deve ter achado meu ciúme muito engraçado.

Loira burra, já está apaixonada, sentindo ciúmes de qualquer uma que tente olhar para seu homem.

Foi isso que senti quando ele riu de mim. Palavras que minha mãe teria usado, zombando de mim com uma risada. No entanto, era verdade. Eu tinha sido estúpida. Estúpida por ter continuado nessa farsa de relacionamento depois daquela noite. Por querer fazer as coisas darem certo com ele, mesmo estando tão insegura, convencida de que tinha me traído. Lutei tanto para nos manter juntos, só para que me deixasse no final.

Também é verdade que estava apaixonada por ele naquela época. Eu me apaixonei rapidamente. Ele era tudo que eu queria, tudo que precisava. E o sexo… Os poucos namorados que tive antes de Axton Cage evaporaram da minha mente no instante em que ele me tocou. No entanto, não era verdade que sentia ciúmes de qualquer uma que olhasse para ele. Não havia nenhuma razão para estar com ciúmes de todas as mulheres do mundo.

Mas havia muitas razões para estar com ciúmes de Gabriella Moreitti.

A maior de todas era o nome dela tatuado no pulso dele. A tatuagem estampada em sua pele há anos. Se ele já tivesse superado aquela cadela troll, por que ainda conservaria seu nome?

— Nós jamais daríamos certo — disse a ele, quando corajosamente encarei seus olhos. — Quero algo que você jamais será capaz de me dar.

Olhos de avelã se estreitaram para mim.

— Por quê? Porque agora você está com Liam? Você sinceramente acha que ele pode te dar o que deseja, Dallas? Na verdade, quem tem problemas com a Gabriella é ele.

Enrijeci com a menção a Liam. Que diabos? O que Liam tem a ver com isso?

— Não estou com Liam.

— Mentira. Vi vocês se beijarem no domingo. — Seu rosto se contraiu de raiva. — As mãos dele passeavam por todo seu corpo.

— O quê? — Pisquei.

Estava tão cansada a ponto de ouvir coisas? Ele não pode ter acabado de dizer que as mãos de Liam passeavam por todo meu corpo. Ainda que me importe com ele, nunca deixaria que pusesse as mãos em mim. Nunca. Mal consigo tolerar o toque de outras pessoas. Foi um milagre do caramba ter deixado Axton me tocar do modo que fez durante nosso tempo juntos. Realmente desejava o toque de outro ser humano, ainda desejo. Mas não era o toque de Liam, então, jamais poderia permitir que suas mãos estivessem "passeando por todo meu corpo".

Visitava Liam todo domingo, desde que fora para a reabilitação. Pela primeira vez, Liam Bryant tinha ido tratar sua dependência química voluntariamente. Ele estava progredindo de forma notável e, com um bom grupo de apoio ao seu lado, quando recebesse alta em algumas semanas, estava certa de que, desta vez, seria capaz de ter sucesso. Quando o vi pela última vez, há aproximadamente uma semana, ele tinha me beijado antes de eu ir embora, mas não chegava nem perto do que Axton tinha descrito.

Liam e eu éramos amigos, bons amigos. O beijo que me deu não significava nada além disso…

O que Axton realmente tinha confessado, repentinamente, foi um tapa na cara.

— Você está me seguindo, Ax? — Ele estava me *stalkeando*?

Suas mãos se fecharam em punhos, mas ele não negou.

— Não mude de assunto, Dallas. Se agora está com Liam, apenas diga.

— Não estou com Liam! — exclamei, jogando as mãos para o alto, um claro sinal de que estava à beira de um completo acesso de raiva. — Apenas o tenho ajudado ao longo de sua recuperação. Algo que amigos tendem a fazer uns pelos outros.

— Ele é um fracassado. Liam nunca durou mais do que algumas semanas sóbrio depois de sair da reabilitação, e dessa vez não será diferente. Ele adora garotas gostosas que querem consertá-lo.

Axton chegou mais perto, suas mãos se aproximando e segurando meus ombros.

— Ele não é bom o suficiente para você. Não deixe que ele te prejudique.

Empurrei-o, verdadeiramente enojada com Axton pela primeira vez desde que o conheci.

— Você o conhece desde sempre. Liam é seu irmão de banda, Ax. Mas você parece não saber nada sobre ele. Ele é mais forte do que pensa. Tudo que precisa é de alguém que acredite nele. Agora estou entendendo por que demorou tanto para chegar tão longe na reabilitação. Se é assim que você e o resto da OtherWorld o tratam, então, ele está melhor sozinho.

— Caramba, Dallas. Liam Bryan destrói tudo que toca. Não quero que se machuque.

Balancei a cabeça.

— Não precisa se preocupar, deus do rock. Estou a salvo com Liam.

É você quem me machuca.

Capítulo 1

Dallas

Feliz Ano Novo.

Encarei o alegre cartaz que pairava sobre o posto da enfermagem no pronto-socorro. Balões coloridos pendiam de cada um dos lados. Não precisava de um cartaz me dizendo que era o fim de mais um ano, e que, no final do meu turno, estaria voltando para casa, para o começo de um outro. O departamento do pronto-socorro contava sua própria versão de como tinha sido maravilhoso.

Viroses estomacais. Gripe. Ataque cardíaco. Dois derrames. Um tornozelo torcido. Um bebê com o pulso quebrado. Soava como uma canção natalina das enfermeiras. Não era. O Natal tinha chegado ao fim, estava terminado. Era apenas um turno noturno comum para o hospital mais movimentado de Nova York, o que, para início de conversa, fazia eu me perguntar: quem tinha encontrado tempo para pendurar aquela porcaria de cartaz? Alguém estava fazendo corpo mole e não admito trabalhar com molengas. Isso significa que preciso me matar trabalhando duas vezes mais, e já não tenho a mesma energia – ou, pelo menos, é isso que sinto.

A única glória resplandecente disso tudo era que só me restavam mais alguns dias de contrato. No fim da próxima semana, estarei desempregada, e a mulher que estive substituindo estará de volta da licença maternidade. Então, e só então, farei minha dancinha feliz e celebrarei com meus dois colegas de quarto, em uma noitada em alguma boate – algo que não tenho conseguido fazer há mais de dois anos.

O sistema de rádio que usávamos para nos comunicar com os paramédicos apitou e eu era a única perto o suficiente para atendê-lo. Eles estavam a cinco minutos com uma vítima de V89 – acidente com veículo a

motor. Um motorista bêbado tinha entrado na contramão do trânsito, colidindo de frente com o carro esportivo de algum cara. Receberíamos a vítima, enquanto outro hospital receberia o motorista bêbado que, segundo os paramédicos, só tinha quebrado o nariz com o *airbag*.

Rapidamente rabisquei toda a informação que me passaram e me apressei para preparar a sala de trauma mais próxima. O paciente não estava usando cinto de segurança e, no impacto, tinha sido arremessado através do para-brisas. Traumatismo craniano, hemorragia interna e uma possível lesão medular. Bipei a radiologia. Precisaríamos de raios-X, tomografias computadorizadas e provavelmente um ultrassom para descartar uma hemorragia interna abdominal. O desfibrilador estava a postos, assim como o cirurgião de plantão – um dos cirurgiões mais bem avaliados do país. Outro médico parou ao meu lado assim que a ambulância estacionou em frente à porta automática. Corri com os dois médicos e outra enfermeira para ajudar os paramédicos a descer o paciente.

Mal tive tempo de lançar uma rápida olhada ao rosto do homem antes de empurrá-lo para o centro de trauma e começar a trabalhar nele. Um acesso já tinha sido colocado em seu braço, fluídos estavam sendo injetados nele na maior velocidade possível. Uma máscara de oxigênio estava em seu rosto, enquanto os paramédicos continuavam apertando o respirador, enviando oxigênio manualmente. Gostaria de saber o nome do cara para poder falar com ele. Deixá-lo saber que não estava sozinho. Contudo, não houve tempo para identificação antes de transportá-lo. Na sala de trauma, passamos o paciente da padiola para a maca já preparada. Comecei a ministrar os remédios que os médicos pediam, e os raios-X já estavam sendo tirados, mesmo com a sala cheia de pessoas.

— Costelas quebradas — o cirurgião gritou, e a enfermeira, que estava ali para me ajudar, começou a socar a informação no computador perto da pia. — A coluna dele está edemaciada. Não consigo ver se há fraturas.

O acesso no braço do paciente de repente colapsou e nem pensei duas vezes antes de colocar um novo. Puxando as mangas da camiseta rasgada e ensanguentada do homem, comecei a procurar uma veia quando a tatuagem

em seu bíceps chamou minha atenção…

Tudo dentro de mim congelou e perdi o fôlego. Reconheceria essa tatuagem em qualquer lugar. A banda inteira tinha uma dessas em algum lugar do corpo. Um milhão de coisas passaram pela minha cabeça no espaço de um segundo. *Não, não pode ser!* Estendi a mão para a máscara de oxigênio e a levantei por um momento para confirmar o que mais temia. Lágrimas brotaram nos meus olhos, mas pisquei para fazê-las voltar de onde vieram. Não poderia entrar em pânico agora. Não quando ele precisava da minha calma e do meu trabalho para salvar sua vida.

— Espere! — gritei, quando a outra enfermeira começou a injetar o medicamento que o cirurgião tinha mandado.

— O quê? — três pessoas perguntaram ao mesmo tempo. Em uma situação como esta, cada segundo conta, e estava desperdiçando um tempo valioso.

— Precisamos fazer um exame toxicológico. Ele pode… Ele pode ter cocaína ou algo tão forte quanto no organismo. — Eu odiava até pensar nisso, mas Liam tinha saído da reabilitação há menos de uma semana. As probabilidades de não ter voltado a usar drogas eram as mesmas de que tivesse. Não poderia arriscar sua vida se ele teve uma recaída, não importa o quanto quisesse acreditar nele.

— Faça! — o segundo médico vociferou, e não hesitei em coletar o sangue. Havia um aparelho na sala que podia mostrar o resultado em um minuto, e corri para ele, enquanto a outra enfermeira colocava a via de acesso que eu não tinha terminado.

— Negativo. — Soltei um suspiro de alívio. Liam não voltara aos velhos hábitos, procurando uma forma de se consertar, menos de uma semana após a reabilitação.

No entanto, sua dependência não era algo com o que se preocupar neste momento. Sua ruptura de baço e dilaceração do fígado, sim. Uma perna quebrada, para combinar com suas costelas, e um ombro deslocado eram preocupações menores quando comparadas ao fato de que, com todo o

edema, Liam poderia acabar em uma cadeira de rodas. A pressão em seu cérebro já estava se tornando grande demais, e uma sala de cirurgia estava sendo preparada para receber múltiplos procedimentos imediatamente.

Enquanto corria com a equipe da emergência para empurrar a maca de Liam para dentro do elevador, estava no piloto automático. Não conseguia pensar em nada mais do que levá-lo para cima e para dentro da sala de cirurgia. A equipe de cirurgiões já estava esperando por nós quando o elevador abriu. Eu queria ir com ele, mas não tinha habilitação para uma cirurgia como essa.

Assim que Liam foi levado para longe e as portas da sala de cirurgia se fecharam atrás dele, finalmente, eu me permiti sentir a dor e desmoronar na parede mais próxima. Liam. Ele estava morrendo. Eu poderia perder meu mais novo e querido amigo…

Não era para ser assim. Tinha conversado com ele por telefone há dois dias. Eu o tinha visto há apenas alguns dias antes disso, no domingo de visitas da reabilitação, antes de sua alta. Ele parecia tão saudável quando comparado com o dia que o deixei lá. Liam estava cheio de vida, e sem nenhuma droga por perto para ajudá-lo a espantar os demônios que eu sabia que tinha. Tínhamos feito planos de nos encontrar neste domingo e apenas passar tempo juntos, porque tínhamos ficado muito acostumados a nos ver semanalmente. Domingo era o nosso dia, e eu sabia que ansiava por eles tanto quanto eu – provavelmente mais, já que agora me considerava sua única amiga.

Permaneci ali por vários minutos até que a enfermeira, que estava me auxiliando, finalmente me cutucou com o cotovelo.

— Era seu amigo?

Tudo que pude fazer foi assentir.

— Precisa que ligue para alguém?

O pavor agitou meu estômago. Havia ligações que precisavam ser feitas, mas a única que podia fazê-las era eu. Caso contrário, o hospital seria cercado de abutres. Os paparazzi estariam prontos para escrever sobre esta

história em um piscar de olhos. *Roqueiro famoso viciado em drogas se encontra em estado grave depois de colisão com motorista bêbado.* Automaticamente, presumiriam que Liam era o culpado, Liam seria o motorista bêbado.

— Não. Eu preciso fazer isso.

Peguei o elevador para descer novamente ao pronto-socorro, mas em vez de ir para o posto das enfermeiras, voltei para a sala de descanso e procurei meu celular no bolso da jaqueta. Meus dedos estavam tremendo enquanto deslizavam sobre a lista de contatos. A quem deveria ligar primeiro?

Para a irmã? Marissa iria desmoronar ao descobrir que seu amado irmão estava à beira da morte. Emmie? Ela era a empresária dele, quem deveria lidar com a imprensa e tudo o mais que pudesse surgir com a notícia de que Liam Bryant, o baixista da OtherWorld, tinha se envolvido em um acidente de carro com um motorista bêbado. Eu tinha o número de Devlin Cutter entre meus contatos. Ele era o baterista da OtherWorld, mas estava na Califórnia neste momento.

Sem pensar, deslizei o dedo para o próximo nome que vi e levei o celular ao ouvido. Não era tão tarde, apenas um pouco depois das onze. Porém, sabia que ela tinha planos para hoje à noite, planos que envolviam um gay muito sexy. Nesses últimos dias, Natalie e Linc estavam no maior grude. Ultimamente, só tinham um ao outro, porque eu estava sempre trabalhando, e Harper tinha se mudado para a Costa Oeste.

— *Alô!* — Natalie me cumprimentou no quarto toque. Música alta tocava no fundo e havia risadas femininas e masculinas. — *Vai sair cedo? Venha comemorar com a gente.*

Respirei fundo, decidida.

— Nat… Preciso da sua ajuda.

Meu turno acabou, mas não fui para casa. Em vez disso, fui direto para a

sala de espera do pronto-socorro e me sentei. Neste momento, a sala estava vazia já que apenas cirurgias de emergência são feitas a esta hora da noite, mas também não importaria se estivesse abarrotada. Nem prestaria atenção. Só conseguia pensar em se meu amigo estava bem.

Fiquei lá sentada por aproximadamente uma hora antes de a primeira ligação soar. Era Emmie, prometendo que estaria a caminho no próximo voo disponível. Com o tempo e todo mundo viajando de volta para casa após as festas de fim de ano, mal estava conseguindo fretar um avião, então, tinha entrado na lista de espera. Nossa conversa não durou nem um minuto. Quando desligou, o celular tocou novamente. Era o número de Marissa, mas quem estava na linha era Wroth. Não tinham conseguido um voo do Tennessee antes da tarde do dia seguinte, então, ele traria Marissa de carro hoje à noite. Prometi ao primo de Liam que o manteria informado, enquanto escutava uma Marissa soluçante no fundo. Adoro Marissa. Ela era o tipo de pessoa por quem você sentia empatia, mesmo que não quisesse. Sua dor apenas aumentou a minha e fez meu peito apertar.

Mais uma hora se passou, e Natalie apareceu. Ela estava cuidando da segurança e de inúmeras outras coisas que Emmie tinha pedido. Agora que tinha um momento livre, sentou-se ao meu lado. Nenhuma de nós falou nada, mas Natalie pôs a mão na minha e a apertei como forma de agradecê-la por seu apoio silencioso. Mal podia lidar com aquele contato humano sem estremecer. Minhas mãos pareciam congeladas quando comparadas com as mãos quentes de Natalie.

Eram quase duas da manhã quando o cirurgião, que esteve comigo no momento que trouxeram Liam, finalmente saiu. Sua camiseta estava inundada de suor e seu rosto carregava uma sombra de tensão. Quando me avistou, sentada ali, seus olhos se arregalaram, mas não hesitou em me abordar. Fiquei de pé, meus dedos adormecidos e trêmulos.

— Ele é seu amigo?

Assenti.

— Sim. A irmã dele está a caminho, mas até lá sou tudo o que ele tem.

O Dr. Jenson soltou um suspiro enquanto passava a mão sobre a testa suada.

— Tudo bem, Dallas. Pelo menos, com você, não tenho que amenizar a situação.

— Ele está vivo? — quis saber, precisando saber disso antes que me falasse qualquer outra palavra.

— Sim. — Um soluço de alívio escapou de mim antes que pudesse fazê-lo voltar, e o rosto do médico se contraiu. — Mas foi por pouco.

— Então, desembucha logo — ordenei, muito perturbada para me preocupar com boas maneiras. Minhas emoções estavam à flor da pele, e estava prestes a surtar.

— Aliviei a pressão no cérebro. O edema era tão grande que não tive outra escolha. Seu baço foi removido, e conseguimos parar a hemorragia no fígado. Durante o procedimento, ele convulsionou duas vezes, complicando o processo, mas está estável no momento. — Cruzei os dedos, mas assenti compreendendo. Então, Dr. Jenson continuou. — Seus batimentos foram normalizados, mas terá que passar por mais algumas cirurgias nos próximos dias. Sua perna esquerda está estilhaçada, não apenas quebrada, e precisará de um implante metálico para substituir o fêmur. Para a coluna, tive que chamar um especialista. Com todo o edema, não há como descartar lesões medulares.

— O será feito agora?

Jenson fez uma careta.

— Ele está na UTI no momento. Inconsciente. Na melhor das hipóteses, a atividade do cérebro dele é lenta. As próximas vinte e quatro a quarenta e oito horas serão difíceis. Não sei se há algum dano cerebral, ou quais outras sequelas poderá ter devido à gravidade da hemorragia no cérebro, que causou toda a pressão. — Ele segurou minha mão e deu um aperto consolador antes de recuar. — Vou mantê-la informada, Dallas. Alguém virá avisar quando ele estiver instalado na UTI, e poderá visitá-lo por alguns minutos. Talvez, escutar uma voz familiar ajude.

Tudo que pude fazer foi assentir, e ele se virou para a porta. Quando ela se fechou atrás dele, caí na cadeira ao lado de Natalie mais uma vez. Ela estivera escutando atentamente toda a conversa. Continuamos sentadas ali. Em silêncio. Ansiosas. Rezando.

Capítulo 2

Axton

A festa continuava firme e forte. Havia bebida rolando solta. Garotas por todos os lados, em vários estágios de nudez. A música era boa. Todo mundo estava curtindo um momento da hora, mesmo que tivesse deixado a peteca cair uma hora atrás. Esta era minha festa. Tinha organizado tudo no calor do momento. Fiz algumas ligações e deixei tudo fluir. Meus vizinhos deviam estar na festa, ou em suas próprias comemorações de Ano Novo, porque não recebi nenhuma reclamação.

O único problema?

Eu estava entediado. Pra. Cacete.

Para mim, a cerveja tinha gosto de bosta. A música estava me dando uma dor de cabeça latejante. E as garotas? Havia algumas gostosas tentando enfiar a língua na minha boca – ou em outros lugares – mas não consegui achar a força de vontade para aceitar suas propostas. Nada tinha qualquer tipo de apelo. O mundo parecia confuso e sem cor.

A culpa era de Dallas.

Ela tinha achado um jeito de se cravar fundo. Prender meu coração com raízes tatuadas com seu nome. Agora, nem sequer consigo ficar duro por outra mulher. Não posso fazer porcaria nenhuma, porque ela não quer nada comigo.

Já não era a primeira vez que meu telefone vibrava e mal olhei para ele para conferir quem estava ligando. Emmie. De novo. Fiz uma careta e apertei o botão de recusar mesmo que todas as fibras do meu ser estivessem gritando para que eu atendesse a ligação. Era contra minha natureza não pular no telefone no instante em que o nome e a foto dessa ruivinha surgiam no meu celular. Meu estômago revirou. Meu coração se sentia atravessado.

Estava sendo um babaca ao não atender. Não tenho sido nada além de um babaca nas últimas semanas. Não era culpa de Emmie eu não ter resolvido minha vida ainda. Na verdade, ela provavelmente era a única que ainda estava do meu lado. Porra. Ela era a única que sempre estava do meu lado – a única pessoa que sempre se preocupou comigo incondicionalmente.

Por muito tempo estive cego com relação aos meus verdadeiros sentimentos sobre Emmie. Pensei, com toda a certeza, que estava apaixonado por ela. Talvez ainda estivesse pensando isso, se não fosse por Dallas… O celular parou de vibrar e soltei um suspiro de alívio. Estive a poucos segundos de realmente atender desta vez.

Pessoas vinham se sentar ao meu lado, onde estava acampado no sofá. Não prestei nenhuma atenção a elas. Ignorei tudo que tentavam falar comigo. Será que não entendiam que eu não dava a mínima se bebessem toda minha cerveja, detonassem meu apartamento ou até mesmo roubassem minhas merdas quando fossem embora? Tudo o que eu queria era ser deixado em paz.

Quanto tempo permaneci ali sentado encarando o nada, ignorando meu celular, não sei dizer. Quando a mão de alguém estalou na minha cara, como uma ferroada familiar demais, pisquei e levantei o olhar para uma pequena deusa italiana parada na minha frente.

— O que foi isso, Gabriella?

As lágrimas foram o que me pegaram desprevenido. Fiquei de pé rapidamente, já que nunca fui capaz de suportar a visão de suas lágrimas. Caralho. Posso não estar apaixonado por ela, mas tentei amá-la. Tentei com tanto afinco que até tatuei seu nome na minha pele, para me ajudar a mentir a mim mesmo um pouco melhor.

— O que foi isso? — exigi saber. Gabriella Moreitti não chorava por qualquer coisa. Se ela estava tão chateada, algo estava realmente errado. — Jordan?

Ela balançou a cabeça, com as lágrimas caindo mais pesadamente.

— Liam. Está em todas as notícias. Ele sofreu um acidente esta noite.

Motorista bêbado. Tudo é muito confuso. Alguns dizem que a culpa foi dele, outros, que ele estava completamente sóbrio. Mas todas dizem que o estado dele é grave. — Ela agarrou meu braço, com força. — Ninguém quer me dizer nada, Ax. E não consigo passar pelos seguranças do hospital. Eles não me deixam chegar perto dele. Por favor. Por favor, Ax. Precisa me ajudar. Preciso vê-lo. Falar com ele. — Um soluço chacoalhou seu corpo e ela enterrou o rosto em meu peito. — Eu nunca deveria ter terminado com ele.

Uma culpa tomou conta de todo meu corpo e senti meus próprios olhos começarem a lacrimejar. Liam. Não é de se admirar que Emmie não tivesse desistido de me ligar. Eu era o único que estava em Nova York no momento, então, é claro que me queria no hospital junto ao meu colega de banda. Xingando, segurei a mão dela e a puxei para fora do apartamento.

Um carro já estava esperando por nós. O motorista do avô de Gabriela pisou fundo assim que entramos. Ela ainda estava chorando, então, passei meu braço sobre seus ombros e levei o celular ao ouvido para escutar as muitas mensagens de voz que Emmie tinha deixado. Eu era mesmo um imbecil. Porra, caralho. Era um péssimo amigo e companheiro de banda.

A OtherWorld não era nada parecida como a Demon's Wings. Nós éramos amigos, claro. Alguns de nós mais que outros. Devlin e Zander? Eles tinham crescido na banda, desde o início, e só tinham um ao outro com quem contar. Wroth e Liam? O vínculo consanguíneo os tinha aproximado, mesmo que Wroth parecesse odiar o primo às vezes. Eu era o forasteiro – o garoto rico que só toleraram no início porque precisavam substituir o vocalista.

Nós não sabíamos o que se passava nas vidas uns dos outros. Não nos comunicávamos com regularidade, a menos que estivéssemos em turnê e tivéssemos que nos aguentar. Eles não eram minha família. Não como Nik, Drake, Shane e Jess. Harris, com toda a certeza do mundo, não me chamava de tio Ax, como Mia e Lucy faziam.

Porém, isso não significava que não sentira nada ao descobrir o quão ruim era o estado de Liam na última mensagem de voz de Emmie.

Caramba, como ele ainda estava vivo se havia tudo aquilo de errado com ele?

Assim que o carro parou, Gabriela pulou para fora me puxando com ela. Havia paparazzi em toda parte. Câmeras, repórteres, e até vans de notícias. Câmeras disparavam *flashes* enquanto Gabriela me puxava em direção à entrada do hospital. Quatro homens de terno montavam guarda. Quando me reconheceram, assentiram, mas tentaram barrar Gabriela enquanto ela passava.

— Ela está comigo — rosnei para o homem e coloquei-a mais perto de mim.

Após uma breve hesitação, o guarda assentiu e a deixou passar. Não precisei perguntar a ninguém onde Liam estava. A trilha de guardas era como faróis no caminho. Dois estavam parados nos elevadores. Outros dois, quando saímos dele. Outro, na porta da sala de espera da UTI, e mais dois do lado de fora da enfermaria da UTI. Embora Emmie não estivesse lá, era possível ver seu trabalho. Ou o trabalho de Natalie, que seguiu as indicações de Emmie sem questionar.

Logo que as portas se abriram, avistei a única coisa que esteve na minha mente a noite toda.

Dallas estava sentada em uma cadeira de plástico, toda encurvada. Natalie de um lado, e Linc do outro. Ela vestia um uniforme de trabalho azul-bebê, que me lembrava dos seus olhos. Seu cabelo estava preso para trás em um rabo de cavalo, mas alguns fios tinham se soltado, emoldurando seu lindo rosto. Sua cabeça se ergueu quando escutou a porta se abrir, e seus olhos instantaneamente se tornaram frios.

Voltei minha atenção a Drake, que estava parado em um canto parecendo exausto, sem nenhum sinal de Lana ou do bebê. Era mais seguro, por enquanto, olhar para qualquer outro lugar que não Dallas.

— Como ele está? — Gabriella quis saber de Dallas, não se importando com o fato de ter acabado de entrar em uma zona de guerra.

Tinha escutado falar sobre o barraco entre Layla e Gabriella, seguido de

uma surra de Emmie em Gabriella. Minha ex sabia o que estava enfrentando e, mesmo assim, tinha falado umas poucas e boas para Em. No entanto, Gabriella não fazia ideia do que estava enfrentando ao se confrontar com Dallas. Droga, eu não tinha ideia do que poderia acontecer. Dependeria do estado de humor de Dallas, mas poderia acontecer qualquer coisa.

— Você saberia se não tivesse dado as costas para ele — Dallas rosnou, levantando tão rapidamente que, se Linc não tivesse segurado sua cintura, teria caído para cima de Gabriella em menos de um piscar de olhos. Ela lutou com o abraço que Linc matinha ao seu redor. O cara era puro músculo, mas parecia estar tendo dificuldade para segurar Dallas.

Escutei um soluço choroso sair do peito de Gabriella.

— Eu sei — ela sussurrou de forma entrecortada.

Maldição. Ver Gabriella chorando não era algo que podia aguentar. Não porque pensasse que ainda estava apaixonado por ela – algo que nunca cheguei a pensar de verdade – e sim, porque precisava de muita coisa para fazê-la chorar. Eu sabia como estava triste com o fato de Liam ter sofrido um acidente de carro. Sua prima, Alexis, esteve envolvida em um naufrágio que quase a matou e, por algum tempo, roubou sua habilidade de andar. Agora, isto deve ser duas vezes mais horrível para Gabriella.

Em vez de tocá-la, permaneci onde estava, porque, sim, embora tenha sido um idiota no passado, não era tão burro a ponto de não perceber qual seria o resultado de oferecer conforto a Gabriella ali. Para começar, Gabriella provavelmente arrancaria minha cabeça fora apenas por oferecer. Depois… Dallas estaria apta a quebrar o braço de Linc para se libertar, arrancar meu órgão favorito e pisar nele.

Olhei para Natalie.

— Há alguma notícia nova de Liam?

Ela se levantou lentamente. Sei que era profissional e eficiente o suficiente para não cuspir na minha cara, mas a frieza em seus olhos me disse exatamente onde estava sua lealdade, com a enfermeira que ainda se

debatia atrás dela.

— Ele saiu da cirurgia, mas ainda está na terapia intensiva. Ainda não nos deixaram vê-lo, mas alguém deve sair logo para deixar Dallas entrar. Preciso dela lá para me dizer exatamente o que está acontecendo e poder comunicar a Emmie.

— O que aconteceu? — Ainda não tinha entendido completamente o que havia acontecido. — Ele estava chapado?

Minha pergunta fez Dallas lutar com um ímpeto ainda maior contra Linc.

— Não, ele não estava chapado! — ela gritou, com saliva voando de sua boca, ela estava muito arisca agora. — Ele estava limpo. Eu fiz o teste pessoalmente. — Gabriella desatou a chorar novamente, balançando a cabeça e murmurando em italiano para si mesma. — Ele deu um jeito na vida, seu babaca. E ele não precisa de cretinos igual a você para colocá-lo para baixo novamente.

Isso me surpreendeu, porque estava certo de que Liam havia sido o motorista drogado e culpado. A culpa me corroía por não ter tido fé no meu amigo, mas ele havia me dado muitas razões no passado para não confiar nele quando se tratava de sua sobriedade.

— O quão ferido ele está?

Natalie deu um suspiro e começou a contar nos dedos as coisas que o médico tinha dito sobre o estado de Liam. Cada uma parecia pior do que a anterior, e meu estômago começou a dar voltas e a embrulhar quando percebi que Liam estava passando por algo realmente muito sério. Meu primeiro pensamento, contudo, não foi para Liam, mas sim, para sua irmã. Marissa não teria nenhum parente de sangue se Liam morresse. Por mais que não gostasse de Liam às vezes, Marissa era diferente. Ninguém – absolutamente ninguém – poderia conhecer Marissa e não gostar dela instantaneamente. Ela era doce, de coração puro. Ela passou por muita coisa na vida. Perder o irmão não deveria ser acrescentado a essa lista.

Natalie ainda estava falando quando a porta se abriu atrás de mim e uma enfermeira saiu.

— Dallas, você pode entrar agora se estiver pronta.

Gabriella se virou assim que escutou a voz da outra enfermeira. Com um metro e setenta e cinco de altura, a enfermeira passava Gabriela em uns sete centímetros e provavelmente superava seu peso em dez quilos, mas isso não parecia ter importância. Gabriella agarrou o braço da mulher, fazendo-a estremecer de dor.

— Por favor. Preciso vê-lo. Por favor, eu estou implorando.

A enfermeira levantou uma sobrancelha para a pequena italiana.

— Você é da família? — Quando Gabriella hesitou, a enfermeira balançou a cabeça. —Desculpe, mas apenas familiares podem vê-lo.

— Não. Por favor. Eu vou me casar com ele. Isso não serve de nada? — Ela estava soluçando novamente. — Eu o amo…

Todo mundo na sala estava tão chocado que ninguém se mexeu por um momento. Até mesmo Dallas pareceu tão surpresa com a confissão que parou de lutar. Eu estava em choque. Gabriella queria se casar com Liam? A garota era uma escrava da própria música e sempre me dizia, e em várias ocasiões também o seu avô, que ela nunca se casaria com ninguém a menos que essa pessoa fosse, com cento e cinquenta por cento de certeza, sua alma gêmea. Nós dois sabíamos que eu não entrava nessa categoria e, para ser sincero, a ideia de casamento em si já me aterrorizava.

A enfermeira pigarreou.

— É, bem… — Ela olhou para Dallas, atrás de mim. — Cabe a você decidir, Dallas. O Dr. Jenson disse que você tem a palavra final sobre quem entra ou sai.

Linc finalmente soltou a linda loira, e ela se ergueu como se há pouco não estivesse lutando para se libertar de uma besta halterofilista. Passando por mim como se nem estivesse me vendo, Dallas atravessou para a porta e segurou Gabriella pelos ombros. Seus olhos esquadrinharam a pequena italiana por um longo momento. Olhos castanhos imploraram silenciosamente aos olhos azuis, até que Dallas finalmente balançou a cabeça.

— Você não pode entrar lá se for desmoronar. Ele está em um estado frágil agora. Você me entende, Gabriella? Se eu deixar você entrar, não poderá gritar, soluçar ou até mesmo choramingar. Entendeu? — Ela assentiu, muda. — Provavelmente vou me arrepender disso… — Ela segurou Gabriella pelo cotovelo e a puxou da sala com ela. — Eu juro que vou acabar com você se não me escutar.

— Você não acha que alguém deveria ir com elas? Para garantir que Dallas realmente não mate a garota enquanto estiver atrás daquelas portas?

Viro a cabeça e encontro Drake franzindo a testa para as duas mulheres. — Você honestamente se importaria se ela o fizesse?

Drake deu de ombros. — Na verdade, não, mas Angel provavelmente teria algumas coisas a me dizer se eu não tentasse, ao menos, manter sua amiga livre de uma acusação de homicídio.

Dallas

Eu tinha enlouquecido.

Não havia nenhuma outra desculpa para ter amolecido e deixado a vadia da Gabriella Moreitti vir comigo para ver meu amigo. Ou, talvez, fosse porque estivera acordada por quase vinte e quatro horas sem nenhum descanso físico e, agora, emocional.

Dentro da ala da UTI, acenei com a cabeça para uma das enfermeiras sentadas no posto da enfermagem, vendo os monitores cardíacos. Ela me deu um sorriso triste e acenou para o quarto bem à sua frente. Porém, não me mexi imediatamente. Estava me preparando psicologicamente para entrar naquela sala pequena que tinha uma parede de vidro voltada para o posto da enfermagem.

Tendo trabalhado no pronto-socorro do andar de baixo por mais de quatro meses, tenho visto algumas coisas bem horripilantes. Vi de tudo, de um homem sangrando por um ferimento por arma de fogo em seu abdômen até um bebê indefeso, que tinha queimaduras de terceiro grau dos pés à cabeça,

porque a mãe tinha derramado água escaldante de macarrão nele – um completo e trágico acidente. Eu tive que ser forte e fazer meu trabalho enquanto corria para ajudar a salvar os dois, mesmo que não houvesse qualquer coisa que alguém pudesse fazer por ambos.

Agora, parada do lado de fora da sala da UTI, onde estava um homem que considerava um amigo tão próximo quanto Linc, descobri que não conseguia fazer minha mente voltar para o modo enfermeira. Ela estava emperrada no modo amado e querido amigo e eu estava começando a tremer. Liam era tão novo e finalmente tinha colocado a vida nos trilhos. Não era justo. A vida não era justa. Eu queria gritar e berrar e… rezar.

— Por que você parou? — Gabriella perguntou em voz baixa, trêmula e com lágrimas. — Por favor, Dallas. Eu preciso vê-lo ou perderei a cabeça.

Foi o uso do meu verdadeiro nome em vez do usual "vaca" ou "vadia", que Gabriela usava nas poucas ocasiões que realmente estivemos juntas no mesmo cômodo, que me fez recobrar a consciência. Puxei o ar profundamente duas vezes, para me estabilizar, e intensifiquei meu aperto em seu cotovelo. Eu não tinha certeza se Liam me agradeceria ou me odiaria por deixar sua ex entrar para vê-lo assim, mas eu não me arrependeria disso. Eu sabia que ele se importava quando o tema era Gabriella.

Durante os dois meses que ele esteve na reabilitação, e fiz minhas viagens semanais para vê-lo, compartilhamos muito de nós mesmos um com o outro. Ele sabia tudo sobre o quão ruim minha vida tinha sido com minha mãe, e eu sabia simplesmente tudo sobre seu passado – da razão pela qual Liam e Devlin realmente e verdadeiramente se odiavam à doença de Marissa, e há quanto tempo Liam estava apaixonado por Gabriella Moreitti.

A parede de vidro deslizou conforme nos aproximamos, deixando-nos entrar. Ao meu lado, um pequeno e angustiado grunhido veio de Gabriella, mas não poderia repreendê-la quando o mesmo som saiu de mim.

Merda. Oh, Deus. Merda. Merda. Merda.

Lágrimas queimaram meus olhos e respirei fundo, estremecendo,

enquanto me aproximava da cama. Monitores estavam apitando, e olhei para eles por um momento para ver o quão bem ele realmente estava. Nada bem. A frequência cardíaca e a pressão arterial estavam baixas. Os níveis de oxigênio estavam estáveis, mas apenas porque ele tinha um tubo na garganta para ajudá-lo.

Quase relutante, forcei meus olhos a examinarem meu amigo. Ele não se parecia com o Liam que eu conhecia e começava a amar. Seu rosto era um grande hematoma, com cortes por toda parte, deixados pelo vidro do para-brisas pelo qual foi arremessado. Cabos e linhas intravenosas saíam de todas as direções, alguns monitorando, outros mantendo-o hidratado e transfundindo-o, já que ele tinha perdido sangue tanto antes quanto durante a cirurgia. Gessos imobilizavam os ossos que ainda precisavam de atenção especial. Havia um curativo ao redor de sua cabeça, no local onde o médico havia aliviado a pressão do edema de seu cérebro, e eu sabia que ele ficaria irado quando acordasse e descobrisse que metade da sua cabeça havia sido raspada.

— L-L-Liam? — Olhei para onde Gabriella estava agora, parada ao lado da cama, com suas mãos pairando hesitantemente sobre o rosto machucado de Liam. Lágrimas escorriam por seu rosto e seus lábios estavam trêmulos. Não admito isto a ninguém mais além de mim mesma, mas Gabriella é uma mulher muito bonita. Mas quando ela chorava? Nem tanto. Pelo menos, ela não tinha medo de chorar feito um bebê pelo homem que talvez amasse.

Engoli a onda de malícia que queimava meus lábios. Esta não era a hora de ventilar meu ódio por ela. Era evidente que naquele momento ela realmente estava apaixonada por Liam Bryant. Porém, embora ela possa estar apaixonada por outro, isso não significava que os sentimentos de Axton não estivessem balançados pela pequena roqueira italiana. Honestamente… Essa era a única coisa que me fazia odiar tanto a garota.

Ela tinha a única coisa que eu sabia que nunca teria… mas, ainda assim, desejava com todas as forças do meu ser.

Pigarreei.

— Pode tocá-lo. Ele, provavelmente, não sente dor alguma agora. Fale com ele. Não sei se ele poderá realmente escutá-la ou não, mas não perca a chance. Não sei se será permitido que você entre aqui novamente depois que Emmie chegar.

Gabriella cerrou os dentes, mas assentiu.

— Liam… Eu sinto tanto — ela sussurrou, finalmente permitindo que seus dedos percorressem seu queixo e seus lábios. Sua mão tremia notavelmente, mas isso não a impediu de continuar. Ela não pareceu notar que o monitor cardíaco mudava com o som de sua voz ou com cada carícia. — Eu nunca deveria ter terminado com você. Talvez se… se… — Ela parou e respirou profundamente para se acalmar. — Talvez, se eu tivesse lutado mais por nós, por você… isso nunca teria acontecido. Nós poderíamos estar na Califórnia agora, na festa de fim de ano de Lee-Lee… — Sua voz falhou ao mencionar o nome de Lee-Lee, e uma nova torrente de lágrimas desceu por suas bochechas. — Eu te amo, Liam. Eu te amo muito.

Quando ela retirou a mão, o monitor cardíaco protestou, a frequência cardíaca dele caiu novamente. Mordi os lábios, pronta para gritar com Gabriella para que continuasse a tocá-lo, mas não foi preciso. Ela apenas pegou sua mão, entrelaçando os dedos nos dele, e aproximando sua cabeça para beijá-los.

— Eu te amo — ela sussurrou novamente.

A frequência cardíaca de Liam saltou novamente e começou a nivelar em uma frequência estável. Suspirei de alívio e me afastei até alcançar a porta. A enfermeira de plantão já estava de olho no quarto de Liam por ter acabado de ver as mudanças drásticas na frequência cardíaca dele por meio do monitor em sua mesa.

— Vou buscar uma cadeira para ela e chamar o doutor.

Apenas assenti e voltei a ficar do outro lado da cama de Liam. Não me importava com o quão cansada essa vadia poderia ficar. Ela não iria a lugar algum até que eu soubesse que Liam estava fora de perigo.

Capítulo 3

Dallas

Seis dias. Estive no hospital por seis dias seguidos. Meu contrato tinha terminado, e nem mesmo pisquei ao rubricar os papéis que meu chefe trouxera para mim na sala de espera da UTI, para que fossem assinados. Estava exausta, tão, tão exausta. Era difícil dormir em uma cadeira de plástico, e ainda mais difícil se deitar sobre elas. Especialmente, quando há outras pessoas na sala, também tentando dormir.

A sala de espera da UTI foi transformada na sala de espera da OtherWorld. Aos familiares de outros pacientes da UTI, foi solicitado que esperassem em uma sala menor no final do corretor. Era para a proteção de todos, não apenas para a privacidade dos inúmeros jornalistas que tentavam subir para dar uma espiada nos abatidos familiares e amigos do famoso roqueiro Liam Bryant, enquanto esperavam que ele acordasse. Fãs também tentaram subir, e isso trouxe perigo a todos que estavam na sala de espera. Eram garotas malucas, que queriam entrar para ver Liam ou os outros membros da banda. Um homem quis acabar com Liam por motivos aleatórios. A empresa de segurança Selles & Associados estava a postos, com força total, e Emmie tinha deixado mais alguns seguranças de prontidão, caso as coisas piorassem.

Agora, os últimos seis dias pareciam um borrão, mas, na verdade, foram um misto de emoções, tensão carregada de drama, e o cansaço de esperar, esperar e esperar mais um pouco. Marissa tinha chegado primeiro, com Wroth. Antes de ver o irmão, ela estava um turbilhão de emoções e, depois, teve que ser sedada, por ter ficado praticamente histérica. Wroth não saiu do lado dela desde então. Emmie chegou com Nik e Mia. Enquanto Emmie se ocupou de fazer declarações à imprensa, Drake levou Mia para sua casa, para deixá-la com Lana e o bebê, assim, a pequena não precisava ser

exposta a uma situação de estresse. Zander e Devlin chegaram com o filho de Devlin, Harris, que também deveria ter sido levado para ficar com Lana, mas foi exigido permissão para ficar.

Poucos dos recém-chegados saíam da sala de espera. Emmie sendo a principal exceção. Ela e Natalie ficavam em constante estado de alerta, atendendo telefonemas. E imaginando se precisariam procurar outro baixista para a próxima turnê que começaria em março. Ela tinha tentado cancelar a turnê da OtherWorld, que percorreria a Costa Leste de cima a baixo, mas contratos tinham sido assinados e, se a banda desse para trás, tanto Emmie quanto a OtherWorld seriam processados pela gravadora por difamação. Eles não pareciam se importar com o fato de Liam estar lutando pela própria vida, o que forçou Emmie a questionar a renovação dos contratos da OtherWorld e da Demon's Wings com essa gravadora quando fosse a hora de fazer isso no final do ano. Felizmente, se as coisas chegassem a esse ponto, Shane Stevenson tinha se oferecido para fazer a substituição, até que Liam estivesse pronto para assumir.

Comida foi trazida e cobertores foram fornecidos, sendo transformados por todos em camas improvisadas no chão. Não estávamos proibidos de sair, apenas não queríamos fazê-lo. Ao menos, esse era o meu motivo para ficar. A multidão de paparazzi gritando do lado de fora não estava me mantendo refém, como pode ser o caso dos outros.

Liam passou por muita coisa nos últimos seis dias. Mais cirurgias para consertar seus ossos quebrados. Incontáveis especialistas entraram e saíram até que todos se tornaram apenas jalecos brancos ou uniformes cirúrgicos, em vez de rostos. O edema ao redor da coluna de Liam mal tinha diminuído, mas era o suficiente para demonstrar que não havia nenhuma fratura ou trauma grave. É claro que foi necessário que a prima de Gabriella trouxesse o irmão, um dos melhores especialistas em lesão medular do país, para que descobríssemos isso.

Durante todos os acontecimentos, Liam não abriu os olhos nem uma vez. Ele estava em coma, e os médicos suspeitavam que essa era a forma de seu corpo tentar conservar energia enquanto se curava da maior parte dos seus

ferimentos. Levou três dias para que sua frequência cardíaca e atividade cerebral se estabilizassem sem o toque contínuo de Gabriella. Eu tinha me impressionado com a força e a energia da pequena italiana durante esse período. Quando pareceu que Liam ficaria bem, sem que ela estivesse ao seu lado vinte e quatro horas por dia, a equipe da UTI tinha solicitado que permanecesse na sala de espera, com todos os outros.

Foi então que a tensão carregada de drama se instalou. Emmie passou cada vez mais tempo fora da sala de espera, encontrando coisas que precisavam de sua atenção, para que não tivesse que ficar no mesmo ambiente que sua arqui-inimiga por longos períodos. Estava surpresa por Emmie não ter expulsado Gabriella assim que teve chance. Estava certa de que Marissa, que finalmente estava saindo do seu estado de choque extremo, tinha pedido para que não o fizesse. Também não fez mal o fato de Gabriella ter sido útil ao chamar Dr. Vince Shepard, que largou tudo após seu pedido, voando até Nova York para ver o caso de Liam.

Estive rezando por muito tempo, e até agora essas orações permaneciam sem resposta. Estava começando a perceber que, como quase todo mundo na vida de Liam, Deus – ou qualquer outro deus, já que Emmie rezava para mais de um – já o tinha considerado uma causa perdida e estava colocando seus poderes celestiais em outros lugares.

Precisando levantar e me esticar, fiquei de pé e ergui os braços sobre minha cabeça enquanto inspecionava o resto da sala. Todos estavam em silêncio, como tinham estado pela maior parte dos últimos seis dias. Marissa estava sentada com a cabeça no colo de Wroth, enquanto ele passava seus longos e grossos dedos por seus cabelos. O olhar em seu rosto era torturado e, pela centésima vez desde que os encontrei, quis saber o que estava acontecendo. Marissa parecia tão inocente, e Wroth nunca a tocava de forma romântica, mas o jeito que olhavam um para o outro, quando achavam que ninguém mais estava prestando atenção, era cheio de segredos e desejo.

Em frente a Wroth, sentavam-se Devlin, Zander e Natalie. Os roqueiros não pareciam nada cansados, e assumi que o motivo disso eram todos

aqueles anos de turnê e horários de dormir imprevisíveis pelos quais passaram. Natalie, que tem ido para casa à noite com Linc para ter algumas horas de sono em sua própria cama, parecia mais cansada do que eles. Mesmo assim, Natalie tem trabalhado duro ao lado de Emmie.

Natalie foi escalada para acompanhar a turnê da OtherWorld em março e, nas últimas semanas, tem tentado fazer amizade com a banda. Ela parecia mais próxima do caloroso Zander, mas eu sabia que estava caidinha por Devlin, e por isso tentava esconder sua paixonite desdenhando o sexy baterista de cabelos compridos.

A algumas cadeiras depois dos três, sentava-se Gabriella Moreitti. Ela estava sozinha, como esteve antes e depois de seu primo ter chegado. A garota estava quieta, e eu ainda não tinha certeza se era porque não queria chamar a atenção de Emmie, ou de qualquer outra pessoa, para si, ou porque estava tão perdida em seus pensamentos que não percebia a presença de mais ninguém na sala.

No único sofá da sala sentava-se Emmie, que finalmente estava tomando um fôlego depois de correr por todo lado durante o dia todo. Ela se sentou no meio, entre Axton e seu marido. Ambos estavam com os braços ao redor de seus ombros, enquanto sussurravam para lá e para cá. Nik, vendo meus olhos recaírem sobre os três, parou para me dar um largo sorriso e uma piscadela. Encontrei energias para retribuir o sorriso, porque não havia como não sorrir para Nik Armstrong quando ele abria um de seus sorrisos pecaminosamente lindos.

Drake e Linc não estavam presentes no momento. Linc ainda precisava trabalhar, mas passava todas as noites para ver como estavam as coisas e para levar Natalie para casa. Saber que ele estava com ela, e que poderia protegê-la de todas as mãos pegajosas dos loucos lá fora, fez eu me sentir melhor. Drake apenas passava algumas horas do dia conosco. Ele não gostava de deixar Lana sozinha com Neveah e Mia por muito tempo. Embora Lana felizmente não tenha passado por um mal bocado com o pós-parto depois que ter o bebê, estava lutando contra um pouco de anemia e se cansava facilmente.

Por fim, meus olhos recaíram sobre Harris, que se sentava perto da janela mais próxima da porta, encarando o espaço com um olhar perdido. Ele tinha um olhar atormentado em seu rosto e não tinha como evitar a vontade de falar com o garoto. Olhei para o relógio, depois, novamente para ele. Tomando minha decisão, segurei-o pelo cotovelo e puxei-o para cima para que saísse pela porta comigo.

— Para onde vamos? — ele perguntou silenciosamente enquanto eu caminhava em direção às portas duplas que nos mantinham fora da ala da UTI.

— Você não voltou a vê-lo desde que chegou aqui. — Um olhar de apreensão passou pelo rosto de Harris, mas ele não protestou enquanto eu inseria o código usado para destrancar quase todas as portas do prédio. Com minha mão ainda em seu braço, empurrei-o pela porta até o posto das enfermeiras.

A enfermeira, a quem passei a ser grata nos últimos dias, estava de plantão esta noite e lhe ofereci um sorriso cansado enquanto parávamos na sua frente. Seu olhar se levantou de onde observava os monitores, e ela sorriu em retribuição.

— Sei que estamos alguns minutos adiantados, mas Harris ainda não chegou a visitar o tio e, como todo mundo está querendo alguns minutos com ele, provavelmente não conseguirá vê-lo quando o horário de visita começar às seis.

A enfermeira hesitou antes de nos indicar o caminho. Acenei em agradecimento e girei Harris. Liam era o paciente mais crítico da UTI no momento, o que dizia muito, já que ali havia vários pacientes basicamente à beira da morte. Ser o paciente mais crítico significava que o quarto de Liam estava bem em frente ao posto das enfermeiras. A porta de vidro se abriu assim que nós pisamos na frente dela, e puxei Harris para dentro.

Nós dois paramos ao lado da cama de Liam, e senti um pequeno sussurro de alívio ao notar que ele tinha um pouco mais de cor hoje. Seus sinais vitais estavam melhorando, mas ele ainda não tinha acordado. Várias

ressonâncias magnéticas demonstraram que parecia não haver sinais de danos cerebrais e, com a atividade cerebral que ele apresentava ultimamente, tínhamos provas suficientes de que seu corpo estava tentando se recuperar, e esse era o motivo pelo qual ainda não tinha acordado.

Ao meu lado, Harris olhava para qualquer lugar menos para Liam. Coloquei meus braços ao redor dos ombros dele. Aos catorze anos, Harris era quase mais alto do que eu. Observando-o de perto nos últimos dias, tinha percebido que ele era o clone do pai. Devlin e Harris eram inacreditavelmente próximos considerando o início conturbado que ambos tiveram como pai e filho. Um começo sobre o qual Liam tinha me contado tudo.

— Está tudo bem, Harris. Ele ficará bem. — Pela primeira vez em seis dias, eu mesma estava finalmente começando a acreditar nisso. — Por que você não fala com ele?

Com os olhos ainda receosos, Harris limpou a garganta. Eu sabia que Harris e Liam não eram próximos, devido aos ressentimentos que Devlin e Liam ainda carregavam. Eu estava surpresa de que ambos fossem capazes de sair em turnê juntos quando se sentiam dessa maneira sobre o passado.

— Ele quase foi meu pai… você sabia disso?

Apertei seu ombro.

— Sim, Harris. Liam me contou tudo sobre isso.

Minha resposta o surpreendeu o suficiente para que olhasse para mim. As lágrimas em seus olhos fizeram meu coração apertar por ele. E por Liam. Porque durante nove meses inteiros, Liam tinha achado que Harris era seu filho. Liam e Tawny tinham namorado no Ensino Médio. Ela esteve ao lado dele durante todos os altos e baixos. Quando a OtherWorld foi formada, ela os seguia por todos os lados, de show em show, até que foram descobertos pelo primeiro empresário deles, que conseguiu descolar um belo contrato. Foi então que a verdadeira Tawny se revelou. Ela só tinha ficado por ficar, ou foi o que Liam me contou.

Quando ele dava as costas, Tawny dormia com qualquer um que chegasse

perto dela. E se eles não quisessem chegar perto dela – *cof, cof,* Devlin – ela o embebedou e seduziu. Quando Tawny descobriu que estava grávida, ela sabia que o bebê não era de Liam, mas fingiu ser. Foi apenas quando o hospital acidentalmente fez um teste de tipo sanguíneo em Harris que ficou claro que Liam não poderia ser o pai. Harris tinha um tipo sanguíneo raro – o tipo sanguíneo de Devlin.

— Minha mãe me contou tudo sobre Liam quando eu tinha seis anos. Antes de morrer… — Ele tomou fôlego e vi sua garganta se movimentar para cima e para baixo enquanto ele engolia o choro. — Ela o amava, sabia?

Tentei não fazer uma careta, porque, até onde eu sei, Tawny só tinha amado a si própria, e usara Harris como uma espécie de caixa eletrônico quando se tratava de obter dinheiro de Devlin. Torturou Liam por anos com coisas que não tinham sido culpa dele.

— Amava mesmo?

Na hora de esconder uma careta, ele não era tão bom quanto eu.

— Não. Tenho mentido para mim mesmo nos últimos dias. Minha mãe não amava ninguém. Ela era uma doida varrida.

— Harris…

— Desculpe, Dallas. — Ele balançou a cabeça. — Apenas estou dizendo a verdade. Minha mãe me teve, porque pensou que isso manteria Liam preso a ela. Ela queria ser a mulher famosa de uma estrela do rock. Quando ele começou a perder o interesse, ela enganou meu pai, para transar com ele. Assim como Liam, ele não tinha a menor vontade de se casar com ela, e fui jogado de um lado para o outro, entre uma mulher que, em público, dizia que me amava, e a portas fechadas, costumava me tratar como um cachorro, e um pai que não soube o que fazer comigo no início, porque ele mesmo ainda era uma criança. — Seu olhar foi para Liam, que deitava imóvel na cama. — Antes de papai pegar o jeito, e apesar de todo rancor que causei entre os dois melhores amigos quando nasci, Liam ainda parecia me amar. Ele comprou presentes para mim, conversou comigo como se eu não fosse o

culpado de…

Sua confissão sobre o tratamento que a mãe dava a ele trouxe algumas memórias ruins da minha própria infância, e não pude evitar me sentir mais próxima do garoto.

— Querido, você não foi. Nada do que aconteceu naquela época foi sua culpa — disse, apressando-me para tranquilizá-lo. — E Liam, ele é um cara muito legal. Descobri isso recentemente, em primeira mão. Ele jamais culparia você por nada que aconteceu entre seus pais e ele. Ele se importa com você, garoto.

Olhos verdes-azulados se levantaram em direção aos meus, brilhando com uma mistura de negação e esperança.

— Quando Liam começou a usar mais e mais drogas, papai parou de me deixar perto dele. Então, quando as coisas começaram a piorar, pensei que tinha sido por causa da minha mãe e de mim. Ela me disse que ele realmente começou a se afundar nelas quando eu nasci.

Cadela estúpida. Ela ficou enchendo a cabeça do filho com todo tipo de besteiras antes de morrer. Eu me perguntava se Devlin sabia da quantidade de culpa que ela tinha jogado nos ombros do filho. Pela primeira vez na vida, fiquei feliz que outro ser humano estivesse morto. Se ela não estivesse, eu poderia tê-la enviado para o inferno pessoalmente.

— Harris, acho que deveria conversar com seu pai sobre isso, mas quero lhe contar algo antes, tudo bem? — Ele assentiu depois de uma breve pausa e dei a ele o maior sorriso que pude oferecer, porque eu estava muito cansada. — Você não é o culpado de nada que Liam faz. Nem naquela época, nem agora, nem nunca. Ele te ama, Harris. Ele te amou quando achou que você era filho dele, e não conseguiu desligar esse sentimento depois. E posso ver que você também o ama.

— Sim, eu o amo. Ele não é meu pai, mas eu o amo. — Ele limpou a garganta novamente. — Mas nunca disse isso a ele.

— Talvez seria bom dizer isso a ele agora. — Eu o empurrei em direção à cama. — Diga a ele o que está em sua mente. — Quando seu rosto se

encheu de vergonha, eu me afastei. — Vou te dar alguns minutos, então, não se preocupe sobre contar a ele como realmente se sente. Tudo bem?

Quando passei pela porta de vidro deslizante, encontrei Devlin e Marissa parados no posto das enfermeiras nos observando. A mandíbula de Devlin estava cerrada, enquanto observava o filho por cima do meu ombro.

— Ele está bem?

Assenti.

— Ele sente muita culpa, Devlin. Tawny encheu a cabeça dele com todo tipo de porcaria. — Quando seus olhos surpresos pousaram sobre mim, mordi o lábio. — Liam me contou.

Marissa ofegou.

— Ele te contou? Ele nunca conta isso a ninguém. Ele nem mesmo falava sobre isso comigo.

Eu me encolhi e olhei de volta para Harris através da parede de vidro. Ele estava segurando a mão de Liam agora. Seus lábios estavam se mexendo, mas não conseguia ouvir nada do que estava dizendo.

— Não é nada contra você, Marissa. Liam apenas precisava tirar tudo isso do peito e eu estava lá.

Eu fui a única que fiquei o tempo todo com ele durante a reabilitação. O fato de que todos pareciam ter desistido dele tinha me irritado. Até mesmo Marissa. Mas com tudo que tinha acontecido durante os últimos seis dias, eu não podia continuar com raiva de todos por eles o terem abandonado. Este poderia ser o empurrão que todos na vida de Liam Bryant estavam precisando.

Capítulo 4

Axton

O tubo de respiração tinha sido retirado. Essa era uma boa notícia, certo? Emmie e Dallas pareciam achar que era um bom sinal, então, eu faria o mesmo. Os médicos tinham retirado o tubo na noite anterior, e aparentemente Liam estava respirando por conta própria. Depois disso, Gabriella tinha se encolhido como uma pequena trouxinha de retalhos na cadeira, chorado até dormir. Fiquei dividido entre lhe oferecer algum tipo de conforto ou deixá-la em paz.

A cada duas horas, a UTI permitia a entrada de duas pessoas, uma de cada vez. Não podíamos ficar por muito tempo, porque todo mundo queria vê-lo, e só nos foi concedido um máximo de trinta minutos. Gabriella sempre dava um jeito de entrar novamente, mesmo que apenas por um ou dois segundos. Já eu não entrava para ver Liam com a mesma frequência que os demais. Não porque não quisesse vê-lo, mas porque não sabia o que fazer quando entrava. Não ousava tocá-lo, e toda vez que abria a boca para dizer alguma coisa, minha mente ficava em branco, e eu só ficava lá parado com a boca aberta por alguns minutos antes de finalmente sair.

Eu queria dizer a ele o quanto havia aprendido a amá-lo e a amar os demais membros da banda durante esses quinze anos que passamos juntos. Ou o quanto estava arrependido por ter virado as costas para ele quando tinha chegado ao seu pior estado. Todas as coisas que Dallas tinha jogado na minha cara, algumas semanas atrás, voltavam para me assombrar uma e outra vez.

Emmie se sentou no sofá duro ao meu lado e passou o braço pela minha cintura antes de encostar a cabeça em meu peito. Dei uma olhada ao redor, procurando Nik, e o encontrei parado em um canto, próximo a uma

máquina de venda automática. Ele estava falando com Drake e Wroth, mas quando viu sua esposa abraçada a mim, parou de falar. Dei-lhe um olhar desesperado e ele assentiu, voltando a atenção para a conversa com um sorriso.

Dei um suspiro de alívio, porque não queria que Nik ficasse chateado comigo, mas com toda a certeza do mundo não queria recusar um momento de aconchego com Emmie. Tendo obtido a luz verde de Nik, passei meus braços ao redor dela e a puxei para perto.

— Está tudo bem? — perguntei, baixo o suficiente para que ninguém mais escutasse.

— Apenas cansada.

— O bebê número dois está causando problemas? Porque não tenho problema algum em levá-la ao hospital novamente. — Eu queria provocá-la, mas ainda suava frio sempre que pensava na noite em que Emmie tinha desmaiado no meu carro. Essa mulher era minha melhor amiga no mundo inteiro. Foi a primeira pessoa a realmente me amar por quem eu era, e eu a amava mais do que a minha própria vida. Naquela noite, achei que a perderia e isso não era uma possibilidade para mim ou para minha sanidade.

A risada de Emmie foi curta e doce.

— Não, os enjoos matinais já sumiram quase completamente agora. Estou indo para a fase do sono.

— Você deveria voltar para a casa de Drake e tirar um cochilo. — Passei meus dedos por seus cabelos, sentindo paz pela primeira vez em muito tempo. Emmie sempre teve esse efeito em mim. Esse era um dos motivos de eu ter pensado que estava *apaixonado* por ela por tanto tempo. Se Dallas não tivesse aparecido, talvez, continuaria achando isso, torturando-me por querer algo que sempre soube que não poderia ter. Nik sempre fora o verdadeiro amor de Em.

— Pretendo ir depois da próxima visita. Tenho que atualizar a imprensa lá embaixo, e depois, me arrastar para a cama com o meu marido, sem me levantar até a hora do almoço de amanhã. — Emmie bocejou para mim com

uma testa preocupada. — Você também deveria ir para casa, Ax. As olheiras sob seus olhos estão tão ruins que parecem hematomas.

Eu as sentia como hematomas. Meu corpo inteiro era uma grande dor por ter ficado dormindo em cadeiras pelos últimos sete dias. Mas até que Liam acordasse, não sairia dali de maneira alguma. Pelo menos isso eu devia a ele.

E não tinha nada a ver com o desejo de estar perto de Dallas.

Sem que eu percebesse, meu olhar foi até ela. Não importava onde ela estivesse na sala, eu sempre sabia exatamente onde encontrá-la. Agora, sentava-se perto da janela, com uma caneca de sopa nas mãos. Linc tinha feito uma enorme panela de sua sopa favorita e trouxe para compartilhar conosco durante o jantar desta noite. Nunca estive tão feliz ao tomar sopa na minha vida. Fastfood a semana toda não era mais a minha ideia de diversão.

Seu cabelo estava preso em um bagunçado coque, porque também não tinha saído do hospital, e ele precisava ser lavado. Seu rosto estava sem maquiagem. Suas roupas, amassadas, mas limpas, já que Link e Natalie traziam roupas limpas para ela todos os dias. Aos meus olhos cansados, Dallas nunca tinha estado tão bonita. Nem na primeira noite que a fiz minha.

Eu me lembrava de todos os momentos que tinha passado com Dallas, mas aquele que ficou gravado em minha mente mais intensamente foi a noite de nosso primeiro beijo. Também tinha sido a noite da primeira vez que possuí seu belo corpo. Ela estava usando roupas cavadas, algo que estava acostumado a ver, mas que, nela, tinham surtido um efeito explosivo na minha cabeça. A essa altura, estava correndo atrás dela há algum tempo, decidido, se não pudesse estar entre suas pernas, então, não estaria entre as pernas de mais ninguém. Naquela noite, ela finalmente tinha me deixado seduzi-la…

— Você tem certeza sobre este lugar?

Eu me virei para olhar para Shane e Harper por cima do ombro enquanto

entrávamos na boate.

— Estive aqui algumas vezes. Pode parecer decadente agora, mas lá dentro é espetacular. — Essa era uma das coisas que mais gostava no Club Ventuno. Gabriella tinha me levado lá pela primeira vez, e eu tinha ficado tão cético quanto Shane.

Quando finalmente atravessamos o pequeno corredor e realmente entramos na boate, passamos do lixo ao luxo. A boate estava cheia, mas não a ponto de nos fazer sentir engolidos pela multidão. A iluminação era fraca, então, ninguém podia distinguir quem era quem do outro lado do salão. Um DJ estava remixando algumas músicas eletrônicas de arrebentar, de uma mesa no canto de trás, enquanto um bar ocupava o outro lado da ampla pista de dança.

Fomos direto para o bar, para pegar as bebidas, mas assim que disse ao barman o que queria, eu me virei para Harper.

— Quando é que sua amiga chega?

Os olhos violeta de Harper se abriram.

— Achei que, a essa altura, você já teria desistido. Ela não está interessada.

Bufei, incapaz de acreditar que isso fosse verdade. Estava flertando com Dallas há cinco semanas e, embora ela revirasse seus olhos azuis para mim e tagarelasse sem parar com sua boca sexy, eu podia ver, em seus olhos, a chama que estava tentando apagar com tanto esforço. A garota estava se divertindo ao me ver correr atrás dela quase tanto eu estava me divertindo com a corrida. Essa era uma experiência nova para mim. Revigorante, eu diria.

Eu estava adorando.

Shane se enfiou entre Harper e eu, e não pude deixar de revirar os olhos para o quão óbvio ele era. Esse idiota tinha pouca sorte quando com essa garota. Ele era possessivo demais e não tinha se afastado dela nem por um minuto no último mês. Perturbava minha mente ver Shane Stevenson tendo dificuldades para levar alguém para a cama, mas ele parecia realmente feliz

pela primeira vez desde que… Bem, desde que o conheço.

— Dallas já deveria estar aqui. Ela e Linc saíram antes de nós.

Pegando sua garrafa de cerveja, Shane empurrou um limão para dentro e tomou um gole antes de apontar com a garrafa para trás de mim.

— Ela está ali dançando com um pateta.

Virei a cabeça devagar e a visão daquela loira estonteante fez minha respiração se descontrolar. Caramba, ela era linda. Cabelos, cacheados e arrumados, esvoaçavam ao redor de seus ombros enquanto ela se movia ao ritmo da música. Sua saia estava apenas a centímetros de mostrar se ela realmente estava usando calcinha. Mas embora sua possível falta de roupa interior pudesse ser uma interrogação, o fato de que não estava usando sutiã obviamente não era, quando erguia os braços, passando-os ao redor do pescoço daquele idiota atrás dela, que apertava sua bunda contra as pobrezas dele.

Ver o pateta que Shane tinha me mostrado tocando-a desse jeito me fez ferver. Essa foi outra experiência nova para mim, porque eu *nunca* senti ciúmes. Mas lá estava eu, pronto para partir um completo estranho ao meio, porque ele estava com as mãos na *minha* garota. Antes que pudesse parar para pensar sobre o que estava fazendo, atravessei a boate e puxei o cara para longe de Dallas.

Dallas se virou, e surpresa tomou conta de seu rosto quando vislumbrou meu show violento. Eu já tinha atingido minha quota de brigas de bar, e Emmie, mais de uma vez, tinha precisado pagar para me tirar da cadeia junto a algum outro membro da Demon's. Mas naquela hora, com um novo tipo de raiva fervilhando dentro de mim, eu estava pronto para voltar para a prisão.

O parceiro de dança de Dallas me encarou de frente, bufando, tão irritado quanto eu. Mas quando deu uma boa olhada em mim, viu quem eu era, e seu rosto se abriu em um sorriso.

— Cara! Você é Axton Cage.

Meu olhar furioso não diminuiu.

— Cara! — eu rosnei. — Afaste-se da minha garota!

O sorriso deixou seu rosto e ele levantou as mãos em rendição antes de se afastar lentamente.

— Desculpe, cara. Eu não sabia que ela estava com você.

Dallas me deu um soco no peito.

— Que diabos foi isso? Eu estava me divertindo, seu idiota.

Com o cara agora fora de vista, relaxei um pouco, e a agarrei pelos quadris, puxando-a com vontade contra mim.

— Então, por que não se diverte comigo? — murmurei em seu ouvido. — Dance comigo.

Eu soube, no mesmo instante, que ela finalmente tinha cedido. Seu corpo começou a relaxar e sua cintura começou a balançar conforme a música. Quando seus braços se fecharam ao redor do meu pescoço, ela deixou escapar um suspiro, como se eu fosse um grande estorvo, mas vi o sorriso que tentava esconder de mim.

Depois de três músicas, duas margaritas, e uma cerveja, Dallas era minha se eu quisesse. E eu queria.

Eu quis tudo o que ela tinha para me oferecer naquela noite, e depois, voltei implorando por mais. Mas ela também quis, e desde então não fui mais o mesmo.

Como se soubesse que meus olhos estavam nela, Dallas elevou o olhar de seu jantar. Quando aqueles olhos azul-claros se encontraram com os meus, recobrei a consciência e, como de costume, meu corpo despertou. Meu coração acelerou, e mais embaixo…

Emmie deslizou alguns centímetros para o lado e olhei para ela, quebrando o contato visual com Dallas. Ela tinha um sorriso de quem já sabia o que estava acontecendo.

— Bem… — Eu abri a boca para pedir desculpas, mas ela sacudiu a cabeça.

— Tudo bem. Não é a primeira vez que sinto você duro.

Eu me encolhi, porque ela estava certa. Antes de entender meus sentimentos, eu tinha beijado Emmie. Tinha sido um beijão e meu corpo tinha reagido com rapidez. Mas o pensamento de tê-la assim agora apenas fazia meu estômago embrulhar. Parecia quase incestuoso.

— Vocês dois ainda estão brigados? — Emmie perguntou, rapidamente mudando de assunto. Seus grandes olhos verdes foram para Dallas.

— Eu não a via desde quando Lana deu à luz naquela noite. Ela me machucou de novo e estou lambendo as feridas desde então. — Fiz uma careta, relembrando aquela noite toda mais uma vez. Naquela noite, eu sabia que a probabilidade de conseguir Dallas de volta era pequena.

Mas isso não significava que fosse desistir.

— Eu pegava com certeza, se algum dia decidisse jogar no outro time.

A inesperada declaração de Emmie tirou uma risada de mim que fez todos os outros olharem para nós. Era a primeira risada que alguém tinha dado em sete longos dias. Foi bom, muito bom. Puxando-a, recostei sua cabeça sobre meu peito novamente e enterrei meu rosto em seus cabelos.

— Eu te amo, Em — sussurrei.

— Ax.

Meus olhos se abriram ao sentir a mão de Zander nos meus ombros, sacudindo-me para que eu acordasse. Pisquei algumas vezes, tentando acordar do que estava sonhando. Maldição, era um sonho muito bom.

— O que foi? — Minha voz saiu áspera, enquanto eu esfregava uma mão sobre o rosto.

— Ele está acordado. — Zander segurou meu braço e me puxou para ficar de pé já que, para ele, eu não estava me movendo rápido o suficiente. — Está pedindo para ver todos nós.

Meu coração pulou e sem perder mais tempo, corri atrás de Zander.

Mesmo no meio da noite, a sala da UTI estava cheia. Vários dos outros pacientes tinham sido transferidos no decorrer dos últimos sete dias. Liam e mais outras duas pessoas eram tudo o que tinha restado, e os outros dois pacientes estavam do outro lado da UTI. Isso era bom, porque o barulho que vinha do quarto de Liam era bem alto.

Escutei os soluços de Marissa assim que as portas se abriram. Quando entramos no quarto, ela estava com a cabeça no peito dele. Liam estava tentando reconfortá-la, mas nada parecia funcionar. Eu me movi para trás de outras seis pessoas que lotavam o pequeno quarto, e senti minha garganta apertar de emoção instantaneamente, ao escutar o som das palavras aflitas de Marissa.

— V-você me a-a-ssuustou t-tanto, Li.

— Desculpe, pãozinho de mel. — Liam tentou dar-lhe um sorriso, que acabou virando uma careta de dor. Ele parecia tão pequeno deitado naquela cama de hospital. Durante a última semana, Liam tinha perdido uma quantidade considerável de peso. Com todos os gessos, fios e tubos que saíam de todos os lados, ele parecia um experimento maluco de algum cientista louco. — Eu vou melhorar.

— E-e-eu te a-amo tanto.

— Eu também. — Isso era o que ele sempre dizia quando Marissa dizia que o amava. Escutar isso produziu uma risada engasgada em sua irmã e ela se afastou da cama de hospital.

— Tudo bem, tudo bem. — Dallas, que estava verificando alguma coisa nos monitores, bateu palmas, fazendo os olhos de todos se virassem para ela. — Liam já passou por muitas emoções nos últimos quinze minutos. — Seu rosto se contorceu com uma expressão azeda antes que balançasse a cabeça. — Liam quer falar com todos vocês, e depois, vocês têm que sair, porque oficialmente a equipe já expulsou todos nós.

— Vocês estão com uma aparência péssima — Liam resmungou, enquanto seus olhos passavam por cada um de nós. Eles pousaram em Harris por um tempo um pouco maior antes de olharem para os demais

membros do grupo. — Vocês estão aqui há muito tempo?

— Cara! — Wroth olhou para o primo. — Estamos aqui há tanto tempo quanto você. Não o deixaríamos aqui sozinho de jeito nenhum.

Os olhos de Liam se abriram.

— Sério? — Como se fosse incapaz de acreditar no que estava escutando, ele se virou para olhar para Dallas, como se perguntando a verdade. — Dee?

Ela revirou os olhos para ele.

— Eles chegaram aqui assim que consegui entrar em contato com eles, Liam. Sua família ama você. Todos eles.

— Oh… — Liam engoliu em seco e fechou os olhos por um momento. Quando os abriu novamente, estavam brilhando de emoção. — Obrigado.

Era apenas uma palavra, mas que surpreendentemente continha um mundo de significados. Liam, mesmo com todas as mancadas e erros, nunca tinha dito "obrigado" a ninguém, não que me lembre. Ele era aquele tipo de cara que recebia tudo, mas não retribuía em nada. Com essa única palavra, fui capaz de perceber o tipo de cara que Liam poderia ter sido antes de as drogas invadirem sua vida.

— Estou cansado — Liam murmurou. — Prefiro falar com todos vocês mais tarde.

— Mas… — Marissa franziu a testa. — Li?

— Você parece tão cansada quanto eu me sinto, Rissa. Vá para casa e durma. — Liam deu um pequeno sorriso e levantou uma de suas mãos a alguns centímetros. Marissa colocou a mão dela na dele e lhe deu um cuidadoso aperto.

— Ainda estarei aqui de manhã.

Depois de um pouco mais de insistência de Liam, todos se viraram para a porta. Fiquei parado no canto e esperei que saíssem. Ele podia estar cansado, mas eu tinha que dizer o que estava pensando ou não conseguiria realmente dormir esta noite. Ou neste resto do dia de hoje. Já era quase de

madrugada, notei quando verifiquei o relógio no meu pulso.

— Dee, espere — Liam chamou e Dallas se virou à porta, caminhando novamente até ele.

— Você deveria dormir um pouco, Liam. — Dallas ajeitou melhor o cobertor ao redor dele. — Em algumas horas, os médicos farão você passar por uma bateria de exames para ter certeza de que está realmente bem.

Liam pegou a mão dela e tive que cerrar a mandíbula para evitar rosnar para um homem doente por ter tocado minha garota.

— Certifique-se de que ela está bem. Preciso saber que está bem.

— Então, por que diabos você a expulsou? — Dallas exigiu saber, e eu franzi a testa. Quem tinha sido expulso? Então, lembrei que não tinha visto Gabriella metida em lugar algum entre o resto de nós. — Ela esteve aqui pelo mesmo tempo que todos os outros, Liam. Ela…

— Pare. — Liam fechou os olhos e não os abriu novamente, mas isso não impediu que suas emoções fluíssem sobre seu rosto. Fazendo sua testa enrugar e suas narinas inflarem. — Não quero falar sobre isso, Dee. Apenas… apenas se certifique de que ela está bem. Por mim?

— Por que eu? Eu nem tenho o número dela.

— Porque você é a única pessoa em quem confio. — Liam abriu os olhos e a olhou com olhos suplicantes. — Eu sei que você tem suas razões para odiá-la, mas, por favor, faça isso por mim.

Resmungando um xingamento baixinho, Dallas finalmente cedeu.

— Está bem. — Ela deu um passo para trás, em direção à porta. — Estarei de volta em algumas horas. Preciso ir para casa e tomar um banho. Dormir um bom sono antes de começar a ter uma aparência tão feia quanto a sua.

Uma pequena risada escapou de Liam.

— Está conseguindo, querida. Quase.

Devo ter me mexido sem perceber, porque o olhar de Liam se encontrou com o meu. Ao me ver parado ali, observando-os, as sobrancelhas de Liam

se crisparam.

— Ax?

— Preciso ir. — Dallas parou à porta, com seu olhar passando de mim para Liam e novamente para mim. — Adeus, Ax.

Apertei minha mandíbula, odiando a impressão de que estivesse se despedindo de mim para sempre. Isso não ia acontecer. Nunca.

— Se cuide no caminho para casa — disse a ela.

Aqueles olhos azul-claros se reviraram para mim, e não pude evitar um sorriso quando ela saiu do quarto. Esperei até a porta se fechar antes de me aproximar da cama de Liam. O baixista estava me dando um olhar de estranheza.

— Não esperava que ficasse. — Ele desviou o olhar. — Não esperava que nenhum de vocês estivesse aqui.

— Liam, você pode ter feito algumas besteiras no passado. Estragou tudo da pior maneira, mas nós ainda… amamos vocês. — Puxei a cadeira que estava ao lado da cama e me sentei. — Não queremos que aconteça alguma coisa com você. Foi por isso que tentamos nos distanciar quando você começou a usar drogas da última vez. Esperávamos que isso fosse colocar algum juízo na sua cabeça.

— Não estou com disposição para ouvir um dos seus sermões agora, Axton. Parei com as drogas para sempre dessa vez.

— Eu não quero te dar um sermão. O que quero dizer… — Eu me engasguei e desviei o olhar para longe dele. Por que isso era tão difícil? Por que era tão difícil deixar as palavras sair? — Queria dizer que sinto muito.

Liam deixou escapar um suspiro de surpresa e um sorriso sarcástico tomou conta de seus lábios.

— Sinto muito não ter estado lá para você, quando estava claro que precisava de alguém. Sinto muito não ter me esforçado mais, ter me mantido distante de você e do resto dos caras. Talvez, não demonstre, mas me importo com você e com nossa banda.

Talvez não fossem como irmãos para mim, do mesmo jeito que os caras da Demon's Wings, mas ainda eram como família. Talvez, primos.

Liam engoliu em seco, mas não disse nada por um longo momento. Quando falou novamente, sua voz estava quase rouca pelas emoções que suprimia.

— Eu… — Ele limpou a garganta. — Agradeço por isso, Ax.

Eu me levantei. Era claro que Liam estava exausto. Ele podia ter acabado de acordar, mas seu corpo ainda estava machucado e isso deveria estar lhe custando muito.

— Irei para casa por algumas horas.

— Espere! — Liam me parou. — Você poderia… Pode se sentar e conversar comigo até eu voltar a dormir? — Suas bochechas se coloriram de vergonha. — Eu realmente poderia aproveitar a companhia.

Meu coração apertou.

— Claro, cara.

Sentando-me uma vez mais, deslizei a cadeira para perto da cama dele. Fiquei lá conversando sobre coisas aleatórias, fazendo-o rir de vez em quando. Quando seus olhos se fecharam e ouvi um ronco escapando, permaneci sentado. Quando me levantei para ir embora, o sol já tinha nascido há algumas horas. Minha mente e meu corpo estavam bêbados de exaustão, mas meu coração se sentia mais leve pela primeira vez em muito, muito tempo.

Capítulo 5

Dallas

Não conseguia acreditar que realmente estava fazendo isso. Meu celular estava nas minhas mãos, e um número que nunca quis saber aparecia na minha tela. O único problema era que não estava conseguindo me forçar a apertar o botão de "ligar".

Claro, eu me sentia mal por Gabriella. Ela tinha acabado de passar sete dias e noites em um hospital, rodeada por pessoas que a odiavam, apenas para poder estar perto do cara que dizia amar. O homem com o qual disse que se casaria. Aí, assim que o cara acorda do coma, ele grita e vocifera que nunca mais quer vê-la de novo. Tive que ficar ali, vendo Gabriella Moreitti se partindo em mil pedacinhos, enquanto engolia todo aquele abuso verbal de Liam. Quase tive vontade de ir atrás dela, para ter certeza de que estava bem, enquanto ela deixava o hospital aos prantos.

Quase.

Eu sabia que Liam não queria dizer nem metade do que tinha cuspido para ela. Era apenas uma reação a tudo o que tinha sido jogado em cima dele depois de acordar e descobrir que sete dias da sua vida tinham sido perdidos para sempre. Ele estava machucado, assustado, sentindo-se sozinho no mundo. E ele queria fazer alguém, se não todo mundo ao seu redor, sentir-se da mesma forma. Porque ele a amava mais que qualquer coisa, Gabriella acabou ficando com a maior parte do peso daquele rompante emotivo. Mas era normal.

O que não significava que sua dor seria amenizada.

Finalmente apertei "ligar" e esperei enquanto o celular chamava cinco vezes antes que alguém atendesse.

— *Que foi?* — disse um rosnado.

— Gabriella? É Dallas.

Houve uma longa pausa no outro lado, como se ela estivesse chocada e sem palavras por ter ouvido meu nome. Quando ela finalmente respondeu, parecia quase assustada.

— Está tudo bem com Liam?

— Ele está bem no momento — assegurei-lhe. — Na verdade, ele me pediu para ver como você estava. Ele estava preocupado.

Isso tirou uma risada de desdém da pequena italiana.

— Por alguma razão, não acredito em você.

— Sim, eu posso entender isso. Ele só tem muito no que pensar agora, Gabriella. Quando as coisas se acalmarem, ele vai se arrepender do jeito que reagiu. Você terá que ser a pessoa madura da relação, e perdoá-lo.

Houve mais uma longa pausa e, por um momento, pensei que tivesse desligado na minha cara. Estava prestes a desligar o telefone quando a ouvi suspirar.

— Obrigada, Dallas. Eu sei que você não gosta de mim, e posso entender o porquê. Mas você tem sido uma ótima amiga para Liam, e agiu melhor do que o esperado comigo durante esta semana. Então, obrigada.

Agora, era eu quem estava chocada e sem palavras. Não sabia como responder a isso. Não é todo o dia que a garota que você publicamente considera sua inimiga número um lhe dizia obrigada.

— E quanto a estar bem, não estou. Mas estarei. Algum dia.

Antes que conseguisse encontrar minha voz, a ligação foi cortada, e permaneci ali, sentada no sofá do meu apartamento, apenas franzindo a testa para o celular. Essa tinha sido a conversa mais estranha que já tive. Porque tinha me feito sentir um mínimo de respeito pela outra garota. Ela era uma pessoa forte, e eu respeitava isso em qualquer um.

Contudo, respeitar não significava gostar.

— Aqui.

Minha cabeça deu um estalo quando Linc enfiou um prato na minha cara.

Puxei alguns fios do cabelo molhado para atrás da orelha e o segurei. Estava abarrotado de ovos mexidos, bacon crocante, torradas perfeitamente amanteigadas, e uma grande pilha de batatas rosti repletas de sal e pimenta. Tudo isso regado a muito ketchup. Linc definitivamente era meu herói.

A primeira mordida me obrigou a soltar um gemido, e de repente eu já estava com a boca cheia daquele delicioso café da manhã. Ter sido forçada a comer fastfood nos últimos sete dias tinha sido uma tortura, quando eu poderia estar em casa, com a comida caseira de Linc. O cara não era um deus apenas na aparência, mas também na cozinha.

Enquanto eu ainda estava devorando meu café da manhã, ele beijou minha cabeça e saiu para o trabalho. Depois de comer, encontrei energias para andar até a cozinha e lavar meu prato. Bebi dois copos grandes de suco de laranja e tropecei pelo corredor até o meu quarto. Nem me lembro de ter colocado as cobertas antes de cair em um sono profundo e sem sonhos.

Estava nevando novamente quando voltei para o hospital naquela noite. Eu me senti melhor depois de ter nove horas completas de sono, tomar outro banho quente, e comer uma refeição real, em um prato de verdade, sentada à mesa da cozinha. Então, eu estava de bom humor quando passei pela equipe de segurança na porta da frente, ignorando os paparazzi enquanto eles tiravam uma penca de foto e gritavam suas perguntas. Esses malditos se lembravam de mim por ter namorado Axton e, claro, por ser a melhor amiga de Harper Stevenson – a mulher mais odiada do mundo do rock. Então, eles achavam que me conheciam, que podiam falar comigo, enquanto eu entrava no hospital.

Enquanto pisava dentro do hospital, dei a única resposta que sempre tinha dado a esses malditos: um rápido movimento do punho, e o dedo do meio. Prefiro que acabem comigo em suas revistas imundas, e deixem Liam em paz por alguns minutos.

Natalie me ligou há uma hora para me dizer que, como Liam estava indo tão bem, estava sendo transferido da UTI para um quarto privado no quarto andar. Quando o elevador parou naquele andar, fui recebida por dois gorilas quase idênticos aos outros quatro que estavam no andar de baixo. Eles me deram um aceno sombrio enquanto eu saía do elevador, e de lá comecei a seguir a trilha de guardas. Um deles estava no posto das enfermeiras, e outros dois estavam na sala de espera do andar – o que me dizia que, ao menos, um dos caras da OtherWorld ou da Demon's Wings estava lá dentro.

Tinha a esperança de que fosse Shane e Harper. Harper esteve gripada desde o Natal. Quando ela e Shane descobriram sobre Liam, quiseram vir, assim como todos os outros, mas Emmie felizmente a convenceu do contrário. Ela realmente precisava focar na saúde naquele momento. Com a depressão que tinha desenvolvido após descobrir que talvez nunca fosse ter um filho biológico, a saúde de Harper também tinha sido nocauteada. Uma gripe jamais teria conseguido lhe dar uma surra tão grande se não estivesse tão doente. Mas da última vez que falara com Harper, ela parecia melhor, pelo menos, fisicamente. Então, eu a esperava em Nova York em breve.

Dando uma espiada dentro da sala de espera, vi que Drake e Nik se sentavam lá dentro, com Zander, Harris e Devlin. Acenei quando eles olharam para cima, mas continuei meu caminho pelo corretor até o quarto no qual Natalie tinha me dito mais cedo que Liam estava.

Do lá de fora do quarto, havia três homens enormes e de terno, fazendo-me imaginar o quão ruim tinha ficado a situação com os paparazzi desde que tinha ido dormir um pouco em casa. Avancei em direção à porta, e um deles deu um passo à frente, com um olhar fixo em seu rosto assustador.

— Identidade — ele rosnou para mim.

— Como é? — Devolvi o mesmo olhar para ele. Esse cara não fazia parte da equipe de segurança da semana passada, mas todos os demais sabiam quem eu era. Emmie tinha avisado a todos que minha entrada deveria ser liberada a todo custo, sem questionamentos. Então, o Grandalhão Assustador parado na minha frente, agindo como se eu estivesse tentando roubar segredos de estado, acabou me irritando.

Contudo, dou crédito a ele. O homem claramente daria um ótimo guarda-costas. Tudo o que alguém tinha que fazer era dar uma olhada nele para pensar duas vezes no que estava prestes a fazer. Com o porte de uma montanha, e com um rosto que faria qualquer criança choramingar de medo, ele era um filho da mãe assustador. Infelizmente para ele, eu não me assustava fácil. Se ele estivesse vestido de palhaço… É, aí, eu poderia estar encolhida, implorando pelo meu pai.

— Identidade. Ninguém entra nesse quarto sem identificação.

— Quem diabos é você? — quis saber, não me incomodando em pegar a carteira de motorista que levava o tempo todo comigo. Meu pai sempre me pedia para levar algum tipo de identificação comigo, no caso de acontecer alguma coisa. Era uma habilitação do Texas, já que eu não dirigia em Nova York. Não há nada que me faça dirigir no trânsito da cidade de Nova York.

— Sou eu quem faço as perguntas aqui. Qual o seu nome?

Levantei uma sobrancelha para o gigante.

— Você primeiro.

Irritação passou por seu rosto tortuoso, e quase sorri. Sim, eu era uma garota irritante. Eu nunca cedia facilmente, e raramente me dava bem com figuras de autoridade, algo que este homem obviamente era.

— Seu nome, menina, assim como a sua identidade. Caso contrário, você será escoltada para fora do hospital e banida do lugar.

— Onde diabos está Emmie? — falei confusa, não gostando do tom dele. É sério? Eles ensinavam vozes ameaçadoras na escola de guarda-costas? Porque se o faziam, este homem monstruoso deve ter sido o melhor da turma. E por que raios os outros dois guardas, que tinham me visto incontáveis vezes na última semana, não estavam dando um passo à frente para interceder por mim?

A porta de Liam se abriu e Emmie meteu a cabeça para fora. Minha voz tinha sido tudo, menos suave e doce, então, ela deve ter me ouvido discutir com o Grandalhão Assustador. Quando me viu, seus olhos se estreitaram.

— Dallas?

— Quem mais poderia ser, ruiva? — Surtei, sem paciência. — Há alguma razão para eu não poder entrar? Liam não quer me ver?

Emmie irrompeu em um suspiro de frustração e saiu do quarto.

— Houve uma violação de segurança há uma hora. Alguém se vestiu como você e tentou entrar no quarto de Liam. Ele estava dormindo, e ela conseguiu se meter na cama dele e… — Ela se interrompeu, e cerrou a mandíbula. — Enfim, tivemos que reforçar a segurança. Lamento que ninguém tenha te contado, mas agora é preciso fornecer a identidade a Seller para poder entrar no quarto de Liam. Especialmente você.

Meus olhos se arregalaram ao ouvir o que ela tinha acabado de dizer. Que diabos? Liam tinha uma fã louca tentando… Bom, não tenho certeza sobre o que tinha tentado fazer. O que eu queria saber era como ela tinha conseguido se fazer passar por mim.

— Como? — falei enquanto procurava pela minha identidade no bolso traseiro. — É meio difícil se parecer exatamente comigo, Emmie.

Ela fez uma careta, seus olhos grandes e verdes estavam no homem que ela tinha chamado de Seller enquanto ele verificava minha identidade.

— Ela estava de manga cumprida para que os caras não vissem que não tinha tatuagens, mas ela tinha os mesmos piercings no rosto. E o cabelo dela era tão loiro quanto o seu. Ela manteve a cabeça baixa enquanto entrava para que não pudessem perceber que não era você. Eles não ligaram muito, porque você esteve aqui a semana toda. Foi só quando Liam começou a gritar por socorro que eles perceberam o erro… — Ela olhou para os dois homens de caras fechadas. — Não foi culpa deles. Ninguém notou. Ela passou por quatro muralhas de guardas sem ser parada.

Minha atenção se voltou para Seller.

— Você sabe que minha identidade não vai realmente funcionar, certo? — Qualquer um pode fazer uma dessas se pesquisar meu nome no *Google* e encontrar um falsificador decente. Eu me virei e levantei meu cabelo. — Esta é minha tatuagem mais recente. O símbolo da enfermagem com o E e

R[1]. Apenas algumas pessoas sabem que eu a fiz. Todas elas de confiança… — Parei e sacudi a cabeça. — Bom, isso se você considera Axton Cage de confiança.

1. **E**nfermeira **R**egistrada

— Axton é de confiança — Emmie disse com um suspiro. Revirei os olhos para ela. Emmie não tolerava que ninguém falasse mal dele, ou de qualquer um dos seus outros garotos. Era ótimo que ela fosse tão protetora com todos eles, mas isso não significava que não fosse irritante. Queria soltar todos os tipos de insultos sobre ele, mas sabia que ela me esfaquearia antes de eu chegar muito longe.

— Enfim, provavelmente é isso que você deve checar em vez da minha identidade. — Deixei o cabelo cair e puxei meu documento de volta. — Ah, e duvido que uma dublê seja um pé no saco quando você pedir a identificação dela.

— Você não foi um pé no saco, menina.

Dei um passo para me aproximar dele.

— Me chame de menina de novo e saberá ao que estou me referindo.

Seller emitiu um outro rosnado assustador. Nunca recusando um desafio, dei mais um passo em sua direção. A mão de Emmie agarrou meu cotovelo e me empurrou de volta para o quarto do Liam, evitando que meu joelho fosse capaz de se familiarizar com as partes íntimas daquele homem. Quando a porta se fechou atrás de nós, ela lutava contra um sorriso.

— Comporte-se.

Revirei os olhos para ela novamente antes de endireitar minha camiseta e me virar para encarar os outros que estavam no quarto. Era um quarto gigantesco, provavelmente um dos maiores quartos privados que o hospital tinha para oferecer. Marissa e Wroth estavam de pé perto da janela, a testa franzida que mantiveram durante a maior parte da semana tinha relaxado agora que Liam estava fora de perigo.

Liam estava sentado na cama, e alguns dos tubos do dia anterior tinham sido removidos do labirinto de fios e tubos que saíam dele. Sua perna estava

levantada por um suporte grudado no teto, e havia múltiplos gessos e curativos, que teriam de ser substituídos por outros mais duradouros em poucos dias, depois que os cirurgiões ortopédicos descobrissem se os ossos estavam cicatrizando da forma que deveriam.

Quando Liam voltou os olhos para mim, eles se estreitaram por um momento antes de ele sorrir.

— Dee! Já era hora de você chegar aqui. Diga a eles que quero comer comida de verdade. Tipo um bife. Ou um hambúrguer… Sim, realmente gostaria de comer um hambúrguer agora.

Que ele estava desejando algo substancioso para comer era uma boa notícia, mas balancei a cabeça enquanto me aproximava da cama.

— Sem chance. Você precisa voltar a comer lentamente. Dieta líquida por hoje, alimentos macios amanhã e, talvez, possamos falar sobre o bife e o hambúrguer no dia seguinte. — Verifiquei o monitor cardíaco, satisfeita por ver que tudo estava em um ritmo normal. — Você está indo muito bem, Liam.

— Foi isso que os médicos falaram quando todos estiveram aqui há alguns minutos — Marissa me assegurou, com um sorriso radiante que não pude deixar de retribuir. — E se ele seguir todas as ordens dos médicos, talvez possamos levá-lo para casa na semana que vem.

Antes de que pudesse abrir a boca, Wroth e Emmie me cercaram.

— Mas ele ainda precisará de alguns cuidados extras — disse Emmie, e de repente me senti encurralada entre o corpo dela e o corpo muito maior de Wroth.

— E de um fisioterapeuta — Wroth acrescentou. — Os médicos disseram que ele precisará de muita fisioterapia e que, se for sair em turnê com a OtherWorld, será recomendada a presença de uma enfermeira, assim como a de um fisioterapeuta, para viajar conosco.

— Ah, inferno — eu murmurei. Eu sabia o que eles iriam me pedir, e estaria cem por cento dentro se não fosse por um pequeno problema. — Não vou passar três meses presa em um maldito ônibus com Axton Cage,

Emmie.

Ela rapidamente balançou a cabeça.

— Não, não. Você não vai precisar, eu juro. Vou conseguir outro ônibus. Ele será adaptado para que Liam tenha o maior conforto possível. Você, o fisioterapeuta, e Liam estarão nele junto a Marissa.

— E eu — Wroth se apressou para me informar.

— Mas ainda terei que lidar com Ax por três. Malditos. Meses. — Suspirei e abri passagem entre eles, tentando clarear a mente de toda interferência que a preencheu assim que percebi o que estava acontecendo. Eu seria uma idiota se recusasse um trabalho de enfermagem particular como este. Era algo que poucas enfermeiras tinham o privilégio de conseguir, e muito menos de receberem uma proposta. Além disso, eu queria fazer isso por Liam. Ele merecia minha ajuda tanto quanto minha amizade.

Mas todos esses prós pesavam menos do que aquele charlatão.

Estar tão perto do homem que dominava meu corpo sem nem mesmo tentar. Do homem que tatuou seu nome no meu coração na primeira noite em que quase nos devoramos. Do único homem que me destruiu completamente quando nosso suposto relacionamento terminou… seria pura tortura.

— Dee?

Eu me virei para o tom quase suplicante da voz de Liam. Ele parecia tão pequeno naquela grande cama de hospital. Ele tinha perdido peso. Ele tinha quase morrido. Eu não podia dizer não a ele.

— Ok, mas eu tenho uma condição.

— É só falar — Wroth disse.

— Nós podemos negociar — foi a resposta imediata de Emmie.

— Linc é um fisioterapeuta certificado. Ele não exerce, porque ganha uma dinheirama trabalhando no Fit for Life, deixando as coroas darem em cima dele. Mas ele é muito bom. Quero que você o contrate como o

fisioterapeuta de Liam. — Eu precisava de Linc comigo. Ele era minha voz da razão e eu precisava seriamente de juízo se fosse estar tão perto assim de Axton, que poderia me tentar com tanta facilidade.

— Linc irá querer o emprego? — Emmie perguntou. — Ele parece muito feliz onde está.

Eu me encolhi.

— Eu posso persuadí-lo. — A gente podia discutir por absolutamente tudo, mas Linc me amava tanto quanto eu o amava. Ele faria isso por mim.

— Tudo bem. Se ele puder me mandar toda a documentação, a licença de fisioterapeuta e tudo o mais, então, o trabalho é dele.

Marissa se afastou da janela e envolveu seus braços na minha cintura. Pela primeira vez, não enrijeci com a sensação de braços macios e femininos ao meu redor. Marissa era tão cativante que meu desconforto foi esquecido.

— Obrigada por fazer isso, Dallas. Isso significa muito para nós.

— Não me agradeça ainda. — Eu a abracei de volta. — Isso não vai ser nada fácil.

Capítulo 6

Dallas

A alta de Liam na semana seguinte não aconteceu. Ele precisou de outra cirurgia para ajustar o implante que foi usado para substituir o fêmur na perna esquerda. Os médicos disseram que ele mancaria pelo resto da vida, mas pelo menos seria capaz de andar. O edema ao redor de sua coluna tinha diminuído e ele até foi capaz de se mover.

O hospital exigiu uma semana inteira de fisioterapia antes de ele ser liberado não só sob meus cuidados, mas também sob os cuidados de Linc. Conseguir que Linc embarcasse nessa como o fisioterapeuta de Liam foi mais difícil do que o esperado, mas ele finalmente cedera quando Emmie adoçou o acordo com uma quantia enorme de dinheiro. Ela sabia que eu não deixaria Nova York sem Linc, então, não teve muita escolha a não ser me ajudar a convencê-lo.

Fechamos nosso apartamento pelos quatro meses que estaríamos fora. Com Natalie como assistente de Emmie, gerenciando a turnê e tudo o mais, o apartamento estaria vago por, pelo menos, quatro meses. Passaríamos um mês no Tennessee, na fazenda de Wroth Niall. Era onde Liam se recuperaria, e era o trabalho de Linc prepará-lo o máximo possível antes da nossa partida no início de março.

É claro que ninguém tinha me contado nada sobre o mês no Tennessee até que fosse tarde demais para dar para trás. Não tinha nada contra o Tennessee. Meu pai até possuía ações em algumas fazendas, algo do qual eu não fazia ideia, já que minha mãe nunca me deixou conhecer essa parte do negócio do meu pai, quando eu era criança. E eu definitivamente não tinha nada contra a vida na fazenda. Amava estar rodeada de cavalos e vacas, e ainda estaria no Texas, no rancho do meu pai, se não tivesse algumas coisas

a dizer sobre o lugar em que nasci.

O que eu tinha contra a coisa toda era que não seriam apenas Wroth, Liam e Marissa na fazenda. Seria a banda inteira. O que incluía Axton Cage.

Emmie e eu ainda estávamos deixando a poeira baixar depois da minha explosão quando descobri sobre a notícia que ela vinha escondendo de mim. Juro que se aquela vadia não estivesse grávida, tinha arrancado a cabeça ruiva dela. Eu posso amá-la, mas isso não significava que quisesse chutar sua bunda bonita. Ela sabia disso, e não se preocupou em esconder um sorriso enquanto me lembrava de que eu tinha assinado um contrato. Vaca.

Se não fosse por aquele contrato, ainda estaria em Nova York, talvez enroscada no meu sofá com uma cerveja e algumas caixas de pizza, procurando um emprego *online*. Eu não precisava do dinheiro. Eu tinha o cartão de crédito da minha mãe, que eu estourava de vez em quando, mas que ela pagava com o dinheiro que tinha ganhado durante os meus anos trabalhando de modelo. Eu também tinha um fundo fiduciário por parte do pai, recebido no dia em que fiz vinte e um anos. Dinheiro que minha mãe não podia tocar. Dinheiro que nem sequer eu mesma tocava, porque queria ganhar dinheiro com o meu próprio suor.

Em vez disso, com aquele contrato de ferro nas mãos de Emmie, eu estava agora no banco de trás de uma maldita limusine *Hummer*, com Liam, Linc e Natalie. Era melhor do que uma ambulância, que era o que o hospital queria que usássemos para transportar Liam de Nova York ao Tennessee. Teria preferido ir de avião, mas os médicos não queriam Liam voando por enquanto.

Há dois dias, Wroth e Marissa tinham partido para aprontar a casa para Liam. Uma cama de hospital deveria ser entregue junto a outros suprimentos de que eu precisava agora que estava assumindo como sua enfermeira. Liam ainda tinha curativos que precisavam de atenção regular, assim como remédios para dor que precisavam ser monitorados. Ele não queria tomá-los de jeito algum, porque estava apavorado com a ideia de que

pudessem prejudicar a recuperação de sua dependência. Infelizmente, a dor ainda era muito extrema para que ele não os tomasse.

A viagem de carro até lá não era horrível, mas a neve fazia demorar mais do que o esperado. Contudo, eu não estava ansiosa para chegar lá. Natalie tinha deixado escapar que embora Zander, Devlin e Harris ainda não tivessem chegado, Axton já tinha partido para a fazenda. Por alguma razão, todos tinham achado isso estranho. Aparentemente, Ax não visitava a fazenda, ou o Tennessee, a menos que fosse absolutamente necessário.

Quanto mais perto chegávamos do nosso destino, mais acelerado meu coração ficava. O porquê de eu estar tão ansiosa para ver Axton era algo que honestamente não conseguia compreender. Nas últimas três semanas, tinha visto Axton de relance diversas vezes. Ele sempre chegava ao hospital de noite, quando eu estava me preparando para terminar minha visita do dia. Ele trazia algo especial para Liam a cada dia, fosse algo para comer, um livro ou algumas revistas, ou até um *Blu-ray* e alguns filmes para ver. O que realmente tinha me surpreendido era o fato de Axton ter passado todas as noites com Liam, já que ele ainda estava ali quando eu chegava. Quando perguntei a Liam sobre isso, ele permaneceu de bico fechado. A única coisa que me impediu de pressioná-lo para descobrir era ver que Liam obviamente estava dormindo bem. Claro que isso só me deixava com mais perguntas, que eu sabia que não seriam respondidas por Liam, e ele sabia que eu não perguntaria a Axton.

Vê-lo tanto, mesmo que de passagem, tinha despertado algumas memórias que eu pensava ter trancafiado bem longe de mim. Memórias de uma época que fui feliz, mas na qual tinha certeza de que perderia Axton. É claro que tinha razão, mas parte de mim não podia deixar de se perguntar se minha previsão constante não tinha nos separado tanto quanto o meu ciúme daquela maldita tatuagem com o nome de outra garota em seu pulso.

— Você tem estado muito calada — Linc murmurou enquanto o motorista desacelerava para pegar a nossa saída, tirando-me dos meus pensamentos.

Eu me encolhi.

— Não tenho nada a dizer.

Ele bufou.

— Essa seria a primeira vez.

Apesar da apreensão que sentia sobre passar o próximo mês sob o mesmo teto que meu ex, um sorriso foi provocado em meus lábios.

— Cale a boca.

Linc bateu o ombro contra o meu.

— Não vai ser tão ruim assim, Dallas. Ele é só um cara. — Foi a minha vez de bufar. Só um cara. Claro, não seria tão ruim assim. Se ele não fosse o único cara a fazer meu corpo ganhar vida apenas por respirarmos o mesmo ar. Se ele não fosse o único cara que ainda era dono do meu coração. Um coração que ele tinha dobrado e quebrado, mas que ainda possuía. O maldito.

Vinte minutos depois, a limusine parou na frente de uma enorme casa de três andares. Era mais nova do que esperava, mas sabia que, quando a OtherWorld tinha disparado nas paradas, Wroth tinha construído a casa dos sonhos da mãe aqui na fazenda que estava em sua família há gerações. Liam tinha me contado tudo sobre a fazenda, sobre como o pai de Wroth quase a tinha perdido para o banco. Quando Wroth fez dezoito anos, tornou-se fuzileiro naval apenas para que seus pais pudessem usar a gratificação do alistamento na hipoteca, e para que pudessem colocar algum dinheiro extra no banco. Isso, junto ao emprego de meio expediente que Liam tinha depois da escola, ajudara a tirar a fazenda das dívidas.

O cheiro que sempre me fazia lembrar de vacas no pasto preencheu o ar, e não consegui evitar sentir nostalgia de casa. Parecia ter passado uma eternidade desde a última vez que estive no Texas, ainda que meu pai me visitasse em Nova York com frequência. Meu pai vivia em uma área de mais de um milhão de acres. Ele trabalhava, principalmente, com Herefords, bovinos de corte. Quando cheguei à idade necessária para montar a cavalo e mostrei bastante interesse por eles, meu pai entregou a maior parte do gerenciamento do gado para seu encarregado, assim nós

podíamos começar um novo *hobby*, criar alguns dos cavalos mais bonitos do mundo. Quando fiz sete anos, ele me levou para o Oriente Médio para escolher meu próprio cavalo árabe.

Meu coração apertou quando lembranças de Raad tentaram invadir minha mente. Havia passado um longo tempo desde a última vez que me permiti pensar no cavalo que se tornara meu melhor amigo. O cavalo que minha mãe tinha usado contra mim, para me manter em seus concursos estúpidos. Raad era a razão pela qual não ia mais para casa. Por causa dele, aprendi a nunca mais confiar nada que fosse importante para mim à minha mãe.

— Finalmente em casa — Liam disse, com um suspiro cansado. A longa viagem de Nova York até aqui tinha exigido muito dele, ainda que tivesse passado algumas das horas dormindo. Dei o melhor sorriso que podia oferecer, sentindo o coração apertado. — É muito ruim que tudo que esteja desejando agora seja um banho e a cama na qual tenho dormido desde criança?

— Na verdade, parece uma boa ideia — Linc disse, enquanto abria a porta antes que o motorista pudesse fazê-lo. O ar frio irrompeu na parte de trás da limusine, tirando-me da minha melancolia. Caramba, aqui parecia estar mais frio do que em Nova York. Mesmo que só estivesse indo da limusine para a casa, desejei estar usando minha parka em vez de apenas um dos meus moletons velhos.

— Como foi a viagem? — Marissa perguntou, e levantei a cabeça para encontrá-la parada perto da porta, agora, aberta. Seu rosto estava tão iluminado quanto uma árvore de Natal enquanto ela ficava ali em pé, praticamente dançando de felicidade.

— Rissa. — A voz de Liam estava embargada com uma mistura de emoção e dor, enquanto Linc o ajudava a descer. Assim que conseguiu, Liam passou os braços ao redor da irmã. Um pequeno soluço escapou da linda garota, enquanto ela retribuía o abraço do irmão. Eles só estiveram longe um do outro por dois dias, mas com todo o drama do último mês, eu quase conseguia entender essa necessidade que tinham de se abraçarem. Ultimamente, eu sentia a mesma coisa toda vez que conseguia me encontrar

com Harper.

Linc deixou que eles se abraçassem por mais alguns segundos antes de carregar Liam para dentro da casa. Com um braço engessado e a perna ainda instável, Liam ficaria em uma cadeira de rodas por mais algumas semanas. A cadeira só chegaria amanhã, então, Linc teria que colocar todos os seus deliciosos músculos para trabalhar. Liam estava odiando, mas Linc não reclamou. Ele estava carregando um roqueiro bonitão. Estava no paraíso gay.

— Não ponha ideias na cabeça, meu caro. — Escutei Liam resmungar, enquanto Linc o carregava sobre os degraus da varanda da frente, para dentro da casa.

Linc aspirou uma gargalhada.

— Não se preocupe, bofe. Sua heterossexualidade é clara e evidente. — Ele piscou enquanto seguiu Marissa pelo corredor que claramente levava para o quarto.

— Transformamos o escritório de Wroth em um quarto para você, Li — Marissa informou ao irmão. — Todo mundo achou que, com as escadas e a cadeira, essa seria a melhor opção. Depois de se organizar, não vai precisar de ninguém te levando para cima e para baixo, pelas escadas.

— Obrigado, Rissa. — Linc o repousou na nova cama de hospital, que tinha sido arrumada com uma manta antiga no topo. Havia um banheiro no quarto, e olhei para dentro, conferindo. Se Liam quisesse tomar um banho, Linc teria que me ajudar. Mas vendo o tamanho do banheiro, percebi que não seria fácil. Três pessoas, uma delas com o porte de uma montanha, não conseguiriam se acomodar ali, a não ser que eu realmente entrasse debaixo do chuveiro com Liam.

— Preparei sua comida favorita — Marissa disse, movendo-se para lá e para cá, como uma bolinha de energia, enquanto endireitava coisas que não precisavam ser endireitadas. — Ensopado de carne com molho espesso e pãezinhos caseiros. E fiz pão de banana, e algumas tortas. Mas se quiser bolo, posso fazer um.

— Relaxe, Rissa. — Liam se acomodou na cama, tentando encontrar a posição mais confortável. — Não estou com muita fome.

— Mas… — Seu rosto se apagou, e ela se afastou antes de que ele pudesse ver suas lágrimas. — Você deveria comer, Li.

Natalie passou um braço ao redor dos ombros de Marissa.

— Foi uma viagem longa, ele só está cansado. Assim que tomar um banho e se acomodar melhor, ficará morrendo de fome. Eu sei que eu estou, e o cheiro vindo da cozinha está fazendo meu estômago doer de tanta vontade de comer. Posso tomar um pouco de ensopado?

— Oh, sim, claro. — Marissa abriu um sorriso radiante, enquanto a conduzia para fora do quarto.

Liam deu um suspiro de alívio.

— Estou realmente sem fome — ele me disse, enquanto eu fazia um balanço do que tinha no quarto e listava mentalmente o que estava faltando. Tudo o que tinha pedido estava disposto e contabilizado, até a pequena farmácia de remédios que Liam tinha exigido que estivessem alinhados na cômoda.

— Tudo bem, eu entendo. — Eu me virei para Linc, que tentava sair lentamente do quarto. — Ei, não tão depressa. Você terá que me ajudar com o banho.

Ambos chiaram, e fitei os dois.

— Calem a boca, bebezões. — Entrei novamente no banheiro e liguei o chuveiro. Após hesitar por um momento, fiquei apenas de calcinha e sutiã, agradecendo por ter escolhido um dos meus conjuntos de algodão, e não um de renda ou seda, os meus favoritos. Agarrando uma toalha para me enrolar, voltei para ajudar Liam a se preparar para o banho.

Seu braço e sua perna tinham que ser envoltos em sacos de lixo para evitar molhar o gesso. Suas calças de moletom eram sempre difíceis de tirar e colocar. Mesmo com o material elástico moldado para passar pelo volumoso gesso, não era nada fácil vesti-lo e despi-lo.

Levou quase quarenta e cinco minutos para dar banho em Liam e devolvê-lo para cama com uma cueca limpa – a única peça de roupa que estava vestindo. Quando o deixamos confortável, já era hora de ministrar a próxima dose dos remédios, e, depois disso, saí rumo ao andar de cima. Linc saíra assim que Liam fora posto na cama, então, tive que achar meu caminho pelo labirinto da casa até conseguir encontrar alguém. Estava molhada e, apesar do aquecimento da casa, sentia frio. Meu sutiã e minha calcinha estavam encharcados e enrolados nas minhas mãos, porque tinha vestido minhas roupas novamente e não queria molhá-las. Meu cabelo ainda estava pingando um pouco, porque molhá-lo tinha sido inevitável.

Enquanto contornava um dos cantos da casa, não prestei muita atenção e quase me choquei contra um peitoral musculoso. Seu perfume invadiu minhas narinas antes que suas mãos pudessem me segurar. O primeiro contato das suas mãos em meus braços me fez tremer por outra razão além do frio. Meu corpo reagiu à sua proximidade, meu coração acelerou, e um líquido quente desceu por minha boceta latejante.

— Aí está você — disse Axton, rindo suavemente, enquanto suas mãos permaneciam em meus braços, e seus polegares faziam círculos na parte interna dos meus cotovelos.

Meu olhar foi direto para os lábios dele. Como eu tinha imaginado, ele mordia o lábio inferior, e seus dentes encostavam suavemente na argola à metade do lábio. Sempre amei chupar essa parte dele, o gosto do metal se misturava com o gosto de algo mais viciante do que qualquer droga conhecida pelo ser humano. Uma pequena dose de Axton Cage poderia ser vendida por um valor exorbitante na rua, e as pessoas ainda voltariam querendo mais.

Olhos de avelã me devoravam e me peguei inclinando na direção deles. Maldição, eu era fraca. E fácil. Tão. Tão. Fácil. Dois segundos no corredor com ele, e já estava pronta para cair de joelhos para adorar seu pau com minha língua. Eu sabia exatamente do que ele gostava. Sabia que assim que passasse meu piercing sobre seu corpo, ele seria meu por um bom tempo.

— Por que seu cabelo está molhado? — Axton quis saber de repente. —

Essa é sua maldita roupa de baixo? Está molhada… Que merda é essa, Dallas?

Minha cabeça espaireceu tão rápido quanto se ofuscada com a luxúria. Suspirando, dei um passo atrás.

— Tive que entrar no banho com Liam para ajudá-lo… — Quando seus olhos avelã ficavam mais verdes do que castanhos, soube que tinha ficado irritado. — Sou a enfermeira dele, Ax. É claro que preciso ajudá-lo a tomar banho. Ele não será capaz de fazer isso sozinho por, pelo menos, mais algumas semanas.

— Pensei que fosse o trabalho de Linc — ele rosnou.

— Linc me ajuda, mas o trabalho é meu… E por que estou te dando explicações? — Revirando os olhos para ele e para a situação, passei reto. — Não é da sua conta.

Capítulo 7

Axton

Sentia como se meus órgãos estivessem se coçando para fugir. Era assim que me sentia sempre que estava tão perto da casa na qual cresci. Eu queria arrancar minha pele, fazer esse sentimento desaparecer, mas sabia que a única cura era ficar o mais longe possível.

A casa dos meus pais ficava a apenas vinte minutos da fazenda. Vinte minutos era a única coisa que me separava da minha mãe. Desde que recebi uma carta da minha tia há alguns anos, avisando que meu pai tinha falecido – muito tempo depois do seu enterro, porque minha mãe não tinha se importado em me ligar –, isso era o mais próximo que tinha chegado de ter contato com qualquer membro da minha família.

Minhas entranhas se agitavam ao pensar na fria e desagradável mulher que tinha me criado. Ou, pelo menos, era isso que dizia ter feito, inúmeras vezes, durante meu crescimento. Ela não teve muita participação na minha criação, exceto pelos olhares de desdém para a forma como eu tinha decidido viver minha vida. Os cuidados tinham sido deixados a cargo das duas babás e da governanta que tomaram conta de mim, do dia em que nasci até o dia que atingi idade suficiente para cuidar de mim mesmo. Depois disso, a governanta era a única a se importar em saber se eu estava comendo bem, voltando para casa em uma hora decente, ou até mesmo indo à escola. Minha mãe só se importava em saber se eu a estava envergonhando, ou envergonhando o nome da família.

Anthony Xavier Huntington não deveria estar correndo por aí com piercings e tatuagens, querendo dominar o mundo do rock. Ele deveria cursar a faculdade de Direito, assumir os negócios da família e se casar com uma garota respeitável, que Sharon Huntingon aprovasse. Então, quando

meu décimo oitavo aniversário chegou, fiz o que mais irritaria Sharon Huntington: mudei meu nome, tingi meu cabelo, fiz minha primeira tatuagem, coloquei meu primeiro piercing e me juntei à OtherWorld. Anthony Xavier Huntington se tornou Axton Cage. “Cage”, porque finalmente estava fora da maldita jaula na qual minha mãe tinha tentado me manter.

Na época, meu pai simplesmente deu de ombros e balançou a cabeça com um sorriso no rosto. Eu não me parecia com ele em nada, mas isso não o incomodava. Eu o fazia lembrar da única pessoa com a qual ele realmente se importava, sua irmã, Tink. Tink, ou Tammy, como minha mãe sempre insistiu em chamá-la, era uma em um milhão, e a única dádiva salvadora da minha vida, até eu conhecer Emmie. Tink tinha me matriculado na minha primeira aula de música e tinha me apoiado e encorajado quando percebemos que eu era um prodígio da música. Por aproximadamente dez segundos, minha mãe também tinha me apoiado, até perceber que não era para Julliard que eu queria ir, e sim, fazer meu próprio caminho no mundo do rock.

Julliard era uma universidade respeitada. Ser um astro do rock, nem tanto.

Quando me juntei à OtherWorld, substituindo o vocalista que tinha deixado a banda por um motivo qualquer, a cabeça da minha mãe quase explodiu de raiva. Quando contei que tínhamos assinado contrato com um dos empresários mais famosos no mundo da música, ela me deserdou completamente. Isso não me incomodou. Você realmente aprendia a se tornar indiferente depois de conviver com Sharon Huntington por muito tempo. Mas eu me arrependia de ter sido obrigado a me despedir do meu pai e minha tia. Meu pai podia não ter sido o melhor pai do mundo, mas também não era o pior. E minha tia, Tink, tinha me amado do jeito dela, já que seu único verdadeiro amor eram os cavalos.

Levantando minha cerveja, tomei um longo gole e fitei o horizonte distante. Todo mundo que me conhecia sabia que eu odiava estar aqui, então, sabiam que eu estava aqui apenas por um único motivo. Dallas.

Nada, ab-so-lu-ta-men-te nada mais, teria me trazido até aqui. A necessidade de estar perto dela, de sentir seu perfume, de ouvir o som de sua voz, e a maneira adorável com que constantemente suprimia o final das palavras, superavam essa constante coceira dentro de mim que me fazia querer escapar daqui.

Soltando um suspiro de frustração, vi o ar que saía da minha boca se transformar em fumaça no ar frio da noite. Fazia três horas que Dallas não aparecia por aqui, e minha cabeça já estava prestes a explodir de ciúmes de Liam. Droga. Eu sabia que ela precisava ajudá-lo, era por isso que estava aqui, afinal. Mas por que raios precisava ajudá-lo a tomar banho? Por que era ela que tinha que vê-lo pelado? Linc não podia fazer isso?

O único homem que ela precisava ver sem roupa era eu.

Atrás de mim a porta da frente se abriu tão rapidamente quanto se fechou. Mantive os olhos no horizonte, enquanto Wroth se sentava na cadeira ao lado. Ele segurava a própria cerveja e a repousou na pequena mesa redonda entre nós. Por uns bons quinze minutos, apenas ficamos ali, ambos congelando a bunda, mas sem parecer nos importar com isso.

Quando Wroth finalmente falou, o som de sua voz me fez pular um pouco, porque não estava esperando por isso. A voz de Wroth era uma das mais graves que já tinha escutado na vida. Com esse timbre de cascalho, ligeiramente rouco às vezes, sua voz assustava criancinhas, mas também parecia levar as mulheres à loucura. Ele não falava com frequência e com certeza não cantava como *back vocal* na banda. Mas era só dar uma guitarra ao cara para que fizesse qualquer um chorar com a pureza do som que tirava. Entre Wroth e Drake, era difícil decidir quem tocava melhor, porque os dois detonavam. Para mim, Drake sempre seria como um irmão, mas Wroth seria aquele que eu escolheria como meu companheiro de banda.

— Você jantou?

— Não, cara. Estou sem fome. — Levei minha cerveja aos lábios e dei outro gole, desejando, não pela primeira vez, que estivesse tomando uma *Corona* em vez de uma das marcas de garrafas marrons que Wroth tanto

parecia gostar.

— Dallas ou sua mãe?

Eu me encolhi.

— Um pouco das duas.

Wroth assentiu com a cabeça, mas não falou mais nada. Era isso que tanto adorava em Wroth. Normalmente, ele era um homem de poucas palavras. Nós nos sentamos ali, em silêncio, até que ambas as nossas cervejas tivessem desaparecido. Quando Wroth secou a garrafa dele, resmungou um boa-noite e voltou para dentro. Eu me dei conta de que faríamos isso durante toda nossa estadia na fazenda. Wroth não gostava de beber na frente de Marissa, então, sempre bebia sua cerveja na varanda.

A ponta do meu nariz estava entorpecida, e uma olhada rápida na tela do meu *iPhone* me mostrou que já eram quase onze horas, mas ainda não estava pronto para entrar. Fechando um pouco mais o zíper da jaqueta, enfiei as mãos nos bolsos e me inclinei para trás na cadeira.

Por quanto tempo fiquei ali, tentando esvaziar a mente de todas as porcarias que estavam nublando meu cérebro, não sei dizer. Apesar do frio da noite de janeiro e dos flocos de neve que lentamente se somavam aos que já estavam no chão, eu estava confortável, e meus olhos começaram a se fechar.

— Ax…? — Mãos quentes tocaram meu rosto e acordei sobressaltado. Meus olhos piscaram, e avistei um belo olhar azul-claro sob iluminação fraca que vinha da lâmpada da varanda.

Sem pensar, minhas mãos saíram dos meus bolsos e cobriram as delas. Esperava que ela revirasse os olhos, irritada, mas tudo o que seu rosto mostrava era preocupação.

— Você está bem?

— Se eu disser que não, você vai fingir ser minha enfermeira? — Dessa vez ela revirou os olhos para mim, mas não se afastou. Aproveitando, abaixei a cabeça e beijei a suavidade da palma de sua mão. A pequena falha

em sua respiração teria deixado meu pau tão duro quanto uma pedra se não estivesse tão frio no momento. Quando ela começou a dar um passo atrás, apertei minhas mãos nas delas, e a puxei para o meu colo. — Estou congelando, *baby*. Pode me aquecer?

— Não, Ax… — ela protestou, mas não estava se esforçando muito para fugir quando soltei uma das minhas mãos e a emaranhei em seus cabelos. Meu nome ainda estava em seus lábios quando roubei o primeiro beijo.

No momento que senti o sabor de sua boca – menta com uma pitada de algo deliciosamente exótico –, meu corpo mandou o frio se ferrar e endureceu. A boca de Dallas era inebriante, e tudo o que desejava era poder saciar minha sede. Ela permaneceu imóvel nos meus braços até que belisquei seu lábio inferior, fazendo-a suspirar de prazer. É, eu ainda sabia fazer minha garota se sentir bem.

Suas mãos mornas pareciam incandescentes quando ela as passou ao redor do meu pescoço, segurando-se a mim, enquanto eu aprofundava o beijo. Quando minhas mãos desenvolveram vontade própria, querendo explorar o corpo que tinha sido feito só para mim, rapidamente retomei o controle sobre elas. Não podia negar minha vontade de adentrar profundamente seu corpo doce e quente, mas isso não me levaria aonde realmente quero chegar.

Teria que levar tudo com calma e tranquilidade dessa vez, ou poderia perdê-la para sempre. Então, por enquanto, apenas queria beijá-la. Saboreei cada centímetro de sua boca, cada vinco de seus lábios. Guardei cada gemido que escapou dela para mais tarde.

Quando suas mãos desceram sobre meu peito, para dentro do meu casaco, eu a senti tremer. Recuando, percebi que vestia apenas um moletom e calça de pijama.

— *Baby*, você vai congelar.

— Me beija um pouco mais — ela sussurrou.

Eu não queria recusar. Rapidamente abri a jaqueta e a puxei para dentro, fechando-a novamente. Sim, eu poderia me acostumar com isso. Seus

braços estavam ao redor da minha cintura e sua cabeça no meu ombro. Seu rosto se virou para cima, pronta para mais um dos meus beijos. Gemendo, mergulhei nos confins de sua perfeita boca.

O beijo continuou por um longo tempo. Poderia ter durado a noite toda se a luz da varanda não tivesse sido apagada de repente. Era Wroth me avisando que tinha estado lá fora por tempo demais, e que viria para ver se estava tudo bem a qualquer minuto. Com um suspiro relutante, recuei e pressionei minha testa contra a dela.

Nós dois estávamos ofegantes, nossos corpos gritando por algo mais do que apenas alguns malditos beijos. A parte de baixo do corpo dela se esfregava contra o meu, tentando encontrar algum tipo de alívio para o desejo que eu tinha despertado nela.

— Temos que entrar.

Dallas concordou com a cabeça, mas não tentou se mover.

— É, eu sei.

— Vai me odiar de novo em alguns minutos? — Não pude evitar a pergunta, porque precisava saber.

Ela enrijeceu e começou a recuar. Seu rosto estava encoberto e não consegui entender o que estava pensando agora que as luzes estavam apagadas.

— Gostaria de poder odiar você, Axton. Isso tornaria minha vida muito mais fácil.

— *Baby*…

— Preciso checar o Liam. Desprenda a gente, por favor, para que eu possa me levantar.

Eu não queria deixá-la ir embora, mas sabia que tentar forçá-la a conversar, quando não estava pronta, só nos faria retroceder ainda mais. Com um suspiro, abri o zíper da jaqueta, e ela se levantou apressadamente. Com meu pau tentando explodir o zíper do jeans, demorei um pouco mais para me levantar sem me machucar no processo. Quando consegui, ela já

estava na porta da frente, mas não entrou logo de cara.

Precisando tocá-la uma vez mais nesta noite, eu me posicionei atrás dela, prendendo-a entre a porta e meu corpo ardente. Ela estava com a mão na maçaneta, então, poderia se afastar de mim quando quisesse. Se quisesse…

— Sinto sua falta a cada maldito segundo que não estou com você — sussurrei em seu ouvido, fazendo-a estremecer de uma maneira que não tinha nada a ver com o frio. — Não existe ninguém, nem uma só pessoa, que me faça sentir do mesmo jeito que você faz… Lembre-se disso, Dallas. Lembre-se sempre disso.

Aproximando-me ainda mais, encobri sua mão e abri a porta. Com um pequeno empurrão, ela entrou na casa.

O ar quente em meu rosto provocou careta, porque causou mais dor do que prazer. Minha mão ainda estava na parte baixa de suas costas. Ela não deu mais do que alguns passos dentro da casa antes de parar. Não disse palavra alguma, apenas parou, como se estivesse esperando por mim.

— *Baby*? — Afastei seu cabelo para poder beijá-la na parte de trás do pescoço, bem na sua mais recente tatuagem. — Você está bem? — Esperava que fosse correndo para o quarto de Liam no minuto em que entrássemos na casa.

— Mais um beijo.

Eu arrancaria meu próprio coração fora antes de negar algo tão simples como um beijo a ela. Enrolando seus longos cabelos loiros em volta do meu pulso, eu a virei e deixei que meus lábios deslizassem sobre seu lábio inferior. Quando sua boca se abriu em um pequeno suspiro, fui mais fundo, fazendo-a gemer de prazer. Sem pensar, eu a apoiei contra a parede, pressionando meu corpo em chamas contra o dela. Duro do jeito que estava, eu sabia que minha determinação de conter tudo em um beijo logo desapareceria.

Alguém pigarreando na sala principal, no final do corredor, nos fez voltar da nossa loucura e, enfim, me afastei dela. Seus lábios estavam inchados por causa dos meus beijos, seu cabelo estava bagunçado de um jeito sexy.

Quando aqueles olhos azuis, vidrados de paixão, encontraram os meus, quase joguei tudo para o alto, querendo entrar tão fundo em seu corpo que nenhum de nós saberia quando um começa e o outro termina. Mas encontrei a força de vontade para manter minhas mãos rentes ao meu corpo.

— Boa noite, *baby*.

Dallas não disse uma palavra, apenas passou por mim em direção ao corredor que dava para o quarto de Liam.

Sabendo que não conseguiria dormir nem tão cedo, subi para o quarto e tomei um banho demorado. Tive que me masturbar duas vezes para acalmar o meu corpo, o suficiente para não me machucar ao rolar na cama durante a noite.

Quando finalmente descansei a cabeça no travesseiro, pela primeira vez, desde o casamento de Shane e Harper, havia um sorriso em meus lábios. Estava orgulhoso por ter ido com calma.

Agora, se conseguir ir devagar, acho que posso ter minha garota de volta, onde eu a quero. Novamente em meus braços, em minha cama… em minha vida, para sempre.

Capítulo 8

Dallas

Idiota.Idiota. Idiota.

Não estava certa de ter dito as palavras em voz alta ou não, mas sabia que continuavam zunindo em minha mente. Fui tão tola. Tão fraca. Tão, tão fácil. Tudo o que esta noite provava era que bastava Axton Cage estalar os dedos – maldição, até seus dedos eram sexies –, para que ficasse ofegante e molhada por ele. Devia tê-lo deixado congelar até a morte em vez de ir acordá-lo.

Mas eu estava preocupada com ele. O que o manteve do lado de fora a noite toda? Sim, eu tinha notado, e gritado mentalmente comigo mesma por ter percebido. Quando Wroth entrou, comecei a ficar ansiosa por Axton não ter vindo junto. Estava próximo de zero lá fora e mal nevava, o que significava que a temperatura estava caindo. Então, finalmente me convenci a sair para checar se estava bem.

Dez segundos depois e eu o deixei devorar minha boca. Meus protestos foram pateticamente fracos e não duraram mais do que um instante, antes de ceder e retribuir o beijo tão avidamente. Por que sua boca tinha que ter um gosto tão bom? Por que suas mãos provocavam uma sensação tão boa na minha pele?

Quando tudo acabou, ainda queria mais, e quase implorei por outro beijo. Se ele tivesse negado, teria morrido de vergonha. Nunca implorei por nada na vida e com certeza não vou começar agora, com o homem que pode me despedaçar emocionalmente de novo.

Agora, com meu corpo ainda ardendo com um desejo que apenas ele seria capaz de saciar, certifiquei-me de que Liam estivesse dormindo tranquilamente antes de subir para o meu quarto. Tinha tomado banho mais

cedo, mas estava tão molhada por causa do beijo de Axton que senti a necessidade de outro.

Despindo-me, liguei o chuveiro e esperei a água esquentar. Um banho gelado não conseguiria aliviar o desejo aceso dentro de mim, então, não quis me torturar com uma água glacial. Puxei meu cabelo para um coque apertado no topo da cabeça e entrei. O box era enorme e tinha um banco no qual era possível sentar e apenas deixar a água fluir sobre si. O chuveiro tinha uma ducha removível, e eu a puxei, aumentando o fluxo da água antes de me jogar sobre o banco.

Comecei pelos ombros, apenas deixando a água correr sobre mim. Enquanto pequenas gotas pingavam em meus mamilos, massageei a umidade, não me incomodando em abafar o gemido que escapou com o toque suave. Com um suspiro, inclinei a cabeça para trás contra a parede de azulejos e fechei os olhos. Sabia que isso não faria o trabalho completo, mas droga. Precisava de algo para me ajudar, ou não conseguiria dormir esta noite.

A água morna escorreu sobre minha barriga lisa, fazendo o pequeno pingente em formato de bola vermelha, em meu umbigo, tilintar suavemente como um sino. Harper tinha me mandado o piercing como um presente de Natal, e eu não o tirara desde então. Minha melhor amiga, no entanto, não era o que estava em minha mente quando subi as pernas no banco e afastei as coxas o máximo que consegui.

Axton adorava quando eu me abria assim para ele. Seus quadris estreitos se encaixavam perfeitamente quando facilmente colocava seu pau, longo e grosso, dentro de mim. Não importava o quão loucos estivéssemos um pelo outro, na primeira vez que colocava dentro de mim, sempre o fazia lentamente. Eu sentia cada centímetro quente e pulsante dele quando adentrava meu corpo. Quando seu pau estava o mais fundo possível, quando a ponta tocava meu colo, fazendo-me queimar com um desejo que tomava conta de todas as fibras do meu ser, internas e externas, ele esperava. Toda maldita vez, ele esperava até que eu abrisse os olhos para encará-lo.

— Você me quer?

Como ele poderia não saber disso? Eu estava pingando de tão molhada, praticamente jorrando em torno dele.

— Sim — eu sempre dizia, porque sabia que ele precisava da confirmação.

— É tão gostoso sentir você, baby. Diga como você quer. Rápido? Intenso? Lento? Gentil? Vou te dar o que quiser.

Esta noite, enquanto deixava minha memória funcionar como uma espécie de filme pornô, eu queria rápido e definitivamente intenso. Os jatos do chuveiro massageavam meu clitóris inchado e eu quase gritei de prazer quando lembrei do quanto Axton dava atenção a esse pequeno ponto. Poderia me saciar apenas com esse estímulo, mas queria mais. Precisava ser invadida. Meus dedos estavam tremendo de tanta excitação quando separei os lábios da minha boceta um pouco mais e deixei que a pressão da água fizesse o que desesperadamente queria que Axton estivesse fazendo.

Não aguentaria segurar muito mais, o que era o que queria, mas ao mesmo tempo não queria que terminasse. Quando estava com Ax, nunca queria terminar de fazer amor com ele. Quando sentia que começava a chegar ao ápice, quase entrava em pânico, porque não queria que ele me deixasse. Precisava dele dentro de mim o maior tempo possível. Desejava me sentir conectada a ele tanto quanto desejava a explosão que estava prestes a acontecer dentro de mim. Axton sempre pareceu precisar da mesma coisa, porque muitas vezes acabava adormecendo ainda dentro de mim. Os jatos do chuveiro não poderiam me dar isso, então, quando meu orgasmo me atingiu, tão rápido e intenso quanto desejava, algumas lágrimas escaparam de meus olhos bem fechados.

Um tempo depois, quando minhas pernas pararam de tremer por causa da força com que gozei, eu me arrastei para a cama e puxei o travesseiro extra contra o peito. Quando estávamos lá fora, Axton tinha me perguntado se eu o odiaria mais tarde. Dei a única resposta que podia. Podia destilar todo tipo

de veneno cheio de ódio para o cara, mas, infelizmente, não conseguia odiá-lo como gostaria.

Talvez, se eu o odiasse, não teria me sentido tão vazia, querendo que Axton estivesse na cama ao meu lado. Ele pode não ter sido o meu primeiro amor, mas foi o primeiro homem a passar a noite comigo. Eu não conseguia lidar com muito contato físico, porque era algo que minha mãe tinha enfiado na minha cabeça que não fazia bem. Ela nunca tinha me abraçado, nunca me tocava a menos que fosse para bater com uma escova nas partes do meu corpo que não podiam ver os machucados e hematomas por ter feito algo que, perante seus olhos, era errado. Com Axton, minha ansiedade ao ser abraçada ou aninhada nem sequer aparecia.

O som de uma mensagem apitando me fez pular da cama e alcancei o celular que tinha colocado para carregar há algumas horas.

Axton: *Doces sonhos, baby.*

Meu coração traidor saltou e fiquei por quase um minuto inteiro apenas olhando para a tela. Quando comecei a digitar uma resposta, fiquei surpresa comigo mesma por isso. Droga, vou ter que me cuidar.

Eu: *Noite, Ax.*

Uma semana se passou em um piscar de olhos. Zander chegou, e as coisas ficaram mais interessantes. Natalie e Zander eram hilários quando estavam juntos. Às vezes, podia ver algum interesse piscando nos olhos dele, mas não via a mesma coisa nos olhos azul-acinzentados dela. Quando Devlin e Harris chegaram, contudo, os olhos da minha amiga quase brilharam de interesse. Havia apenas um problema.

Natalie e Devlin não faziam nada além de discutir. Linc brincava que isso acontecia porque eles queriam arrancar as roupas um do outro

desesperadamente, mas nenhum dos dois queria admitir isso. Wroth comentou que Devlin se mantinha distante de Natalie porque Shane e Drake tinham dito aos caras da OtherWorld que se algum deles mexesse com sua irmã, precisaria mijar em uma bolsa pelo resto de seus dias depois da surra que levaria. Considerando toda a situação Liam/Tawny/Devlin, não pude deixar de me perguntar se o real motivo não era o fato de Zander também mostrar sinais de que gostava de Natalie como mais do que um amigo, e ele não queria que a história se repetisse.

Uma semana se tornaram duas e, antes que me desse conta, três semanas tinham passado, e todo mundo já estava começando a fazer as malas para a turnê. Liam estava tão pronto quanto poderia estar para os próximos meses na estrada. O gesso em seu pulso tinha sido removido, e Linc começou a trabalhar para que sua mão fosse fortalecida, deixando-o pronto para tocar. O gesso em sua perna ainda ficaria ali por algum tempo, e veríamos um especialista durante a turnê, ou foi o que Emmie tinha me informado.

Enquanto eu me aprontava para pegar a estrada e sair da casa que tanto tinha contribuído para me jogar nos braços de Axton, contava os dias para que meu pai viesse ao Tennessee. Ele tinha prometido parar em uma das fazendas na qual estava interessado para que passasse um pouco de tempo com ele antes de partir. Arrumando o quarto de Liam enquanto ele estava na sala com todos os outros, constantemente olhava o celular. O dia era hoje, e esperava meu pai mandar uma mensagem para que fosse visitá-lo.

O plano era que visitasse a fazenda de Wroth, mas ele precisava cuidar de algumas coisas, então, tinha me disposto a ir onde estivesse. Não queria esperar até ele terminar de fazer seja lá o que precisasse de sua atenção, então, estava esperando impacientemente. Não era todo dia que podia ver meu pai. Tinha sido mantida bem afastada de Austin Bradshaw desde o momento que minha mãe decidiu se divorciar dele. O que aconteceu cerca de cinco segundos depois de Austin dizer a ela que não queria sua filha sendo submetida ao show de horrores dos concursos de beleza do Texas.

Quando a mensagem finalmente chegou, fiz uma dancinha feliz, porque eu o amava tanto. Saltando pela casa, agarrei meu casaco e as chaves da

caminhonete que Wroth tinha disponibilizado para qualquer um que pudesse precisar dela. Linc e Natalie sabiam para onde eu estava indo, então, não me importei em avisar que estava saindo.

A caminhonete tinha um GPS, e tive que colocar o endereço antes de sair. Eu não tinha deixado o rancho para nada além de acompanhar Liam ao médico, então, não sabia para onde estava indo. Levei trinta minutos para chegar à casa na qual meu pai estava hospedado.

Quando estacionei na frente da casa, que mais parecia uma mansão, não pude deixar de franzir a testa. Não estava esperando algo tão extravagante assim aqui no campo, embora tenha passado por algumas casas bem bonitas enquanto dirigia pela cidade. Mesmo quando passei pelos portões da entrada da propriedade, com uma placa que dizia "Huntington Estate", não tinha imaginado que o lugar seria tão… Ostentação era a única palavra que vinha à minha mente.

A casa era de dois andares, mas tão grande quanto meu prédio em Nova York. A garagem, ligada à casa, poderia facilmente guardar oito veículos grandes. As terras estavam meticulosamente cuidadas, com aparência verde e exuberante, mesmo neste inverno rigoroso. Mas foram os estábulos, ao longe, que realmente chamaram minha atenção. Aquela coisa era enorme e, por alguma razão, meu coração acelerou assim que o vi.

Desligando a caminhonete, saí, e soltei um grito de felicidade, assim que vi o grande homem que vinha da varanda até mim.

— Pai! — Eu me joguei em seus braços.

Com uma risada grave, Austin Bradshaw me girou algumas vezes. Aos meus olhos, não existia um homem melhor que meu pai. Ele era bicho do mato e, às vezes, arisco como uma cobra. Mas também era um cara que ia direto ao ponto, sempre comunicando o que sentia, sem fazer rodeios ao redor do problema. Ele também me amava mais do que qualquer coisa no mundo.

Depois de alguns minutos, ele me colocou de pé novamente e voltou a olhar para mim. Eu não o via desde o Natal e, mesmo assim, tinha sido

apenas por algumas horas. Seu rosto tinha mudado um pouco, mais algumas linhas e cabelos brancos, mas nada que tirasse atenção de o quão bonito era. Amava parecer muito mais com meu pai do que com minha mãe. Havia outras mudanças em sua aparência, mas a maior delas estava em sua cintura. Austin sempre tinha estado um pouco acima do peso, o que fazia sua barriga ser um pouco protuberante e redonda. Mas agora isso tinha sumido.

— Caramba, pai! — provoquei-o, enquanto abraçava-o com força. — Está tão arrumado assim para quem?

Austin riu, mas não negou, o que fez minhas sobrancelhas levantarem. Antes que pudesse tocar no tema e exigir saber o que estava aprontando, porque meu pai nunca tinha se importado com a aparência ou com alguma mulher, ele me distraiu dizendo que tinha uma surpresa para mim.

Meus olhos automaticamente se voltaram para os estábulos, e meu coração começou a martelar. Vendo o olhar no meu rosto, Austin pegou minha mão, e nos apressamos em direção à grande estrutura. Quanto mais perto chegávamos, mais ansiosa ficava para chegar lá.

Vários homens estavam de pé junto à entrada dos estábulos. Quando entramos, o interior era quente e aconchegante, o cheiro muito familiar de cavalos preencheu minhas narinas, e não pude deixar de sorrir. Olhei ao redor com emoção, sentindo-me como uma criança solta em uma loja de doces depois de sentir o gosto do açúcar pela primeira vez. Meu pai apenas riu, enquanto eu continuava agindo como uma garotinha.

Na metade do caminho, ele se virou para mim e me pediu para fechar os olhos.

— Confie em mim, querida.

Encolhendo os ombros, fechei os olhos e deixei que me guiasse pelo resto do caminho dentro do estábulo. Com os olhos fechados, o cheiro e o som dos cavalos se mexendo me levaram de volta para uma época na qual tinha sido feliz e inocente. Uma época anterior à loucura de minha mãe, com os concursos de beleza e, depois, com a carreira de modelo.

— Ok, Dallas. — Austin colocou suas mãos ao meu redor e me virou para a esquerda. — Abra os olhos, querida.

Abri os olhos lentamente. Quando eles focaram no cavalo que estava na baia à minha frente, minhas pernas quase se curvaram.

— Raad… — Seu nome saiu como um sussurro e, com a mão trêmula, estiquei-a para tocar seu nariz. Lágrimas queimaram minha garganta e olhos, quando toquei o cavalo que um dia considerei meu primeiro amigo.

— Faz cinco anos que ele está aqui. Quando sua mãe o vendeu, assim que pude, comecei a procurar por ele, mas só consegui localizá-lo há um ano.

Olhei de volta para o garanhão árabe negro. Raad tinha dezessete anos de idade agora, mas a maneira como empurrava minha mão me dizia que ainda se lembrava de mim. Senti falta desse cavalo todos os dias, durante quinze anos. Minha mãe tinha usado Raad contra mim quando me recusei a participar dos concursos. Um dia, voltei da escola, e Raad, que vivia em um estábulo individual a apenas alguns metros da casa que minha mãe tinha arranjado para nós quando se divorciou do meu pai, tinha sumido. Ela me disse que, se não fizesse sua vontade, não poderia ter tudo o que quisesse. Ela prometeu que traria Raad de volta se fizesse o que ela queria e começasse a ganhar os concursos de beleza. Sua promessa, assim como todas as outras, tinha sido uma mentira. Eu nunca mais tinha visto Raad, até aquele momento.

— Por que você não me contou? — Eu me inclinei para frente e beijei o nariz de Raad.

— Estava esperando o momento perfeito para devolvê-lo a você, querida. — Austin passou seus braços ao redor dos meus ombros. — Agora, sou o dono de todos os cavalos deste estábulo. Então, enquanto estiver por aqui, sinta-se à vontade para vir e montar qualquer cavalo que seu coração mandar. — Ele acenou com a cabeça para o garanhão, que agora tentava farejar alguma guloseima, obviamente se lembrando de que sempre lhe dava alguma cenoura ou alguns cubos de açúcar, todos os dias. — Quanto

ao Raad, ou Príncipe, como Tink costumava chamá-lo até descobrir que esse não era seu verdadeiro nome, ele é todo seu, como sempre deveria ter sido.

— Sério? — Beijei Raad novamente e me virei para me jogar em meu pai. — Você jura?

— Juro, querida. — O rosto de Austin estava completamente sério. — Diga o que quer fazer com ele, e farei. Mas ele parece feliz aqui. Tink pode ter me vendido os cavalos, e até o próprio estábulo, mas ainda cuida de todos eles.

— Quem é Tink? — perguntei ao meu pai, enquanto pegava minha mão e me levava para longe da baia de Raad. Assoprei um beijo a ele antes de voltar minha atenção ao meu pai.

— Tink é a dona de Huntington Estates. Há alguns anos, quando seu irmão morreu, perdeu quase tudo por causa dos gastos excessivos da cunhada. Então, quando apareci, querendo comprar Raad de volta, ela me ofereceu todos os cavalos e o estábulo por uma quantia que tiraria a propriedade de problemas. Ela vendeu a empresa familiar, e eu a contratei para cuidar dos cavalos.

Meus olhos se estreitaram para o meu pai quando saímos do estábulo. Ele parecia se iluminar quando mencionava Tink. Como nunca tive que lutar pela atenção do meu pai quando se tratava de outras mulheres, de repente me senti como qualquer outra garotinha do papai. Nenhuma mulher será boa o suficiente para o meu herói. Quem quer que fosse essa tal de Tink, teria que estar à altura dele em grande estilo, ou eu não deixaria o que quer que estivesse rolando continuar.

Enquanto caminhávamos em direção à casa, Austin me contou tudo sobre Tink. Ela amava cavalos, e os colecionava desde que tinha aprendido a montar. Os Huntingtons eram riquíssimos, ou tinham sido até Samuel Huntington falecer há oito anos. Agora, apenas Tink e sua cunhada moravam na enorme casa da propriedade. Enquanto Tink cuidava dos cavalos, a cunhada, Sharon, continuava na vida mansa, como se ainda

fossem mais ricas do que Deus, organizando festas sempre que podia.

Quando entramos na casa, achei que a ostentação era maior do que lá fora. Levantei uma sobrancelha para meu pai, e ele suspirou.

— Sharon tem poder total sobre a casa. Foi deixada para ela no testamento do marido. Mas isso foi tudo o que ela conseguiu. Quando se trata de dinheiro, ela depende de Tink.

— Alguém precisa deixar de ser tão esnobe e pegar um pouco mais leve — disse ao meu pai, enquanto era conduzida por um corredor cheio de pinturas caras. Balancei a cabeça, perguntando-me onde estavam todas as fotos de família. Este lugar parecia mais um museu do que uma casa.

Austin entrou em uma sala que mais parecia uma sala de estar de estilo antigo. Revirei os olhos quando encontrei uma mulher de vestido e cabelos cumpridos e loiro-escuros sentada em uma das poltronas namoradeira, que parecia ser tão dura quanto uma pedra, e ridiculamente cara. Do outro lado, sentava-se uma mulher alta e esbelta, usando um jeans bem desgastado e uma camisa de flanela.

Ambas se levantaram quando entramos na sala. Dois pares de olhos repousaram sobre meu pai, e comecei a perder as estribeiras quando notei uma chama de interesse em ambos. Fiquei ali por um longo momento, avaliando as duas mulheres que pareciam devorar meu pai com os olhos. Encarei a mulher que parecia ser Sharon Huntington primeiro. Ela era realmente adorável à primeira vista. Elegante, com um belo semblante. Seu cabelo era maravilhoso, e seus olhos, de um verde-escuro, realmente se destacavam no rosto. Mas quando olhei para essa mulher, vi minha mãe – com o verde de seus olhos me avisando que só se interessara pelo meu pai por causa do dinheiro que vinha à tira colo.

Afinal, Austin Bradshaw vinha acompanhado de muito dinheiro. Mesmo se os Huntingtons tivessem sido repugnantemente ricos, provavelmente, não teriam chegado nem perto de atingir a quantidade que meu pai valia. Ele vinha da gente rica do Texas. Seu avô tinha negócios com petróleo e gado. Quando o petróleo acabou, o gado continuou firme e forte. Austin

tinha apenas somado à fortuna que herdara.

Voltando o olhar para a outra mulher, que devia ser Tink, analisei-a completamente. Era absolutamente deslumbrante. Para uma mulher na casa dos quarenta anos, ela se vestia como se estivesse na adolescência. Seu cabelo estava recolhido em um rabo de cavalo simples, e seu rosto estava livre de qualquer maquiagem, o que me deixou completamente ciumenta quando notei o quão longos seus cílios eram naturalmente. Quando olhou para Austin, seu rosto inteiro pareceu se iluminar, tanto quanto o do meu pai, quando tinha falado dela um pouco antes.

Suspirando, decidi que, se Tink realmente se importava com meu pai, não me comportaria como a garotinha mimada do papai. Se ela puder fazer Austin feliz, então, eu lhe daria força total. Desde que o mantivesse longe daquela cadela arrogante que revirava os olhos em desaprovação para mim.

Capítulo 9

Axton

A casa estava começando a me sufocar. Sentia que se não saísse da casa, da fazenda – droga, do Tennessee –, perderia a cabeça de um jeito bem ruim. Continuei contando os dias até pegarmos a estrada, mas eles não estavam. Passando. Rápido. O suficiente.

A única coisa que me ajudava com esses sentimentos sufocantes era Dallas. Claro, ela tentava me evitar durante o dia, mas à noite, sempre a encontrava com facilidade. Sempre terminávamos na varanda do lado de fora, compartilhando uma cerveja ou nossos lábios. Sempre a mandava para cama sozinha, e depois, cuidava do meu corpo em chamas sob o chuveiro, antes de cair na cama e trocar mensagens com ela por pelo menos uma hora, até um de nós cair no sono. No geral, sentia que estávamos progredindo para a direção certa.

Hoje, por alguma razão, o sentimento angustiante estava pior do que o habitual. Nada parecia ajudar, e sabia que precisava de Dallas para me distrair ou começaria a escalar as paredes, assustando Marissa. Chatear Marissa, seja como for, só forçaria Wroth a me matar, e por mais que eu quisesse que esse sentimento desaparecesse, não queria estar morto.

Andando pela casa, descobri que ela não estava em lugar algum. Liam não a vira a manhã toda, porque tecnicamente era seu dia livre. Marissa e Wroth a viram no café da manhã, mas nada desde então. Por fim, encontrei Zander, Natalie e Linc na sala de estar, assistindo a um filme antigo que Nat e Linc gostavam, mas sabia que Zander só estava se forçando a assistir para tentar abrir caminho até as calças de Nat. Por mais que me importasse com Z, nem piscaria antes de levá-lo a algum dos irmãos de Nat. Não consegui esconder um sorriso ao imaginar o quão bonita ficaria sua cara depois que

Drake e Shane acabassem com ele.

— Alguém sabe onde Dallas está? — Meu olhar foi para Linc, porque na verdade estava perguntando a ele, mas sabia que não responderia. Linc era leal demais a Dalla para cometer esse erro, e isso apenas me fazia respeitá-lo mais. O fato de me odiar agora não me incomodava. Assim que eu conseguisse Dallas de volta, ele voltaria a ser meu amigo, porque apoiava qualquer coisa que fizesse Dallas, ou qualquer outra mulher em sua vida, feliz.

Foi Natalie que levantou a cabeça.

— O pai dela está na região. Ela foi visitá-lo.

— Onde? — Talvez pudesse sair para encontrá-la. Gostava do pai dela, e ele parecia ter me tolerado nas poucas vezes em que nos vimos.

Natalie franziu a testa, tentando se lembrar.

— Huntington Estate? É, acho que era isso.

A cabeça de Zander levantou a tempo de ver o sangue ser sugado do meu rosto.

— Caramba, cara.

De repente, senti vontade de vomitar. Não. Não. Sem chance. Eu não a deixaria ser mordida pela cadela da minha mãe. Eu não permitiria, de jeito nenhum, que aquela vadia arrogante cravasse os dentes em Dallas. Minha garota podia até ter couro duro, mas se Sharon Huntington a mordesse, era certo que me deixaria. Minha mandíbula de repente doeu, e percebi que a estava apertando com muita força.

Se Dallas estava em Huntington Estate, então, isso significava que eu faria algo que tinha jurado nunca mais fazer pelo resto da minha vida.

Ir para casa.

Não disse mais palavra alguma para os três sentados no sofá. Em vez disso, encontrei as chaves do SUV de Wroth e dirigi para o outro lado da cidade como se os cães do inferno estivessem atrás de mim. Passei pelas ruas nas quais Devlin e Zander tinham crescido, pela nova escola de Ensino

Médio que fora construída há apenas alguns anos – mas na qual nunca me matriculei, porque minha mãe tinha insistido em me mandar para a escola privada que ficava a uma hora de distância – e pelo clube dos donos de fazenda. Todos esses idiotas pretensiosos eram, de alguma forma, amigos da minha mãe, e eu os odiava por simples associação.

Um trajeto que deveria ter levado vinte minutos acabou levando nove. Quando derrapei ao parar na entrada, os pneus gritaram. Mal parei o SUV, comecei a correr para os degraus de uma casa estupidamente grande. Sério, quando criança, apenas meus pais e eu morávamos naquela casa. Quem precisava de uma casa de dez quartos quando só tinha um filho?

A porta estava trancada, e minhas opções eram tocar a campainha ou chutar a maldita porta abaixo. Preferia chutar, e teria feito exatamente isso se a governanta não tivesse atendido a porta tão rapidamente. Quando me concentrei na mulher mais velha que aparecera de uniforme, senti um pequeno chute no meu coração quando percebi que não era Margret, a governanta que praticamente me criou.

— Posso ajudar em… — Passei pela mulher. — …alguma coisa?

— Dallas? — chamei seu nome, enquanto passava pela casa. Se ela estava aqui, então, só havia um lugar onde procurar primeiro. Minha mãe apenas recebia os convidados naquela estúpida sala formal dela. Quando alcancei a porta, ouvi a fria voz de minha mãe.

— …degradando seu corpo.

Entrei na sala para encontrar Sharon Huntington olhando de nariz empinado para Dallas, enquanto ela se mantinha ao lado do pai. Era óbvio que Dallas não estava aqui há muito tempo, porque ainda estava com o casaco posto. O casaco cobria a maior parte das tatuagens de Dallas, mas isso não disfarçava os piercings faciais.

— Acredito que não pedi sua opinião sobre o que fiz com o meu corpo. Na verdade, não me lembro de ter te pedido nada. Então, vamos tentar manter nossas opiniões para nós mesmas. Se você guardar sua aversão aos meus piercings e tatuagens – a propósito, eu tenho vinte e duas – para si

mesma, guardarei o fato de você ser uma cadela arrogante para mim mesma.

Minhas entranhas congelaram. Realmente tinha me preocupado com Dallas ser incapaz de enfrentar minha mãe? Se sim, então, realmente tinha perdido a cabeça. Dallas podia enfrentar qualquer coisa e qualquer um. Ela era mais forte do que qualquer outra pessoa que conhecia.

— Austin, querido, por favor, diga-me que esta garota grosseira não é sua filha — Sharon exigiu, virando seus olhos desdenhosos para o homem mais velho.

De repente, fiquei muito feliz de ter vindo mesmo que não houvesse motivo, porque pude ver Austin Bradshaw passar de homem calmo e recatado para pai furioso e protetor em um piscar de olhos. Mesmo que não soubesse muito sobre o cara, havia uma coisa que ele deixava muito clara para qualquer um que conhecesse. Austin adorava Dallas. Ela era perfeita aos seus olhos. Suas tatuagens e piercings? Só a faziam mais bonita. Sua atitude irreverente? Caramba, com certeza ela o fazia lembrar de si mesmo.

Minha mãe tinha cometido um erro fatal no que diz respeito a este homem.

— Na verdade, ela é. E também herdará cada centavo quando eu morrer. Esse pequeno detalhe não agradou a mãe dela e provavelmente não agradará a você. Dallas é minha filha, e amo cada centímetro dela. Tenho uma regra de não bater em mulheres, mas se continuar insultando minha filha, talvez faça uma exceção.

O rosto de Sharon ficou vermelho e sua boca se abriu e fechou como a de um peixe por um longo momento antes de ela estreitar os olhos para Austin.

— Por que você…

— Bom, afinal, parece que eu não precisava me preocupar — falei, finalmente fazendo com que todos os olhos se voltassem para mim.

Os olhos de Dallas se abriram quando me viu, mas ela não disse nada. Austin inclinou a cabeça em saudação, enquanto minha tia deu um passo à frente e me abraçou apertado.

— Anthony! Oh, meu Deus. É tão bom ver você.

Abracei-a de volta por um breve momento antes de recuar.

— Também é bom ver você, Tink. E o nome é Axton, lembra?

— Seu nome é Anthony — Sharon cuspiu. — É o nome que dei a você. — Revirei os olhos, enquanto ela me olhava de cima a baixo, analisando meu cabelo ainda tingido de preto, meu piercing no lábio, as tatuagens do meu pescoço e as que estavam visíveis nos meus braços, porque não tive tempo de pôr um casaco na pressa de chegar até Dallas. — Não espere que eu o reconheça por qualquer outro nome.

— Ninguém está pedindo isso a você, mãe — assegurei-lhe, sem conceder nenhum outro olhar a ela enquanto me virava para Dallas. — Você está bem, *baby*?

— Você só pode estar brincando comigo? — Sharon se enfureceu, mas ninguém lhe deu atenção.

Dallas levantou uma sobrancelha, e seus lábios começaram a se contrair enquanto tentava evitar um sorriso.

— Seu nome é Anthony?

Fiz uma careta.

— Era, em um tempo muito distante. Costumava ser Anthony Xavier Huntington. Mas não conseguia ver ninguém me levando a sério no mundo do rock com esse nome, então, encurtei para Axton e acrescentei Cage, e aqui estou. — Pisquei quando seu sorriso finalmente apareceu. — De qual gosta mais?

— Oh, Axton, com certeza. O outro nome faz parecer que devo acrescentar "Terceiro" no final. Desculpe, mas não saio com caras que possuem um número após o nome.

Atrás dela, Austin riu.

— Definitivamente prefiro te ver como Axton, garoto. Combina mais com o homem que conheci, mais do que aquela outra porcaria de nome.

— Bem, o mundo é mesmo pequeno. — Tink riu e se mexeu para o lado

de Austin mais uma vez. — Então, meu sobrinho e a sua filha são…? — Austin deu de ombros e ambos começaram a rir novamente. — Então, isso os tornaria primos.

— Quê? — Segurei a mão de Dallas enquanto ela se virava para o pai. Ela parecia tão distraída pelo desenrolar dos fatos que nem pareceu se importar que eu a estivesse tocando. — O que quer dizer com primos?

— Primos postiços, na verdade — Tink esclareceu. — Pelo menos, serão, assim que me casar com seu pai.

— Quando pretendia me contar isso, pai? — Dallas quis saber, soando menos indignada e mais magoada. — Eu nem sabia que você tinha conhecido alguém.

Austin lhe deu um sorriso amarelo.

— Desculpe, querida. Eu queria ter certeza de que Tink tinha me levado a sério e desejava a mesma coisa, quando falasse com você. Mas não se preocupe. O casamento só será no próximo ano, então, vocês duas têm muito tempo para se conhecerem.

— Esse não é o problema. Você não me disse nada, pai. Não sei nada sobre o que está acontecendo na sua vida. E como sabe que esta mulher não é igual à minha mãe? Minha mãe era meiga e inocente até você se casar com ela, e logo se transformou em um monstro de primeira linha. Igualzinha à piranha ali. — Ela acenou para Sharon, que lhe deu um olhar endemoniado arrepiante, fazendo-me roncar enquanto lutava para conter o riso. É, não deveria ter me preocupado de jeito algum com Dallas e minha mãe.

O som da campainha interrompeu o que Austin estava prestes a dizer em defesa de Tink. Em vez disso, foi Tink que deu um passo à frente, com um sorriso no rosto, que permanecia bonito. Eu tinha sorte de ter puxado a parte da família do meu pai. Eu me parecia mais com Tink do que com Sharon, e por isso sou eternamente grato à fada da genética.

— Sei tudo sobre sua mãe, Dallas. E, embora concorde que se pareça muito com minha querida cunhada, não me considero parecida com elas em

nada. Mas não precisa aceitar minha palavra. Gostaria de conhecê-la e mostrar que não sou como nenhuma das duas.

— Não sei… — ela começou a falar apenas para ser interrompida pela comoção no corredor, um pouco antes de a sala, de repente, ser tomada por um monte de bestas cheias de testosterona. Linc entrou na sala, seguido por Natalie, Zander e Devlin.

Linc estava avaliando a sala, procurando qualquer ameaça a Dallas.

— Você está bem, Dallas? — ele quis saber enquanto se enfiava entre minha garota e eu.

— Estou bem — ela garantiu. — Apenas mais um dia repleto de drama. Nada incomum por aqui.

— Linc — Austin falou, avançando para apertar sua mão. — Bom te ver, filho.

— Sr. Bradshaw. — Em vez de apertar a mão dele, Linc o abraçou. — Tem certeza de que Dallas está bem? Zander disse que, talvez, ela não estivesse, porque a mãe de Axton é uma verdadeira bruxa.

— Eu estou bem aqui, pessoas! — Sharon gritou. — E quero todos vocês fora da minha casa. Agora. Não vou ficar aqui parada enquanto sou insultada por um monte de lixo como vocês.

— Ih, caramba — escutei Linc murmurar, enquanto se afastava o mais rápido possível de Dallas. Segurando Natalie pela cintura, começou a puxá-la em direção à porta. — Corra pela sua vida. Corra pela sua vida.

— Lixo? — A voz de Dallas se elevou para além de um sussurro, enquanto seus olhos se enchiam de raiva pela minha mãe. — Quem está chamando de lixo, sua vaca?

— Dallas… — Austin tentou acalmar a filha, mas sem muito empenho.

— Vocês — Sharon continuou como se ninguém estivesse falando. — Vocês são um monte de lixo, sua idiota repugnante. O quão alto é o seu Q.I.? Não pode ser muito, pelo jeito que continua cortando o final das palavras quando fala. Anthony, por favor, diga que não está planejando se

casar com essa caipira? Esperava ter netos inteligentes o suficiente para manter uma conversa civilizada comigo.

— Cale a boca, mãe — rosnei. — Você não sabe nada sobre Dallas. Ela é uma garota incrível.

— Incrível de cama, obviamente, já que conseguiu chamar sua atenção. Você sempre pensou mais com o pinto do que com a cabeça.

Dallas estava lentamente se inclinando em direção a Sharon. Se não soubesse que minha mãe prestaria queixa mais rápido do que se levantaria do chão depois de receber o soco que Dallas estava preparando, não teria me incomodado em impedi-la. As merdas que saíam da boca da minha mãe eram apenas uma das muitas razões pelas quais nunca tinha tentado entrar em contato com ela ao longo dos anos.

— Até fiquei um pouco desapontada quando terminou com aquela Moreitti. Apesar da má escolha profissional, ela parecia ser uma garota minimamente respeitável. — O corpo de Dallas inteiro pareceu congelar, vi toda sua raiva se esvair. Ela apenas ficou ali parada, obviamente ferida. Droga. Naquele momento, odiei a mulher que tinha me dado à luz mais do que qualquer outra pessoa no mundo. — Pelo menos, ela sabia falar.

O grito que repentinamente encheu a sala, saiu do nada. Todos ficamos atordoados quando Tink recuou de onde Sharon, de repente, estava, no chão.

— Estou tão cansada dessa sua boca. É a minha futura enteada que você está insultando — minha tia rosnou, e quis abraçá-la na hora. — Boa sorte tentando manter este lugar sem mim. E não se preocupe com os cavalos. Eles serão levados daqui até o fim da semana.

Tink se virou para Dallas e passou o braço ao redor de seus ombros antes de levá-la para fora da sala. Dallas manteve a cabeça baixa enquanto passava por mim, Zander, e depois, Devlin. Quis socar alguma coisa quando vi aquele olhar e derrota no rosto da minha garota. Essa não era a Dallas que conhecia e amava. Essa era a garota na qual sua mãe tinha tentado transformá-la. Mansa e indefesa. Sabia que não duraria muito, que estava

apenas machucada, mas nunca mais deveria ter que se sentir assim de novo.

Enquanto saía atrás de suas duas mulheres, Austin se curvou e sussurrou algo que só Sharon pôde ouvir. O que quer que tenha dito fez o rosto dela ficar lívido como a morte. Austin se endireitou e saiu sem dizer nenhuma palavra a mais ninguém.

Esperei até a sala estar livre de todos, e confiar em mim mesmo para me mexer. Havia uma raiva que nunca tinha sentido antes fazendo meu corpo tremer, mas, quando Devlin saiu da sala, já tinha conseguido controlar a maior parte dela. Eu me agachei na frente da minha mãe. Talvez, devesse estar sentindo arrependimento ou mesmo pena da mulher sentada de bunda com o nariz sangrando, mas não consegui me importar.

— Só para você saber, planejo sim me casar com Dallas. Ela é a mulher mais inteligente que já conheci e dez vezes melhor do que qualquer outra mulher que você possa escolher para mim. Ela trabalha duro como enfermeira e não dá mole para minhas bobagens. Eu a amo e não vou deixá-la escapar. É uma pena que, agora que fez até Tink se virar contra você, não tenha mais ninguém, enquanto eu finalmente terei tudo que sempre quis ter.

— Anthony…

— Axton — eu a corrigi automaticamente. — Nunca quis ser Anthony. Ele era o menino que você queria controlar como uma marionete. Sou Axton, o homem que vive sua própria vida de acordo com suas próprias regras. — Fiquei de pé e dei a ela o mesmo olhar de desdém que sempre recebera, desde que tenho memória. — Adeus, mãe.

Capítulo 10

Dallas

Pare de agir como uma caipira, Dallas Diana. Vencedores não cortam o final das palavras. Ombros para trás. Olhos para frente. Não. Não. NÃO. Como pode ser tão burra? Esse jeito de andar não é nada parecido com o que praticamos. Faça de novo. De novo, Dallas Diana, ou vou pegar a escova.

Um dos discursos da minha mãe enquanto ela me forçava a treinar para seus estúpidos concursos de beleza gritava em minha cabeça, e não conseguia me livrar dele. Meu Deus, pensei que já tivesse superado toda essa merda, mas bastou alguns insultos bem colocados para me fazer reviver todo o inferno que minha mãe tinha feito na minha vida.

Tinha começado a suprimir o final das palavras, como a caipira que minha mãe – e agora, Sharon Huntington – dizia que eu era, apenas para irritá-la. Eram as pequenas e quase mesquinhas coisas desse tipo que me mantinham sã enquanto era forçada a desfilar em um concurso de beleza após o outro. Para minha mãe, não importava se eu queria ler um livro, se não queria ser a próxima Miss Estados Unidos. *Esse* era o sonho de Janessa, e como nunca tinha se considerado bonita, ela me fazia competir, vivendo-o indiretamente através de mim.

Quando ganhei o Miss Teen Estados Unidos, aos catorze anos, minha mãe ficou feliz de um jeito que nunca tinha visto. Em um ano, eu estava em Paris, modelando, enquanto ela praticamente me matava de fome para viver sua porcaria de sonho. No dia que conheci Harper, finalmente, comecei a sentir como era ter alguém que me aceitava de todo coração.

Então, por que estava deixando um balde de estrume me fazer sentir como se não fosse boa o suficiente? Olhei pela janela da caminhonete do

meu pai enquanto ele dirigia em direção à fazenda de Wroth, furiosa comigo mesma por ter me deixado abalar pelo que aquela maldita me disse. Nada tinha pesado mais do que um grão de sal até ela dizer que preferia ver o filho com Gabriella-Maldita-Moreitii. A garota que tinha estudado em Julliard desde criança. A garota que não tinha nenhuma tatuagem ou piercing em lugar algum. A cunhada perfeita para Sharon Huntington, ou tão perfeita quanto possível quando se tratava de seu filho.

Isso trouxe à tona o fato de que nunca serei *a escolhida* para Axton. Ele amava Gabriella, enquanto eu era apenas uma distração até conseguir conquistá-la novamente. Agora que parecia que ele nunca mais teria isso, de repente, eu me sentia como a segunda melhor opção. Era por isso que Axton estava tão carinhoso nas últimas três semanas. Eu sabia que estava tentando me conquistar novamente, tentando levar tudo com calma, mas como era burra, tinha ficado ainda mais caidinha pelo deus do rock. Com Gabriella apaixonada por outra pessoa, eu era o prêmio de consolação.

Bem, que se lixe tudo isso. Que se lixe Sharon Huntington. Que se lixe Axton.

De jeito nenhum vou deixar isso me derrubar. De jeito nenhum vou correr e esconder o rabo entre as pernas, como aquela vadia queria que fizesse. Quando meu pai parou na frente da casa de três andares, eu estava realmente irritada.

Austin desligou a caminhonete e se virou no banco dele para olhar para mim no banco de trás. Fui empurrada até a caminhonete dele, junto a Tink, quando saímos de Huntington Estate. Não tinha levantado objeções, porque queria estar o mais longe que pudesse daquele lugar, o mais rápido possível.

— Dallas, não deixe o que aquela boca suja disse tomar conta da sua cabeça. Ela não a conhece e, infelizmente para ela, nunca conhecerá. Você é a garota mais forte, inteligente e incrível deste mundo. Eu te amo, querida.

Forcei um sorriso para meu pai.

— Obrigada, pai. Eu também te amo. E não se preocupe. Não vou deixar o que ela disse me incomodar. Neste momento, estou com a raiva do cão,

mas vou superar. Só quero tomar um banho e ficar sozinha. Tudo bem?

— Claro que sim. Se cuide, querida. Tink e eu vamos tirar Raad e os outros cavalos de lá. Mas o que quer que eu faça com Raad? Posso mandá-lo para um estábulo em Nova York, para que possa vê-lo com mais frequência.

— Ainda não sei, pai. Vamos conversar sobre isso depois. Posso até decidir voltar para o Texas. Não há nada que me prenda à Nova York neste momento. Posso achar um emprego no Texas com a mesma facilidade. — Estava mesmo precisando mudar de ares. Ir para casa seria legal.

O rosto de Austin se iluminou.

— Querida, apenas me avise, se decidir que o Texas é onde quer estar, encontrarei uma casa para você. Ou se quiser morar no rancho, construirei uma casa para você. Tudo o que quiser será seu. — Ele olhou para Tink. — Seria muito bom ter minhas garotas juntas desse jeito.

Quando Tink levantou a mão para cobrir a bochecha do meu pai, não pude deixar de, de repente, sentir ciúmes do amor que vi emanar dos olhos de ambos. Droga, queria ter alguém que olhasse para mim desse jeito.

— Qualquer coisa que te faça feliz, meu amor.

Pigarreei.

— Eu aviso vocês. Por enquanto, tenho que aguentar três meses de roqueiros babões. — Eu me inclinei e beijei a bochecha do meu pai. — Te amo, pai.

— Meu amor por você é maior do que o céu, querida. Se cuide.

Prometi a ele que iria, depois, abracei Tink desajeitadamente antes de quase escalar para sair da caminhonete. Enquanto meu pai se afastava, acenei uma última vez antes de subir os degraus da varanda. Natalie e Linc estavam lá me observando, já que voltaram com Zander poucos minutos antes de mim, e Devlin tinha trazido a caminhonete que eu tinha usado para ir até Huntington Estate de volta.

— Há uma tempestade em seus olhos, Dallas — disse Linc com um

suspiro. — Que tal um pouco de espaguete?

Revirei os olhos para ele. Espaguete era o jeito que Linc tinha de me tirar de qualquer mau humor. Tinha funcionado maravilhosamente para Harper quando ela teve que lidar com toda aquela confusão entre a mãe e a meia-irmã. Já eu precisava de algo um pouco mais forte. Talvez, um *José* ou um *Jack*[2]. Mas como tinha um trabalho a fazer, ficar bêbada não iria rolar. Não nesta noite, pelo menos.

2. Bebidas José Cuervo e Jack Daniels

— Adoraria um prato de espaguete — disse ao meu amigo, enquanto entrava em seus braços abertos sem a menor hesitação. Mesmo que fosse tão grande e forte, nem por um dia da minha vida tinha sentido medo de Linc. Quando seus braços grandes e fortes se enrolaram ao redor da minha pequena cintura, fechei os olhos e tentei deixar minha raiva ir embora. Não existia nada como um abraço de Linc Spencer.

Quando outro par de braços me agarrou por trás, uma risada escapou de mim e virei a cabeça pra beijar Natalie na bochecha. Ela não era minha Harper, mas dava para o gasto. Amava Natalie tanto quanto amava Lana, e também a considerava parte da minha família maluca. Surpreendentemente, a risada liberou parte da pressão ao redor do meu coração, e segurei Linc um pouco mais apertado por mais alguns segundos.

Axton

Não voltei imediatamente à fazenda. Talvez não quisesse responder às perguntas dos meus companheiros de banda. Ou dos amigos de Dallas. A verdade era que não sabia como olhar Dallas nos olhos e dizer o quanto lamentava que a mulher que tinha me trazido ao mundo tivesse sido tão cruel com a mulher que vim ao mundo para amar.

Apenas dirigi o SUV de Wroth por aí até me sentir um covarde e ter que voltar para casa para encarar todo mundo. Era um pouco depois das oito quando entrei em casa. A primeira coisa que chamou minha atenção foi o delicioso e avassalador aroma de tomates com alho. O aroma, por si só, era reconfortante, e relaxei um pouco enquanto entrava na casa silenciosa.

Encontrei todos na cozinha, incluindo Liam, que estava em sua cadeira de rodas, sentados à mesa, comendo de tigelas transbordantes de espaguete. Ninguém estava falando porque tinham a boca cheia. Quando me viram parado à porta, todos pausaram no meio de suas mastigações para se concentrar em mim. Marissa nem hesitou em saltar e correr para o fogão.

— Aposto que está com fome. Junte-se a nós. Linc fez tanto espaguete que vou congelar um pouco e estocar no ônibus, assim, teremos algumas refeições decentes na estrada.

Peguei a tigela de macarrão com um molho espesso de carne e me sentei à mesa. Só restava mais um lugar livre, entre Devlin e Wroth, então, eu me sentei e agarrei uma fatia de pão de alho da cesta à minha frente. Enquanto abocanhava o espaguete mais gostoso que já comi em toda a minha vida, meus olhos foram diretamente para Dallas.

Ela me deu uma rápida olhadela antes de voltar sua atenção para a comida. Esse pequeno olhar me disse muito, e não tinha mais certeza se conseguiria detonar a refeição à minha frente. Minha mãe tinha conseguido atingi-la, bem onde queria. Como ela sabia que Gabriella era a chave para destruir toda a proximidade que tinha trabalhado tão duro para conseguir com Dallas nas últimas três semanas? Como ela sabia que, com algumas poucas frases cruéis, abriria a ferida que estive tentando curar pelo que já parecia uma eternidade?

E como raios eu consertaria isso?

Capítulo 11

Dallas

Nunca tinha estado em um ônibus de turnê antes. Sei que é algo surpreendente, considerando que duas das minhas amigas mais próximas eram casadas com roqueiros. E que tinha namorado um roqueiro de verdade por vários meses.

Quando dois ônibus, que mais pareciam mamutes, pararam na frente da casa de Wroth, fiquei chocada e sem palavras por alguns minutos enquanto processava. Não era o que estava esperando, isso era certo. Esperava algum tipo de adesivo nos ônibus que os anunciassem como as cavernas do sexo da OtherWorld. Mas não havia.

Os ônibus eram das cores preto e cinza, sem adesivos à vista que anunciassem quem estava a bordo. Com pelo menos trezes ou quinze metros de cumprimento, janelas escuras, e motores que rosnavam poder, eram quase intimidantes. Quando segui Wroth e Marissa até o ônibus que seria minha casa pelos próximos três meses, fiquei ainda mais chocada. Talvez estivesse esperando carpetes desgrenhados nas paredes e colchonetes para dormir. Vai saber, mas a realidade era bem diferente do que tinha estado na minha mente.

Assim que entrei no ônibus, encontrei a cabine do motorista, separada do resto do ônibus por uma porta. Passando por aquela porta, encontrei uma sala de estar. Uma verdadeira sala de estar. Carpete no chão, abajur nas mesas de apoio, um sofá longo e reclinável, e até uma televisão de tela plana pairava no canto, já ligada em algum canal de notícias, o que me fez perceber que já deveria estar conectada a alguma assinatura por satélite. Havia uma mesa com porta-copos, bem como assentos corridos, em cada canto.

Caminhando pela sala, cheguei a um corredor estreito com portas fechadas em cada um dos lados. Curiosa, abri a porta da direita, e encontrei uma despensa cheia de alimentos não perecíveis. Virando, dei uma espiada na porta atrás de mim, e encontrei um banheiro e uma pequena pia com apoio de mão. Quase ri em voz alta ao me imaginar viajando pela interestadual, a 70 quilômetros por hora, segurando-me no corrimão para não cair no banheiro enquanto me aliviava.

Passando pelo corredor estreito, havia uma porta, à qual deslizei para encontrar o que Liam tinha descrito como “os poleiros”. Três beliches de cada lado e cortinas individuais e cinzentas que cobriam cada uma das camas. Abrindo uma das cortinas do beliche do meio, vi que as camas eram novinhas em folha e estavam arrumadas com lençóis brancos e mantas macias.

Jogando minha mochila na cama, continuei explorando. Outra porta apareceu no meu caminho, e eu a abri para encontrar uma pequena cozinha. Bem pequena. Apenas uma pia, um pequeno fogão e uma enorme geladeira, que ocupava a maior parte do espaço. Dei de ombros e continuei andando.

Outra porta, que presumi dar para o final do ônibus, levou-me ao que veio a ser um quarto. Havia um chuveiro no canto, com um box fosco, que permitia um pouco mais de privacidade. A cama era de casal e já estava arrumada para Liam. O resto do quarto tinha sido equipado para ser uma sala de fisioterapia. Todas as coisas que Linc disse precisar para a terapia de Liam tinham sido fornecidas junto a alguns pesos extras que sabia que Linc apreciaria, porque não poderia fazer seu treino diário como de costume. Nas últimas quatro semanas, tinha corrido pela fazenda, e quanto aos pesos, tinha começado a levantar animais aleatórios sobre a cabeça. Quando isso não lhe parecia suficiente, levantava Natalie e eu sobre a cabeça. Quis adicionar Marissa à pilha, mas ela tinha algum problema com alturas, e ficava muito nervosa.

— O que você acha?

Terminei de examinar o armário e encontrei Linc ajudando Liam a entrar na sala. Abri um sorriso que quase alcançava meus olhos para Liam,

virando-me novamente para o guarda-roupa que já continha todas as suas roupas penduradas. Meu sorriso raramente chegava aos meus olhos ultimamente. Por mais que quisesse deixar Sharon Huntington no passado e seguir em frente, ela permanecia, substituindo alguma das memórias de minha mãe por um material novinho em folha, que se repetia na minha cabeça.

— Não estava esperando por isso — disse, enquanto fechava a porta do armário e virava para tentar acomodá-lo confortavelmente. Não era ridiculamente cedo, porque nós só teríamos que chegar à Florida às nove horas daquela noite. Panamá era a primeira parada do ônibus, e a OtherWorld só estava escalada para subir aos palcos às nove horas, o que nos dava bastante tempo, pelo que Natalie tinha me dito.

Liam riu enquanto se sentava na cama, depois, puxava a perna para o colchão.

— Aposto que não. Mas este é o ônibus sem graça. Emmie não teve tempo de conseguir deixá-lo como nosso ônibus original realmente é.

— Como assim?

— Bem, tenho certeza de que a geladeira não tem nada além de energéticos e refrescos para a viagem, e acho que isso não vai mudar. Então, se quiser algo mais forte, confira o ônibus da tripulação. No outro ônibus temos uma pilha de videogames já que, em nosso tempo livre, não fazemos nada além de jogar. Sério, há todos os consoles conhecidos pelo homem, com todos os jogos feitos para cada um deles. Nós os compramos mesmo antes de serem colocados à venda, porque Zander tem um contato. — Ele encostou a cabeça no travesseiro e riu para o teto. — Há duas televisões de tela plana na sala de estar, porque ela é muito maior do que essa. Todo mundo brigava pelo quarto, então, nós o retiramos, e todos dormem nos poleiros. Já tentou transar com uma garota em uma dessas coisas?

— Não posso dizer que sim — garanti a ele, secamente.

Ele bufou.

— Pois é, é desconfortável pra caralho. Mas o banheiro é maior por causa

da ausência de quarto, e o box é duas vezes mais amplo do este aqui.

— Parece divertido — Linc disse enquanto verificava seus equipamentos de fisioterapia. — Dallas, precisa que eu traga mais alguma coisa? Eu guardei sua bagagem embaixo do ônibus e coloquei seus travesseiros na cama.

— Tudo certo. Obrigada por me ajudar. — *Obrigada por me ajudar a correr para o ônibus para não ter que falar ou ver ninguém mais* – era o que realmente queria dizer. Linc assentiu, deixando-me saber que tinha escutado o que realmente quis dizer com aquele obrigada. Essa era uma das pessoas com a qual podia contar. Linc estava empatado no segundo lugar de melhor amigo do mundo inteiro com Lana, minha segunda melhor amiga, apesar de só nos termos conhecido quando ela se mudou para Nova York, para fazer faculdade, há alguns anos. Linc tem estado ao meu lado pelo mesmo tempo que Harper, e ele me conhecia melhor do que eu mesma. Às vezes.

Estive evitando todo mundo nestas últimas semanas, até mesmo Linc e Natalie. Teria até mesmo evitado Liam, se não fosse sua enfermeira. Era meio difícil evitar alguém quando você estava encarregada de garantir que esse alguém tomasse todos os remédios e fizesse uma dúzia de outras coisas que precisava fazer. Felizmente, se Liam tinha percebido que estava diferente, não tinha comentado nada. Não estava preparada para falar sobre o que estava se passando em minha mente. Não sei se algum dia estaria. Se Harper estivesse aqui, já teria me forçado a conversar sobre o tema e, pela primeira vez, estava agradecida de que estivesse na Costa Oeste com seu marido roqueiro ex-mulherengo.

Todos estavam subindo nos ônibus agora. Escutei Natalie gritando do lado de fora do ônibus, mandando todos se apressarem. Eu tinha uma cópia do cronograma da próxima semana e sabia que ela se certificaria de que tudo fosse seguido à risca. Natalie trabalhava duro para Emmie e sempre se esforçava para garantir que Em nunca se arrependesse de tê-la contratado mesmo que não tivesse experiência alguma.

Nossa primeira parada era Panama City Beach, e depois, Orlando, para tocar no *Hard Rock Café* da *Universal Studios*. Logo, subiríamos rumo a

Geórgia, para algumas paradas. Isso era tudo que sabia, mas presumia que depois iríamos para a Carolina do Sul, seguido pela Carolina do Norte, e assim por diante, já que a turnê era nos estados da Costa Leste.

Da parte da frente do ônibus, ouvi Marissa e Wroth se instalando, e quando tive certeza de que Liam estava instalado, fui me juntar a eles, porque senti o aroma de café. Estava me sentando no sofá quando o ônibus começou a se mover. Natalie me mandou uma mensagem avisando que deveria descansar agora, já que quando chegássemos ao local seria uma loucura. O mais provável era que os caras quisessem ir a alguma boate depois do show e, se Liam quisesse ir, eu deveria acompanhá-lo. Não que fosse recusar uma noitada na boate. Mataria por uma noite de folga, apenas dançando e bebendo alguma coisa.

Duas horas após o início da viagem, Wroth foi tirar um cochilo, deixando-me sozinha com Marissa, já que Linc também estava dormindo. Passamos as próximas horas pintando as unhas, e finalmente tive tempo de fazer o que estava doida para fazer desde que vi os longos, gloriosos e escuros cabelos de Marissa pela primeira vez. Havia tanto cabelo, e ele era tão sedoso, que demorou uma eternidade para trançá-lo, mas assim que terminei, estava lindamente arrumado em uma trança lateral de escama de peixe.

Enquanto trabalhava em seu cabelo, quis perguntar sobre o que estava acontecendo entra ela e Wroth. Durante o último mês, tinha visto coisas que me deixaram com uma pulga atrás da orelha no que diz respeito à relação dos dois. Como o olhar torturado de Wroth, sempre que ela estava distraída. Ou a saudade no olhar de Marissa, quando ele estava de costas. A forma como Wroth era tão gentil com Marissa, mesmo quando era de conhecimento público que odiava as mulheres e não era exatamente gentil quando se tratava de sexo. Mais de uma das mulheres com quem tinha passado a noite tinha vendido suas histórias para os tabloides, que pagavam grandes fortunas para saber sobre suas sórdidas aventuras na cama de Wroth Niall.

Sabia que não havia nenhum relação de sangue entre eles, então, estava

muito curiosa para saber qual era a história por trás do relacionamento dos dois. Mas mantive a boca fechada sobre esse assunto, não queria deixar Marissa constrangida no caso de não se sentir à vontade para falar comigo sobre isso. Ela era muito doce para que eu a colocasse em uma situação desconfortável.

Já era quase a hora do almoço quando o motorista do ônibus me surpreendeu ao parar. Alguns minutos depois, a porta se abriu e Natalie entrou na sala de estar. Levantei o olhar do filme que estávamos assistindo e franzi a testa para ela.

— O que aconteceu?

— Liam e Wroth precisam ir para o outro ônibus para que possam repassar a lista de músicas desta noite. Não haverá tempo quando chegarmos lá. — Ela se jogou no sofá ao meu lado. — Lembre-me de pesquisar "pegadinhas", no *Google*, mais tarde. Tenho que encontrar algo para me vingar de Zander e Devlin.

— O que fizeram com você? — Marissa pediu espaço para se sentar no chão onde começou a acrescentar alguns bonitos detalhes artísticos nas unhas dos pés. — Eles cobriram a privada com filme plástico para que fizesse xixi em si mesma, quando tudo escorresse para suas calças em vez de para o vaso?

Natalie fez um barulho de angústia e cobriu o rosto com as duas mãos.

— Como soube?

— Aconteceu comigo quando eu tinha dezessete. — Ela sorriu e balançou a cabeça. — Não se preocupe. Aprendi algumas coisinhas ao longo dos anos. Ajudarei a se vingar deles.

— Promete?

— Com certeza. — Marissa se levantou e mancou até a cadeira reclinável para não estragar sua obra de arte. Um pouco depois, Linc ajudava Liam a passar pelo corredor enquanto Wroth vinha atrás deles. Eu os vi sair do ônibus, esperando impacientemente para que voltássemos à estrada.

Linc finalmente voltou para o ônibus.

— Liam quer você no outro ônibus com ele, Dallas.

— Ele não deveria precisar de mim lá — resmunguei. Eu não queria ir para o outro ônibus. Não queria estar perto de Axton. Tinha trabalhado duro para não estar perto dele durante quase uma semana inteira. O que significava que nosso tempo a sós, tarde da noite, também não tinha acontecido. Algo que não me decepcionava, e que eu nem desejava mais. Nem desejava. Nem. Desejava.

— Ele só me disse para te mandar arrastar esse eu traseiro até lá. Todos parecem estar com um baita mau humor. — Linc franziu a testa, como se estivesse interrogando Natalie. — Você ficou mijando em todo mundo esta manhã?

Ela mostrou o dedo a ele.

— Cale a boca, seu maromba. Se há alguém que deveria estar de mau humor, esse alguém sou eu. Tive que trocar minhas roupas e limpar uma grande poça de xixi.

Uma buzina veio do outro ônibus e murmurei um xingamento quando me levantei.

— Malditos astros do rock. — Desci pelas escadas e corri para o segundo ônibus, porque não tinha levado meu casaco. Assim que subi a bordo, o motorista fechou a porta e dei uma boa encarada nele antes de entrar para a sala de estar.

Cinco roqueiros e um mini roqueiro estavam sentados nos dois longos sofás e nos dois bancos reclináveis. Coloquei as mãos nos quadris enquanto dava uma olhada na sala. Não havia lugar algum onde eu pudesse me sentar, já que Liam e seu gesso ocupavam a maior parte de um dos sofás.

— Por que tenho que vir com você? Seu remédio é só daqui a algumas horas.

Liam deu de ombros.

— Gosto de ter você por perto. — Quando levantei uma sobrancelha para

ele, seu olhar foi para Axton, que estava sentado no final do mesmo sofá que ele. — Nós dois gostamos de ter você por perto.

— Vá se foder — cuspi, antes de empurrar Zander para fora de uma das poltronas reclináveis, para que pudesse me jogar nela. Puxei a trava e apoiei meus pés enquanto a banda começava a se aquecer ao meu redor.

Wroth e Liam estavam com suas guitarras, enquanto Zander tinha um teclado portátil à sua frente, com sua própria guitarra ali perto. Devlin estava com alguns instrumentos de percussão ao seu redor, mas nada muito volumoso, e me perguntei como obteria o efeito que precisava. Não precisei me perguntar por muito tempo, porque com as baquetas em mão, ele começou a me deixar sem fôlego com o modo com o qual conseguia fazer o pouco que tinha à sua frente ganhar vida de um jeito que nunca tinha visto antes na vida.

Nunca tinha me impressionado com bateristas antes. Para mim, eles ficavam ali apenas para manter o ritmo do resto da banda. Nada tão difícil assim. Mas ver Devlin, com a paixão que parecia fluir quando tocava, foi quase revigorante para mim. De repente, consegui ver exatamente o que tinha chamado a atenção de Natalie, e por que ela estava tão apaixonada por este homem bonito de cabelos compridos.

A banda ensaiou três músicas, e tentei manter meus olhos longe da direção que os levava até Axton. Tentei impedir que meu coração batesse com força contra meus pulmões, enquanto o timbre potente, mas suave, de sua voz me inundava. E claro que não tinha funcionado, não importava o quanto tivesse tentado. No final da primeira música, minha calcinha já estava molhada. Antes da segunda música começar, eu já era um poço de desejo pelo homem que não fazia bem à minha sanidade.

Quando a terceira música tinha acabado, minha mente estava nublada de tesão, e eu me contorcia em meu assento. Minhas bochechas esquentaram quando senti seu olhar sobre mim, sabendo que ele sabia que tinha conseguido me afetar completamente. Ousei olhar em sua direção e encará-lo, mas quando meus olhos encontraram os seus, vi o mesmo desejo que queimava por mim.

Rapidamente olhei para longe. Nada bom. Nada bom. Quando ele me olhou daquele jeito, eu me senti fraca. Minha determinação de me manter distante dele era agora inexistente. Minha cabeça tinha sido tomada por ideias malucas, das quais me arrependeria assim que a névoa cheia de desejo evaporasse.

Preciso manter distância. Preciso manter distância. Preciso. Manter. Distância.

Eu não conseguiria manter distância.

Estar nos bastidores de um show era algo novo para mim. Nunca estive em um show de verdade antes. A loucura dos bastidores me fez sentir dor cabeça e não sabia como Natalie conseguia monitorar tudo o que tinha que fazer, mesmo que Emmie a estivesse ajudando, falando pelo *Bluetooth* aparentemente preso de forma permanente ao seu ouvido desde o momento que saiu do ônibus.

A OtherWorld tinha exatamente meia hora para se arrumar no camarim antes de subir ao palco. Toda a equipe de assistentes já havia chegado bem antes de nós e estava montando o palco desde o momento em que os dois shows de abertura tinham sido finalizados. Fui com Linc, que ajudava Liam a ser preparar, só para ter certeza de que ele estivesse confortável.

O camarim tinha sido montado com um pequeno buffet de sanduíches, frutas e legumes. Peguei algumas tiras de cenouras e salsão enquanto Linc ajudava Liam a se vestir. Atrás de mim, quatro outros homens se despiam e se vestiam com jeans, novas camisetas da OtherWorld e botas coturno. Eles não pareciam se importar com o fato de eu estar na mesma sala que eles, e eu não sentia remorso algum ao ver suas partes masculinas. Eu era enfermeira, e nudez não me abalava.

Mentirosa, *uma voz no fundo da minha mente sussurrou ironicamente.* Você estaria tão ferrada se visse as partes de Axton agora mesmo.

Revirei os olhos para minha voz interior e enfiei um morango na boca, desejando calá-la de uma vez, antes que acabasse me estrangulando só para mantê-la quieta.

Natalie entrou no quarto e congelou no lugar quando percebeu que todos os caras estavam basicamente pelados, então, rapidamente se virou. Seu rosto estava vermelho vivo e seus olhos, selvagens. Mordi meu lábio ao ver sua reação. Honestamente, não saberia dizer se ela era virgem ou não, embora tivesse certeza de que Linc estaria por dentro desse pequeno detalhe devido à quantidade de tempo que vinham passando juntos ultimamente. Linc e Nat iam a boates o tempo todo, mas nunca tinha ouvido nada sobre ela ir para a casa de algum cara, e nunca havia homens estranhos andando pelo apartamento – a menos que contássemos os caras com quem Liam passava a noite. Mas agora, isso raramente acontecia.

Pigarreando, Natalie focou em mim. Suas mãos tremiam um pouco quando me entregou um passe para os bastidores. Eu o coloquei na parte de baixo da minha camiseta, dando-lhe alguns segundos para se recompor. Quando levantei a cabeça, fingi não perceber a mudança nela.

— Para onde preciso ir? Devo voltar para o ônibus? Ou fico aqui, caso Liam precise de alguma coisa?

— Você ficará nos bastidores com Marissa. — Axton chamou e me virei para encontrá-lo apertando o cinto. Ele se jogou em uma cadeira e começou a amarrar as botas. — Se alguém começar a encher seu saco, me avise. Os funcionários sabem que você estará com a gente. Isso não significa que a segurança do local não possa lhe causar algum problema. O passe vai deixá-los saber que está com a banda, mas esses caras podem ser verdadeiros brutamontes às vezes.

Dei de ombros, decidindo não discutir, porque tampouco tinha um argumento válido em mão. Peguei mais algumas cenouras. Não estava com fome, só precisava de algo para me manter ocupada, e manter meus olhos longe das coisas que não eram da conta deles.

— A equipe já fez as checagens de som. Vocês têm mais cinco minutos

antes de subir ao palco — Natalie os informou, enquanto se virava, mas mantinha os olhos em algo um pouco abaixo do teto. — Emmie disse para me certificar de que todos estejam hidratados. Especialmente você, Ax.

— Deixe algumas garrafas d'água do lado do palco. E estarei bem. — Ele se moveu para a mesa, onde uma caixa térmica estava cheia de garrafas de água no gelo. Pegando três delas, ele as entregou a mim. — Obrigado, *baby*.

Claro que minha boca estava cheia de cenouras, e não consegui mandá-lo segurar suas próprias águas. Eu o encarei, mas não devolvi as garrafas, mesmo que uma visão na qual abria cada uma das garrafas e derramava cada gota gelada em sua cabeça tivesse tomado conta de mim de repente. Vendo meu olhar de exasperação, Axton piscou, molhando minha calcinha instantaneamente.

Quatro minutos depois, segui a banda até o palco, mas fiquei atrás das cortinas para que ninguém, além da banda, pudesse me ver, caso olhasse naquela direção. Marissa e Harris já estavam lá. Nenhum deles parecia impressionado com o que estava acontecendo ao seu redor, e me dei conta de que isso fazia parte da vida deles há tanto tempo que era quase uma segunda natureza para eles.

Do lado de fora, em frente ao palco, o nível do barulho era moderado. As pessoas estavam começando a retornar aos seus assentos depois de terem ido ao banheiro ou buscado bebidas novas. As cortinas ainda estavam abaixadas, então, não sabiam que a banda já estava no palco. Um MC de uma conhecida rádio local subitamente subiu ao palco em frente às cortinas, e fez os fãs gritarem.

Coloquei os dedos nos ouvidos quando o barulho começou a ficar insuportável, e Harris me ofereceu alguns tampões de ouvido. Com um sorriso de agradecimento, coloquei-os na mesma hora que a bateria e a guitarra de Wroth atingiram um volume desconfortável até mesmo para quem estava com os tampões. Se os fãs estavam gritando por causa do MC, agora, estavam rugindo enquanto as cortinas se levantavam, e Axton cumprimentava a todos.

— Panama City Beach! — ele gritou, e todo mundo no centro de convenções gritou a plenos pulmões.

Isso era tudo o que ele precisava fazer para chamar a atenção deles. Três pequenas palavras. Eu me perguntava se as palavras importavam ou se era apenas o som de sua voz. Para mim, ele poderia estar dizendo coisas aleatórias: areia macaco nuvem. As palavras não importavam. Era o homem por trás das palavras que chamava sua atenção e te capturava, até que ele mesmo decidisse que era hora de ir. Os tampões de ouvido não diminuíam seu magnetismo. Duvidava que essa atração fosse diminuir mesmo se eu fosse surda.

Pelos próximos trinta minutos, meus olhos estavam grudados no palco, enquanto assistia à sua performance. Ele era magnífico, com suor escorrendo pelo rosto e peitoral, que arfava, enquanto encantava a todos. Quando a próxima música tinha terminado, ele deixou o palco e caminhou em minha direção. Como uma tola, ofereci uma garrafa d'água.

Com um sorriso malicioso, ele a pegou e engoliu todo o conteúdo em dois goles sedentos. Quando lhe ofereci uma segunda garrafa, ele balançou a cabeça, mas não voltou ao palco.

— Ax…?

Seu nome ainda estava em meus lábios quando agarrou meus quadris, empurrando-o contra o dele. Minha respiração sumiu de repente, porque eu sabia o que estava por vir antes que seus lábios tivessem tocado os meus, e um gemido balbuciante antecipasse sua boca quente devorando a minha.

O beijo mal durou alguns segundos, mas todo meu corpo pegou fogo, ficando tão quente que não sei explicar como meus sapatos não derreteram. Eu me agarrei a ele, subitamente não ligando para o fato de ele ter me feito ser tão estupidamente fraca ou para o fato de não ser a mulher que ele amava. Que se dane o amor. A luxúria era tão boa quanto. Certo?

— Vou voltar. Espere por mim — ele ordenou, antes de correr de volta para o palco.

E eu só fiquei ali, tentando encher os pulmões com o ar que ele tinha

roubado de mim. Junto com todo o meu juízo.

Capítulo 12

Axton

Nunca me interessei por todo esse cenário de drogas. Claro que tinha provado algumas delas quando a banda começou. Tinha sido um idiota curioso. Mas uma vez foi mais que suficiente para mim. O álcool também não era algo que gostasse tanto assim. Algumas cervejas eram tudo o que realmente tomava, junto a algo mais forte quando o humor exigia.

Entrar no palco, apresentar para milhares de fãs, ouvi-los gritar OtherWorld uma e outra vez… Isso era o que me deixava chapado. Esse era meu vício. No final do show, meu sangue estava fervilhando e meu pau estava duro como pedra. Tudo bem, talvez, meu pau estava tão duro por causa do beijo que roubei de Dallas no meio da apresentação.

Quando saí do palco, ao som da plateia pedindo bis, mesmo que já tivéssemos tocado três músicas extras, eu me sentia como um fio elétrico prestes a irromper em um curto-circuito. Tudo o que queria eram cinco minutos a sós com Dallas. Cinco minutos eram tudo que precisava para nos fazer decolar. A primeira vez. Esta noite planejava fazê-la implorar por mais de um orgasmo.

Alguém me jogou uma toalha enquanto caminhávamos para o camarim. Limpei o suor do rosto e atirei a toalha ao redor do meu pescoço antes de aceitar uma garrafa de suco de Natalie. Minha garganta estava machucada de tanto cantar e gritar junto aos fãs e, como de costume, não queria falar muito imediatamente. Precisava de uma xícara de café quente para acalmar minha garganta e cordas vocais antes de falar novamente.

Quando voltamos para o camarim, havia um café inteiro esperando por mim. Em vez de ir até o chuveiro, fui direto até a mesa para encher uma xícara. Depois de adicionar quatro colheres de açúcar, engoli metade do

café de um gole só. Senti que tinha escaldado o interior do meu peito, mas a sensação de que minha garganta estivesse sangrando passou. Beber água fria me ajudou a acalmar qualquer queimação remanescente.

— Emmie disse para mandar mensagem para ela quando tiver um minuto — Natalie me disse, enquanto eu puxava a camisa encharcada de suor sobre minha cabeça.

Olhei para o relógio preso à pulseira de couro que tinha começado a usar em dezembro. Tinha sido um presente de Natal de Emmie, e eu raramente o tirei nesses últimos dias. Vendo que não era tão tarde quanto tinha imaginado, suspirei.

— Cuidarei disso assim que sair do banho.

— Não há pressa — Natalie me assegurou. — Não acho que seja sobre trabalho. Ela teria dito alguma coisa se fosse.

Devlin saiu do chuveiro com uma toalha enrolada na cintura, e seu longo e escuro cabelo pingava por todo lado.

— Marissa e Harris voltaram para o ônibus?

— Com Wroth e Dallas — Natalie confirmou com um tom novo e firme em sua voz, fazendo minha cabeça virar e minha testa franzir para ela. A maneira como brilhava para Devlin me fez sorrir enquanto ia para o banheiro.

— Ótimo. Vou me vestir e voltar para o ônibus para que Rissa possa ir a boate com todos. Não estou com vontade de sair hoje.

— Está doente?

— Apenas cansado, Nat.

— Se você diz… — Ela foi para a porta. — Vou ver se ela quer ir. A limusine está esperando lá na frente, quando estiverem prontos.

Antes de entrar no chuveiro, enfiei a cabeça de volta no camarim.

— Certifique-se de que Dallas irá.

— Ela irá. Pode acreditar. Dallas está ansiosa por alguns drinks e um pouco de dança. — Natalie estreitou os olhos para mim. — Não se meta

com ela esta noite, Axton. Não vejo problema algum em chutar sua bunda se o fizer.

— Talvez ela queira que ele se meta com ela hoje — Liam disse enquanto saía do chuveiro com a ajuda de Zander. — Deixe que Dallas decida. É assunto dela e de mais ninguém.

Com um olhar assassino para Liam, Natalie abriu a porta e depois a bateu atrás dela. Fiz uma careta antes de acenar a Liam em agradecimento. Desde o acidente, Liam e eu nos aproximamos. Foram as noites nas quais tinha ficado conversando com ele até que adormecesse no hospital, e depois, permanecido por lá até o dia seguinte só para me encontrar com Dallas. Nessas poucas semanas, tínhamos criado um laço de amizade maior do que em quinze anos como companheiros de banda.

Durante essas noites, confessamos coisas que nenhum de nós teria dito em outras circunstâncias. Conversamos sobre nossos relacionamentos com Gabriella, e garanti que nunca tinha estado apaixonado por ela. Quando não havia mais nada a ser dito sobre a marrenta roqueira italiana, as coisas tinham ficado um pouco mais sérias, e passamos a Dallas. Liam era leal a ela, porque Dallas tinha sido a única a ajudá-lo durante um período no qual desesperadamente precisava de um amigo. Eu tinha me sentido muito envergonhado de não o ter apoiado, mas Liam tinha entendido, e garantiu que não havia ressentimentos.

Foi Dallas quem nos aproximou durante aquelas longas noite em que Liam não podia encontrar uma posição confortável para dormir. Ele começou a recusar os remédios para dormir assim que teve a chance, e exigiu medicamentos para dor menos potentes. Estava levando o tratamento de sua dependência química muito a sério desta vez, e eu me sentia orgulhoso dele. Conversávamos até Liam cair de sono de pura exaustão, e eu vigiava meu amigo, ficava lá não só para ver Dallas, mas, também, para o caso de ele acordar e precisar conversar novamente.

Liam parecia ter traçado como um de seus objetivos me ajudar a conquistar Dallas novamente, e eu era grato de ter pelo menos um dos amigos dela do meu lado.

— Obrigado, cara.

— Espero ser o padrinho — disse Liam, sorrindo enquanto puxava uma camiseta limpa sobre a cabeça. — Você sabe, *se* algum dia você conseguir chegar tão longe assim.

Liam voltou para o ônibus, mas Wroth, Marissa, Dallas e Linc já estavam esperando na limusine quando entrei com Zander, trinta minutos depois.

— Cadê a Nat? — Zander perguntou enquanto fechava a porta atrás dele.

— Ela disse que estava com dor de cabeça — Dallas o informou. — Tente não ficar de coração partido.

— Maldito Dev! — Zander rosnou baixinho antes de puxar o celular e começar a digitar algo de um jeito raivoso.

Eu me estiquei para trás e dei uma batidinha com os dedos na divisória que nos separavam do motorista, deixando-o saber que já estávamos prontos para sair. Momentos depois, entramos no trânsito rumo ao Clube La Vela. Toda vez que chegávamos em Panama City, íamos ao Clube La Vela. Sempre era uma experiência diferente, com todos aqueles ambientes temáticos e bares diferentes. E enquanto nos mantivéssemos à sombra, poderíamos ficar no anonimato pelo tempo que quiséssemos.

Enquanto a limusine se movia, deixei meus olhos recaírem sobre a linda loira diante de mim. Dallas estava vestida para matar, com uma saia a um mero milímetro de mostrar ao mundo aquela bunda que eu tanto adorava. O top era azul-bebê, combinando com seus olhos, os saltos altos e finos, um dos meus pares favoritos desde quando ficamos juntos pela primeira vez, há alguns anos. Eu os comprei para ela assim que a vi olhar para eles enquanto passeávamos pela Quinta Avenida. Não tinha olhado por muito tempo, mas vi a expressão em seu rosto antes que pudesse desviar o olhar.

Naquela noite, depois de usar esses sapatos em uma boate da qual o nome nem me lembro mais, ela os manteve enquanto fazíamos amor na

minha cama.

Percebendo meu olhar vidrado em seus sapatos, Dallas levantou o pé, fazendo a tornozeleira que estava usando brilhar na iluminação fraca da limusine.

— Gosta? — assenti bobamente, porque minha boca de repente ficou tão seca quanto um deserto. — Um deus do rock comprou para mim. Provavelmente deveria ter jogado fora, mas por algum motivo não consegui. Eles são bonitos demais para isso.

— Esse deus do rock tem um ótimo gosto — rosnei, pegando seu tornozelo e colocando-o no meu colo para que pudesse inspecionar a tornozeleira que ela estava usando. — Onde conseguiu isso? — quis saber, com um tom mais áspero tinha previsto. Parecia cara, e o pequeno pingente, que reconheci por ser igual a tatuagem na parte de trás de seu pescoço, estava me dizendo que se tratava de um presente pessoal, quase íntimo.

— Um gostosão me deu de Natal. — Quando meus olhos se estreitaram para ela, Dallas sorriu. — Foi a Harper.

Relaxei e comecei a fazer pequenos círculos ao redor da tornozeleira.

— Fica bem em você.

Eu a senti estremecer, e sua perna se arrepiou, enquanto passava minhas mãos em suas panturrilhas. Um instante depois, puxou o pé para longe e se acomodou no assento.

— Dá para cortar a tensão sexual aqui com uma faca. — Zander guardou o celular. — Acho que vou tomar algo bem forte e encontrar algumas gatas para tirar minha cabeça dessa merda. — A limusine parou na frente da boate, e ele pulou fora antes que o motorista pudesse abrir a porta para nós. — Até mais tarde, otários.

Wroth saiu em seguida e ajudou Marissa e Dallas a descer, antes de se dirigirem para a área VIP. Essa parte da boate era praticamente deserta, exceto pelo brutamonte parado com uma prancheta e um fone nos ouvidos. Depois que Linc saiu, finalmente me mexi e fechei a porta atrás de mim. O ar úmido da Flórida encheu meus pulmões, mas não fez nada para ajudar a

aliviar minha dor. Dallas tinha me deixado duro como titânio, e não tinha como dançar esta noite sem me machucar.

O brutamonte disse alguma coisa a Wroth, mas seus olhos estavam grudados em Dallas. Seus olhos, que pareciam brilhantes em sua enorme cabeça oca, olhavam para ela de cima a baixo, parando estrategicamente em todas as melhores partes, que eu pretendia tocar mais tarde, sempre que uma oportunidade se apresentar nesta noite, e em todas as outras noites depois disso.

— Ei, babaca. — Dallas olhou para o brutamonte, que facilmente a superava em uns noventa quilos, como se fosse um inseto que pudesse esmagar sob seus saltos assassinos. — Meus olhos estão aqui em cima. Se quiser manter os seus na sua cara, sugiro que os direcione para algo que não tenha o nome de outro caro tatuado nele.

Na iluminação fraca, vi como o rosto do brutamonte enrijeceu, deixando como único sinal de seu constrangimento as orelhas, que estavam tão vermelhas quanto o sangue. Ele desviou o olhar e abriu a porta VIP. Marissa abafava uma risada, enquanto Wroth a empurrava para frente dele. Linc entrou atrás deles, mas agarrou o cotovelo de Dallas e a puxou com ele, murmurando algo baixinho que fez Dallas resmungar de volta em tom lamuriento. Enquanto os seguia, lancei um olhar frio ao brutamonte.

Os outros já estavam indo rumo ao bar quando os alcancei. Acenei para o *barman* e pedi para abrir uma comanda com um dos nomes falsos que usava alternadamente, entregando um cartão de crédito com o mesmo nome. Um cara magrelo e de longos cabelos loiros e azuis puxou o cartão e depois o devolveu.

— O que vai ser?

Acenei na direção da sala VIP.

— Mantenha as cervejas vindo, e a água engarrafada também. Por enquanto, tudo o que a senhorita ali quiser.

Dallas se virou de sua conversa com Marissa. Ela levantou uma sobrancelha para mim, mas pediu um ponche de rum ao *barman*. Os olhos

do magrelo estacionaram nela enquanto ela falava, e o rosnado que deixei escapar deve ter soado ameaçador, porque logo desviou o olhar para longe e começou a misturar as bebidas.

— Por favor, diga que ficará bem se eu for em busca de um pouco de diversão — Linc disse do lado de Dallas. — Este lugar está cheio do meu tipo de noite boa.

— Ela vai ficar bem — apressei-me para garantir ao maromba. — E qualquer coisa que quiser tomar, é só pedir ao *barman*. A comanda está no nome de Henry McGill. Não se esqueça que partiremos para o próximo show às seis.

Podia ver as emoções conflitantes no rosto de Linc. Ele queria sair e encontrar um peguete, mas não queria deixar Dallas sozinha comigo. Minha palavra não era suficiente para ele, o que deveria ter me irritado, mas não o fez. Ele só estava cuidando da amiga e eu respeitava isso.

Dallas passou os braços ao redor da cintura dele e beijou sua bochecha.

— Tudo bem. Sabe que posso cuidar de mim mesma. Apenas tome cuidado, ok? Certfique-se da idade do cara e use proteção.

Com um suspiro, Linc pressionou um beijo em sua têmpora e pegou uma das garrafas de cerveja que o *barman* tinha colocado na bancada do bar.

— Mande uma mensagem se precisar de qualquer coisa.

— Não vou precisar de você. Te amo — ela disse, enquanto ele desaparecia na multidão. Ele piscou para ela por sobre o ombro antes de ficar completamente fora de vista.

Marissa, com uma taça de vinho branco em mão, virou-se para puxar o braço de Dallas.

— Dança comigo? Amo essa música.

Pegando sua própria bebida, Dallas tomou dois goles antes de empurrá-la em minhas mãos.

— Encontramos vocês dois depois. Eu e minha garota vamos dançar.

Meus lábios se contorceram, tentando segurar o riso. Ela era tão

avassaladoramente linda, mas agora tinha sido adorável.

— Espere. — Ela levantou uma sobrancelha para mim novamente, e meu corpo respondeu, indicando o quanto gostava de vê-la fazer isso. — Me beije.

Um pouco antes de seus olhos azuis se estreitarem para mim, vi seu calor e desejo. Como se estivesse tomando minha ordem como um desafio, ela se aproximou. Meu corpo pegou fogo quando seu perfume preencheu meu nariz. Meu olhar se centrou em seus lábios, desejando sentir seu sabor com uma necessidade quase desesperante. Como se estivesse em câmera lenta, ela se aproximava. Em seus saltos, estava quase tão alta quanto eu, e mal podia esperar para encontrá-la em um canto escuro, moldando cada centímetro de seu corpo no meu.

Mais e mais perto, seus lábios se aproximaram o suficiente para que sua respiração acariciasse minha boca. Tentei segurar um gemido, mas não consegui quando senti a pitada de rum e suco de abacaxi em seu hálito quente. Seus lábios se inclinaram para frente, satisfeitos ao ouvir meu gemido.

— Ax… — ela soprou meu nome, fazendo meu corpo pulsar. Sua voz e o meu nome equivaliam a uma feroz ereção.

Então, seus lábios percorreram minhas bochechas, e não meus lábios. Com um sorriso malicioso, ela recuou.

— Até mais — gritou por sobre o ombro, enquanto segurava as mãos, agora livres, de Marissa, puxando-a para a pista de dança lotada.

Fiquei ali parado, inspirando profundamente enquanto tentava recobrar o controle sobre o inferno que agora era o meu corpo totalmente em chamas. Ao meu lado, Wroth gargalhou em seu tom de voz assustador, com as mãos ocupadas com sua cerveja e o copo de vinho de Marissa.

— Caramba, ela é provocadora. Quase me deixou com tesão só de observá-la.

Disparei-lhe um olhar frio e tomei um longo gole do ponche de Dallas.

— Vá se foder.

Wroth jogou a cabeça para trás e riu em voz alta, algo que raramente acontecia. Uma parte da minha tensão foi aliviada ao som de sua risada, e tomei outro gole do ponche de rum. Era feminino pra caramba, mas estava delicioso, e acalmou qualquer dor que restava em minha garganta. Revirando os olhos, engoli o resto da bebida, pedi outra para que Dallas bebesse quanto se cansasse de dançar, e deixei Wroth nos conduzir pela sala VIP.

Enquanto esperávamos as garotas voltarem, finalmente peguei o celular do bolso da frente do jeans e procurei o nome de Emmie no meu histórico de mensagens. Não foi uma surpresa ver que nossa última conversa tinha sido esta manhã. Eu falava com ela mais do que com qualquer outra pessoa no mundo, e na metade do tempo estávamos em lados opostos do país.

Eu: *Nat disse para te escrever. Por que você mesma não podia me escrever ou esperar até eu te responder?*

Ela escreveu de volta quase que imediatamente.

Emmie: *Porque sabia que você não o faria a menos que ela o obrigasse. Você estaria muito ocupado perseguindo uma loirinha bonita.*

Eu: *Culpado. Não fique triste. Eu ainda te amo. Mas não conte ao seu marido.*

Emmie: *Ha ha ha. Estou quase certa de que Nik já sabe. Eu também te amo. Como estão indo as coisas? Ela já se jogou em seus braços?*

Levantei o olhar do meu celular quando Marissa e Dallas se jogaram no

longo sofá de couro, entre mim e Wroth. Ela parecia estar se divertindo como nunca. Digitei mais uma mensagem antes de colocar o celular novamente no meu bolso.

Eu: *Quase. Trabalhando nisso. Boa noite, boneca. Eu te amo mais.*

Bebendo seu ponche sedentamente, Dallas apoiou as costas no sofá de couro.

— Quem era?

— Em. — Levei a cerveja aos lábios e dei um longo gole. — Já cansou de dançar ou quer ir comigo a algum dos andares temáticos?

— Vai ter que pedir para o meu encontro.

— Que porra é essa? — Não queria ter soado tão ríspido, mas foi assim que saiu.

Dallas gargalhou e segurou a mão de Marissa.

— Já disse, ela é minha garota esta noite. — Levantou a mão de Marissa, dando uma mordidela em seus dedos, enquanto erguia as sobrancelhas sugestivamente para ela.

Não sei quem gemeu primeiro, eu ou Wroth, mas eu sabia que não era o único afetado pela visão de Dallas chupando os dedos dela. Marissa, parecendo totalmente alheia ao fato de ter se tornado a estrela de algumas fantasias bem selvagens, gargalhou e puxou a mão de volta.

— Vá em frente, Dallas. Divirta-se. Vou ficar sentada aqui, tentando convencer Wroth a me dar algo um pouco mais forte do que vinho.

Meus olhos foram para o meu guitarrista e nossos olhares colidiram. Vi seu olhar, sabia que estava praticamente implorando para que não o deixasse sozinho quando estava lutando consigo mesmo depois do showzinho de Dallas. Wroth podia odiar as mulheres, mas havia uma mulher por quem daria a vida. Uma mulher a quem pertencia completamente. Ele apenas não achava que a merecia, e se continha o

tempo todo.

Mesmo que sentisse pena desse pobre coitado, não perderia a chance de ter Dallas na pista de dança se esfregando em meu corpo como costumava fazer quando estávamos juntos. Com certeza isso fazia de mim um egoísta sacana, mas quem poderia me culpar?

Capítulo 13

Dallas

Tinha certeza de que tinha causado problemas para Wroth e Marissa com minha pequena provocação. Com toda sinceridade, não estava pensando nos dois quando chupei os dedos de Marissa de forma sedutora. Só tinha pensado em fazer Axton me desejar tanto quanto eu o desejava. Fazer seu pau pulsar tanto quanto minha boceta estava pulsando.

Enquanto saíamos da sala VIP em direção a qualquer um dos andares temáticos que Axton quisesse, senti a tensão que deixávamos para trás. Tinha quase certeza de que tinha deixado uma bela donzela aprisionada com uma besta excitada na sala VIP. Felizmente, sabia que Wroth jamais machucaria Marissa, então, rapidamente os apaguei de minha mente, enquanto Axton me puxava para um local no qual as luzes eram tão fracas que mais parecia que tinha acontecido um apagão lá dentro. A única iluminação era uma luz vermelha e pulsante, que disparava como um laser, de uma ponta a outra da sala, enquanto uma música pop misturada com tecno vibrava pelas paredes.

Esta sala te deixava surda a tudo, exceto à música, e quase cega por causa da luz quase inexistente. Esse ambiente temático não chegava nem perto de ser tão cheio como a pista de dança do andar de baixo. E eu podia entender o motivo. Você tinha que realmente confiar em quem trouxesse para cá. As pessoas que dançavam aqui obviamente eram casais, ou solteiros que tinham encontrado alguém no andar de baixo e precisavam de um lugar mais privado.

Em vez de irmos diretamente à pista de dança, Axton puxou minha mão e me apressou em direção ao bar. Ele pediu dois shots de tequila. Assim que a bebida apareceu na minha frente, virei o shot sem esperar por ele. Meu

coração estava batendo tão rápido quanto o ritmo da música, e eu já sabia como esta noite terminaria. Em foda. Soube disso assim que Axton me beijou no meio do show, mais cedo.

E eu queria isso. Droga, eu sempre o quis. Queria muito ter Axton. O que estava fazendo meu coração, meu cérebro, e o resto do meu corpo travarem um combate, com direito a ameaças de morte, pelo controle da situação. Meu coração e meu corpo estavam quase em concordância, mas por motivos diferentes, enquanto meu cérebro se revoltava com ambos, pedindo inteligência. Com cada bebida que tomava, meu cérebro ficava mais e mais convencido de que meu coração e meu corpo estavam certos, no final das contas. Talvez Axton Cage fosse bom para mim, afinal.

Claro que estava certa de que meu cérebro gritaria para mim que eu era uma idiota de marca maior na manhã seguinte, mas agora meu coração e meu corpo lideravam o show.

Em vez de virar o shot de uma vez, Axton pegou sua fatia de limão e virou o rosto para mim. Cuidadosamente, como se estivesse com medo de me assustar, levou a fatia aos meus lábios, colocando-a na minha boca. Com o saleiro em mãos, abaixou a cabeça e lambeu a parte de trás da minha orelha. Um miado baixinho saiu de mim, e eu sabia que ele não podia ouvi-lo, mas, por sua reação, tive certeza de que tinha sido capaz de sentir a vibração em minha garganta. Senti seus lábios se curvarem em um sorriso, enquanto ele levantava a cabeça e jogava sal em meu pescoço úmido.

Com a sobrancelha esquerda arqueada, murmurou uma pergunta.

— Pronta? — Engoli, mantendo o limão em minha boca, e assenti.

As mãos de Axton pousaram sobre meus quadris, puxando-me para perto e me prendendo no lugar. Lentamente, ele abaixou a cabeça, e seu nariz acariciou a parte de trás da minha orelha antes de que pudesse sentir sua língua quente e molhada tocando meu pescoço, lambendo todo o sal. Minhas mãos foram para seus braços, minhas unhas afundaram em seus bíceps por cima da camiseta, enquanto ele se inclinava, chupando qualquer grão de sal restante.

Depois, procurando o shot e derrubando a tequila cara, nem mesmo hesitou. Começou a se mover com rapidez, enquanto puxava o limão para sua própria boca, chupando-o e jogando-o fora. Mergulhou em meus lábios, sugando qualquer suco remanescente. Minhas unhas se afundaram ainda mais em seus braços quando minha calcinha começou a ficar encharcada com cada puxão e sucção de seus lábios. Minhas coxas começaram a tremer e, na mesma hora, soube que usar uma saia tão pequena tinha sido um erro. Se ficasse um pouco mais molhada, a boate inteira saberia do meu estado de excitação quando visse o desejo que escorria pelas minhas coxas descobertas.

Com sua língua percorrendo meu lábio inferior pela última vez, Axton se afastou. Ele deixou um beijo recair na ponta do meu nariz, o que me confundiu completamente por um momento, mas não fez meu coração parar de se derreter. Com um aceno de cabeça em direção à pista de dança, assenti bobamente, deixando que me guiasse para o meio da massa de casais.

A última música estava acabando, quando ele pôs as mãos nos meus quadris novamente, puxando-me para perto. Tão perto assim que seu corpo facilmente conseguia transmitir seu grau de excitação. Seu pau pulsou contra minha barriga através do jeans. A sala estava tão escura que poderia ter levantado as mãos para tocá-lo sobre o jeans, mas se o tivesse feito, terminaríamos indo embora antes que estivesse pronta.

Enquanto os primeiros acordes do remix *Clarity*, feito por Tiesto e Zeed, em colaboração com Foxes, preenchia o ambiente, passei meus braços por seu pescoço e descansei minha cabeça sobre seu peito. A letra da música me inundou e não pude fazer nada além de dar um sorriso um pouco triste ao perceber que a letra se encaixava perfeitamente no que estava sentindo pelo homem que agora me envolvia em seus braços.

Deixei que as palavras invadissem minha mente por alguns momentos antes de bloqueá-las e deixar o ritmo da música assumir o controle. Levantando minha cabeça de seu peitoral, passei meus lábios sobre os seus em um quase beijo antes de recuar para dançar. Dando-lhe um sorriso

travesso, que não sabia se tinha visto ou não, comecei a dançar para longe, fazendo-o vir até mim.

Axton entrou no ritmo com facilidade. Eu sabia, por experiência própria, já que tínhamos frequentado diversas boates durante nosso relacionamento, que ele era um excelente dançarino. Eu me surpreendi quando, na primeira vez que o puxara para uma pista de dança, facilmente conseguiu me acompanhar. Ele podia ser um roqueiro, mas tinha alguns outros talentos escondidos.

No final da terceira música, estava sem fôlego e dei um pulo no bar para pegar um copo d'água antes de pedir um shot de gelatina. Depois de beber metade da água, levantei a trava do container em formato de seringa para escolher o sabor de uva. Era maior do que a maioria dos shots de gelatina, mas estava determinada a tomá-lo de vez só. Senti a mão de Axton na parte baixa das minhas costas e me virei para encará-lo, desejando-o, tão martirizada quanto era humanamente possível.

Jogando a cabeça para trás, coloquei a seringa na boca e empurrei todo seu conteúdo para dentro antes de jogar o recipiente fora. Com minha boca repleta de gelatina e vodka, pressionei meus lábios contra os dele e empurrei um pouco da guloseima em sua boca. Seus dedos quase causaram hematomas quando apertou meus quadris contra ele, sugando todo o shot da minha boca.

Caramba. O que foi que eu fiz?

Estava em busca de ar quando ele levantou a cabeça, engolindo o resto do shot que tinha acabado de dar para ele. Não tive muito tempo para respirar antes de ele devorar minha boca novamente. Suas grandes mãos soltaram o aperto em meus quadris para se moldarem em minha bunda, puxando-me ainda mais para perto. Quando os dedos de uma de suas mãos adentraram minha saia, deslizando pela minha bunda em busca da minha calcinha, meus joelhos quase cederam.

Axton se afastou e enterrou o rosto em meu pescoço. Ele estava ofegando tanto quanto eu, sua ereção tentando abrir caminho entre os confins de seu

jeans.

— Preciso muito sentir você, *baby*. Diga que posso ter você. Por favor, Dallas. Estou implorando.

Não conseguia formar as palavras. Minha língua ainda estava enrolada nos nós do nosso último beijo. Tudo que pude oferecer como resposta foi um simples assentir de cabeça. Essa pequena afirmação era tudo que ele precisava. Com uma mão tremendo, entrelaçou nossos dedos e me puxou em direção à saída.

No corredor do lado de fora, o nível da música era muito mais baixo e percebi que a sala temática tinha sido isolada acusticamente. Pisquei algumas vezes até que meus olhos se ajustassem à claridade das luzes comparadas à escuridão da qual tínhamos acabado de sair. Apenas algumas pessoas estavam no corredor, indo de uma sala temática para outra. Axton me empurrou contra a parede, com os lábios já em meu pescoço.

— E-e-eu não posso esperar — disse a ele, arqueando os quadris contra seu corpo para encontrar alguma forma de aliviar o desejo que queimava dentro de mim. — Por favor, não me faça esperar até voltarmos.

Sua cabeça se levantou de supetão.

— Aqui? — Assenti, com olhos que imploravam para que ele me possuísse. Logo.

Eu o observei maquinar algo em sua cabeça por quase um minuto antes de assentir. Seus olhos de avelã eram selvagens, mais verdes do que castanhos, cheios de desejo por mim. Xingando, ele me conduziu pelo corredor. Vi uma placa para os banheiros, mas sabia que estariam muito cheios. Nunca tinha transado em um banheiro antes e não era contra, mas ao contrário de Harper e Shane, não era fã de sexo com público.

Vi o corredor que dava para a sala VIP e me lembrei da pequena porta que tinha visto quando Marissa e eu estávamos procurando os garotos. Quando nos aproximamos, abri a porta e empurrei Axton para dentro. Era o quarto do zelador, com produtos de limpeza e uma pequena mesa de canto. Tranquei a porta e empurrei Axton na mesa.

— Não foi assim que planejei esta noite — ele disse, quase que para si mesmo.

— Está reclamando? — perguntei, já abaixando a calcinha até as coxas, sem me surpreender com o quão molhada estava quando alguns pingos caíram no chão. Com Axton, sempre tinha sido assim. Ainda nem tinha me fodido e eu já estava pingando em toda parte.

— De jeito nenhum — ele rosnou, observando-me abaixar a calcinha até a altura dos saltos. Eles eram os meus favoritos, e não apenas porque ele os tinha comprado para mim. Não, definitivamente não era porque ele os tinha comprado para mim. — Eu só queria aproveitar o tempo com você, *baby*. E agora estou tão quente que não vou durar nem dois minutos dentro de você.

— Bom, isso é o que tenho de melhor. — Segurei o botão que prendia seu jeans. —Gosto do segundo round. Do terceiro. E com você… talvez até do quarto. — Com o jeans aberto, adentrei minhas mãos e o puxei para baixo com a cueca. Quando seu longo e pulsante pau estava livre, minha respiração ficou presa na garganta assim que meus olhos repousaram na ponta.

Tudo dentro de mim congelou. Quando tinha colocado esse piercing? Não estava lá em outubro, quando transamos durante a semana de casamento de Harper. O Prince Albert, brilhando na luz fluorescente do quarto do zelador, quase zombava de mim enquanto eu o percorria.

— Quando…?

— Depois daquele fim de semana — ele me disse, com o corpo tremendo enquanto eu puxava o aro suavemente. — Quando voltei para Nova York, e você se recusou a falar comigo. Queria algo que me fizesse lembrar da nossa última noite juntos, então, achei que marcar o seu pau seria a escolha mais sábia.

Meus olhos foram dos vinte e cinco centímetros do seu enorme pau, com um piercing brilhante, para seus olhos.

— O *meu* pau? — A pergunta saiu quase como um sopro.

— Ele é seu, Dallas. Ele não responde a ninguém mais além de você,

então, pode muito bem pertencer a você. — Ele entrelaçou os dedos ao redor dos meus, fazendo nossas mãos acariciarem seu membro juntas. — Não houve ninguém mais desde outubro. Ninguém.

Meu cérebro decidiu acordar de seu coma alcoólico e tentou gritar para mim que tudo aquilo era mentira, mas a verdade era que acreditava nele. E isso me fez desejá-lo ainda mais.

— Camisinha. Agora. — Não conseguiria aguentar nem mais um segundo sequer. Precisava senti-lo dentro de mim aqui e agora, ou derreteria em uma poça de desejo.

Axton me levou para cima da mesa, separando minhas coxas com suas pernas, enquanto suas mãos trêmulas tiravam uma camisinha da carteira. Quando tentou abri-la, quase a deixou cair, e não pude deixar de sorrir ao ver meu deus do rock tão excitado a ponto de ser incapaz de se cobrir e proteger. Peguei o envoltório de suas mãos e o abri com os dentes. Cuidadosamente, puxei-o para baixo, assegurando-me de que seu piercing não rasgasse a camisinha enquanto eu a rolava por todo seu cumprimento.

Levantei os pés para a borda da mesa e afastei minhas pernas ainda mais. Com uma mão segurando seu ombro, mergulhei a outra em minha boceta molhada, revestindo meus dedos com minha excitação antes de espalhá-la sobre seu membro coberto pela camisinha. Um gemido de prazer pareceu ser arrancado dele, e guiei a ponta para minha entrada.

Meus olhos permaneciam nele enquanto me penetrava profundamente. Aqueles olhos de avelã quase rolaram para trás da cabeça, e ele parou, encostando a testa na minha enquanto tentávamos controlar nosso desejo.

— Agora não posso te oferecer nada além de rápido e intenso, *baby*.

— Não ligo — ofeguei, com minhas paredes se apertando ao redor dele, implorando por mais. — Rápido é o que quero.

Ele se afastou, com as mãos em minha bunda enquanto saía quase que completamente de mim. Mas logo entrou bem fundo novamente, com o piercing se esfregando em lugares que me faziam gemer de puro prazer. Dedos fortes se cravaram em minha bunda, mas a dor não era nada

comparada com o prazer que estava explodindo dentro de mim, enquanto metia rápido e duro até quase martelar dentro de mim.

— Ax! — gritei, quando meu orgasmo começou a me consumir. Senti meu gozo inundar minha entrada, rapidamente molhando minhas coisas.

— Não — Axton gritou. — Não, ainda não. Eu quero mais.

— Então, aproveite. — Eu o apressei. — Faça tudo o que quiser, Ax.

Isso o estimulou ainda mais, e seus quadris foram mais fundo, com mais intensidade, até quase doer o modo como quicava dentro de mim. A ponta de dor apenas me fez ter outro orgasmo, e minhas longas pernas se enroscaram em torno de sua cintura, segurando-o contra mim, como um segundo aperto, enquanto ele se balançava para dentro.

Senti seu corpo começar a pulsar, sabendo que se esvaziaria dentro de mim em questão de segundos. Com um grito abafado, toquei meu clitóris, querendo gozar com ele desta vez. Duas carícias sobre o ponto molhado e minhas paredes se apertaram ao seu redor, desencadeando o seu próprio orgasmo.

Não há como saber por quanto tempo permanecemos daquela forma depois disso. Nós dois estávamos com dificuldade para respirar enquanto o suor pingava de nossos corpos. Ainda estava molhada, agora, de dois orgasmos. Seu rosto estava enterrado em meu pescoço, e ele deixava pequenos beijinhos sobre a parte de trás de minha orelha esquerda. O som de sua respiração era tranquilizante e, ao mesmo tempo, excitante. Meus braços estavam enrolados em seu pescoço, meus dedos, entrelaçados em seu cabelo pintado de preto de uma maneira que nos acalmava.

Parecia que estávamos ali há horas quando minha frequência cardíaca finalmente voltou ao normal, mas não quis me mexer. Queria ficar assim, segurando-o desse jeito, pelo resto da minha vida. Pelo tempo que durasse este sentimento de perfeita satisfação. Pelo tempo que pudesse fingir que ele realmente se importava comigo tanto quanto eu me importava com ele, porque naquele momento era exatamente assim que eu me sentia.

Capítulo 14

Dallas

Meu telefone estava tocando. E resmungando, levantei a cabeça para logo depois cair novamente sobre minhas almofadas quando bati a testa contra a cama acima do meu poleiro.

— Porra! — gritei, enquanto esfregava o galo que já estava se formando na minha cabeça como um chifre do demônio.

Debaixo do travesseiro, meu celular continuava tocando. Teria ignorado se fosse qualquer outro toque, mas não esse. Ainda esfregando meu couro cabeludo sensível, arrastei o dedo sobre a tela do meu *iPhone* e o coloquei na orelha.

— Harp, sinto sua falta.

— *Sinto mais* — Harper se apressou em garantir. Há alguns dias não falava com ela, e ouvir sua voz nunca falhava em me deixar triste. Por tantos anos, tinha estado logo ao lado do meu quarto. Podia vê-la a qualquer hora, no dia que quisesse. Pensei que seria sempre assim, e sentia saudades com todas as fibras do meu ser.

— *Acabei de falar com Linc* — Harper logo me informou, sem se importar em inventar outros motivos para me ligar.

Com a menção a Linc, afastei o celular do ouvido o suficiente para dar uma olhada na hora. Era um pouco depois das três da tarde. Percebi que o ônibus não estava mais se movendo e presumi que tínhamos chegado ao nosso destino. Orlando. A boa notícia sobre estar em Orlando era que ficaríamos aqui por duas noites, o que significava que teríamos quartos de hotéis durante a estadia. O que significava um banho quente. O que significava serviço de quarto. E uma cama real e genuína.

O silêncio no ônibus me dizia que todo mundo já tinha desembarcado e

provavelmente feito o *check-in*. Provavelmente estavam se instalando e comendo uma refeição que não tinha sido esquentada no micro-ondas. Não acredito, menos de dois dias na estrada e já sentia saudades de comida caseira e água encanada. Ou, talvez, esta fosse apenas a minha versão rabugenta depois de não dormir o suficiente na noite passada. Ou esta manhã.

Mordi o lábio superior quando me lembrei da noite anterior. De fazer sexo com Axton na sala do zelador. Do sentimento de completude que se apoderou de mim quando apenas nos abraçamos depois de tudo. Depois, nossos celulares começaram a vibrar como abelhas zangadas. A ligação para Axton era de Wroth, que já estava pronto para voltar para o ônibus. A minha era de Natalie, querendo me informar que Liam estava com muita dor depois de ter mancado por todo o palco durante várias horas. Quando encontramos Wroth e Marissa na entrada, Linc já estava com eles e Zander.

Não houve como esconder as evidências óbvias do que eu e Axton tínhamos acabado de fazer. Meu cabelo estava uma bagunça total, minhas roupas ainda estavam desalinhadas e penduradas em meu corpo. O fato de Axton estar com o braço ao meu redor era apenas o último prego do caixão, e Linc não parecia nada feliz comigo. Meu amigo estava apenas preocupado, então, não levei seu sermão sussurrado durante nossa volta para o ônibus para o lado pessoal. Afinal de contas, estava apenas cuidando de mim.

Mas eu não quis escutar. Sabia que tinha cruzado a única linha que tinha prometido a mim mesma que não cruzaria. Nunca mais. Nunca, nunca mesmo. Nunca vezes nunca, elevado ao infinito. Mas, fazer o quê, eu quebrava minhas promessas para mim mesma o tempo todo, e parte de mim sabia, assim que Emmie me pressionou para aceitar o trabalho como a enfermeira particular de Liam durante a turnê, que provavelmente quebraria todos os tipos de promessa. Para mim mesma. Para os meus amigos.

Esse era o motivo pelo qual Harper agora me ligava. Prometi a ela o mesmo que prometi a mim mesma. Que não me deixaria enfeitiçar por Axton Cage. Assim como Linc, sabia que Harper só queria cuidar de mim.

Mas agora, neste exato momento, não estava com vontade de escutar um sermão daqueles sobre a bagunça que estava fazendo na minha vida por causa de um deus do rock. E não era como se agora fosse cometer o mesmo erro que da vez passada.

Dessa vez, não deixaria meu coração ser uma parte da equação. Dessa vez, era apenas sexo. Fim da história. Motivo pelo qual não deixei Axton entrar no ônibus comigo. Nada de dormir juntos. Sexo, com certeza. Dormir de conchinha debaixo das cobertas depois? Esse tinha sido um dos meus erros da última vez.

Soltando um suspiro, deixei cair os dedos que estavam sobre meu galo e encarei o colchão acima de mim.

— Agora não, Harp. A noite foi longa. Liam não dormiu bem, e tive que dar a ele uma injeção e alguns remédios para dor. Natalie tem que dar um jeito de manter o conforto dele no palco, porque se continuar assim, talvez, tenha que ver o ortopedista muito antes do esperado.

Houve uma longa pausa do lado de Harper até que finalmente falou.

— Ok, não vou falar sobre isso. Você é adulta e sabe o que está fazendo. Mas isso não significa que não esteja preocupada, Dallas. Não quero que se machuque novamente. Não estou completamente certa de que você superou totalmente a última vez que esse bosta destruiu você. Você apenas conseguiu esconder melhor, porque estava muito ocupada com a faculdade.

Cerrei os dentes, sabendo que ela não estava completamente errada.

— Sei que está preocupada. Eu te amo, amiga.

— E-e-eu também te amo — foi sua vacilante resposta. *— E se ele te machucar novamente, farei Shane arrebentar com ele.*

Isso trouxe um sorriso aos meus lábios.

— Ok, garota, se acalme. Não há necessidade de arrastar seu marido para este drama.

— Ele já foi arrastado, chafurdado. Foi o primeiro para quem liguei depois de conversar com Linc. Já disse a ele que se não quebrar a cara de

Axton, de repente minha vontade de me aventurar no território Shane iria desaparecer…

Ri, porque imaginei o pânico que isso deve ter causado no ex-mulherengo.

— Por falar nisso, se não conseguir me contactar pelos próximos dias, não se preocupe. Estou quase certa de que Shane viu isso como um desafio e está fazendo planos para me manter no clima por tempo indeterminado.

— Entendido — disse, dando uma gargalhada, que logo se transformou em um sorriso triste. — Tenho que ir, Harp. Me ligue quando o garanhão te soltar do cativeiro. Eu te amo.

— Eu te amo, Dallas.

Com um gemido, deslizei para fora do poleiro e saí do ônibus. De frente ao ônibus, estava estacionado o ônibus de Axton, ambos os motores desligados, então, era óbvio que estávamos ali há algum tempo. Mandei uma rápida mensagem para Natalie, porque não fazia ideia de onde todo mundo estava, ou até mesmo de onde eu estava.

Dez minutos depois, estava com as chaves do quarto em mãos, com a garantia de que minhas coisas já tinham sido levadas para lá. Abafando um bocejo, entrei no elevador e encontrei o caminho até o quarto. Meu corpo estava dolorido, e agora, minha cabeça começava a doer. Quando abri a porta do quarto, a primeira coisa que ouvi foi um chuveiro ligado.

O quarto era uma suíte, com dois banheiros, algo que não estava esperando. Natalie não tinha mencionado que teria que dividir o quarto com alguém, mas com tudo que precisava fazer, mencionar algo tão pequeno como a pessoa com quem eu estaria pernoitando não deveria ter parecido tão essencial. Dando de ombros, dei uma olhada no primeiro quarto, vi minha mala na minha cama, e dei um suspiro de alívio.

Nos trinta minutos seguintes, encontrei meus comprimidos de *Tylenol*, tomei três das cápsulas extra-grandes, e entrei no banho quente. Tomei meu tempo, lavando meu cabelo duas vezes, porque senti que realmente precisava disso depois da noite passada. No momento em que pisei para

fora do banheiro, senti que tinha mais energia e estava pronta para enfrentar o mundo ser atirado contra mim esta noite.

Com uma toalha enrolada no meu corpo e outra em meu cabelo, encontrei minha escova de dentes e comecei a escová-los enquanto saía do quarto.

— Ei, Marissa. Como Liam está se sentindo esta… — Eu me interrompi quando vi quem estava sentado no sofá, na frente da TV de plasma, assistindo à *ESPN*. — …noite.

Axton estava ali sentado com as pernas esticadas para a frente, os cabelos pretos molhados ainda pingando em seus ombros, vestindo apenas uma cueca e um sorriso dissimulado. Meus olhos se estreitaram para ele, mesmo que meu corpo estivesse acordando de maneiras que o banho não tinha sido capaz de me fazer acordar.

— Você está deixando a pasta cair no seu queixo — ele me informou antes de voltar o olhar para a televisão.

Limpei o queixo com a parte de trás da mão.

— Pensei que dividiria o quarto com Marissa.

Axton bufou.

— Wroth é como uma mãe urso quando se trata de Rissa. Ele pode gostar de você, *baby*, mas não confia Rissa a ninguém. Nem mesmo a Liam. Eles têm uma suíte no final do corredor. O que leva Linc a dividir com Liam, Devlin com Harris… — Ele revirou os olhos. — E claro, o que começou toda a confusão e que agora é motivo para dois melhores amigos quererem se matar, Natalie e Z.

Franzi a testa.

— Eu poderia dividir o quarto com a Nat, e você com Zander. Ou eles poderiam ter quartos individuais.

— Foi o que Devlin disse. Mas o hotel está totalmente lotado. Nem Em conseguiu resolver. — Ele deu de ombros. — E você não vai dormir em outro lugar de jeito nenhum. Eu concordei que dormisse em um ônibus

separado porque não conseguiria manter minhas mãos para mim, e nenhum dos dois ônibus é realmente equipado para nos dar privacidade. Algo que pretendo consertar antes da turnê de outono. — Ele se levantou e andou em minha direção calmamente, fazendo-me esquecer completamente que estava com a boca cheia de pasta. — Mas ficar em um hotel significará ficar no meu quarto, na minha cama, a noite toda. Entendido?

Eu deveria rebater. Dizer a ele que não queria dormir na mesma cama que ele. Dormir com ele faria as coisas – os sentimentos – desmoronarem a parede que estava tentando manter em pé. Mas, estupidamente, não o fiz. Meus lábios continuaram fechados quando ele parou a apenas alguns centímetros de mim e agarrou meus quadris com suas grandes mãos. Muda, vi sua cabeça se abaixar e seu nariz roçar atrás da minha orelha.

— Termine de escovar os dentes, *baby*. Vou pedir algo para jantarmos, e podemos relaxar um pouco antes de ter que sair para o show.

Eu me inclinei para ele por um momento, saboreando o cheiro de homem limpo que preenchia minhas narinas, a sensação de seu peito nu contra o minha roupa de toalha, seus braços me segurando. Eu era tão burra, mas não queria abrir mão disso. Ainda não. Algum dia estaria pronta para abrir mão? Da última vez, com certeza não estive, mas tinha terminado com ele como uma forma de autopreservação. Dessa vez, tinha medo de que nem sequer isso me fizesse desistir dele.

Quando voltei de enxaguar a boca, Axton estava de volta no sofá. Felizmente, não era *ESPN* que estava assistindo. Infelizmente, era *CNN*. Fitei a tela enquanto me sentava ao seu lado, tentando alcançar o controle remoto.

— Nem pensar. Não vou assistir notícias depressivas. Vamos alugar um filme.

Axton suspirou, como se isso fosse um grande abuso, mas abriu mão do

controle remoto, enquanto eu procurava os novos lançamentos e navegava pela lista de filmes. Ele deixou o braço cair no encosto do sofá casualmente antes de finalmente envolver meus ombros e me puxar contra a lateral do seu corpo. Sem desviar o olhar da minha caçada, descansei a cabeça sobre seu ombro. Meu cabelo ainda estava encharcado, mas o tinha escovado, então, não estava assustador e cheio de nós. Também tinha me vestido com uma camiseta e um short, assim, não estaria usando apenas uma toalha quando o serviço de quarto chegasse.

— Você está cheirosa — ele murmurou, enquanto enterrava o rosto no meu cabelo. — Amo que cheire tão bem mesmo sem nunca encostar em um vidro de perfume.

Não poderia ignorar por muito tempo o jeito como me tocava. Seus lábios percorreram minhas orelhas, seus dedos acariciaram meu braço de cima a baixo. Ambos me fizeram tremer, e arrepios percorreram todo o meu corpo. Escolhi um filme aleatório e apertei o botão de compra antes de jogar o controle remoto para o lado, levantando minha cabeça.

— O que aconteceu? — Axton começou a perguntar, mas meus lábios o interromperam. Que se dane o filme, que se dane a comida. Tudo o que eu queria, aqui e agora, era meu deus sexy do rock.

Ele me levantou como se não pesasse nada e me posicionou montada em seus quadris. Nós dois gememos ao sentir como o corpo dele se encaixava perfeitamente no meu.

— Que se dane, *baby*. Eu ia esperar, mas se me quiser agora, posso ser todo seu.

— É o que estou planejando. — Eu me desprendi de seus lábios para trilhar um caminho até seu pescoço tatuado, afundando meus dentes na adaga logo abaixo de sua jugular, chupando-a. Com força. Todo seu corpo se enrijeceu e senti seu pau estremecendo entre nossos corpos, enquanto ele lutava para se controlar.

— Você cheira bem também, *baby* — sussurrei em seu ouvido, liberando seu pescoço com relutância. — Mas seu gosto é ainda melhor.

— Dallas… *Baby*… — Sua cabeça caiu no sofá e seus olhos se fecharam parcialmente, enquanto me observava explorar o resto de seu corpo com minhas mãos. Quando cheguei ao piercing em seu mamilo, puxei-o dolorosamente. — Maldade — ele riu.

— Você gosta — disse, com uma piscadela enquanto abaixava a cabeça para colocar a pequena argola na minha boca e chupá-la. Minhas mãos continuavam a explorar, enquanto rolava a argola na minha boca, fazendo-o gemer continuamente com minhas investidas sensuais. Quando seu pau pulsou novamente, pressionei-o com a parte de baixo do meu corpo com mais força, esfregando seu impressionante cumprimento contra meu clítoris.

Mãos fortes se entrelaçaram em meu cabelo e puxaram minha cabeça para trás rudemente.

— Você. Está. Me. Matando — ele rosnou. — Preciso estar dentro de você. Agora.

Fiz um beicinho com o lábio inferior, apesar do quão excitada suas palavras tinham me deixado.

— Mas só estou começando.

— Tente de novo mais tarde. Não posso prometer nada. Não posso me controlar quando você está me tocando. — Ele puxou minha cabeça para trás e capturou meus lábios em um beijo intenso e possessivo. Sua língua me adentrava profundamente, provando tudo em mim.

Queria beijá-lo de volta, mas as mãos em meus cabelos não permitiam muito movimento. Como suas mãos estavam ocupadas, abri caminho entre nós e puxei sua cueca para baixo, o suficiente para liberá-lo. Passando meus dedos sobre o piercing metálico que descobri na noite passada, minhas pernas começaram a ceder ao se lembrarem do prazer. O modo como aquele piercing tinha acariciado meu interior na noite passada. Não havia nada igual. Acertou em cheio, fazendo-me agradecer a quem quer que o tivesse inventado.

Após liberá-lo, comecei a puxar meu short, tão desesperada para tê-lo

dentro de mim quanto ele estava para estar dentro. O que estava prestes a fazer era loucura, mas neste momento, não ligava. Nós nunca deixamos de usar camisinha antes, mas queria senti-lo por completo. Queria experimentar todo seu calor, excitação e suavidade, sentindo o piercing metálico dentro de mim. Apenas por um instante, silenciosamente prometi a mim mesma. Só por um instante, queria sentir como era tê-lo por completo, totalmente nu.

Quando minha calcinha estava tão abaixada quanto era possível naquela posição, guiei seu pau para minha entrada. Axton ficou completamente imóvel, soltando minha boca enquanto me observava. Seu peito estava subindo e descendo rapidamente.

— Dallas?

— Só um pouco. Nunca fizemos isso antes. Eu quero… — Engoli em seco, de repente nervosa por não saber como reagiria ao que estava querendo fazer. — Eu *preciso* sentir você assim. Só dessa vez.

Ele nem hesitou, pegando minha calcinha e arrancando-a pelas laterais para que não fosse um obstáculo à nossa união. Ele se recostou, observando-me, com olhos semicerrados, colocar a ponta dele dentro de mim. Nós dois gememos um pouco quando toda sua extensão finalmente deslizou para dentro. Sabia que estava cometendo um erro. Por que iria querer usar camisinha novamente? Por que iria querer esta fina camada que nos separava da perfeição absoluta do céu? Achava que não tinha como ficar melhor entre nós, mas a ausência de proteção fez meu prazer atingir novos patamares.

Ei, sua idiota! *Uma voz gritou comigo, dentro da minha cabeça, mas soava muito distante.* Você precisa de camisinha. Realmente quer ter um bebê desse cara?

Ignorei aquela voz estúpida – ela era uma desmancha-prazeres. Embora algumas visões nas quais carregava um bebê de Axton dentro de mim, de repente, tivessem invadido minha imaginação por um segundo.

Então, Axton me beijou de um jeito que nunca tinha feito antes, afugentando qualquer pensamento indesejado – ou, talvez, desejado – da

minha cabeça. De todos os beijos que Axton tinha me dado, dos intensos e apaixonados às doces bitocas, nenhum se comparava ao terno beijo que agora me dava. Meu coração derreteu, e passei meus braços ao redor do seu pescoço, enquanto eu o beijava do mesmo modo. Coloquei cada sentimento que tinha por ele naquele beijo, sugando seu piercing no lábio inferior com vontade, enquanto nossos corpos lentamente se moviam juntos.

De repente, Axton se afastou, muito ofegante, enquanto, lá embaixo, entrava completamente em mim.

— Eu vou gozar. Logo, logo. Decida o que quer. Tiro ou deixo… — Ele se interrompeu, engolindo em seco. — Mataria para gozar dentro de você, mas a escolha é sua. — Abri a boca, sem saber o que dizer, mas ele falou novamente. — Nunca fiz sem camisinha, *baby*. Nunca fiz isso com ninguém. *Ninguém*. Você entende o que estou dizendo, Dallas? — Seus olhos eram intensos, e fiquei maravilhada com a singularidade deles. Olhos de avelã, mais verdes que marrons, com pontos dourados ao redor da íris. Como nunca havia notado esses pontos antes? — Nós podemos compartilhar essa primeira vez. Isso me deixa louco, *baby*.

Aquela voz estúpida, de repente, começou a gritar ainda mais alto do que antes, mas eu a calei e assenti com a cabeça.

— Goze, Axton.

— Caramba, Dallas. — Ele se agarrou aos meus quadris, segurando-os tão gentilmente quanto possível, considerando que estava próximo ao orgasmo. Ele me segurou no lugar enquanto se impulsionava, entrando em mim. Estava agradecida por ele estar fazendo todo o trabalho, porque o prazer de tê-lo desse jeito estava me deixando atordoada. Segurei-me em seus ombros para me firmar, recebendo todas as suas duras investidas, silenciosamente implorando por mais.

Axton fechou os olhos por uns segundos, saboreando o momento. Quando eles se abriram de supetão, nossos olhares se encontraram, enquanto ele afundava cada vez mais rápido. Consegui sentir meu orgasmo se formando, não aguentaria muito mais tempo. Estava tão, tão perto…

Ele parou. Completamente. Eu sentia o quão duro ele estava dentro de mim, com aquele piercing pressionado os lugares certos e seu mastro afastando as macias paredes do meu corpo. Conseguia sentir cada centímetro e cada batida do coração que compartilhávamos. Axton moveu seu polegar, esfregando-o sobre meu clítoris pressionando-o em formato de oito, e eu perdi a cabeça.

Meu grito ao gozar pareceu ter saído da minha garganta. Não conseguia me lembrar de ter sentido um orgasmo tão bom assim. Não mesmo.

Nossos olhares permaneceram grudados. O modo como me observava, vendo o prazer e as emoções passarem pelo meu rosto e brilharem em meus olhos, fez-me sentir estranhamente vulnerável, mas meu orgasmo ficou ainda mais intenso. Quando três palavras chegaram aos meus lábios, clamando pela liberdade, mordi o lábio inferior com tanta força que pude sentir o gosto de sangue. Elas se recusavam a se calar e gritaram alto dentro da minha cabeça.

Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo.

Como se me observar desencadeasse seu próprio orgasmo, Axton de repente gritou meu nome, e o senti pulsando segundos antes de seu gozo atingir meu útero. Foi então que fechei os olhos, saboreando o sentimento daquela explosão quente dentro de mim.

Axton me puxou para perto de si, e minha cabeça foi diretamente para o peito dele. O som de seu coração batendo contra minha orelha tirou um sorriso de mim, e me aconcheguei mais perto, rezando para o momento durar um pouco mais.

Capítulo 15

Dallas

A sensação de lábios quentes no meu ombro nu me despertou de um sono profundo. Com um sorriso de contentamento, eu me espreguicei, deleitando-me com as carícias de Axton na lateral do meu corpo e quadris. Seus lábios percorreram meu pescoço e dentes afiados afundaram ternamente em minha orelha antes de beijar minha têmpora.

— Hora de se levantar, *baby* — ele ronronou em meu ouvido, segundos antes de sua mão estalar na minha bunda.

— Não é hora de se arrumar para o show desta noite — argumentei, recusando-me a abrir os olhos, a menos que ele fosse me foder até adormecermos, como tinha feito quando voltamos do show nas primeiras horas da manhã.

— Verdade. — Outro beijo na minha cabeça. — Mas tenho uma surpresa para você. Então, arraste esse seu corpão para o chuveiro. Marissa estará esperando lá embaixo em quinze minutos.

Meus olhos se arregalaram, a imagem deliciosa de uma surpresa sexual se esvaiu em uma nuvem de fumaça. Jamais envolveria Marissa em uma surpresa sexual para mim. Tinha certeza de que Wroth o assassinaria antes que qualquer pensamento com relação a isso pudesse tomar corpo.

— Que tipo de surpresa?

Axton acariciou meus lábios com os seus em um rápido beijo.

— Achei que gostaria de um dia de puro relaxamento. Então, marquei uma massagem e um spa para você. Pode arrumar o cabelo, pedir para fazerem seja lá o que é que eles fazem nas suas unhas, e apenas aproveitar os mimos. Wroth roubou minha ideia, então, Marissa também será paparicada. — Outro beijo deu fim a qualquer ideia de protesto. Deveria

estar cuidando de Liam, afinal de contas, não passando o dia todo no spa.

Mesmo que passar um dia assim me fizesse derreter. Ele estava sendo muito carinhoso e atencioso. Nunca tinha me mimado desse jeito durante nossos meses de relacionamento, ou seja lá o que tinha sido aquilo, há alguns anos. E, com certeza, não tinha feito amor comigo do jeito que fizemos no dia anterior, ou na manhã seguinte, quando voltamos para nossa suíte. Eu estava enfeitiçada, não havia nenhuma outra desculpa para o quão estúpida estava sendo quando se tratava dele. Tinha que aumentar a distância entre nós, e bem rápido, então, talvez, um dia no spa viesse a calhar de alguma forma.

Vinte minutos depois, Axton me dava um último beijo e me ajudava a subir na parte de trás de uma charrete que era puxada por um homem de rabo de cavalo e uma argola no nariz. Quando me sentei, Wroth levantou Marissa pela cintura e a sentou ao meu lado.

Tentei não morder o lábio ao ver o quão fofo isso tinha sido. Marissa não era uma garotinha, no mínimo, usava tamanho quarenta e oito devido às suas curvas. Mas o peso lhe caía bem. Eu tinha visto uma foto da Marissa adolescente, logo depois de ter vencido sua luta contra o câncer. Ela parecia uma pele esticada em cima de um esqueleto. Desde então, sua tireoide tinha ficado mais lenta, e ela bravamente lutava para se manter no número quarenta e oito, controlando cada mordida e se exercitando tanto quanto era possível. Mas quando se tem hipotiroidismo, é difícil manter o peso, não importa o que se faça. Mesmo assim, ela era uma das mulheres mais bonitas que já tinha visto. Por dentro e por fora.

Quando estava sentada confortavelmente, Wroth se inclinou e pressionou um beijo em sua testa. Ele sussurrou algo que fez as bochechas dela se tingirem de um tom adorável de rosa, depois, deu uma gorjeta para o ciclista, e nós saímos.

Assim que estávamos fora do alcance da audição dos garotos, eu me virei para ela em meu assento.

— Desculpe. Não quero te constranger, de jeito nenhum, mas ali atrás foi

um momento de derreter o coração.

O rubor nas bochechas de Marissa ficou mais intenso.

— Os últimos dias têm sido de derreter o coração. Meu Deus, Dallas! Não posso acreditar nas mudanças em Wroth. Esperei tantos anos para que deixasse de ser um bocó e finalmente fizesse alguma coisa. Qualquer coisa. Então, naquela noite, na boate…

Ela se interrompeu, afastando o olhar enquanto fitava a vegetação luxuriante ao longo do nosso caminho até o Spa Mandara.

Eu a deixei ter um momento. Se não queria se abrir comigo, não iria insistir. Mas quando nos aproximamos, segurei sua mão.

— Estou feliz por você, Rissa.

Seu rosto se iluminou com um radiante sorriso.

— Obrigada, Dallas.

Passamos o resto do dia fazendo companhia uma à outra. Fomos separadas para nossas massagens e tratamentos faciais. Mas quando fizemos nossas unhas e cabelo, nos sentamos lado a lado, fofocando como se fôssemos amigas de toda a vida. Foi divertido, mas me fez sentir falta de Harper e Lana. Especialmente Harper.

— Você acredita que Devlin esmurrou Zander ontem à noite?

A pergunta de Marissa me pegou desprevenida, e olhei para ela com a boca escancarada.

— O quê?

Marissa levou sua mimosa à boca e tomou um gole.

— Pois é, foi o que eu disse quando Li me contou esta manhã, enquanto tomávamos café juntos. Ele não entrou em detalhes, ele nunca entra. Entre ele e Wroth, qualquer um poderia achar que sou um bebê pela forma que tentam me proteger do mundo real. Mas pelas informações que consegui juntar, Z não parava de falar sobre estar dividindo uma suíte com Natalie. Então, Devlin, sem dizer nada, apenas socou a boca dele e saiu andando. — Seu rosto se fechou. — Eu não sou tapada, Dallas. Sei o que aconteceu

entre Dev, Tawny e meu irmão há alguns anos. Era só uma criança na época, mesmo assim, sabia o que estava acontecendo…

Ela parou de falar quando um esteticista diferente entrou na sala. Inclinando-se para frente, Marissa abaixou a voz.

— Tawny enrolou os dois, e os separou. Dev e Liam eram mais próximos do que Dev e Z naquela época. Eles eram inseparáveis, e ela fez picadinho deles. Natalie, ela não é como Tawny, eu sei disso e estou certa de que Dev e Z sabem disso. Mas parece que a história está se repetindo. Dois melhores amigos, ambos interessados na mesma garota.

Podia enxergar exatamente a mesma coisa. Natalie definitivamente não era como aquela vadia sobre quem Liam tinha me contado. É verdade que era geniosa e teimosa, mas não vingativa e sem coração. Tinha visto em primeira mão que tanto Zander quanto Devlin estavam interessados. Um deles não queria estar. O outro investia em algo mais do que romance. E embora Natalie estivesse obviamente apaixonada por Devlin, podia ver o desastre se aproximando dela a quilômetros de distância.

— Poderia tentar falar com ela? Falar para se distanciar dos dois? — Marissa fez uma careta. — Não quero que se machuque, e do jeito que as coisas estão indo, poderá ser aniquilada. Conheço Dev e Z desde sempre, e eles podem ser bem intensos quando se trata de algo que desejam ter.

— Vou falar com ela, Rissa — prometi. — Mas isso não significa que ela irá escutar. Conheço Nat há apenas alguns anos, mas posso lhe dizer que é uma das mulheres mais teimosas deste planeta. Ela está emocionalmente envolvida com… — Suspirei, não querendo soltar tanta informação, mesmo para Marissa. Parecia ser desleal com Natalie — …um deles.

— Eu notei — Marissa garantiu. — Dev é tão teimoso quanto. Ele a deseja tanto quanto ela, e embora tente esconder quando está diante dela, não faz o mesmo quando Z está por perto. Esse homem me dá medo.

— Acha que devo falar com Lana e Harper? Talvez seus irmãos devam saber o que está acontecendo. — Não queria parecer dedo-duro, contando tudo para as cunhadas de Natalie desse jeito. Mas estávamos apenas no

terceiro dia de uma turnê de três meses. Se Devlin Cutter já estava distribuindo socos por aí, o que isso significaria para o resto da turnê? Deveriam os irmãos dela estar cientes da situação e, talvez, trocar algumas palavras com seus dois amigos antes de alguém ficar de coração partido?

Marissa balançou a cabeça.

— Natalie é adulta. Vamos deixar que cuide de sua própria vida. — Ela revirou os olhos. — Gostaria que Wroth me deixasse fazer o mesmo, mas esse é o jeito dele. Apenas converse com ela e deixe que tome suas próprias decisões.

Assenti, aceitando sua sugestão, mas meu estômago revirou de apreensão pelo que poderia acontecer com minha amiga.

Capítulo 16

Axton

— Você só pode estar de putaria!

Levantei uma sobrancelha para Zander enquanto ele jogava um dos controles do *Xbox One* contra a parede, próximo à televisão de plasma na qual tinha acabado de morrer. Não sei como lidar com ele ou Devlin ultimamente, então, não falei nada, apenas continuei me mexendo pelo mapa na tela.

Call of Duty tinha sido o jogo escolhido para hoje. Estava jogando, porque não havia mais nada para fazer, enquanto viajávamos para Charleston, Virgínia Ocidental, para o show desta noite. Dallas estava no outro ônibus, onde tinha decidido ficar com afinco. Odiava a distância causada por nossos ônibus. O único tempo a sós que tinha com ela era quando ficávamos em uma cidade por mais de uma noite. Aí, ela era toda minha pela duração da nossa estadia, em qualquer hotel que estivesse reservado para nós. Não era tempo suficiente para mim.

Eu queria o sexo, é claro. Era incrivelmente maravilhoso. Todas as vezes me deixava sem fôlego e tonto, deveria ser ilegal se sentir tão vivo. Mas também era quando Dallas realmente se abria comigo, depois de tudo, apenas nos deitávamos na cama, e ela me contava coisas sobre sua infância que eu ainda não sabia. Ou eu contava sobre minha própria vida, tendo crescido com Sharon Huntington como mãe. Ficávamos no quarto, na preguiça, pedindo os pratos mais caros do menu e alugando um filme atrás do outro, até que tivesse que sair para o show da noite.

O que tinha me apresentado uma nova situação. Antes de Dallas, antes desta turnê, eu me sentia quase em êxtase quando me imaginava subindo ao palco, dando um show de rock para dezenas de milhares de fãs que

cantavam comigo e a banda. Eles gritavam nossos nomes, *meu* nome, e no fim da noite, estava em frenesi, querendo mais. Agora? Precisava lutar comigo mesmo para sair de perto de Dallas. Imaginar subir ao palco me trazia mais pavor do que excitação, porque sabia que isso significava abrir mão de um tempo que poderia usufruir com minha garota.

Felizmente, Dallas sempre vinha para o show, ficava atrás do palco com Harris, Marissa e Natalie. Depois, voltávamos para o nosso quarto em vez de ir a uma boate como normalmente faria. Eu preferia tê-la sozinha em nosso quarto do que compartilhá-la com estranhos. Para mim, nosso tempo juntos era precioso e não o desperdiçaria com mais ninguém.

Essas noites pareciam raridades, porque normalmente só fazíamos paradas de um ou dois dias. Sentia sua falta quando não estava ao meu lado. Sua insistência em ficar no outro ônibus, mesmo quando Liam estava no meu, fazia parecer que estava impondo barreiras – barreiras que eu tentava ao máximo derrubar no nosso tempo juntos e quase sempre conseguia, mas no dia seguinte, lá estavam elas novamente. Isso estava lentamente me deixando doido, fazendo o bracelete de couro, que eu nunca tirava, começar a coçar para revelar o segredo escondido nele. Eu queria mostrar a Dallas o que estava debaixo do bracelete tanto quanto queria confessar que a amava. Mas não conseguia encontrar as palavras certas. O que era realmente uma droga, porque eu era o mestre de encontrar as palavras perfeitas para conseguir o que queria.

— Esse é o segundo controle que você destrói nas duas últimas semanas — Wroth resmungou enquanto atacava um garoto de Washington que tinha passado os últimos vinte minutos se gabando do quão bom era. O garoto ficava irritado toda vez que Wroth atirava nele ou usava um lançador de foguetes. Era divertido escutar um garoto de quinze anos gritar obscenidades nos nossos fones de ouvido toda vez que era eliminado. — É por isso que estamos jogando com o *Xbox One*, e não com o *PS4*. Se você quebrar o controle do *Wii*, acabo com você.

Liam riu do seu lugar no sofá em frente à minha poltrona. Ele estava deitado com a perna apoiada no braço do sofá, a cabeça em um travesseiro

enquanto jogava com o resto de nós. No chão, Linc estava jogando no outro time, com Devlin e Natalie. Essa era uma tarde típica para nós. Todo mundo normalmente dormia até meio-dia e, então, quando o ônibus parava para abastecer, Harris trocava de ônibus para assistir às aulas *online* com Marissa, enquanto Wroth, Liam e Linc vinham para cá para ensaiar ou jogar *videogames*.

Isso vinha funcionando para nós nas últimas sete semanas, mas a tensão entre Devlin e Zander estava saindo do controle. Agora, os dois mal se falavam, e quando trocavam algumas palavras, elas eram desagradáveis e rapidamente seguidas de punhos voadores. Natalie estava tentando manter a paz, mas isso obviamente a cansava. Ela já tinha dito a Emmie que não sabia se conseguiria aguentar por muito mais tempo, e Emmie ameaçou todo mundo, dizendo que a próxima briga resultaria em sua presença nesta turnê.

Embora estivesse super a favor disso, porque era um baita egoísta que sentia falta da melhor amiga, sabia que estar com uma Emmie grávida não seria necessariamente agradável. Sem dizer no quão furiosos os Demons ficariam se isso acontecesse, especialmente Nik. Precisava de muito para deixar meu amigo irritado, mas quando isso acontecia, sua fúria era pior do que a de Jesse Thornton. Realmente não queria esse tipo de raiva nesta turnê.

— Pode vir — Zander cuspiu para Wroth. — Só porque Marissa só joga *Wii* com seu…

O que Zander estava prestes a dizer foi interrompido por Liam, que jogou sua garrafa d'água na cabeça dele. O líquido saiu da garrafa, e água voou por todo seu peito descoberto.

— Filho da puta, por que fez isso?

— Você pode falar besteira sobre mim, Devlin ou qualquer outro, não me importo, mas comece a falar alguma besteira sobre minha irmã, eu corto a sua garganta.

— Eu não ia falar besteira sobre Rissa — Zander exclamou, como se

estivesse chocado que Liam pudesse pensar isso. Mas foi o que todos nós pensamos. Zander era rápido em maldizer alguém, sem se importar de quem estava falando. Nem mesmo Marissa estava a salvo de suas indecências.

Apenas um dia antes, Zander tinha feito um comentário obsceno sobre Dallas e eu, e antes mesmo que tivesse realmente entendido o que ele tinha me dito, Dallas tinha metido o joelho no saco dele.

— Não sei qual é o seu problema, mas meu nome *nunca mais* sairá da sua boca desse jeito. Entendido, imbecil? — Dallas rosnou enquanto recuava de um Zander nocauteado. Como isso já tinha deixado Z de joelhos, não senti necessidade de dar-lhe outra punição, mas isso não significava que o tivesse perdoado. Ele sabia que tinha entrado na minha lista.

— Apenas cale a boca, Z. Só está se afundando mais — Wroth disse com sua voz feroz que, em um dia bom, já era assustadora, mas que agora soava completamente ameaçadora. Fiquei grato por não ser o receptor da ira de Wroth.

Xingando baixinho, Zander pulou do assento e saiu de forma intempestiva para o fundo do ônibus. Ninguém mais disse palavra alguma enquanto nos forçávamos a prestar atenção no jogo novamente.

Bons tempos.

Capítulo 17

Axton

Não era fã de primeiro de abril. E este ano não seria diferente.

Forçando um sorriso para a garota diante de mim, que saltava para cima e para baixo em uma mistura de animação e sedução, fazendo seus peitos praticamente pularem para fora do top apertado, perguntei seu nome e assinei o poster que tinha colocado na mesa de autógrafos.

— Obrigado, querida — eu a abracei com um braço só e sorri para as fotos que sua amiga tirou antes de se afastarem, pronto para cumprimentar a próxima fã da fila. A Peitos-de-Fora continuou na fila para conhecer os outros membros da banda e talvez enfeitiçar algum deles com seus encantos.

Olhei para o canto da sala, onde Dallas estava sentada com Marissa, bebendo suco de frutas e comendo da bandeja de frutas que tinha sido fornecida para a sessão de autógrafos depois do nosso concerto. Ultimamente, a OtherWorld não fazia mais tantos encontros com os fãs, algo que eu agradecia. Por mais que amasse e valorizasse nossos fãs, aqueles que vinham para nossos encontros eram, em sua maioria, mulheres que queriam passar a noite com um de nós. Eu já tinha superado essa merda.

Como se sentisse meus olhos sobre ela, Dallas virou a cabeça e flagrou meu olhar. Quando notou a expressão em meu rosto – uma mistura de medo, depressão e desespero –, ela levantou uma sobrancelha, e apenas dei de ombros. Gostaria que tudo isso acabasse para que pudéssemos voltar para o hotel e talvez tomar um banho juntos antes de pedir serviço de quarto e adormecer. Isso era *tudo* que eu queria, então, por que esta fila não estava andando mais rápido?

Outra fã parou à minha frente, obrigando-me a voltar ao trabalho. Com um sorriso afetado, cumprimentei a pequena diante de mim. Pequena era uma descrição perfeita para ela. Não parecia ter mais que dezesseis anos e não tinha nada além de ossos. Com longos cabelos loiro-avermelhados e brilhantes olhos azuis, ela era fofa, e percebi uma emoção pura em seus olhos. Pela primeira vez, nesta noite, abri um sorriso genuíno. Estranhamente, essa garotinha me fazia lembrar de uma jovem Emmie, quando ela veio morar com os Demons. Nada poderia ter aberto mais meu coração para ela.

— Olá, princesa. Sou Axton. Como se chama?

— Me chamo Kenzie — ela disse, com uma voz sem fôlego e um tom de rosa colorindo suas bochechas. — Escuto vocês desde que tinha cinco anos.

— Seus pais deixavam você ouvir nossas músicas tão jovem assim? Irado, princesa. — Procurei ao redor, mas não havia sinal de algum responsável. — Veio sozinha, querida? —Já tinha passado da meia-noite, e a maioria das pessoas ali já estava em diferentes graus de embriaguez. Não me sentia bem com ela estando aqui sozinha.

Kenzie encolheu os ombros.

— Eu escapei para vir aqui esta noite. Não perderia o show ao vivo da OtherWorld de jeito nenhum.

Meu sorriso não diminuiu, mas minha preocupação aumentou.

— Então, você é uma pequena rebelde. — Pisquei para ela e, em seguida, olhei para Dallas e Marissa. Dallas ainda me observava atentamente, e acenei para ela.

Beliscando uma fatia de abacaxi, Dallas passou pela fila de garotas que a encaravam com um atrevimento para o qual não pude deixar de sorrir. Aquele jeito de andar por si só mostrava para as outras garotas que ela era minha e que sabia disso.

— O que foi, *baby*? — Seu olhar foi para Kenzie, e ela sorriu. — Olá, princesa.

— Ai, meu Deus. Você é Dallas Bradshaw. Você estava no vídeo da OtherWorld há alguns anos. Você é a garota mais bonita que já vi na vida. — Kenzie estava surtando mais por causa de Dallas do que tinha surtado por mim, e eu estava amando isso. — Posso ganhar um autógrafo seu também?

— Hum, claro? — Dallas olhou de volta para mim. — Ax?

— Esta é Kenzie, a linda rebelde que escapou de casa para nos ver esta noite. Pensei que vocês duas poderiam se fazer companhia até terminarmos aqui e, talvez, sair para comer alguma coisa antes de levá-la para casa?

Algo que eu raramente via iluminou o rosto de Dallas. Foi um breve instante, mas me encheu de todos os tipos de esperança sobre nós e nosso futuro.

— Parece ótimo — Dallas disse com um sorriso radiante. Ela se inclinou e deu um beijão nos meus lábios. — Estava entediada pra caramba e Kenzie parece incrível.

— Ei, outras pessoas também adorariam conhecer a banda — alguém gritou do fundo da fila. — Anda logo, vadia.

Os olhos de Dallas se arregalaram, e ela se afastou de mim.

— Dallas — eu disse, tentando impedi-la, mas já tinha se virado.

— Cale a boca, desgraçada. Vamos andar no ritmo que quisermos. — Virando-se novamente para mim, ela me deu outro beijo e apressou Kenzie em direção à próxima mesa, na qual Wroth ainda autografava o torso da Peitos-de-Fora. Soltei um suspiro de alívio. Por um momento, achei que Dallas iria enfrentar a garota e começar a distribuir murros. O que seria realmente muito excitante, mas teria colocado minha noite a perder se fosse necessário sair para pagar sua fiança na prisão em vez de me aconchegar com ela em nossa cama de hotel.

A fila lentamente foi sumindo e, às duas da manhã, tínhamos terminado. Eu me estiquei, tentando aliviar um pouco da tensão nos meus músculos. De tudo o que acontecia durante uma turnê, eram estes encontros que mais me cansavam.

Enquanto o último fã estava sendo liberado pela segurança, fui em direção a Dallas, que estava sentada com Kenzie e Marissa perto do buffet. Kenzie tinha uma pilha de comida no prato que tinha visto Natalie dar a ela há uma hora. Ou não tinha comido muito ou estava no segundo prato. Puxei Dallas da cadeira para me sentar, e a prendi no meu colo.

— O que estas adoráveis mulheres andaram aprontando nesta noite?

Dallas enterrou a cabeça no meu pescoço, mas em vez de me beijar, sussurrou no meu ouvido.

— Ela é um doce.

— Kenzie nos contou um pouco sobre ela — Marissa disse com um sorriso.

Um rubor tomou conta das bochechas de Kenzie, mas ela não fez nenhum comentário e enfiou outra cenoura na boca. Peguei uma das cenouras que estavam no seu prato e dei uma mordida. Depois de mastigar por alguns segundos, virei a cabeça para o lado e a cuspi.

— Deus me livre, isso aqui não é comida de verdade. Estou faminto. Quem quer comer algo bem recheado de gordura?

Dallas foi a primeira a levantar a mão.

— Eu. Eu. Eu. Por favor, *baby*. Estou morrendo de fome.

Levantei e segurei a mão de Dallas, precisando tocá-la constantemente para me sentir bem. Tirei o prato de Kenzie e ofereci minha mão livre a ela. Depois de hesitar brevemente, aceitou o convite e se levantou. Meu olhar se dirigiu a Marissa.

— Quer vir com a gente? Wroth disse que tinha que verificar se suas *Fenders* tinham sido guardadas corretamente. Conhecendo a peça e seu amor por guitarras, acho que poderá levar algum tempo.

Ela riu e ficou de pé.

— Não, obrigada. Vou voltar para o hotel e pedir algum serviço de quarto. Estou com vontade de comer panquecas e salsichas.

— Foi bom conhecer você, Marissa — Kenzie disse, apertando a mão

dela. Suas boas maneiras me surpreenderam. É sério, não sabia que crianças ainda cultivavam esse tipo de bons modos. Claro que Mia e Lucy sim, mas só porque Emmie e Layla inculcavam isso na cabeça delas diariamente.

Marissa lhe deu um abraço apertado.

— Espero que possamos nos encontrar novamente, Kenzie.

Entramos em um taxi parado em frente ao enorme centro de convenções. Deixei as garotas entrarem primeiro, antes de finalmente tomar meu lugar, na janela, com Dallas aconchegada do meu lado. Depois de descobrir o que queriam comer, disse ao motorista para nos levar ao restaurante familiar mais próximo. Dez minutos depois, chegamos a um pequeno restaurante que me lembrava muito da rede de lanchonetes *Denny*'*s*. Um homem de aparência rude e avental manchado de gordura nos levou para uma mesa nos fundos e anotou o pedido de nossas bebidas.

— Como é o seu chá gelado? — Dallas perguntou imediatamente, fazendo-me sorrir.

— Como um indutor de coma diabético — o homem falou revirando os olhos.

Dallas bateu palminhas de felicidade.

— Vou querer um copo, com refil.

Houve um outro revirar de olhos antes que se virasse para Kenzie.

— O que vai ser, criança?

— Um chocolate quente, por favor.

— Dois, por favor — disse a ele, com uma piscadela para Kenzie, que me recompensou com um sorriso radiante. Não tomava chocolate quente há muito tempo, e a ideia de repente pareceu muito atraente.

Com um suspiro, como se estivéssemos sendo um grande estorvo, o homem oleoso foi buscar nossas bebidas. Dallas riu enquanto se virava na cadeira para reclinar as costas em mim e abrir o cardápio.

— Vou querer um hambúrguer com cebola empanada e um monte de molho barbecue. E muitas batatas fritas. O que você vai querer, Kenzie?

Ela estava passando os olhos pelo cardápio e eu podia ver que estava tendo dificuldade para escolher. Sinceramente, tudo parecia bom para mim. Com a fome que estava sentindo, poderia comer um prato de cada opção do cardápio e duas de cada sobremesa.

— Não sei.

— Vou querer batatas fritas de chili e queijo, cachorro-quente de metro e um hambúrguer americano. — Dei uma olhada nos aperitivos. — E para começar, também poderíamos pedir alguns palitos de queijo e batatas chips. — Dallas levantou uma sobrancelha para mim, espantada que quisesse comer tudo isso. — O que foi? Estou faminto. Não comi nada desde o café da manhã. Isso foi há quase vinte e quatro horas, *baby*.

— Vocês dois são muito fofos juntos — Kenzie nos surpreendeu ao comentar. — É legal ver vocês assim.

Os olhos de Dallas se estreitaram, mas não consegui esconder um sorriso enquanto apertava meu braço ao seu redor.

— Obrigada, raio de sol. É fácil quando você tem o que nós temos.

Uma mulher mais velha apareceu com nossas bebidas em uma bandeja de repente. Ela aparentava ter idade para ser avó, mas parecia achar seu trabalho maravilhoso. Seu sorriso, quando parou à nossa frente com um bloquinho nas mãos, era caloroso e acolhedor. Dallas e eu fizemos nossos pedidos, mas Kenzie ainda estava tendo dificuldades para decidir.

Segurei sua mão, com seus finos dedos tremendo sobre o cardápio.

— Peça o quiser, sem problemas, Kenzie. Eu prometo. Se quiser duas coisas ou três coisas, ou melhor, se quiser pedir o cardápio inteiro, tudo bem para mim. Certo, princesa?

Seu queixo tremeu por um momento, antes que mordesse o lábio com força. Engolindo em seco, fez seu pedido à garçonete, um queijo-quente, um chili e um cachorro-quente de chili e queijo. Como era tão pequena, não tinha certeza se conseguiria comer tudo isso, mas estava claro que parecia precisar disso tudo. Ao meu lado, senti Dallas se ajeitar e se sentar, dando um olhar mais atento a Kenzie.

— Kenzie, quando foi a última vez que comeu?

O queixo de Kenzie tremeu novamente, e Dallas se mudou do nosso lado da mesa para tomar assento ao lado da garota. Ela segurou o queixo de Kenzie, com olhos que a examinavam de perto.

— Querida, você está seriamente desnutrida. O que está acontecendo?

Meu estômago pareceu se revirar quando o queixo trêmulo de Kenzie de repente se transformou em duas lágrimas grossas que despencaram de seus olhos.

— Estou bem — ela sussurrou.

— Não, docinho. Você não está bem. Conte para mim — Dallas disse enquanto colocava duas madeixas do cabelo de Kenzie para trás do seu rosto. — Diga o que está acontecendo na sua casa.

— C-ca-sa? — Sua voz parecia tremer mais do que seu queixo, se é que isso era possível. — Eu não tenho c-ca-sa. Meus pais morreram quando eu tinha seis anos. Depois disso, fui empurrada de um parente para outro, porque ninguém queria ficar comigo. Então, acabei em lares de assistência social, e quando minha tia finalmente renunciou aos direitos de custódia, fui enviada para o orfanato, onde estive vivendo nos últimos quatro anos.

Tudo dentro de mim se contraiu com sua confissão. Mais cedo tinha achado que ela me lembrava de Emmie. Mal sabia eu que estava mais certo do que gostaria. A diferença era que, quando Kenzie se tornou órfã, não tinha quatro membros da Demon’s dispostos e com vontade de cuidar dela. Minhas mãos se fecharam em punhos debaixo da mesa, e cerrei a mandíbula enquanto virava meu olhar para a janela.

— Sinto muito, querida — Dallas murmurou enquanto puxava Kenzie contra o peito.

— Está tudo bem. Aprendi a aceitar o fato de que minha vida não é apenas flores e raios de sol.

— Por que não tem recebido comida suficiente, Kenzie? — Eu me surpreendi ao perguntar. Minha voz era baixa, para que não a assustasse

com todas as emoções que se agitavam dentro de mim.

Ela limpou os olhos e encolheu os ombros.

— Eu já tenho quase dezoito anos, então, a Senhora Rhodes disse que já posso comprar minha própria comida. Tenho um trabalho depois da escola, assim, posso pagar pela minha comida. Mas… — Ela se interrompeu e engoliu em seco. — Mas quando ouvi que a OtherWorld estaria fazendo um encontro de fãs depois do show, comecei a poupar meu salário para poder conhecer você e a banda. — Seu queixo começou a tremer novamente. — Minha última lembrança feliz é com meus pais. Eles eram pais incríveis. Eu era tão sortuda naquela época. Eles me amavam… muito. E também eram grandes fãs de rock. Amavam a OtherWorld mais do que tudo, tornaram-se fãs desde o primeiro álbum e nunca voltaram atrás. Eu me lembro de quando me disseram que, um dia, me levariam a um show para ver vocês. Seria uma experiência nova para todos nós, porque nunca tinham estado em um show antes. — Kenzie se encolheu novamente. — Só queria honrar a memória deles ao ver vocês. Só dessa vez.

Eu me inclinei sobre a mesa e segurei suas duas mãos nas minhas.

— Estou muito feliz por você ter vindo esta noite, Kenzie. Seus pais estariam mais do que honrados de saber que trabalhou duro e se sacrificou tanto para nos conhecer. Você é uma garota corajosa, e eu sinceramente a admiro por isso. — Suas bochechas se tingiram de rosa e dei-lhe um pequeno sorriso. — As coisas vão melhorar, raio de sol. Eu prometo.

Dallas passou seus braços ao redor dos ombros de Kenzie novamente. A garota se recostou, apoiando a cabeça nos ombros de Dallas. Minha mente estava cheia de todos os tipos de pensamentos malucos, e eu precisaria organizá-los, mas, naquele momento, fui capaz de ver um breve brilho de amor nos olhos de Dallas antes de ela desviar o olhar. Esta noite seria uma noite da qual nós três nos lembraríamos pelo resto de nossas vidas.

Liguei para Emmie assim que deixamos Kenzie em sua casa. O orfanato era apenas uma casa de dois andares, com um balanço antigo no quintal da frente e uma placa que dizia “Orfanato da Senhora Rhodes, para crianças de dez anos ou mais”. Quis colocar aquela porta abaixo e entender como aquela vadia, que gerenciava o lugar, dormia à noite. Ela era responsável por alimentar Kenzie, pelo seu bem-estar e todas as suas necessidades até os seus dezoito anos. A Sra. Rhodes deveria ter feito seu trabalho e ter garantido que Kenzie estivesse se alimentando. Que estivesse saudável.

Eu odiava a mulher e nem a tinha conhecido ainda.

Na corrida de táxi de volta ao hotel, Dallas adormeceu no meu peito enquanto eu fazia minha ligação. O telefone tocou um punhado de vezes antes de uma Emmie mal-humorada atender.

— Ax, aqui são duas da manhã. Vou chutar seu saco da próxima vez que te encontrar. E se for sobre Devlin e Zander, já estou sabendo. Vou pegar um voo amanhã. Mas, por ora, a grávida aqui vai voltar pra cama.

Meus olhos se estreitaram com a menção aos meus companheiros de banda.

— Que diabos aconteceu com Dev e Z dessa vez? — Eles vinham mantendo distância nas últimas semanas.

— Nem me faça começar. Estou muito cansada e mais do que irritada. Nik está indo para o Reino Unido em dois dias, então, não poderá viajar comigo. Estou grávida de sete meses, com os hormônios à flor da pele e furiosa pra caramba. — Ela suspirou. — *Mas claramente não foi por isso que me ligou. Então, o que aconteceu?*

— Preciso que faça uma coisa para mim.

— E essa coisa não poderia ter esperado até o sol raiar? — Seu tom era seco, mas pensei ter ouvido uma pitada de diversão nele.

Foi minha vez de suspirar.

— Poderia, mas eu só… Eu precisava escutar a sua voz, Em. — Apertei meu abraço ao redor dos ombros de Dallas e descansei a cabeça contra o

banco do táxi. — Conheci uma menina esta noite que… Ela me lembrou de você assim que coloquei os olhos nela.

Houve uma longa pausa antes de Emmie finalmente falar.

— *Tinha hematomas?*

— Não. Ela parecia um saco de ossos, mas estava muito sorridente. — Fiz uma careta e, então, mergulhei de cabeça na história de Kenzie. Quando terminei, fiz a única pergunta que estava querendo fazer, porque sabia que Emmie entendia o que eu estava planejando. —Você pode me ajudar com isso, Em?

— *Sabe que faria qualquer coisa por você, bobinho. Vou precisar de alguns detalhes e de um dia ou dois. Será a primeira coisa que farei amanhã, e mandarei notícias assim que chegar a Baltimore amanhã à noite. Sei que não pode buscar Mia e eu no aeroporto, mas pode nos dar um pouco de atenção quando chegarmos ao centro de convenções? Mia não ficará feliz em saber que terá que viajar sem o pai – na verdade, nem eu. Então, ela realmente precisará do tio Ax para animá-la.*

— Qualquer coisa pela Mia. — O táxi estava perto do nosso hotel e me despedi de Emmie relutantemente. — Volte a dormir, Em. Vejo você amanhã… hoje à noite. Se cuide.

— *Você também. Te amo, Ax.*

— Eu te amo, Emmie.

Quando o taxi começou a parar, beijei o topo da cabeça de Dallas.

— *Baby*, acorde. Chegamos.

Resmungando, Dallas levantou a cabeça e deu uma olhada ao redor para descobrir onde era que tínhamos chegado.

— Estou tão cansada.

— Eu sei, *baby*. — Dei outro beijo em sua cabeça. — Estaremos na cama logo, logo.

Paguei o motorista e ajudei Dallas a sair do táxi. Ela tropeçou ao dar alguns passos, então, eu a levantei em meus braços e a levei para dentro do

hotel. Quando cheguei ao elevador, usei meu cotovelo para apertar o botão e fiz o mesmo quando as portas se abriram no nosso andar. Dallas manteve os braços firmemente agarrados ao meu pescoço, sua cabeça no meu ombro enquanto ela fechava os olhos novamente.

Entrar no quarto foi uma façanha. Eu a segurei com uma mão por baixo de sua bunda deliciosa, enquanto usava minha mão livre para tirar o cartão do quarto do bolso e destrancar a porta. Fechando a porta com um chute atrás de mim, atravessei o quarto até a cama *king size*, deitando Dallas bem no meio. Ela suspirou contentemente, se virou e abraçou o travesseiro perto dela. Dormindo novamente.

Fiquei parado, sorrindo para ela, por um longo tempo antes de remover seus sapatos e jeans. Balançando a cabeça, retirei minha própria calça e botas, depois, rastejei para ficar atrás dela. Com a bunda mais gostosa do mundo pressionada contra meu membro, e o cheiro do seu xampu preenchendo minhas narinas, adormeci com um sorriso no rosto.

Capítulo 18

Dallas

Parecia que tinha acabado de fechar os olhos quando o meu alarme tocou. Resmungando, eu me virei na cama, automaticamente procurando por Axton. Quando descobri que a cama estava vazia, abri os olhos e me sentei. Ainda estava com minha camiseta, sutiã e calcinha, o que me deixou confusa. Por que não tinha me acordado e me devorado como normalmente fazia?

Os eventos da última noite tinham voltado a mim, e meu coração de repente sentiu um peso com as imagens de Kenzie preenchendo minha mente. Pobre garota. Tinha sido tão doce e, obviamente, muito inteligente quando me fez companhia a pedido de Axton. Descobrir por tudo que estava passando só me fez sentir ainda mais respeito por ela, era uma menina muito corajosa. Mesmo que estivesse perto dos dezoito anos, para mim, ainda era uma criança. Era tão pequena que mal podia vê-la como uma adulta.

Meu alarme ainda estava tocando, e peguei o celular para desligá-lo. Axton deve tê-lo tirado do meu jeans e colocado o alarme antes de sair para o centro de convenções novamente. Com um suspiro de cansaço, rastejei para fora da cama e fui para o banheiro. Antes mesmo que pudesse acender a luz, escutei uma batida na porta.

— Serviço de quarto — alguém gritou.

Rapidamente peguei um roupão de trás da porta do banheiro e o vesti enquanto me apressava para a porta. Ao abrir, havia um homem com roupas de garçom segurando uma bandeja.

— Eu não pedi nada — disse a ele, imaginando que apenas tivesse errado de quarto.

— O Sr. Cage pediu para que trouxéssemos sua refeição exatamente às três e quarenta e cinco — o garçom me informou com um pequeno sorriso. — Ele foi muito específico com relação à hora.

Mordi o lábio, tentando não demonstrar o quão impactada estava com a consideração de Axton. Com um sorriso contido, dei um passo para trás, e o garçom entrou. Em vez de colocar a bandeja na mesa junto à varanda, ele a deixou na cama.

— Café da manhã na cama, senhorita. — Ele sorriu novamente e se virou para sair.

Sem palavras, não o acompanhei até a porta, encarando a pequena bandeja de comida. Havia um copo de suco de laranja, um prato tampado, alguns saquinhos de chá variados ao lado de uma pequena xícara de cerâmica, sal, pimenta, e até uma pequena garrafa de ketchup na bandeja. Mas o que realmente chamou minha atenção e me fez derreter foi o pequeno e fino vaso com uma única flor de girassol.

Esse homem com certeza sabia me fazer ficar cada vez mais caidinha por ele. Ontem à noite, depois de deixar Kenzie, escutei partes de sua conversa com Emmie na volta para o hotel. Honestamente, não tinha certeza do que estava sentindo por Axton Cage antes da noite passada, mas não era nada comparado ao que senti naquele momento. Enquanto descaradamente escutava a conversa, fingindo que estava dormindo, eu tinha me sentido irremediavelmente apaixonada por ele novamente.

Como não tinha notado que ele podia ser um cara tão legal? Será que fingi odiá-lo por tanto tempo que tinha me esquecido do quão incrível era? Seu coração era gentil, talvez o mais gentil com o qual já tive contato. Apenas um robô não se apaixonaria por Axton Cage, e eu não era um robô.

Como ele obviamente queria que tomasse café da manhã na cama, subi no meio da cama *king size*, ajeitei os travesseiros, liguei a televisão e finalmente puxei a bandeja para o meu colo. Levantando a tampa do prato, encontrei ovos mexidos com queijo, bacon crocante, torradas e batatas rosti. Agitando a cabeça para a visão do meu café da manhã favorito, peguei meu

celular, tirei uma foto soprando um beijo e enviei para ele.

Segundos depois, meu telefone tocou com a notificação da mensagem dele.

Axton: *Não tenha pressa. <3*

Ver o coração em sua mensagem de texto, fez meu próprio coração derreter novamente, e fiquei com um sorriso no rosto enquanto aproveitava meu café da manhã quase às quatro horas da tarde.

Axton

O ensaio tinha acabado. Essa era a boa notícia. A má notícia? O ensaio tinha sido uma merda. Devlin tinha tocado mal, mas Zander tinha tocado muito pior.

No momento que o último acorde soou na última música do ensaio, eu estava pronto para distribuir alguns dos meus próprios socos. Que merda esses dois. Nenhum deles conseguia tirar a cabeça do próprio umbigo para perceber que estavam acabando com a reputação da banda juntamente com sua amizade.

Wroth e Liam se mantiveram de um lado do palco, e eu olhei para Devlin, que fez uma saída intempestiva em uma direção enquanto Zander fez o mesmo na direção oposta. Minha mandíbula se fechou, e me virei para encarar os dois membros restantes da banda.

— Mas o que aconteceu ontem à noite?

Liam, que andava com uma bota ortopédica sobre o gesso desde sua última visita ao médico na semana anterior, deu de ombros.

— Dev levou Natalie para alguma boate ontem à noite. Coincidentemente, Zander estava lá. Aparentemente, Z estava bêbado pra caramba e acabou dando com a língua nos dentes sobre coisas que ninguém estava sabendo. — Quando levantei uma sobrancelha para ele, Liam deu de ombros novamente. — Dev e Z fizeram uma aposta no início da turnê. O

primeiro a transar com Nat era considerado o vencedor.

— Que merda — murmurei, passando uma mão pelos cabelos. — Que. Bela. Porcaria. — Isso era ruim. Ruim como "Os irmãos Stevenson, a vingança". Natalia podia ter entrado na vida de Drake e Shane há poucos anos, mas isso não queria dizer nada. Quando souberem disso, não haverá lugar na Terra para Devlin e Zander se esconderem.

Wroth fez uma careta.

— Aparentemente, assim que as palavras saíram da boca de Z, Devlin começou a distribuir socos. Nat não teve escolha a não ser ligar para Emmie, e depois, pagar pelos estragos que causaram com a briga. Você viu o olho de Dev?

— Ou o modo como Z segura as costelas enquanto caminha? — Liam balançou a cabeça descabelada. — Certeza de que Dev conseguiu quebrar algumas costelas pelo jeito que Z está andando.

O som de saltos batendo no cimento nos fez virar a cabeça para encontrar Natalie andando em nossa direção. Os círculos escuros ao redor de seus olhos, a palidez de sua pele e os olhos azul-acinzentados, que pareciam ser uma marca registrada dos Stevenson, contavam sua própria história. Tentei atrair seu olhar, mas rapidamente desviou os olhos.

Pigarreando, ela apertou as mãos juntas diante dela.

— Gostaria… — Ela limpou a garganta e começou de novo. — Gostaria que nenhum de vocês comentasse as razões da briga de ontem à noite para nenhum dos caras da Demon's Wings. Emmie sabe, mas pedi para que não divulgasse os detalhes. Meus irmãos realmente não precisam saber… — Ela cerrou a mandíbula e se virou. — Por favor, por mim, não digam nada a eles.

Quando se afastou, seus ombros se curvaram, e nós três murmuramos xingamentos baixinho. Esperei até que estivesse fora de vista para me virar para Wroth e Liam.

— Mas no que estavam pensando? Nós não fazemos mais esse tipo de coisa.

Wroth grunhiu.

— Obviamente, nenhum dos dois recebeu o memorando, cara. Então, o que vamos fazer a respeito?

— Emmie chegará esta noite. Vamos esperar as ordens dela — Liam sugeriu, e tive que concordar que esse era o melhor plano de ação.

Liam teve que ir encontrar Linc para fazer a fisioterapia, enquanto Wroth saiu em busca de Marissa, que estava ajudando Harris com o dever de casa no camarim. Quando meu celular vibrou com uma mensagem de texto, puxei-o e gemi em voz alta com a visão da foto de Dallas me mandando um beijo. Enviei uma mensagem de volta dizendo para aproveitar, antes de salvar a foto como papel de parede do meu celular para que pudesse ver o rosto da minha gata me mandando um beijo toda vez que olhasse para a tela.

Poderia ter voltado para o hotel, porque tinha muito tempo até subirmos ao palco às nove horas, mas sabia que se voltasse, Dallas não teria tempo para relaxar sozinha. Ela merecia ter tempo para si mesma. Em vez disso, abri meus e-mails e comecei a resolver algumas coisas de trabalho que tinha adiado no dia anterior.

Havia algumas coisas do *America's Rocker* que precisavam da minha atenção. Concordei em assinar com eles por mais duas temporadas se minhas mudanças fossem implementadas. Cole Steel não voltaria, mas felizmente Drake concordara em assinar por, pelo menos, mais uma temporada. O show era um grande sucesso, o que tinha me surpreendido, porque pensei que seria um fracasso após as primeiras temporadas, pelo modo como os produtores tendiam a dirigir tudo. Admito que descobrimos alguns talentos incríveis que só tinham sido reconhecidos por causa do programa, e o ganhador da última temporada era o melhor deles.

Obviamente, alguém teria que substituir Cole na próxima temporada. Os produtores já estavam sugerindo nomes e fazendo reuniões. Dois nomes estavam no topo da lista deles, e eu tinha certeza de que quando Emmie descobrisse quem estava naquela pequena lista, sua cabeça iria explodir.

Honestamente, os produtores tinham que estar agradecidos por terem conseguido fazer Drake assinar um contrato sem brechas ou teriam que tê-lo substituído por Tommy Kirkman. Felizmente, Drake e eu tínhamos voz sobre quem assumiria o lugar de terceiro juiz, e eles receberiam um "nem fodendo" de nós dois.

Não queria trabalhar com o pai da Layla de jeito nenhum. Eu o tinha riscado da minha vida na mesma noite em que esse maldito tinha mandado seus guarda-costas pularem em cima do Jesse. Estava bêbado pra caramba naquela noite e recebi minha própria quota de surra quando entrei na briga para ajudar Shane a ajudar Jesse.

Levei mais de uma hora para responder meus e-mails, e quando deixei meu celular de lado, Dallas apareceu pela porta dos fundos. Ela estava com um sorriso no rosto, então, tive certeza de que ainda não tinha escutado sobre a pancadaria da noite passada ou sobre sua amiga estar basicamente recolhendo os cacos quebrados de si mesma. Não queria ser aquele que tiraria o sorriso de seu lindo rosto, mas não queria que fosse pega de surpresa ao saber da notícia por qualquer outra pessoa.

Antes que pudesse abrir a boca, ela se jogou nos meus braços e afastou, com um beijo, todos os pensamentos racionais da minha cabeça. Passei meus braços ao seu redor quando escalou meu corpo, enroscado aquelas longas e sedosas pernas em torno da minha cintura. Suas mãos se afundaram no meu cabelo, aprofundando o beijo, e me forçando a apoiá-la contra a parede mais próxima. Seu beijo era selvagem e roubou minha sanidade em um piscar de olhos.

Ofegante, ela só recuou algum tempo depois.

— Senti sua falta — ela sussurrou antes de repousar mais um beijo nos meus lábios.

— Também senti sua falta, *baby*. — Deslizei meu nariz em seu pescoço, inalando a sutil e inebriante essência de seu corpo limpo. — Gostou do seu café da manhã na cama?

— Foi perfeito. Obrigada, *baby*.

Relutantemente, recuei, e ela desenroscou as pernas da minha cintura. Eu estava duro como pedra, mas teria que sofrer por enquanto.

— Preciso te contar uma coisa.

Seus olhos perderam um pouco do brilho.

— O que aconteceu?

— Ontem à noite, Dev e Z brigaram. Emmie chegará aqui a pouco, antes do show desta noite.

Dallas revirou os olhos.

— Isso não me surpreende.

— A briga foi por causa de Nat…

— Outra vez. Não estou surpresa.

— … porque apostaram quem transaria com ela primeiro — terminei de falar, e depois recuei quando vi seu rosto nublar.

— Como é?

— Eu também acabei de descobrir, *baby*. Aparentemente, fizeram a aposta antes da turnê começar. Não sei se Dev e Nat realmente ficaram juntos, mas obviamente se aproximaram durante os últimos dois meses. Ou tinham se aproximado. — Fiz uma careta pelo que pareceu ser a centésima vez nas últimas horas ao ver a fúria nos olhos de Dallas. — Deve ir atrás dela, *baby*. Ver se precisa conversar.

— Vou procurá-la assim que cuidar de Summer e Eve. — Meu rosto claramente transpareceu minha confusão mental, porque ela revirou os olhos. — Os gêmeos idiotas. Devlin e Zander.

— Não — eu disse, posicionando-me entre ela e a saída que estava prestes a pegar para procurar meus dois companheiros de banda. — Não faça isso, *baby*. Olhe, eles acabaram um com o outro na noite passada. Z mal está podendo ficar de pé, e Dev parece ter sofrido uma concussão pela forma como estava tocando pessimamente mal hoje cedo.

— É sério que está protegendo aqueles dois idiotas? — ela rosnou.

— Claro que não. Estou tentando proteger você. Nenhum dos dois está bem no momento, e não quero que façam ou digam algo quando for confrontá-los. Se disserem qualquer coisa que a machuque, de qualquer forma, terei que matá-los, e sinceramente sou bonito demais para sobreviver à prisão. — Aquela última parte produziu o sorriso que estava esperando conseguir, mesmo que tivesse sido menor do que gostaria. Inclinando-me para a frente, eu a beijei, longa e apaixonadamente.

— Tudo bem — ela aceitou, empurrando-me depois de desfrutar meu beijo por alguns segundos. — Vou ver como Natalie está. Mas se eles cruzarem o meu caminho, não vou segurar o que tenho a dizer a esses bundões.

— Justo. — Eu a beijei novamente antes de deixá-la ir. — Vou descansar um pouco antes do show. Se precisar de mim, estarei no meu camarim… que tem um banheiro privado. — Levantei uma sobrancelha, e ela bufou, mas não conseguiu esconder o óbvio desejo que a ideia de tirar proveito do meu banheiro privado tinha gerado nela. Com uma piscadela e um tapa em sua bunda perfeita, deixei-a sair para encontrar a amiga.

— Tio Ax. Tio Ax. Tio Ax!

Minha cabeça virou de rompante ao escutar o som da voz de Mia. Nem sequer disse nada ao técnico de palco com quem estava conversando antes de me virar e correr em direção à menina de três anos que se empenhava em me alcançar o mais rápido que pudesse com suas perninhas se esforçando ao máximo para chegar até mim. Quando a envolvi em meus braços, girando-a, não consegui evitar que um sorriso bobo se espalhasse por todo meu rosto.

Depois de apenas alguns giros, parei e a beijei na bochecha.

— Uau, olhe para minha linda garotinha. Você cresceu desde a última vez que te vi, princesa.

— Adivinha? — ela ordenou, com uma expressão de emoção no rosto que fez seus grandes olhos verdes brilharem para mim.

— Hmm… Você vai fugir de casa para se tornar uma trapezista famosa no circo?

— Não, bobinho. — Ela revirou os olhos para mim, como se eu fosse uma criança incorrigível, e ela, a adulta. — Vou ganhar um irmãozinho!

— Sério? O papai já sabe? — Dei mais um beijo em sua bochecha antes de me virar para uma Emmie gravidíssima, que cambaleava em vez de andar até nós.

— Tenho certeza de que papai ficou sabendo antes de sairmos esta manhã. — Emmie suspirou enquanto parava por tempo suficiente para me deixar depositar um beijo em sua bochecha. — Olá, sumido.

— Emmie, a gente se fala todos os dias — recordei.

Ela deu de ombros.

— Não te vejo desde janeiro. Para mim, isso é muito tempo.

— Você está certa. É mesmo. — Coloquei Mia no chão e passei meus braços pelos ombros de Emmie. — Como foi o voo?

Seus olhos se estreitaram. Aparentemente, tinha feito a pergunta errada.

— Ah, foi maravilhoso. Considerando que tive que ouvir uma vaca atrás de nós criticando o fato de que minha filha de três anos estava sentada na primeira classe, enquanto seu filho tinha que se sentar na classe econômica com a irmã. A melhor parte foi quando Mia finalmente se virou em seu assento e perguntou à mulher por que estava sendo tão vadia. — Isso produziu uma risada em nós dois. Mia podia ter apenas três anos, mas tinha puxado mais do que a aparência da mãe. — Não estou brincando, Ax. Mia usou a palavra "vadia". E ela perguntou a mesma coisa que eu estava querendo perguntar, mas que não o fiz porque não queria causar uma cena na frente da minha filha, então, nem mesmo pude conseguir repreendê-la.

— Parece que teve um dia agitado.

— Está apenas começando. Vou ter que chutar algumas bundas hoje à

noite.

— Você disse “bundas”, mamãe — Mia chamou a atenção enquanto pulava sobre um cabo grosso no chão. — Papai disse que “bunda” é um palavra feia.

Tossi para esconder minha risada e fui pegar Mia no colo.

— Vamos achar um lugar para você brincar, Mia, antes que a cabeça da mamãe exploda.

Mia olhou para a mãe por cima do meu ombro.

— Oh. Está bem. Ela tem feito muito isso ultimamente. Papai disse que o bebê está fazendo isso com ela, e que não deveria levá-la muito a sério. Você também não deveria, tio Ax. Ela também te ama, sabe? Mas do mesmo jeito que ama o tio Jesse, o tio Drake e o tio Shane. Não como ela ama o papai. Papai disse que chutaria sua bunda se ela te amasse como ama ele.

Tive que morder minha bochecha para conter uma gargalhada. Não conseguia acreditar nas palavras que ouvia sair da boca dessa criança. Ela não deixava passar nada e falava o que vinha à mente. Era dona de uma parte do meu coração tão grande quanto a que pertencia à sua mãe.

— Às vezes, você não deve repetir o que o papai fala, Mia. Às vezes, isso pode fazer a cabeça da mamãe explodir de verdade. — Olhando de canto de olho para Emmie, vi que seu rosto estava vermelho vivo, e que resmungava algo baixinho. Eu me esforcei para manter o bico fechado, mas acabei soltando uma gargalhada. — Vou levá-la para Marissa. Ela estará no camarim de Wroth, se ficar preocupada.

— Tenho certeza de que estará bem — Emmie disse. — Ela gosta de Marissa. Estou preocupada é comigo. Fico imaginando o que mais *papai* tem dito por aí ultimamente. — Ela revirou os olhos e cruzou os braços por cima da sua enorme barriga. — Se não amasse esse homem tanto assim, eu o chutaria *na*… — Ela se interrompeu, mas era óbvio que estava prestes a falar “bunda”. — Seja uma boa menina, Mia.

— Está bem, mamãe. Te amo de montão.

O rosto de Emmie suavizou.

— Te amo mais ainda.

Capítulo 19

Dallas

Duvido que houvesse mulher mais bonita do que esta quando irritada.

Emmie Armstrong era magnífica quando estava furiosa. Cabelos ruivos e longos voando. Pequeno e fofo nariz em chamas. Peito ofegante. Barriga gravidíssima tremendo sob a força dos pés inquietos de seu bebê, enquanto ela andava de um lado para o outro em frente de cinco roqueiros de pé, que estavam alinhados como se ela fosse um sargento sanguinário, e eles, sua tropa.

Sua voz tremia enquanto falava.

— Não estou com a menor vontade de lidar com crianças, mas é exatamente assim que alguns de vocês têm agido. — Seu olhar esverdeado foi para Zander, que estava em uma ponta da fila, e depois para Devlin, que estava na outra ponta. — Vocês sabem o quão chateada estou neste momento? Vocês realmente acham que eu me candidatei para esta merda? Terei o maior prazer em quebrar o contrato com a OtherWorld agora mesmo para que possam voltar para o maldito Rich Branson, já que ele aparentemente aguentava a criancice de vocês.

Meu olhar se dirigiu para Axton que estava alinhado com o resto dos companheiros de banda. Quando Emmie mencionou o nome de Branson, vi a tempestade em seu rosto. Soube por Harper que quando a Demon's Wings se recusou a fechar contrato com Rich Branson, o idiota tinha partido para cima de Emmie. Se Nik não tivesse entrado no meio dos dois e dado um soco nesse saco de estrume, o cara teria realmente batido em Emmie. Depois de escutar isso, Axton convenceu a banda a deixar Branson assim que o contrato chegasse ao fim. Pelo que Harper tinha me dito, não precisou de muito para que o resto da OtherWorld concordasse.

— Mentira — Devlin resmungou. — Você não mandaria nem um cachorro morto para Brason.

Devlin Cutter tinha mais de um metro e oitenta de altura, talvez mais de um e noventa. Emmie era consideravelmente menor. Mesmo com sua barriga sobressaindo daquela forma, Devlin provavelmente superava seu peso em mais de cinquenta quilos. Isso não pareceu deter Emmie, que se aproximou do baterista e o cutucou no peito com o dedo.

— Quer apostar? Não trabalho com imbecis imaturos. E você e seu amigão? São os maiores imbecis que já conheci. Quer saber, Dev? Pensei que, com certeza, seria Liam quem mais daria trabalho nesta turnê…

— Ei! — Liam se amuou.

— …mas ele tem sido um santo. — Emmie continuou como se Liam não tivesse dito nada, e sinceramente duvido que o tenha escutado de tão focada que estava em Devlin. — Esperava mais de você, Devlin. Dessa vez, você está com seu filho, então, pensei que, dentre todos, seria o mais responsável. Aquele que daria o exemplo. Em vez disso, você… — Ela parou e se afastou dele. Depois de respirar profundamente para se acalmar, finalmente se virou e encarou os cinco homens enormes. — A hora de brincar está oficialmente terminada. Os ônibus serão reorganizados, o cronograma será ajustado, e as coisas serão feitas do meu jeito ou terei que esmagar alguns crânios uns nos outros.

Zander abriu a boca, mas como se estivesse esperando por isso, Emmie lhe atirou um olhar arrepiante que o calou rapidamente.

— Axton e Devlin, peguem suas coisas. Wroth e Liam, vocês também.

— Eu? — Liam franziu a testa. — Mas…

— Mas nada. Você está com uma maldita bota ortopédica sobre o gesso. Eu estou grávida e com uma criança à tira colo. Ficaremos com o quarto. — Ela suavizou o tom quando se aproximou dele. — E só quero dizer uma coisa… Estou orgulhosa de você, Liam. Você está se saindo muito bem.

Liam engoliu em seco, assentiu bruscamente com a cabeça uma vez, mas não disse palavra alguma. O elogio de Emmie o tinha afetado enormemente,

porque isso raramente acontecia. Liam realmente estava fazendo um bom trabalho. Claro, em alguns momentos teve vontade de desistir, mas Linc o estava ajudando com isso, fazendo mais exercícios fisioterapêuticos. De acordo com Linc, os exercícios aumentavam o nível de endorfina, o ajudavam a evitar as tentações de sua dependência. Liam nem estava tomando os remédios para dor. Apenas alguns comprimidos de *Tylenol* quando a dor ficava mais intensa.

— Quero Marissa no meu ônibus, se tiver que me mudar — disse Wroth para Emmie.

— Claro. Não me importo. Presumo que Harris também vá se mudar do outro ônibus, então, haverá muito espaço para ela. — Ela suspirou e deu um passo atrás. — Ok, imbecis. Vamos indo. Precisamos estar em Nova Jersey amanhã para o próximo show. Ah, e Zander? Você tem trabalho a fazer com os posters. Deve autografá-los das cinco às sete e meia lá no nosso estande. — Um grunhido saiu de Zander, soando como se tivesse sido submetido à tortura. — Devlin, você assumirá o posto depois do show até às duas da manhã. Checarei para ter certeza de que estarão lá e de que permanecerão pelo horário determinado. Não me façam caçar as bundas de vocês. Vou fazer que se arrependam.

Desencostei da parede na qual estava apoiada, descaradamente assistindo ao show de puxões de orelha que Emmie estava dando, um deleite. Todo mundo, exceto Axton, saiu para fazer o que Emmie tinha instruído. Axton passou seus braços pelos ombros de Emmie e a beijou na testa.

— Você parece exausta. Vá se deitar.

Ver o quão gentil Axton era com Emmie fez meu coração se derreter novamente. Claro, eu tinha escutado os rumores e fofocas sobre Axton e Emmie. Sobre como Axton estava apaixonado por ela e sobre como Emmie provavelmente teria se casado com ele se não tivesse ficado grávida de Mia do nada. Quanto ao primeiro, eu podia ver como as pessoas poderiam chegar a especular sobre isso. Ele obviamente se importava com ela, mas eu não via nada além de carinho e adoração, como se tem por um membro da família, e não por um amor. Quanto ao segundo? Não acreditava. Nem um

pouco. Emmie e Nik tinham algo que eu só admitiria a mim mesma que também queria ter na minha relação com Axton. Com ou sem Mia, tinha certeza de que Nik e Emmie terminariam juntos para sempre. Eles tinham aquele tipo de amor que resistia ao teste do tempo.

Além disso, não era como se Axton tivesse tatuado o nome *de Emmie* em sua pele. Rangi os dentes, tentando lutar contra a onda de ciúme que pensar no nome de Gabriella tatuado no pulso do meu homem me causava. Isso comia minha alma como um câncer. Tentei lutar contra isso, mas os ciúmes dessa maldita cadela continuavam me atingindo. Bem onde dói mais. No meu coração.

Quando cheguei onde os dois estavam, vi os ombros de Emmie caírem, e com um pequeno sorriso em minha direção, ela acenou com a cabeça.

— Ok. Eu queria ligar para Nik mesmo. Mia provavelmente está dormindo, então, vou poder falar com ele sem que ela faça uma birra.

— Será só por algumas semanas, Em. Nik estará de volta do Reino Unido e poderá se juntar a nós antes de chegarmos a Ohio.

Seu queixo tremeu por um momento até que ela apertou a mandíbula e acenou novamente.

— É. Vejo vocês mais tarde. — Ela o abraçou apertado por um momento e, em seguida, se dirigiu para os ônibus.

Axton a observou ir embora até que estivesse fora de vista e se virou para mim com um sorriso no rosto.

— Bom, parece que você não será capaz de se esconder de mim agora.

Sorri e revirei os olhos para ele.

— Eu sei. Droga. Acho que vou ter que trancar minha porta esta noite. — Dividir o ônibus não me incomodava mais. Não depois dos últimos dias. Quando parei de tentar esconder a verdade de mim mesma sobre o quanto o amava e percebi que tentar estabelecer limites era algo inútil. Por que manter tanta distância entre nós se obviamente isso nos deixava infelizes?

Ele enroscou seus braços na minha cintura e abaixou a cabeça até que

nossos lábios estivessem quase se tocando.

— Quer dividir um poleiro? Prometo não me aproveitar de você enquanto dorme.

Inclinei a cabeça para trás o suficiente para que nossos olhos se encontrassem.

— Mas, e se eu quiser me aproveitar de você?

Olhos de avelã clarearam para o verde e fui recompensada com a visão daquelas manchinhas douradas sexies pra caramba.

— Então, estarei ferrado. Adoraria tirar proveito de você, *baby*. Mas nós dois teremos que nos comportar. Mia e Harris estarão no ônibus com a gente.

Fiz beicinho para ele.

— Mas, *baby*!...

Axton sorriu e finalmente encostou os lábios nos meus.

— Danada. Você fica muito fofa quando faz beicinho assim. — Outro beijo, e aproveitei para chupar o piercing no seu lábio inferior por um momento, até que ele começou a me empurrar na mesma direção em que Emmie tinha acabado de ir. — Vá. Irei depois de recolher minhas coisas. Mas falava sério sobre dividir um poleiro. Não estava dormindo muito bem no outro ônibus. Preciso que se aconchegue comigo, roubando a coberta, para me sentir confortável.

— Posso roubar as cobertas, mas você me empurra da cama. É por isso que tenho que me aconchegar em você, senão caio no chão. — Claro que isso não era verdade. Axton se mantinha no meio da cama, e eu só conseguia me sentir confortável quando me jogava nele, com minha cabeça usando seu peitoral como almofada e meu braço envolvendo sua cintura. Sua confissão de que não conseguia dormir sem mim fazia meu coração dar voltas, mas eu podia dizer o mesmo sobre os meus hábitos noturnos ultimamente. Só conseguia ter uma boa noite de sono quando dormia na mesma cama que ele. Se fizéssemos ou não amor naquela noite.

A caminho do ônibus, passei por um Wroth resmungão, sem Marissa. Franzindo a testa, continuei andando já que sabia que se tentasse falar com ex-fuzileiro agora, não seria nada bom. Wroth de mau humor não era algo que gostaria de experimentar em primeira mão. Quando entrei no ônibus, encontrei Harris sentado no sofá enquanto via um filme, mas nenhum sinal de seu pai ou Marissa. Desejei-lhe uma boa noite e continuei andando.

Parei para usar o banheiro e escovar os dentes na pequena pia do lado de fora. Quando terminei, fui direto para o meu poleiro e subi. Tinha ficado com o poleiro do meio, do lado esquerdo, enquanto Linc estava em um outro diretamente acima do meu. Não sabia quem ficaria com o que estava embaixo, mas se Marissa ainda fosse ficar neste ônibus, então, sabia que provavelmente alguém dormiria ali.

Quando deslizei até me deitar contra a parede do poleiro, pensei ter ouvido um pequeno soluço e parei para escutar melhor. Não houve outro, mas estava certa de que o tinha escutado – o tipo de soluço que vinha acompanhado de choro. Balançando a cabeça, puxei meu celular do bolso do jeans antes de chutá-lo com os pés até a ponta da cama.

Checando meu celular, vi que havia algumas chamadas e mensagens perdidas. Duas ligações do meu pai e uma mensagem de Harper. Abrindo a mensagem, bufei assim que vi a foto dela na praia em frente à sua casa, em Santa Monica. Ela estava de biquíni com Shane enroscado em sua lateral. É claro que os lábios dele estavam tocando o pescoço dela, porque os lábios de Shane Stevenson sempre davam um jeito de estar perto de alguma parte do lindo corpo de Harper.

Esse também era um relacionamento que eu invejava. Shane e Harper viviam a mesma história de amor que Carl e Elli – eram as palavras deles para descrever a relação, não minhas. O modo como Shane amava Harper tão ferozmente era adorável, e a vida sexual deles era… digna de filme pornô, esse era o único jeito de realmente descrevê-la.

— Dallas?

Ao ouvir a voz de Axton, não pude deixar de sorrir. Rolando para o outro

lado, puxei as cortinas que davam privacidade para o meu poleiro. Ele estava parado, segurando um travesseiro e uma coberta e, sim, meu coração se derreteu novamente. Coração estúpido, mas já tinha prometido a mim mesma que não lutaria contra isso. Ele estava comigo agora, e não com aquela cadela troll.

— Oi — murmurei.

Sua testa se franziu e ele sorriu para mim.

— Oi para você também. Já mudou de ideia?

— Talvez. — Dei de ombros. — Devemos discutir os termos e condições novamente.

Olhos de avelã se estreitaram para mim.

— Vamos ouvi-los.

— Devo ser beijada. Muitas e muitas vezes. Antes de dormir, todas as manhãs e também no intervalo entre esses períodos. Se passar cinco minutos na minha presença sem me beijar, então, isso será motivo suficiente para ser banido da minha cama.

— Feito. — Ele pôs o travesseiro na minha cama. — Mais alguma coisa?

— Por enquanto não. Mas este é um contrato em aberto. Posso acrescentar outras cláusulas a qualquer momento. — Segurei sua mão e o puxei para perto. Quando murmurou um "combinado", chupei seu piercing e lábio inferior para dentro da minha boca e, com um mordisco, o soltei.

— Bem-vindo à La Casa de Dallas. Sinta-se à vontade.

Capítulo 20

Axton

Rock On The Range.

Esse era apenas um dos poucos eventos que reuniam fãs de rock por três dias seguidos para celebrar tudo que fosse rock-n-roll. Mais de cem mil pessoas. Três palcos com algumas das melhores bandas de rock no mundo? Check. Roda-punk? Check. Surfar na multidão? Check. Pessoas bêbadas e desmaiadas na grama molhada ou em um canto escuro e da hora? Duas vezes check. O cheiro de maconha no ar? Claro. Garotas andando por aí de topless, sem se importar com o tamanho dos peitos ou com o fato de que não tinham o corpo ideal para isso? Com certeza! Por que não o fariam? Era Rock On The Range, bebê!

E a OtherWorld estava fechando a noite de sábado no palco principal. Algo que demonstrava o quão incrível a banda era. Fechar a sexta-feira era bom, porque fazia todo mundo ficar ansioso para mais; fechar o domingo era encontrar todo mundo lutando contra a ressaca, aprontando-se para voltar para casa ou ter um público muito menor do que de costume.

Sábado? Sábado era perfeito.

Demon's Wings tinha fechado a noite de sábado no ano anterior, então, estava mais do que eufórico para fazer parte do fechamento deste ano. Com Nik a bordo do meu ônibus da turnê, ao lado de sua super – SUPER – grávida esposa, tinha certeza de não me deixar esquecer o fato de que tinha fechado o ROTR primeiro. Maldito.

Com o ônibus parado na tarde de sábado, todo mundo estava bem desperto e pronto para a festa. Especialmente Mia. Ela conhecia a maioria das bandas com as quais tínhamos laços de amizade e queria dizer oi imediatamente. Aqueles que não conhecíamos pessoalmente? Ela com

certeza os teria na palma de suas pequenas mãos em pouco tempo. E aqueles que eram uns babacas? Seu pai e o tio Axton chutariam os traseiros deles até que estivessem se comportando de acordo com as regras de Mia.

Para a OtherWorld, hoje, não era apenas sobre fazer um show. Tínhamos obrigações. *Monster*[3] tinha seu próprio estande, e teríamos que ir e marcar presença durante uma hora. Wroth e Liam eram esperados no estande da *Fender*, para autografar guitarras e conhecer os fãs. Depois, todos nós nos revezaríamos no nosso próprio estande de camisetas, montado do lado de fora da arena, autografando qualquer coisa que os fãs comprassem ou trouxessem. Seria um dia longo. E planejo comer muita fastfood, beber um monte de latinhas de *Monster*, e escutar muita música boa com Dallas.

3. Bebida energética

Claro, havia uma última obrigação. Uma que não queria mencionar a ninguém, especialmente à minha namorada.

Gabriella também se apresentaria hoje no palco dois. Já tinha me enviado dois e-mails sobre isso, usando-os como desculpa para saber de Liam já que os tabloides pararam de acompanhar seu processo de recuperação há seis semanas, simplesmente porque não era mais tão divertido agora que ele estava se saindo tão bem. Eu tinha que apresentar a música que fizemos juntos quando começamos a namorar.

Aquela música por si só já deveria ter me mostrado que Gabriella não era a escolhida. Ela tinha escrito *Shatter Me* sobre sua prima Alexis. Alexis tinha passado por um fim de relacionamento péssimo com quem agora era seu marido, e tinha ficado emocionalmente destroçada. Depois de gravar a música com a OtherWorld, Gabriella correu para gravar o videoclipe para que pudesse separar Alexis e Jared de novo. Funcionou.

Muito bem.

Felizmente, Alexis e Jared estavam enfim reconciliados, e tinham um filho lindo. Sobre isso, Gabriella não mudaria nada. Jordan era sua pessoa favorita no mundo todo. Foi a segurança de Jordan que a fez terminar daquele jeito com Liam.

Não queria que Dallas soubesse sobre a apresentação com Gabriella e a banda dela. As coisas estavam perfeitas entre nós desta vez. Nenhum de nós dois tinha dito as palavras “eu te amo”, mas eu as via em seus olhos. E enquanto eu mesmo não era capaz de dizê-las em voz alta, tentava mostrá-las com tudo que fazia por ela, mostrar o quanto era importante para mim.

O fato de eu estar adotando Kenzie? Isso nos aproximou ainda mais. Todas as paredes de Dallas tinham sido derrubadas, e permaneceram assim a partir do momento que contei que estava adotando a garota que tinha tocado meu coração em apenas alguns minutos após nos conhecermos.

Com a ajuda de Emmie, a papelada estava sendo agilizada, e quando a turnê terminasse, em alguns dias, eu – com a esperança de que Dallas também – estaria voltando para Baltimore para buscar Kenzie. A garota não faz ideia da adoção, mas mandei mensagem algumas vezes para saber como estava, estava esperando surpreendê-la. Naquela noite, naquele pequeno restaurante familiar, prometi a ela que as coisas melhorariam, e estava falando muito sério.

Não me importava que Kenzie estivesse prestes a completar dezoito anos. Aquela garota não teria ninguém quando fizesse dezoito, e queria ter certeza de que estaria bem. Desde a noite em que a conheci e ouvi sobre seus pais, não pude deixar de pensar que, de alguma forma, eles a tinham enviado até mim. Eles sabiam que, ao conhecer sua preciosa garotinha, imediatamente iria querer protegê-la.

O que eu mais queria era ter certeza de que estaria em segurança, alimentando-se bem e conseguindo tudo o que quisesse. Dallas e eu conversamos sobre o futuro de Kenzie. Contei meus planos para ela – os mesmos planos nos quais tinha esperança de incluir Dallas. Quando Kenzie se formasse, o que aconteceria em algumas poucas semanas pelo que tinha me contado em seu último e-mail, nós iríamos para a Califórnia, e Kenzie poderia escolher a faculdade que quisesse. Não me importava onde seria. Arranjaria um apartamento para ela, alguns cartões de crédito e um fundo fiduciário. Não esperava que ela me chamasse de pai ou nada disso. Tinha trinta e quatro anos, e ela, dezessete. NÃO, não acho que iria querer que me

chamasse de pai.

A menos… que ela quisesse. Quero dizer, eu aceitaria se ela quisesse.

Quando saímos do ônibus, as portas do segundo ônibus abriram e Wroth e os outros desceram. Como bons soldados, nós nos alinhamos na frente de Natalie e uma Emmie bastante grávida. Como estava grávida de oito meses, não conseguiria pegar o voo de volta para casa na próxima semana, quando a turnê terminasse, então, ela, Nik e Mia levariam o ônibus de volta para casa em Malibu.

Eu sentiria muitas saudades, como sempre acontecia quando estávamos em lados opostos do país. Tinha a esperança de que, depois que Dallas e eu buscássemos Kenzie, *todos* nós pudéssemos voltar para a Califórnia para construir um lar ali. Possuía uma cobertura em cada lado do país, mas uma casa para nós três seria muito melhor. Um lugar que pudéssemos chamar de nosso.

Nik, com Mia sentada em seus ombros, parou ao lado da esposa. Assim que as obrigações da Demon's Wings tinham acabado no Reino Unido, Nik pegara o primeiro voo para casa. O mau humor de Emmie desapareceu no momento que vira Nik no dia em que ele a surpreendeu no show de Delaware. Claro que seu mau humor logo voltou com tudo quando, alguns dias depois, teve que separar Liam e Wroth entre os ônibus, assim como tinha feito com Zander e Devlin, trocando Linc por Liam no meu ônibus, porque Wroth e Marissa tinham terminado uma relação que Marissa insistia que não tinha acontecido. Mulheres complicadas.

Mulheres complicadas que estavam dividindo minha banda. Se as coisas não mudassem logo, não sabia se ainda seríamos uma banda quando a turnê de outono começasse com a Demon's Wings. Os paparazzi tinham começado o rumor das desavenças entre Z e Devlin, e as especulações enlouquecidas eram de que talvez não houvesse turnê no outono, ou que talvez nem mesmo terminássemos *esta* turnê.

Estava começando a me perguntar as mesmas coisas.

Natalie deu um passo à frente com uma pilha de papéis em mãos.

Enquanto parava na frente de cada um de nós, entregava itinerários com os nossos nomes. Vi o meu e notei que Emmie já tinha agendado meu horário com Gabriella no palco dois para mais tarde. Eu a fitei, e ela deu de ombros antes de acenar na direção de Dallas, que estava recebendo o próprio itinerário.

Dallas franziu a testa para a única folha que Natalie entregou a ela.

— O que é isso?

— Está faltando pessoal na tenda de primeiros-socorros. Preciso que faça um turno de uma hora para que alguns paramédicos possam tirar a hora de almoço — Emmie explicou com um rosto sério, enquanto passava as mãos suavemente por sua barriga distendida. — Isso não será problema, não é?

Dallas fez que não com a cabeça.

— Não, claro que não. Ficarei feliz em ajudar.

Emmie abriu um sorriso radiante.

— Obrigada, agradeço imensamente. Tirando esse pequeno intervalo, o resto do dia é livre para fazer o que quiser. — O sorriso esmaeceu quando seu olhar se voltou para o resto de nós. — Eu espero que vocês estejam onde devem estar nos horários marcados. Eles sabem quando vocês devem aparecer e foram instruídos a me comunicar se não estiverem seguindo o combinado.

Seu olhar foi diretamente para Devlin enquanto dizia isso. Ele não tinha aparecido na última sessão de autógrafos, há dois dias. Em vez disso, tinha ido a um bar e ficado bêbado, e depois, tentado forçar a entrada do ônibus onde Natalie estava dormindo. Se Linc não estivesse lá para manter Dev do lado de fora, vai saber o que poderia ter acontecido. Meu baterista parecia um fantasma do homem que tinha sido no início da turnê. As coisas não estavam feias apenas entre ele, Zander e Natalie, mas também a relação com o filho não estava das melhores. Embora Dev e Harris tivessem se aproximado após a morte da mãe de Harris, era de partir o coração ver como as coisas tinham piorado.

— Se receber qualquer ligação de qualquer pessoa, ninguém será capaz

de protegê-los da minha ira. — As narinas do nariz fofinho de Emmie queimavam. — Então, não adianta irem chorar para Nik ou Axton, pensando que poderão salvá-los.

Com o último dos itinerários distribuído, Natalie voltou para o lado de Emmie.

— Se precisarem de qualquer coisa, Natalie estará pronta para assisti-los em cada um dos estandes. Exceto nos estandes de camisetas. Lá, contarão com a ajuda da equipe. Estarei no estande da *Monster* na maior parte do dia, se precisarem de mim.

— E eu vou surfar na multidão com o papai! — Mia exclamou, sem nenhum esforço, pondo fim a qualquer outra advertência que pudéssemos receber.

— O que foi que disse? — Emmie estreitou os olhos primeiro para Mia, depois, para Nik, que tentava parecer inocente sem sucesso, já que sua filha de três anos acenava com a cabeça entusiasticamente. — Vamos ter uma conversinha. — Ela agarrou seu braço e o puxou para longe, murmurando xingamentos baixinho para que Mia não ouvisse.

Dallas se virou para dar uma olhada no meu itinerário. Felizmente, o horário com Gabriella não mencionava seu nome. Só estava escrito CT, o que estava quase certo de que significava ‘cadela troll’. Emmie era discreta a esse ponto.

— Parece que nós dois temos coisas a fazer às cinco. O que quer fazer até precisar ir para o evento da *Monster*?

Passei meus braços pelos seus ombros, beijei o topo de sua cabeça e comecei a empurrá-la em direção ao cheiro de comida.

— Quero me empanturrar do melhor macarrão do mundo inteiro, pegar um ponche de *Jack Daniels* para você, e uma *Monster* para mim. Depois, vamos curtir algumas bandas com os outros fãs, e vou levá-la para o estande de camisetas para comprar um monte de coisas que não precisa, mas que quero que tenha mesmo assim.

Ela parou e olhou para mim.

— É sério?

— O quê? — Esperava que tivesse ficado brava comigo por querer comprar coisas para ela de novo. Há algumas semanas, tivemos uma discussão sobre eu ficar comprando coisas aleatórias para ela sem necessidade. Não quero começar o dia com uma briga, não quando nosso relacionamento tem se mantido tão harmonioso e pacífico.

— O melhor macarrão do mundo todo? Impossível. — Ela sorriu e agarrou minha mão, entrelaçando nossos dedos. — Mas vou deixar você tentar me convencer.

— Às vezes você é bem maldosa, sabia?

— Eu sei. Onde quer chegar com isso? — ela perguntou com uma piscadela atrevida.

Bufei, fingindo estar exasperado.

— Realmente gosto dessa parte em você, *baby*.

— Da minha maldade? — Ela levantou as sobrancelhas. — Mas, na outra noite, você disse que gostava da minha…

Empurrei-a de brincadeira e selei seus lábios com os meus, interrompendo as palavras muito inapropriadas que estavam prestes a sair da sua boca atrevida na frente dos meus companheiros de banda, equipe e Deus. Depois de um longo momento, recuei um pouco.

— Gosto das duas coisas igualmente. Agora, cale a boca, e me deixe alimentá-la.

— Ah, *baby*. Você é tão romântico.

Estávamos no meio da multidão, perto do palco dois, escutando Thousand Foot Krutch e dividindo uma cerveja. A multidão estava ficando um pouco tumultuada, então, posicionei Dallas na minha frente e passei meus braços ao redor de sua cintura, por trás. Ao nosso redor, fãs olhavam

para o palco com atenção ou surfavam nos braços da multidão. Se me notaram ali, não tinham demonstrado, e estava agradecido por isso. Só queria relaxar com minha garota mais um pouquinho.

Depois de tomar um gole da cerveja que segurava, Dallas passou a garrafa para mim com uma careta.

— Não estou me sentindo muito bem — ela gritou para que pudesse ser ouvida sobre a música.

Bebi o resto da cerveja e joguei a garrafa na lixeira mais próxima antes de segurar sua mão e levá-la para fora da multidão. Quando chegamos a um lugar mais privado, eu me virei para olhar para ela. Seu rosto estava pálido e havia suor no seu lábio superior e na sua testa, mesmo que só estivesse fazendo quinze graus, por causa de uma tempestade que estava vindo de Ohio e Virgínia Ocidental nos últimos dias.

— Foi o macarrão? — Eu a tinha feito comer um dos meus pratos favoritos do ROTR só para que tivesse uma intoxicação alimentar? Mas eu também não deveria estar doente agora, se esse fosse o caso?

Dallas fez que não com a cabeça.

— Não parece ser intoxicação alimentar; você não está se sentindo mal, está?

— Eu estou bem. Vamos para a barraca de primeiros-socorros para pegar algum remédio para o estômago. — Puxei sua mão, mas ela balançou a cabeça novamente. — *Baby*, não quero te ver passando mal. Eles têm antiácido e outras coisas que vão fazer você se sentir melhor.

— Tenho alguns desses no ônibus. Vou tomar algum e, talvez, me deitar um pouco. — Ela enrolou os braços ao redor da minha cintura e inclinou a cabeça contra meu peito por um momento. — Você tem que ir para a barraca da *Monster* daqui a pouco, *baby*. Não se preocupe comigo.

— Não quero que fique sozinha se não está se sentindo bem. — Meu coração apertou quando pensei que teria que deixá-la sozinha enquanto estava passando mal. E se ela começasse a vomitar? Droga, queria cuidar dela.

Dallas levantou a cabeça, e vi que tinha começado a se sentir pior por causa da aparência de seu olhar.

— Vou mandar uma mensagem para Linc e ele virá cuidar de mim até você poder voltar, tudo bem? — Ela beijou minha bochecha antes de recuar. — Vá. Não faça Emmie ter que vir buscar você — ela disse com um pequeno sorriso. — Não acho que queira entrar na lista de inimigos dela.

Emmie era a menor das minhas preocupações neste momento. Minha garota precisava de mim, e eu queria que fizesse bico e me pedisse para cuidar dela. Se fizesse isso, então, mandaria o resto do dia para o espaço por ela. Que se dane tudo. Que se dane a ROTR. Que se dane Gabriella e tudo o mais que precisasse da minha atenção.

Mas Dallas apenas me beijou na bochecha novamente e me empurrou na direção da barraca da *Monster*.

— Mandarei uma mensagem se precisar de você, Ax.

— Vou pedir para Nik ficar de olho em você — cedi, enfim. Nik me diria se ela estava bem, ele tinha experiência com mulheres passando mal. A única vez que eu tinha lidado com uma mulher passando mal antes fora na noite que Emmie tinha desmaiado por desidratação. Minhas mãos começaram a tremer por medo de que isso acontecesse com Dallas. — Eu quero ir com você, Dallas — disse, rapidamente mudando de ideia. Meu coração estava disparado. Ela só tinha uma dor de estômago, e eu já estava terrivelmente assustado.

Ela levantou o olhar e me fitou por um longo momento antes que seu lábios se contraíssem em um pequeno sorriso.

— Ok. Pode me acompanhar até o ônibus. Mas quando Linc aparecer, você precisa ir encontrar os outros. Não quero ser motivo de desapontamento dos fãs.

Eu desapontaria o mundo inteiro por ela. Nada era mais importante para mim do que ela. Nada.

Assim que voltamos para o ônibus, eu me sentei no sofá, segurando sua cabeça no meu colo, depois que ela tinha tomado uma dose de antiácido.

Comecei a desejar que Linc não aparecesse, mas ele apareceu, e tive que me despedir dela com um beijo. Linc se sentou no meu lugar e começou a passar os dedos pelo cabelo dela, como eu estava fazendo. Enquanto ficava ali parado, olhando para ela, quase me engasguei com as palavras "eu te amo" na tentativa de impedi-las de escorregar para fora. Não era o momento. Não queria que se lembrasse do momento que confessei meus sentimentos por ela junto à lembrança do quão mal estava se sentindo.

Com um último beijo em sua testa, pedi para Linc me ligar se Dallas piorasse e relutantemente voltei para a multidão.

Pelas próximas horas, fiz meu trabalho, mas minha cabeça estava em outra. A cada cinco minutos, verificava o celular para ter certeza de que Linc ou Dallas não tinham me escrito. Mandei Nik ir checar a situação, e quando ele não tinha voltado ou ligado imediatamente, fiquei preocupado. Em minha mente lampejavam situações hipotéticas nas quais tinha que levá-la ao hospital, porque estava doente demais para conseguir levantar a própria cabeça.

Alguém cutucou meu ombro por trás e me virei para o culpado só para encontrar Emmie ali parada, franzindo a testa para mim.

— O que há de errado com você?

— Dallas não está se sentindo bem. Ela voltou para o ônibus e quero estar lá com ela.

— Por que não me disse nada antes? — ela quis saber. — Poderia ter liberado você de metade destas porcarias. Caramba, Axton. Precisamos nos comunicar um pouco melhor. A família vem antes de tudo. Entendido?

— Sim, Em. — Olhei para o relógio. Droga. Tinha que estar no palco dois com Gabriella em cinco minutos. — Você pode me tirar dessa?

— Se tivesse me dado mais do que cinco minutos, com certeza. Mas ela está no palco há trinta minutos, cabeça de vento. Por mais que quisesse vê-la fazer papel de boba, meu profissionalismo não me permite. — Emmie me deu um soquinho no braço. — Vá em frente. Vou conferir como Dallas está e se está precisando de alguma coisa. — Quando comecei a abrir a boca

para pedir que me mandasse uma mensagem, ela me interrompeu. — Não se preocupe. Eu te ligo, mas tenho certeza de que estará bem.

Dando um beijo na bochecha de Emmie, eu me dirigi para a única coisa que esperava que Dallas não descobrisse sobre hoje. Estava me sentindo culpado por ter escondido isso dela, mas não estava fazendo nada de errado.

No momento que cheguei ao palco dois, já estava quase na hora de Gabriella e sua banda tirar as coisas do palco para que a próxima banda pudesse entrar. Subi as escadas e me movi para o lado do palco para que ela pudesse me ver enquanto terminava sua última música.

Enquanto as últimas notas do seu violino ainda preenchiam o ar, e os fãs gritavam o nome dela como loucos, Gabriella deixou o palco e me encarou carrancuda.

— Onde você se enfiou?

— Tive que lidar com outras coisas hoje, Brie. Você não é minha única obrigação. Agradeça que eu vim — cuspi. Ela se calou, mas continuou me encarando. Revirei os olhos. — Vamos cantar ou não?

— Você é um bosta, Ax.

— Diga-me algo que eu não tenha escutado antes, querida. Agora, arraste esse seu traseiro de volta para lá e vamos fazer isso logo ou vou cuidar de algo um milhão de vezes mais importante do que você e toda essa sua merda. — Meus dias de priorizar qualquer outra coisa além de Dallas tinham chegado ao fim. Essa seria a última vez que deixaria algo se interpor no meu caminho até minha garota.

Ainda me encarando, Gabriella me mostrou o dedo e voltou para o palco, onde sua banda estava esperando pacientemente, com os fãs gritando por mais.

— Mais uma música! — ela gritou e a plateia começou a gritar em concordância. — Essa foi escrita há alguns anos e ocupa um lugar especial no meu coração.

Revirei os olhos novamente, sabendo que a multidão pensaria que a

música era sobre nós dois. Era o que os tabloides tinham noticiado quando a música se tornou popular, e nenhum de nós dois os tinha corrigido.

Um dos técnicos me entregou um microfone e esperei onde estava até Gabriella começar a tocar o violino. Não precisava entrar até a terceira parte da música, então, comecei a marcar o tempo com o pé para não me perder em meus pensamentos. Quando finalmente entrei no palco, cantando com Gabriella, os fã enlouqueceram e tive que ajustar meu fone para não ficar totalmente surdo.

Normalmente, quando apresentava essa música com Gabriella, nós nos aproximávamos um do outro e conectávamos nossos olhares. Isso não aconteceria hoje. Corri pelo palco, aproximando-me para apertar algumas mãos de fãs homens que estavam perto do palco, atrás de uma grade e guardas de segurança. Algumas garotas me entregaram rosas vermelhas e soprei um beijo com uma piscadela para elas antes de me virar para a outra ponta do palco.

A música estava quase no fim quando olhei para o mar de fãs e encontrei Liam de pé na multidão. Ele estava observando Gabriella de perto, mas ela estava imersa no momento, seu violino era como uma extensão de seu braço, e ela o tocava sem esforço. Quando olhei de volta para Liam, ele estava indo embora, mas vi uma pequena corcunda em seus ombros e fiz uma careta.

Essas malditas garotas seriam o fim da minha banda, e não havia nada que pudesse fazer a respeito.

Capítulo 21

Dallas

Meu estômago estava começando a melhorar, mas minha mente não se calava. A enfermeira dentro de mim estava repassando os sintomas e tentando descobrir o que havia provocado as repentinas náuseas que me fizeram vomitar a tarde toda.

Eu não ficava doente com facilidade. No meu campo de trabalho, era necessário ter estômago forte, e eu me orgulhava de ter o mais forte de todos. Tinha visto as tripas de uma pessoa se esparramarem pelo chão do pronto-socorro, pelo amor de Deus. Podia contar todas as vezes que contraí algum vírus estomacal nos dedos de uma só mão. Isso não era um problema de estômago. Tudo que sentia era enjoo.

Então, era necessário pensar no que mais estava acontecendo na minha vida ultimamente que pudesse ter me feito ficar doente desse jeito. Enquanto estava no chuveiro, lavando o vômito do meu cabelo, porque Linc não tinha sido rápido o suficiente para puxá-lo para trás quando vomitei pela primeira vez, comecei a juntar as peças mentalmente enquanto checava meu corpo.

Meus seios estavam sensíveis ultimamente. Mais do que ficavam antes da minha menstruação, que deveria vir em poucos dias. Tinha sentido algumas dores de cabeça ultimamente, mas tinha colocado na conta da mudança de estação e de um problema de sinusite. Estava me sentindo bem inchada desde minha última menstruação… Que não tinha sido tão intensa quanto costumava ser…

Com um gemido, bati a cabeça contra a parede do chuveiro. Uma. Duas. A terceira vez não colocou juízo na minha cabeça, então parei. Devia ter ouvido aquela voz mandona logo na primeira vez que abriu a boca. Mas o

que tinha feito? Mandado ela se lixar.

Tudo porque queria que Axton não usasse camisinha pela primeira vez. E, desde então, tinha pedido a mesma coisa uma e outra vez. Estava acompanhando meu ciclo menstrual para ter certeza de que era sempre um momento seguro para não usar proteção, mas a Mãe Natureza nem sempre era pontual e adorava nos dar uma rasteira. Aquela puta maldita.

Será que posso estar grávida?

Um milhão de coisas passaram pela minha mente de uma só vez com essa única pergunta. Estava pronta para ser mãe? Queria ter um filho com Axton Cage? Teria ficado grávida de propósito para encurralar o homem que amava?

Depois veio a única pergunta que partiu meu coração, não porque me afetasse, ou afetasse Axton, ou até mesmo o possível bebê que talvez esteja carregando…

O que isso faria com Harper?

Minha melhor amiga estava destruída desde que tinha descoberto que talvez jamais pudesse ter um filho biológico. E aqui estava eu, insegura sobre a mera possibilidade de estar grávida, enquanto ela poderia nunca experimentar a alegria de ter uma criança crescendo dentro dela. Minha mão foi para minha barriga lisa e meu coração apertou. Droga, isso não era justo.

Engolindo em seco, desliguei a água, saí e me sequei apressada. Depois de vestir algumas roupas limpas, praticamente corri pelo ônibus. Nik, Mia e Linc estavam sentados onde os tinha deixado há dez minutos, mas Emmie agora se sentava ao lado de Nik com os pés em seu colo.

— Olá, como está se sentindo? — Emmie perguntou, com um tom de preocupação em seus grandes olhos verdes.

— Hmm… — Eu não sabia como responder a essa pergunta. Se fosse apenas Linc, teria deixado escapar o que achava que tinha de errado comigo. Poderia até ter feito isso se fosse apenas Emmie e Linc, mas não com Nik e Mia ali. Não achava certo falar para Nik antes de contar a Axton.

— Preciso ir comprar umas coisas, já estou me sentindo melhor.

— Me dê uma lista e mandarei alguém da equipe ir a uma loja por você — Emmie me assegurou.

— Não! — Sem chance mandaria um técnico a uma farmácia comprar um teste de gravidez para mim. Ou seis. — Será melhor se eu for sozinha. Sei exatamente do que preciso. Acho que vi uma farmácia na esquina, a algumas quadras, então, pensei em andar até lá… E desculpe não ter conseguido ir à tenda de primeiros-socorros para ajudar.

Os olhos de Emmie se estreitaram para mim, mas ela deu de ombros.

— Sem problemas. Você não estava se sentindo bem, então, eles que se danem, não me importo. Vou pedir um carro para levá-la aonde quiser ir, Dallas. E leve alguém com você. Isso vai ajudar Ax a não pirar tanto assim quando eu disser que você saiu às compras.

Meu olhar foi diretamente para Linc, e ele se levantou sem hesitar.

— Vamos.

Quando passamos pelo portão, um carro já esperava por nós. Pedi ao motorista que me levasse à farmácia mais próxima. Linc e eu permanecemos calados durante todo o trajeto. Ele ficou atirando olhares de preocupação para mim e fingi não perceber. Essa era uma atitude tão incomum para mim que sabia que o estava preocupando mais que os vômitos de hoje cedo.

Na farmácia, os produtos femininos estavam no mesmo corredor que os testes de gravidez. Linc continuava sem falar nada até que passei da prateleira dos tampões que ele sabia que eu usava. Mantive o olhar baixo enquanto continuei andando e ele começou a xingar baixinho. Lágrimas embaçaram minha visão quando parei na frente dos testes e peguei duas marcas diferentes. Peguei dois e depois mais um. Sabia que só precisaria de um, mas, sabe como é, queria ter certeza.

A mulher do caixa nem sequer me questionou quando coloquei os testes no balcão. Ela olhou para Linc algumas vezes, lambeu os lábios duas vezes e, depois, me entregou o troco. Pigarreei, livrando-me de algumas das

lágrimas que ainda obstruíam minhas cordas vocais.

— Vocês têm um banheiro que possa usar?

— Claro, querida. É no final do corredor, nos fundos da farmácia. Leve o tempo que precisar.

Assenti convulsivamente com a cabeça e segui em frente. Sem dizer palavra, Linc me seguiu até o banheiro das mulheres e trancamos a porta. Ele encostou na parede, eu me sentei e fiz xixi na ponta dos três testes antes de colocá-los em cima do porta papel higiênico. Com um suspiro, lavei as mãos e me sentei novamente na privada mais próxima. Não me incomodava que Linc tivesse acabado de me ver fazer xixi. Este homem esteve ao meu lado durante coisas muito piores do que me ver fazer xixi.

Meu queixo começou a tremer, porque normalmente não era apenas ele que passava por coisas tão importante assim comigo. Sentia falta de Harper e doía não ligar para ela a cada segundo que passava. Se fosse sobre qualquer outra coisa, ligaria para ela agora mesmo e ela ficaria comigo ao telefone até que tivesse certeza. Mas isso a machucaria de uma forma que acho que não conseguiria suportar. Sei que ela seria forte e estaria aqui para mim, não importa o que acontecesse, mas não podia fazer isso com ela. Não ainda.

— Já passaram os três minutos? — sussurrei, e Linc verificou o relógio antes de balançar a cabeça. Ele lia as caixas enquanto eu as abria, sabendo que levaria, pelo menos, três minutos para ter qualquer resultado.

Fitei os três testes, depois, voltei a encarar minhas mãos. Linc se afastou da parede, agachando-se na minha frente. Com a mão esquerda, ele pegou um dos testes, e com a direita, segurou minha mão, entrelaçando nossos dedos e me dizendo, sem palavras, que não importa o que acontecesse, estaria comigo.

Meu olhos se fecharam, sendo muito covarde para olhar. Meu estômago estava começando a reclamar novamente, porque o banheiro estava quente e cheirava a produtos de limpeza.

— Dallas? Você quer um filho?

Era a pergunta que estava esperando ouvir desde o momento que peguei os testes, mas ele tinha aguentado até agora. Não sei que resposta daria a ele se tivesse me perguntado antes de eu fazer xixi nesses palitos, mas nos últimos três minutos não tinha parado de pensar nisso. Parte de mim estava mais do que aterrorizada com a mera possibilidade. Mas outra parte, uma parte que estava ficando maior a cada minuto, estava meio que animada com a ideia de ter um bebê.

— Talvez — sussurrei, abrindo os olhos e encontrando seu olhar calmo.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios.

— Ok, vamos ver os resultados, então. Juntos.

— Isso vai machucar Harper…

Linc fez uma careta.

— Um pouco, mas ela ama você. Vai ficar mais feliz do que machucada, prometo. Agora, olhe para o bendito teste, mulher. Por mais que eu a ame, já estou me cansando de tocar no seu mijo.

Dando língua para ele, peguei o palito e finalmente o olhei. Quando vi os resultados, peguei o próximo teste, e o próximo. Meu coração parou por um momento, depois, começou a bater com o dobro da velocidade normal. Desconfiar de algo e depois ver a prova de que isso era ou não verdade, bem na sua frente, eram duas coisas bem diferentes.

E aqui estava a prova.

Eu não estava grávida.

A decepção que inundou meu corpo era algo que não esperava. Novas lágrimas caíram dos meus olhos e pisquei para afastá-las o máximo que consegui. Imagens de um pequeno garoto, que era a mistura de Axton e eu, desapareceram como um sopro de fumaça, e senti como se tivesse perdido algo incrivelmente especial.

— Mas… eu tinha certeza.

— Deu negativo? — Linc tirou os testes de mim e olhou as caixas novamente para confirmar. — Diz que pode levar até cinco minutos neste

aqui, Dallas. Talvez devêssemos esperar um pouco mais.

Balancei a cabeça, deixando as lágrimas caírem.

— Não. Tudo bem. Não estou grávida. E-eu provavelmente só estou com alguma virose.

— Vou pegar mais um teste para você. — Ele se levantou e saiu do banheiro antes que pudesse dizer alguma coisa, deixando-me sozinha com uma dor que nunca senti antes. Era isso que Harper tinha sentido quando os médicos disseram que não poderia ter um bebê? Meu coração se partiu novamente pela minha amiga.

Linc voltou em menos de dois minutos e me empurrou mais dois testes.

— Faça — ele mandou e pegou os três testes que já tinha feito.

Não estava com vontade de discutir, então, fiz xixi em mais dois palitinhos. Assim que terminei, lavei as mãos novamente, mas não queria ficar esperando pelos resultados dessa vez, quando eu sabia que só me deixariam mais deprimida.

— Só quero voltar para o ônibus e ir para a cama.

— Dallas, espere. — Linc me parou enquanto eu abria a porta. — Apenas olhe para os testes novamente. Por mim. Se nada mudar, jogarei estes outros dois testes fora e podemos esquecer que isso aconteceu. Ok?

— Linc…

— Apenas olhe, Dallas. Não vai doer. Só uma olhadinha. — Ele segurou os três testes e relutantemente olhei para eles. — Olhe para eles.

A ida até a farmácia demorou mais do que tinha antecipado. Quando voltamos para a arena, estava ficando escuro. Olhando para o celular, vi que faltava menos de uma hora para a OtherWorld subir ao palco. Também havia cinco mensagens não visualizadas de Axton e uma de Emmie.

Não sabia o que dizer a nenhum deles por mensagem de texto, então,

ignorei e deixei meu celular de lado. Ainda estava emocionalmente confusa, e vomitei duas outras vezes enquanto fazia *mais* três testes antes de sair da farmácia. Só para ter certeza.

Linc esteve do meu lado a cada passo da caminhada até o ônibus, onde troquei de roupa novamente, porque tinha vomitado na minha camiseta. Quando estava limpa, fui procurar Axton. Sabendo que provavelmente estaria com Emmie, preparando o palco para o show desta noite, fui direto para o palco principal.

Mas não tinha nem passado da primeira fileira de ônibus estacionados quando vi Axton. Meu coração saltou quando o vi parado ali conversando com Liam. Quando me aproximei, vi que não estavam sozinhos. Gabriella estava com eles, visivelmente chateada. Lágrimas desciam pelo seu rosto, e ela falava um italiano rápido e fervoroso.

Liam permanecia ali parado, observando-a com olhos que, à primeira vista, sob a luz dos postes que começavam a ser acesos, poderiam parecer desinteressados, mas que, sob um olhar mais atento, demonstravam esconder o que ele realmente estava sentindo. Tinha quase certeza de que não estava entendendo nem metade do que ela gritava, porque estava certa de que não entendia nem uma só palavra de italiano.

— Eu só quero estar com você! — Gabriella mudou para o inglês nessas últimas palavras, com seu pequeno corpo tremendo de emoção.

Parei, não querendo estragar o momento. Posso não gostar da garota, mas não queria deixá-la constrangida. Liam se encolheu e deu de ombros como o babaca que achei que fosse na primeira vez que o vi, mas agora sabia que não era.

— Não quero estar com você, Brie. Siga em frente. Eu já o fiz.

— Você não quer dizer isso, Liam. Não pode ser.

— Vá embora, Brie. Só está fazendo papel de boba. Não fazemos bem um para o outro, nunca fizemos. Vá para casa e viva a vida que deveria viver, sem minha presença te atrapalhando em tudo. — Ele se virou, pronto para sair andando, ou mancando, no seu caso.

— Que merda quer dizer com “vida que deveria viver”? Não há vida sem você. — Liam continuou andando, e as lágrimas dela começaram a cair mais pesadamente. — Liam, não — ela suplicou, magoada.

Seus ombros se enrijeceram, mas ele continuou andando. Fiquei onde estava enquanto assistia à reação de Axton ao que parecia ter sido o fim de Liam e Gabriella. Seu olhar seguia Liam enquanto ele se afastava, sua mandíbula se cerrou como se estivesse chateado com o amigo. Por que ele estaria bravo com Liam? Esperava que ficasse feliz com o término dos dois. Gabriella estaria livre para ser dele depois disso…

Com um soluço Gabriella se jogou em cima do peito de Axton. Ele não esperava por isso e tropeçou, dando alguns passos para trás, antes de passar os braços sobre seus ombros. A visão era como uma facada no coração. Parada ali, com o coração na garganta, estava esperando que isso acontecesse. Que um dos dois envolvesse o outro nos braços. Mas, droga, agora que estava realmente vendo aquilo, queria apagar a imagem da minha mente. Vê-lo consolando Gabriella doía muito.

Minha dor ao vê-los assim, somada a toda a montanha-russa emocional das últimas horas, fez sair a barraqueira que há em mim. Era meu mecanismo de defesa, algo que nunca tinha me deixado na mão, então, eu a deixei sair como uma vingança. Pigarreando alto, dei os últimos passos que me levavam ao campo de visão de Axton.

Assim que me viu, seu corpo pareceu se sacudir bruscamente, como se tivesse sido esfaqueado, dando dois passos atrás de uma Gabriella soluçante que tentava se segurar. Ele empurrou as mãos dela e parou ao seu lado.

— Não é o que está pensando, eu juro.

Assenti.

— É. Eu vi. Liam quebrou o coração da cadela troll, e então, ela se jogou nos seus braços. É claro que você estava super disposto a consolá-la. Parece um padrão. Um padrão do qual estou realmente me cansando.

— Não — Axton disse, balançando a cabeça. — Eu não estava consolando Gabriella. Que droga, ela se jogou em mim. Eu não queria que

ela caísse.

— Claro. Por que ela deveria cair quando o grande e forte Axton Cage está sempre disposto a segurá-la? Foi o que aconteceu da primeira vez, depois, novamente em outubro, então, tenho que começar a me acostumar. Certo? — Olhei por cima do ombro dele para ver Gabriella indo embora. Seus ombros ainda tremiam com os soluços, mas ela não ligou que tivesse acabado de destroçar meu coração.

Aquela vadia sabia que Axton jogaria tudo para o alto se ela precisasse dele. Ela não se importava que toda vez que fazia isso, eu parecia receber um tapa na cara, no meu orgulho. No meu maldito coração. E sempre seria assim, porque Axton Cage estava apaixonado por ela, não por mim. Eu não era nada para ele e nunca importaria tanto quanto ela.

— Dallas, *baby*, apenas escute…

— Eu entendo, Ax. Realmente entendo. Ela veio primeiro e sempre terá você. Mas não posso viver sendo a segunda opção. Não vou viver desse jeito. Por um momento, pensei que pudesse lidar com isso, mas estava apenas mentindo para mim mesma. — Engoli em seco, não querendo que ele me visse enquanto eu me partia em um milhão de pedacinhos sob seus pés. — Isso nunca será do jeito que gostaria que fosse.

— Você não está entendendo merda nenhuma! — ele explodiu, e me vi dando um rápido passo atrás frente à raiva que emanava de seus olhos, não porque tivesse medo que fosse me machucar, mas porque era um lado de Ax que nunca tinha testemunhado e parecia um pouco intenso demais. — Sim, eu a conheci antes, mas não era ela. Nunca foi ela. — Ele estava gritando e, toda vez que eu dava um passo atrás, ele dava um passo para frente, me seguindo. — Ela era apenas a garota atrás de quem eu me escondia, porque era covarde demais para ir atrás do que realmente queria na época. Acredite em mim, amor. Nunca. Foi. Ela. Eu achava que estava apaixonado por Emmie! — Ele continuava avançando, e senti meu coração apertar com suas palavras. — Eu provavelmente teria continuado delirando, achando que amava minha melhor amiga da vida, nas sombras, enquanto ela vivia seu “felizes para sempre” com um homem que eu amava e

respeitava.

Balancei a cabeça em negação.

— Você não está apaixonado por Emmie. — Eu tinha observado Axton e Emmie de perto no último mês. Tinha certeza de que, entre os dois, havia um relacionamento de irmão e irmã, mais do que qualquer outra coisa. Embora não houvesse nenhuma relação de sangue entre os dois, Ax e Emmie estavam mais próximos do que quaisquer irmãos. Ao longo dos anos, tinha observado a mesma coisa com Emmie e Jesse, Drake e Shane. Eles formavam uma família louca, mas o amor que todos compartilhavam era algo que eu só tinha experimentado com Harper, Linc e Lana.

— É. Eu sei disso. Agora. Não estava tão claro há alguns anos. Não até você entrar na minha vida e abrir meus olhos. Eu me apaixonei por você no momento em que beijei seus lábios perfeitos, Dallas. Mas eu ainda era um babaca naquela época. Pensei que se fingisse desinteresse, como sempre tinha feito, não teria que admitir nada. Quem quer admitir algo tão embaraçoso? Que tinha tatuado o nome de uma garota tóxica na minha pele para me esconder de algo que nem mesmo era real. Porque foi isso que aconteceu. — Ele puxou o bracelete de couro para fora do pulso, aquele que eu não tinha questionado, porque mantinha *aquela* tatuagem fora de vista. — Em outubro, percebi que este erro idiota estava me mantendo afastado de você mais do que qualquer outra coisa. Uma estúpida tatuagem estava levantando mais paredes do que eu jamais seria capaz de derrubar. Então, eu a tirei.

Meus olhos focaram seu pulso agora nu e todo o ar pareceu ficar retido em meus pulmões. Tinha sumido. Completamente. Não havia nem uma pequena pista de que havia algo lá antes. Meus ciúmes de repente se esvaziaram e tudo o que consegui fazer foi encarar.

— Desde… — Eu lambi os lábios. — Desde outubro?

Um pouco da raiva dele estava começando a evaporar.

— Sim, *baby*. Desde outubro. Desde a mesma época que fiz o Prince Albert para você. — Ele se aproximou, com suas mãos avançando para o

meu rosto, segurando-o de ambos os lados, enquanto seu polegar acariciava minhas bochechas. — Eu te amo, Dallas. Ninguém mais, só você. Eu nunca, nem por um minuto, amei Gabriella. E você, mais do que ninguém, sabe que, apesar de eu amar Emmie, não estou *apaixonado* por ela.

Eu tinha que estar sonhando. Não havia nenhuma outra explicação para que as palavras que estava ouvindo saíssem da boca dele. Palavras que estava esperando escutar há tanto tempo. Sua confissão, somada a todas as outras coisas que tinham acontecido durante o dia, estava me deixando confusa, e não sei por que não abri a boca para dizer como me sentia naquela hora.

Quando não falei nada, mas só fiquei ali parada olhando para ele, Axton sorriu um pouco forçadamente.

— Ok, então. Boa conversa. Preciso ir. Entro no palco em dez minutos.

Incapaz de encontrar minha voz, simplesmente assenti. Meu cérebro estava tentando processar tudo aquilo que tinha acabado de acontecer enquanto meu coração estava gritando para mim que eu era uma idiota e que deveria dizer algo a ele. Diga a ele. Diga. Que o ama. Depois de mais um minuto inteiro apenas nos encarando, ele assentiu, beijou meus lábios rápida e intensamente, e foi embora.

Capítulo 22

Dallas

Fiquei lá parada por cinco minutos antes de compreender tudo o que tinha acontecido. As palavras de Axton se repetiam no meu cérebro e meu coração estava aos prantos de tanta felicidade.

Eu te amo, Dallas.

Fechei os olhos e respirei profundamente, fazendo o que deveria ter feito quando ele foi embora. Correr atrás dele.

O homem que amava tinha acabado de me oferecer a única coisa que sempre quis de verdade e eu só fiquei lá parada, vendo-o ir embora… sem dizer a ele que o amava. Droga, tinha sido estúpida, mas, pelo menos, tinha uma boa desculpa. O maldito cérebro de grávida tinha enevoado minha cabeça, fazendo que as palavras demorassem mais do que o normal para fazerem sentido.

O que era outra coisa que precisava dizer a Ax. Nós estávamos grávidos. Tinha ficado tão desapontada quando vi os testes de gravidez pela primeira vez, e teria ido embora sem olhar para trás, por causa da dor que tinha sentido ao ver os resultados negativos. Devia muito a Linc por ter me feito ficar ali mais um pouco para fazer os testes outra vez. Cinco minutos após fazer os primeiros três testes, eles tinham dado positivo. E os dois depois deles? Positivo. E os três depois disso? Todos positivos.

Eu estava grávida, com hormônios à flor da pele. E tão feliz, que estava certa de estar infringindo a lei em alguns países.

Claro que estraguei tudo. Deixei qualquer chance de me agarrar à minha maior felicidade sair andando sem dizer nada. Minha mãe estava certa. Eu era burra. Mas isso só me encorajou a fazer o que sempre fiz.

Provar que ela estava errada.

Estava completamente escuro quando cheguei à arena na qual o palco principal estava montado. Havia luzes acesas por todos os lados, mas assim que entrei na arena, soube que seria difícil atravessar a multidão e alcançar o palco para falar com Axton. As arquibancadas estavam lotadas, e o lugar estava transbordando com os mais de cem mil fãs. A banda já estava no palco, e Axton estava cantando a primeira música da noite.

Ao meu redor, havia fãs de pé, dançando com a música e cantando junto. Havia uma pequena clareira perto do palco, mas rapidamente tinha aprendido, durante toda essa turnê, que isso só podia significar uma coisa. Roda-punk. Sem chance de eu arrastar meu traseiro grávido para uma roda-punk. Os fãs estavam pulando, dançando e se empurrando uns nos outros. Não arriscaria chegar ao palco por esse lado.

Primeiro, tentei abrir caminho entre as massas, mas todo mundo estava muito amontoado. Então, só me restou uma única opção. Engolindo um grunhido, cutuquei o ombro de um homem na minha frente. Ele virou a cabeça e apontei para cima. Com um aceno, ele me levantou facilmente e experimentei como era surfar sobre a multidão pela primeira vez.

Se não estivesse com tanto medo de que alguém me derrubasse, teria realmente gostado da experiência. Mãos de todas as cores e tamanhos me mantiveram na onda e rapidamente fui levada para a frente da multidão. Assim que cheguei lá, um segurança grandalhão me levantou e comecei a correr em direção ao palco.

A mão do segurança no meu pulso me parou, e me virei para olhar para ele.

— Estou com a banda.

Ele sorriu para mim.

— Isso é o que todas dizem. Volte para a plateia, querida.

— Vá se ferrar, idiota. — Soltei minha mão e comecei a subir no palco. Não iria voltar para a multidão quando tinha acabado de chegar onde precisava estar.

Estava quase no lado do palco quando seus braços se enrolaram em torno

da minha cintura e ele começou a me puxar para trás. Eu o chutei por trás.

— Me solte, seu idiota! — eu gritei, o que chamou a atenção de dois caras da nossa equipe, que estavam ao lado do palco.

Eles rapidamente me reconheceram e um deles se apressou para me ajudar enquanto o outro correu para o palco para chamar Axton. Ele parou de cantar imediatamente e virou a cabeça para me flagrar brigando com o segurança, que agora vencia o cabo de guerra entre ele e o técnico que tinha vindo me ajudar.

— Que porra é essa! — ele rugiu ao microfone, fazendo todo mundo na multidão parar o que estavam fazendo para voltar a atenção para mim. — Solta a minha garota, seu filho da puta.

Demorou um pouco para o segurança perceber que Axton estava falando com ele. Quando me soltou, afrouxou o aperto na minha cintura e quase caí. Braços fortes me envolveram e me puxaram para o palco. Eu estava muito ofegante por causa da luta e tentei recuperar o fôlego enquanto o abraçava apertado.

— Dallas, o que você está fazendo? — Axton quis saber, segurando o microfone para longe dele, mas com voz ainda alta.

— Eu me esqueci de uma coisa agora há pouco — disse a ele, recuando o suficiente para ver seu rosto. Ele já estava suando por causa do calor das luzes que apontavam para ele, e seu rosto estava tenso. Tenso porque o tinha magoado ao não falar que o amava antes?

— O quê? — ele perguntou com a testa franzida.

— Isto — eu sussurrei antes de beijá-lo intensamente bem ali na frente de mais de cem mil pessoas.

Sem hesitar, seus braços se apertaram ao meu redor e ele me beijou de volta por alguns segundos antes de se afastar.

— *Baby*, estou no meio de um show aqui — ele murmurou com um sorriso.

— Desculpe. Só mais uma coisa e deixo você voltar ao trabalho, está

bem? — Ele assentiu e peguei seu microfone. Meu coração sentia que iria explodir para fora do peito de tão rápido que batia, mas levei o microfone aos meus lábios. — Eu te amo.

A multidão aplaudiu e vaiou, porque não era a primeira vez que uma fã tinha subido ao palco apenas para dizer para seu astro de rock que o amava, mas não me importava com a reação dela. Meus olhos estavam grudados em Axton enquanto minhas palavras pareciam inundá-lo, e todo seu corpo se contorceu.

— O-o quê? — ele sussurrou. — O que disse?

Lágrimas me cegavam, mas pisquei para afastá-las.

— Eu te amo, Axton. Eu te amo há muito tempo. Eu… Eu só estava esperando, tinha a esperança de que você falasse as palavras primeiro. Eu preciso de você mais do que jamais poderei explicar, mas o amo duas vezes mais.

Atrás de Axton, encontrei Emmie parada no canto do palco, com Nik bem atrás dela. Esperava um olhar assassino em seu rosto, porque estava interrompendo o show, mas tinha um sorriso radiante no rosto. Encontrando meu olhar, ela me deu um aceno encorajador e piscou. Eu sorri de volta, mais confiante por ter obtido sua aprovação.

No palco, os outros membros da OtherWorld apenas ficaram ali, boquiabertos, para nós. Ignorei todos eles, enquanto dei um meio passo para perto de Axton.

— Desculpe ter interrompido seu show. Sei que estavam realmente ansiosos por isso. Mas precisava dizer… Não podia deixar passar nem mais um minuto sem que soubesse o quanto eu te amo. Sempre amarei você.

Sua garganta tensionava enquanto ele tentava engolir.

— Dallas… Caramba… — Ele fechou os olhos e encostou a testa dele na minha. — Eu te amo tanto, garota. Tanto que chega a doer. E fiquei com medo… — Ele engoliu em seco novamente. — Tive tanto medo de que fosse me deixar.

Suspirei.

— Eu sou maldosa, às vezes. Mas você não disse que gostava disso em mim? — Tentei provocá-lo.

Ele tentou sorrir, mas as lágrimas brilhando em seus olhos trouxeram outras aos meus.

— É, eu me lembro de dizer isso. Mas não seja assim agora, ok?

— Darei o meu melhor, deus do rock. Agora, me beije e volte ao trabalho.

Axton balançou a cabeça.

— Ainda não. Há algo que preciso fazer. — Levantei uma sobrancelha para ele enquanto ele recuava e enfiava a mão no bolso da frente do jeans, antes de cair sobre os dois joelhos.

Meu coração chegou à minha garganta e minha boca se abriu e fechou como um peixe enquanto eu o olhava como se estivesse louco. Porque ele estava, não estava? Que diabos estava fazendo de joelhos?

Ele pegou o microfone dos meus dedos nervosos e, com aquele sorriso que nunca falhava em derreter minha calcinha, levantou um anel que abalou meu mundo. Onde ele tinha conseguido um diamante tão grande sem que eu percebesse? Era perfeito. Era um diamante rosa com corte de princesa em um anel de platina com diamantes rosas menores ao redor. Eu sempre ficava tão boba com diamantes rosa.

— Dallas Diana Bradshaw, quer se casar comigo?

A multidão ficou tão quieta que seria possível ouvir um alfinete caindo no chão. Fiquei sem palavras enquanto olhava do anel para os olhos de avelã de Axton. Isso era real, certo? Não estava sonhando como tinha suspeitado mais cedo quando ele disse que me amava pela primeira vez? Certo?

Ah, que se dane. Não me importava se era sonho ou realidade. Aceitaria qualquer um dos dois.

— Sim. Sim. SIM! — gritei tão alto que toda a arena conseguiu me ouvir

mesmo sem a ajuda do microfone.

Ao nosso redor, todos aplaudiram, mas estava surda para tudo isso enquanto Axton colocava aquele anel incrivelmente perfeito no meu dedo e, de um pulo, ficava de pé para me beijar. Eu me agarrei a ele, chupando seu lábio inferior e o piercing com vontade. Tinha acabado de dizer sim para Axton Cage. Eu me casaria com ele…

E nós teríamos um bebê.

É mesmo. Ainda precisava contar para ele. Colocando minhas mãos em seu peito, eu o empurrei um pouco para trás.

— Hmm… Há algo que preciso te contar. — Seus olhos escureceram e sabia que provavelmente estava pensando o pior. Que só estivesse zoando, que não fosse me casar com ele. Até parece. Eu me casaria com ele ali e agora se Emmie conseguisse arranjar alguém para oficializar a cerimônia com uma certidão de casamento, algo que não duvidava de que fosse capaz de fazer mesmo com apenas um minuto de antecedência.

Mas o nervosismo tomou conta de mim de novo. Filhos não eram algo sobre o que conversávamos, embora tivesse visto como ele era com Mia. Seria um pai incrível, mas queria ser um?

— Apenas fale, Dallas. Você está me matando aqui — ele disse com uma risada rouca de emoção.

Reunindo coragem, eu me inclinei e sussurrei em seu ouvido.

— Estou grávida.

Sua reação imediata me assustou. Não conseguia ver seu rosto com meus lábios tão perto assim de sua orelha, mas seu corpo enrijeceu e o senti respirar profundamente. Mordendo os lábios, eu me afastei o suficiente para encontrar seu olhar.

— Você não pode me dizer uma coisa dessas e esperar que não faça amor com você agora mesmo, Dallas — ele disse com uma voz sufocada, mas havia um sorriso em seu rosto. — Você está prestes a me matar de felicidade, *baby*, e ainda tenho um show a fazer.

Rindo de pura alegria, passei meus braços em volta de seu pescoço mais uma vez.

— Desculpe, *baby*. Vou me esforçar mais.

Ele bateu a mão na minha bunda.

— Eu te amo, mulher. — Um rápido e intenso beijo fez meus dedos dos pés se curvarem, e ele se afastou. — Vá ficar com Em, enquanto tento terminar esta coisa. Falaremos assim que acabar.

Soprando-lhe um beijo, saí do palco direto para os braços de Emmie Armstrong. Ela estava praticamente dançando de emoção.

— Oh, meus deuses! Essa foi a coisa mais fofa de todos os tempos. — Ela beijou minha bochecha. — Bem-vinda à nossa família maluca, Dallas.

Nik beijou minha bochecha.

— O que ela disse — ele me assegurou com um sorriso.

Quando a música começou novamente, eu me virei para ver o meu deus do Rock fazer o que ele fazia de melhor, e sorri o tempo todo.

Axton

Meu coração estava prestes a pular do meu peito.

De alguma forma, mantive a calma por tempo suficiente para terminar o show. Pela reação dos fãs, devo ter feito um bom trabalho, porque estavam gritando por mais. Poderia cantar as músicas de olhos fechados, porque as conhecia muito bem, e dominava minha performance no palco, então, não estava realmente preocupado enquanto fazia o show que tinha esperado para fazer o ano todo no piloto automático. Mas não conseguiria aguentar nem mais um minuto sem tocar, beijar e segurar minha garota.

Mal olhei para ninguém quando saí do palco e agarrei Dallas. Levantando-a em meus braços, eu a conduzi pelas escadas e pela lateral do palco até a saída. Não sentia nem um grama do seu peso em meus braços enquanto saía da arena, passando pelos estandes quase desertos e para fora

dos portões. Os táxis estavam alinhados ao longo do portão lateral e abri a porta traseira do primeiro que vi antes de colocá-la para dentro. Quando me sentei ao seu lado, puxei-a para o meu colo e disse ao motorista que nos levasse ao *Sheraton*.

Demorou exatos dez minutos para chegar lá, e mantive meus lábios em alguma parte do corpo de Dallas durante todo o tempo. Quando o motorista parou, um manobrista abriu a porta para nós, e atirei uma nota de cem dólares ao condutor antes de sair e segurar minha garota. Tinha reservado um quarto de hotel hoje cedo, porque Dallas não estava se sentindo bem, então, queria que dormisse em uma cama de verdade, com um banheiro só para ela esta noite. Agora, vamos usá-lo para algo bem melhor do que eu tinha planejado originalmente.

O cara da recepção continuava sorrindo para Dallas enquanto eu fazia o *check-in* e pegava as chaves. Mal consegui manter meu rosnado possessivo dentro de mim. Esse maldito tinha de manter seus olhos para si mesmo ou eu bateria neles até arrancá-los de sua cabeça. Com um aceno rude, agarrei Dallas novamente e a carreguei para os elevadores. Quando as portas se fecharam atrás de nós e o elevador começou a subir para o nosso andar, Dallas riu.

— Você não tem que me carregar por todos os lados, sabia? Estou grávida, não aleijada.

— Cale-se e me deixe aproveitar o momento, mulher. — Beijei a ponta de seu nariz.

Ela selou os lábios, dando seu melhor para conter um sorriso enquanto o elevador subia. Quando as portas se abriram novamente, saí e a carreguei pelo corredor até o nosso quarto. Ela passou o cartão para destrancar a porta, e eu a abri para depois fechá-la com um chute atrás de nós. A cama *king size* era acolhedora, e eu a coloquei cuidadosamente no meio antes de chutar minhas botas e cair ao seu lado.

Agora que estávamos completamente a sós, não conseguia achar as palavras para dizer o que estava passando pela minha cabeça. Como se

estivesse adivinhando, Dallas segurou minhas bochechas com uma mão e passou o polegar pelos meus lábios.

— Eu te amo tanto, Ax.

Como tinha acontecido no palco esta noite, minha garganta se fechou de emoção, e tive que engolir com força para poder ser capaz até de respirar naquele momento. Parecia ter esperado a vida inteira para que ela dissesse aquelas malditas palavras.

— Eu amo você também, *baby*. — As palavras saíram sufocadas e roucas, e limpei a garganta. — Eu te amo pra caralho, Dallas.

— Sinto muito mesmo por hoje cedo. Vê-la em seus braços daquele jeito doeu e fiquei um pouco louca da vida. Por que não me mostrou seu pulso antes? — Ela pegou minha mão agora livre de tatuagens e passou os dedos sobre a pele antes tatuada.

— Porque queria que você confiasse em mim primeiro. Sei lá. — Explodi em um suspiro cansado. — Esperava que você me amasse o suficiente para não se importar com aquela maldita tatuagem.

Ela deixou escapar um gritinho e vi seu queixo começar a tremer.

— Sempre amei você, Axton. Sempre. Nunca foi sobre não te amar o suficiente. Mas essa tatuagem era como levar um tapa na cara toda vez que pensava nela. Sei que não tenho nenhum direito de ficar aborrecida com o seu passado, mas isso não me fez parar de…

Cobri seus lábios para parar sua enxurrada de palavras.

— Pare, eu entendo. Mas preciso saber… Agora acredita em mim, acredita que nunca foi Gabriella? Que eu nunca a amei?

Seus olhos azuis escureceram por um longo momento, depois, ela finalmente assentiu.

— Sim, acredito. Ela era seu amor de fachada. E também entendo por que chegou a pensar que estava apaixonado por Em, especialmente depois de conhecer sua mãe. Em foi a primeira mulher a te amar incondicionalmente.

Assenti e beijei seus lábios, feliz por ter entendido.

— É, foi exatamente isso. Mas no momento que conheci você, beijei você, segurei você em meus braços e te fiz minha, soube que tudo que sentia por Emmie não chegava nem perto do que realmente era estar apaixonado por alguém. Eu te amo tanto, Dallas, e desculpe ter demorado tudo isso para amadurecer e te dizer como eu me sentia.

— Mas há algo que realmente preciso saber… — franzi a testa para ela, e seu rosto se contraiu em uma careta. — Onde foi que conseguiu essa perfeição de anel?

Um riso rouco escapou de mim, e agarrei a mão que agora usava meu anel, trazendo-a aos lábios e beijando cada um de seus dedos.

— Emmie é mágica. Ela pode conseguir tudo o que quiser se der tempo suficiente a ela. Disse o que estava procurando, algo grande e rosa, e ela revirou os olhos, estalou os dedos, e ele apareceu nas minhas mãos três dias depois.

Ficamos ali por um momento, apenas segurando um ao outro. Estava exausto depois de um longo dia, mas não estava nem perto de adormecer. Pela respiração firme de Dallas, sabia que também não estava com sono. Era maravilhoso apenas me deitar ali com ela em meus braços, sabendo com toda a certeza que agora era minha pelo resto de nossas vidas.

Continuei tentando ignorar a notícia com a qual Dallas tinha me surpreendido mais cedo, mas finalmente tive que encará-la. Dallas estava grávida. Estaria mentindo para mim mesmo se dissesse que não tinha vontade de engravidá-la toda vez que não usávamos proteção. Sempre que fazíamos amor sem camisinha, parte de mim desejava que ela ficasse grávida, assim teria, pelo menos, uma parte de nós comigo não importa o que acontecesse. Depois, eu me odiava por pensar isso, porque seria o mesmo que encurralá-la em uma relação na qual não queria estar.

— Não fiquei grávida de propósito.

A declaração sussurrada de Dallas me tirou da minha própria onda de culpa. Obviamente estávamos pegando a mesma onda se nós dois

estávamos pensando a mesma coisa.

— Eu sei… E eu não a engravidei de propósito… Bom, talvez eu tivesse esperanças de que isso acontecesse, mas não o fiz de propósito.

Ela se virou de lado rapidamente.

— Você queria que eu ficasse grávida? — Seus olhos azuis estavam brilhando de felicidade. — Sério?

Levantei um ombro com um meio dar de ombros.

— É. Queria ter pelo menos isso, como uma parte de você.

— Então, você está feliz com o bebê? — Meus olhos se estreitaram com sua pergunta. — Só preciso ter certeza, Ax. Nossas vidas mudaram de maneira substancial hoje. Preciso que me diga se está feliz com este bebê. Sei que você tem planos. Kenzie fará parte do seu futuro, e não quero que este bebê faça você se sentir…

— Todos nós podemos ser uma família. E não pretendo forçar Kenzie a nos aceitar como sua família. Só quero ter certeza de que estará bem. Se ela quiser fazer parte da nossa família, eu, você, e o pequeno roqueiro aqui dentro… — Coloquei a mão sobre sua barriga ainda lisinha, imaginando que estava tocando nosso bebê que crescia ali dentro. — Então, eu amaria isso, mas se ela quiser viver por conta própria, também está tudo bem. Eu te amo, Dallas.

Uma lágrima caiu de seus olhos e escorreu por sua bochecha. Inclinando-me para a frente, limpei seu rosto com um beijo. A pequena carícia dos meus lábios em sua bochecha era como fagulhas em um palheiro, e eu a empurrei para a cama, cobrindo seu corpo com o meu. Dallas abriu as pernas, dando-me boas-vindas entre suas coxas com um gemido de puro prazer.

— Como está se sentindo? — perguntei, querendo saber se ainda estava se sentindo mal antes de ir mais longe.

— Neste minuto, não é no meu estômago que estou pensando. Estou encharcada por você, *baby*. — Ela arqueou as costas, empurrando-se com

mais força sobre meu pau latejante. — Faça amor comigo.

Sem hesitar, procurei a barra de sua camiseta e a puxei sobre sua cabeça antes de rapidamente retirar seu jeans, deixando-a deitada na minha frente apenas de calcinha e sutiã. Ela era tão linda. E toda minha.

Tomei meu tempo, beijando cada centímetro de seu corpo lentamente antes de desabotoar o sutiã e fazer uma refeição daqueles seios perfeitos. Ela gritou meu nome enquanto eu sugava um mamilo duro para dentro da minha boca, com suas unhas se cravando atrás do meu pescoço enquanto me puxava para perto dela. Ela tinha um sabor fresco e limpo, com uma pitada de algo que era completamente dela. Virando minha cabeça, passei para o outro mamilo, chupando-o mais forte do que tinha feito com seu irmão gêmeo.

Enquanto devorava seus seios, minhas mãos exploravam o resto do seu corpo. Acariciando-a de cima para baixo, nas laterais, sobre seus quadris e entre suas pernas. A parte interna de suas coxas eram sedosas e macias. Tracei corações sobre aquela delicada pele com meu polegar, incapaz de esconder dela o quanto a amava nem por um minuto. Movendo-me mais para cima, tracei um coração sobre sua calcinha úmida, desenhando um gemido em seus lábios.

— Quero senti-lo dentro de mim, Ax.

Levei minha cabeça para seus peitos deliciosos.

— Logo, logo, *baby*. Estou me divertindo. — Ela fez um som de protesto que saiu do fundo de sua garganta, mas a ignorei enquanto beijava sua barriga, pausando logo abaixo de seu umbigo para deixar um beijo que não tinha nada a ver com o desejo que queimava em meu sangue. — Fique bem seguro aí dentro, criança.

— Eu te amo, Ax — Dallas sussurrou, passando suas mãos pelos meus cabelos carinhosamente enquanto eu permanecia no lugar onde imaginava que nosso bebê estava crescendo.

— Eu te amo mais, *baby* — garanti enquanto voltava a beijar o meu lugar favorito em seu corpo.

Seus quadris se arquearam na cama enquanto minha boca pairava sobre a parte coberta por sua calcinha.

— Por favor, Ax. Por favor.

— Shh, shh. — Passei a língua pelo tecido de algodão, rosnando quando seu gosto explodiu na minha boca. — Caramba, você tem o gosto do paraíso. — Arranquei a calcinha dela, querendo pôr minha língua em sua carne inchada. Assim que meus lábios se apertaram em seu clitóris, ela gritou meu nome, e eu a suguei longa e duramente, deixando meu piercing passar sobre ela algumas vezes para provocá-la. Quando suas coxas começaram a tremer, coloquei dois dedos dentro dela, sabendo que um não seria suficiente.

Dallas gozou, suas costas se arquearam na cama e seus quadris se empurraram para cima e para minha boca, enquanto ela tremia, liberando o intenso orgasmo que tinha acabado de dar a ela. Lambi cada vestígio de seu gozo, engolindo cada gota de seu prazer antes de finalmente recuar.

De pé, puxei minha camisa sobre a cabeça com pressa antes de abrir cuidadosamente o botão e o zíper. Estava mais duro do que jamais tinha estado em toda minha vida, então, não queria me machucar ficando preso na porcaria de um zíper. Da cama, Dallas me observava com olhos semicerrados enquanto terminava de me despir e a cobria novamente com meu corpo.

Meu pau deslizou para a abertura dela como se tivesse mente própria. Enquanto a penetrava profundamente, meus olhos se fecharam por um momento, saboreando o calor apertado e escaldante que me recebia em casa. Seus lábios acariciaram minha testa enquanto seus dedos percorreriam minha espinha. Tanto o beijo quanto a carícia eram carinhosos e amorosos. Afundando dentro dela, enquanto ela me segurava assim, meus olhos arderam e levantei a cabeça, precisando que ela visse o quanto me afetava.

Minhas lágrimas foram espelhadas em seu olhar azul.

— Eu te amo — sussurrei ao mesmo tempo que ela, o que nos fez sorrir. Ficamos assim por um longo momento, sorrindo e nos acariciando enquanto

estava totalmente enterrado em meu próprio paraíso. Mas, depois, meu pau tomou o controle e não consegui impedir meus quadris de se moverem. Ela era uma delícia e eu dizia isso uma e outra vez enquanto ela gemia meu nome com as pontas dos dedos, antes carinhoso, agora, cravadas em minha bunda, e eu nos empurrava para a beira de um precipício por meio do qual alçaríamos voo.

Epílogo

Dallas

A marcha nupcial começava a soar, e não sabia quem estava mais nervosa, eu ou a mulher prestes a se tornar minha madrasta. De pé ao seu lado, na entrada da igreja, usando meu lindo vestido cor de pêssego, abri um sorriso encorajador para Tink, enquanto ela permanecia ao lado de Axton, que estava preparado para conduzi-la até o altar, depois que eu entrasse como sua única dama de honra.

— Você está linda — garanti a Tink. Tínhamos nos aproximado nos últimos meses, mais do que tinha achado ser possível. Talvez fossem todos os hormônios da gravidez, mas tinha cedido quando meu pai me pediu para me esforçar mais e me aproximar de sua futura esposa. Talvez fosse por minha vontade de ter uma verdadeira figura maternal em minha vida. Seja lá o que for, estava feliz por ter cedido. Tink era maravilhosa, e não conseguiria imaginar minha vida sem ela agora.

A nossa vida.

Olhei para Ax que brigava com a gravata. Suspirando com exasperação simulada, eu me aproximei do meu marido e endireitei sua gravata antes de ficar na ponta dos pés para beijar seus lábios desejosos. Minha barriga saliente me impediu de chegar muito perto, mas não o impediu de agarrar minha bunda e me segurar mais perto de seu corpo por um tempo um pouco maior.

Uma grande e forte mão afagava nosso bebê, enquanto ele chutava o pai. Um sorriso de felicidade se espalhou pela minha cara enquanto cobria a mão de Axton. A mão na qual estava a aliança. Uma aliança que demorou semanas para ser desenhada só para ele e para o nosso casamento. Só meu marido, o deus do rock, possuía uma aliança de casamento em formato de

uma caveira cravejada. Era muito rock'n'roll, assim como ele.

— Cannon, vai ter que ficar aí dentro por mais um tempinho, carinha — Axton murmurou enquanto abaixava a cabeça para beijar minha barriga. — Mamãe só precisa entrar na igreja e, depois, ficará sentada pelo resto do dia.

Revirei os olhos. Ele sempre tinha conversas assim com minha barriga. Como se nosso filho pudesse escutar cada palavra que dizia e ainda entendê-lo. Com a data do parto se aproximando, ele começara a fazer isso com cada vez mais frequência. Mas estava certo, assim que o padre declarasse que o casamento entre meu pai e minha madrasta era oficial, eu me sentaria. Meus pés já estavam inchados e doloridos na sapatilha de bailarina, mas isso não era algo preocupante já que estava grávida de trinta e oito semanas. Com exceção de algumas crises de enjoo matinal, minha gravidez tinha sido maravilhosa.

— Tem certeza de que se casar no Dia dos Namorados não é algo muito brega?

Minha atenção se voltou para Tink, que estava nervosamente mordendo todo o batom do lábio inferior.

— É adorável — assegurei-lhe. Segurando suas mãos nas minhas, dei-lhe um pequeno aperto de confirmação e peguei minhas flores. A cerimonialista apareceu na porta, sinalizando que era a hora da minha entrada.

— Vejo você daqui a pouco. Vai se sair muito bem.

Quando me posicionei no meu lugar, na entrada da igreja, não pude deixar de olhar ao redor enquanto começava a andar. O casamento era um evento pequeno, apenas nossos amigos mais próximos e familiares tinham sido convidados. Os membros da Demon's Wings e suas esposas e filhos estavam todos lá, junto ao resto da OtherWorld e alguns membros da família Bradshaw, que também tinham sido somados à equação.

Tentei não fazer uma careta quando passei por Liam, sentado entre sua irmã e Wroth, tentando mantê-los o mais afastados possível. No próximo banco, sentavam-se Devlin e Harris, com Lucy Thornton ao lado, melhores amigos até o fim, mesmo que Dev tivesse esquecido sua própria amizade

com Zander, que estava na outra ponta do banco. Os últimos nove meses não tinham sido nada gentis com a OtherWorld. A banda parecia estar se desmanchando, mas Axton tentava manter todos juntos.

Este último outono, em que saímos com a Demon's Wings para uma turnê de dois meses, tinha sido tenso, mas de alguma forma a banda ainda se mantinha de pé. Contudo, não tinha certeza sobre o que aconteceria quando saíssemos em turnê neste próximo verão. Sairíamos em turnê não só com a Demon's, mas também com duas novas bandas que Emmie estava agenciando e trabalhando duro para conseguir contratos de gravação.

Mas não me preocuparia com a banda naquele momento. Havia um monte de coisas para resolver até lá.

Continuei andando, mas quando passei por onde Linc, Natalie e Shane Stevenson estavam sentados quase fraquejei. Harper se sentava ao lado do marido com um sorriso brilhante no rosto, mas não pude evitar um aperto no coração pela forma como rapidamente desviou o olhar quando viu minha grande barriga. Minha melhor amiga tinha ficado nas alturas por mim quando contei que estava grávida, mas não tinha conseguido esconder sua dor.

Embora não pudesse ajudá-la com o que partia seu coração diariamente, fazendo-a ser mãe, fiz a segunda melhor coisa. Eu a fiz madrinha. Ela e Shane seriam os padrinhos de Cannon. No dia que fiz o pedido, Harper chorou mais do que jamais a tinha visto chorar em todos esses anos de convivência. Felizmente, tinham sido lágrimas de felicidade.

Passei por mais alguns membros da minha família maluca. Nik e Emmie estavam me dando sorrisos calorosos. Ao lado deles, sentava-se a babá, segurando o bebê Jagger enquanto ele dormia. Flick estivera conosco na turnê de outono e eu a conheci um pouquinho. Tinha gostado dela quase que instantaneamente e dei uma chance ainda maior para ela quando chutou as bolas de Zander depois de receber uma cantada um pouco forte demais.

Quando passei por Jesse e Layla, cada um com os braços tomados por meninos saltitantes, não pude deixar de sorrir. A meu ver, esses dois

pequenos eram a prova de que milagres acontecem. Luca e Lyric tinham nascido muito prematuros, mas ao olhar para eles não era possível saber disso. Quando passei, Luca estendeu a mão e puxou meu vestido, eu ri, enquanto ele protestava por seu pai ter puxado sua mão para longe.

— Bom gosto, amigão, mas nada de mulheres mais velhas, certo? — Escutei Jesse murmurar para o filho.

Revirando os olhos, encontrei o olhar de Lana, que tinha o braço de Drake sobre os ombros. Seu outro braço estava ocupado com uma Neveah que balbuciava silenciosamente e era, sem sombra de dúvida, a garotinha mais linda que já vi na vida. Seu longo cabelo escuro, suas características angelicais e sua personalidade eram todas de Lana. Mas esses olhos? Cem por cento Drake Stevenson.

Os olhos de Lana fitaram minha barriga e não pude evitar olhar para a dela. Ainda não dava para ver, mas sabia que estava grávida de novo. Era uma das poucas que sabia. Assim como tinha ficado relutante em contar a Harper, para não a machucar com minha gravidez, Lana estava achando difícil anunciar a notícia. Dei um sorriso solidário e continuei andando.

No assento da frente, sentava-se apenas um pequena garota. Quando passei por ela, ela me deu um sorriso radiante e meu coração apertou de amor. Kenzie, agora, era uma grande parte da nossa família, mesmo que ficasse mais no Tennessee do que na Costa Oeste, conosco. No momento em que Axton e eu chegamos ao orfanato para buscá-la, ficou tão emocionada que levou uma semana inteira para entender completamente que Axton realmente a tinha adotado. O resto foi história. Ela queria fazer parte da nossa família tanto quanto queríamos que ela fizesse, e tinha vindo morar conosco durante o verão, até começar a Universidade do Tennessee, no outono, pouco antes da turnê começar.

Não vou mentir, tinha adorado que tivesse escolhido estudar no Tennessee. Isso nos dava motivos para fazer visitas mais frequentes. Tinha me apaixonado pelo estado e especialmente pela pequena cidade nos arredores de Nashville, onde Tink e meu pai moravam. Meu pai tinha construído uma casa para Tink em Huntington Estate, porque era onde ela

se sentia mais feliz. Sem a renda que Tink trazia, Sharon Huntington tinha sido forçada a vender a casa em que Axton tinha crescido e acabou se mudando para o norte.

Meu pai tinha me surpreendido há algumas semanas com esse presente de Natal, e eu ainda estava tentando decidir ser isso era bom ou não. Ele comprou a casa da infância de Axton e a doou para nós. Ainda não conversamos sobre o que faríamos com ela. Eu teria adorado redecorar a casa e torná-la nossa base aqui no Tennessee, mas se Axton decidisse trazer uma bola de demolição para destruir essa coisa, também ficaria bem com isso.

Finalmente cheguei ao altar da igreja e meu pai deu um passo à frente para beijar minha bochecha. Abri um sorriso de felicidade e tomei meu lugar. A caminhada pelo corredor tinha sido lenta para meus pés doloridos, mas na verdade só tinha levado cerca de um minuto. Virei a cabeça para o fundo da igreja, enquanto Tink e Axton entravam, e não pude deixar de perder o fôlego com a visão.

Tink estava linda no vestido de renda simples que tinha encontrado em alguma loja vintage. Meu pai tinha ficado estarrecido quando ela quis se casar com um vestido barato quando ele podia levá-la a Paris ou Milão para comprar o vestido de qualquer estilista que seu coração pedisse. Mas Tink tinha sido inflexível sobre querer usar o lindo vestido que tinha encontrado.

Ao lado dela, meu marido parecia delicioso em seu *smoking*. Quando ele encontrou meu olhar, piscou e fez minha calcinha molhar com um desejo que sempre parecia arder em nós. Quanto mais perto chegavam, mais molhada eu ficava…

Até que percebi que a umidade que agora escorria pela minha coxa era qualquer outra coisa, menos desejo. Mordendo meus lábios para evitar os gemidos, mantive meu rosto inexpressível enquanto Axton entregava a tia ao meu pai e se sentava ao lado de Kenzie.

Os próximos vinte minutos foram estranhos para mim, para dizer o mínimo. Tentei evitar contato visual com Axton enquanto meu pai e Tink

trocavam os votos, e o líquido amniótico pingava nas minhas pernas e fazia uma poça no tapete abaixo dos meus pés. Uma contração me atingiu no meio da cerimônia, e abafei o grito de dor enquanto Austin Bradshaw prometia amar, honrar e tentar obedecer a sua nova esposa.

Durante todo o tempo, podia sentir o olhar de Axton me perfurando, mas sabia que não podia olhar para ele. Ele saberia que havia algo de errado e pararia a cerimônia, algo que não podia permitir. Então, só fiquei ali parada, com um sorriso forçado no rosto, meus olhos fitando o nada, para que ninguém percebesse que estava sentindo algum tipo de dor ou nervosismo com o que estava prestes a acontecer.

Cannon aparentemente estava pronto para conhecer sua família maluca, mas eu não sabia se estava pronta para ele.

Quando o padre finalmente pronunciou Austin e Tink como marido e mulher, não pude deixar de soltar um suspiro de alívio. Todo mundo se levantou, batendo palmas e parabenizando o casal feliz. E, claro, outra contração me acertou em cheio. *Que se dane*, pensei enquanto choramingava de dor. Eles estavam casados agora, então, quem se importava com a recepção?

Afinal, eu estava em trabalho de parto.

Axton deve ter desenvolvido uma audição sobre-humana, porque ouviu minhas queixas em meio ao barulho do resto da igreja enquanto todos riam e davam tapinhas nas costas do meu pai ou apertavam as mãos dos recém-casados.

— O que há de errado? — Kenzie perguntou ao meu outro lado.

— Oh, nada sério. — Dei um sorriso apertado. — Minha bolsa estourou e estou começando a sentir contrações. Mas estou bem. Vou ficar bem.

Estava tentando manter a calma, não por mim, mas por Axton. Mas minha tentativa de dar o exemplo falhou miseravelmente, porque Axton começou a surtar. Em um minuto eu estava de pé, no outro, estava em seus braços, enquanto gritava com as pessoas para que saíssem do meio do caminho. O que só desencadeou o caos. Suspirando, enterrei o rosto em seu

paletó e o deixei fazer o que fosse necessário para lidar com sua paternidade iminente.

As próximas horas passaram como um borrão, mas tenho que admitir que foi um borrão feliz. Todos que amávamos estavam na sala de espera enquanto trazíamos nosso filho ao mundo a apenas alguns cômodos de distância. Provavelmente, tinham me ouvido xingar o hospital inteiro enquanto fazia força pela última vez até que o choro do meu filho preencheu meus ouvidos.

Exausta, estiquei os braços para o pacotinho sujinho e berrante enquanto Axton cortava o cordão umbilical. Lágrimas caíam do seu rosto enquanto lutava para cortar o teimoso cordão, mas quando finalmente conseguiu, ele me beijou.

— Eu te amo, Dallas.

Sorri através de minhas próprias lágrimas de felicidade.

— Eu te amo mais.

— Devo ir dizer a todos que você está bem? — Não parecia ser isso o que realmente queria fazer, então, balancei a cabeça, puxando-o para perto até que estivesse praticamente deitado ao meu lado enquanto o médico fazia o que precisava ser feito com o meu corpo dolorido.

— Não. Você está exatamente onde precisa estar.

Playlist

- Breaking Inside (feat. Lzzy Hale of Halestorm), de Shinedown
- She’s So Mean, de Matchbox Twenty
- Room To Breathe, de You Me At Six
- My Baby’s Guns n’ Roses, de Brantley Gilbert
- Clarity (feat. Foxes) [Tiesto Remix], de Zedd
- Big Girls Cry, de Sia
- Red Eyed Romance, de Stars In Stereo
- Life Of The Party, de Shawn Mendes
- We Fall Apart, de We As Human
- Painkiller, de Three Days Grace
- Always, de Killswitch Engage
- I’m Yours, de The Script
- Get Lucky, de Halestorm
- Private Parts (ft. James Michael), de Halestorm
- My Heart Is Broken, de Evanescence

bezz
EDITORA
NOS BRAÇOS DO ROQUEIRO
LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER
TERRI ANNE BROWNING

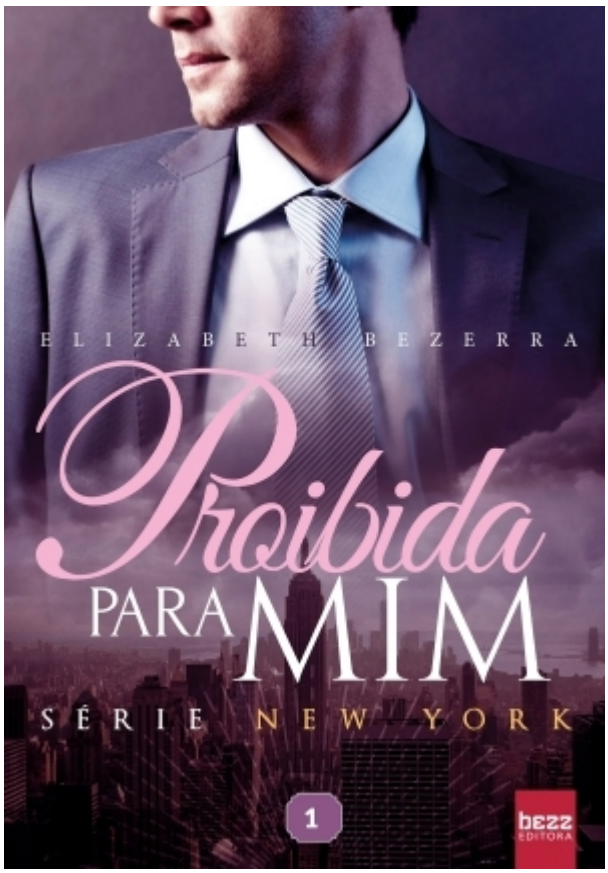
Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne
9788568695449
147 páginas

Compre agora e leia

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

Compre agora e leia


ELIZABETH BEZERRA
Proibida
PARA MIM
SÉRIE NEW YORK
1
bezz
EDITORA

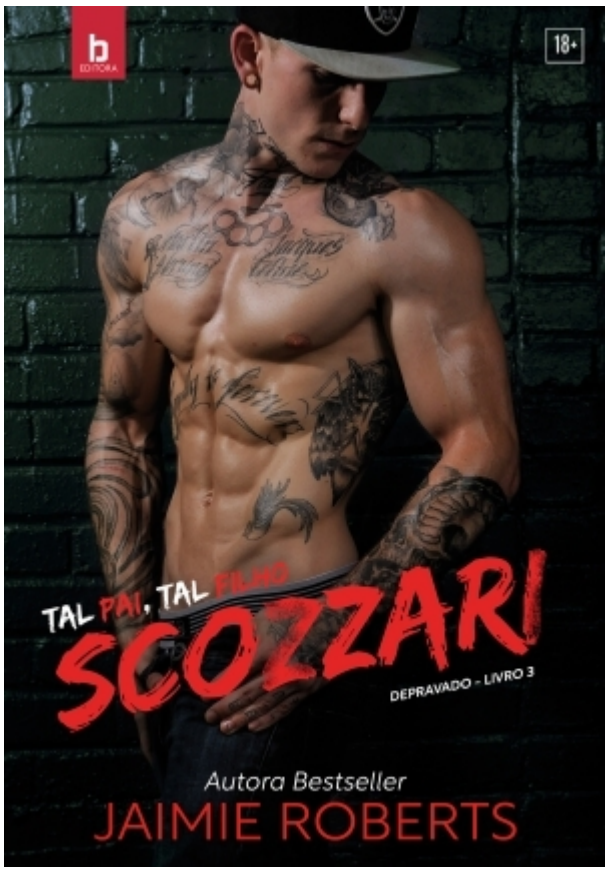
Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth
9788568695371
310 páginas

Compre agora e leia

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

Compre agora e leia


b
EDITORA
18+
TAL PAI, TAL FILHO
SCOZZARI
DEPRAVADO - LIVRO 3
Autora Bestseller
JAIMIE ROBERTS

Scozzari

Roberts, Jaimie
9786589906292
900 páginas

Compre agora e leia

SCOZZARI (Depravado 3), de Jaimie Roberts
Jeremy (Jez) Scozzari Aos dezenove anos, sou conhecido como Jez Gancho Scozzari, porque no ringue, com apenas um gancho, consigo derrubar meu oponente. Sou respeitado por onde passo por meus punhos e minhas tatuagens; as garotas se jogam aos meus pés e, é claro, eu não nego fogo. Mas me vejo jogado na lona quando reencontro a garota que há cinco anos foi embora e levou com ela o meu coração. Cada vez mais linda, Caits tenta me dá gelo, mas, no fundo, sinto que ela me esconde algo. E se ela não quer me contar, darei um jeito de descobrir. Sou um Scozzari, e a protegerei do mundo, quer ela queira ou não.
Caitlin Summers Ele foi meu crush de infância e o garoto que idealizei de ter o sonho dourado, mas eu e minha família acabamos nos mudando para outro estado, e para não sofrer, preferi perder totalmente o contato com ele. Pior decisão. Minha vida se transformou num inferno, e agora, na verdade, estou fugindo, de medo e de vergonha, e não quero que Jeremy descubra. Forte e popular, ele ficou mais lindo do que imaginei… e também perigoso. Ele está envolvido em lutas, e tudo que menos quero na vida é alguém violento. Já estive nesse lugar. Nunca mais.
Porém, com o passado querendo voltar a me assombrar, talvez Jez Scozzari seja o único a poder salvar a minha vida… e tranquilizar as chamas ardentes

em meu coração.

Aviso*:* *Apesar de ser livro único, a história tem personagens interligados com Depravado e Redenção. – Livro destinado a 18+, por conter cenas fortes.*

Compre agora e leia

ELIZABETH BEZERRA
A VOZ DO CORAÇÃO
SÉRIE NEW YORK
8
bezz
EDITORA

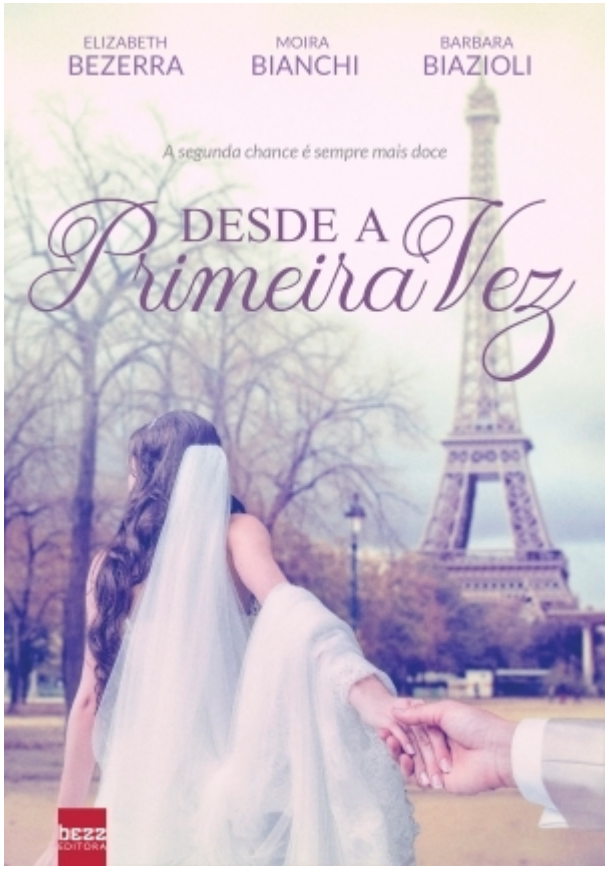
A Voz do Coração

Bezerra, Elizabeth
9788568695920
448 páginas

Compre agora e leia

O último dos solteiros do seleto grupo de amigos de Nova York estava feliz em continuar assim... solteiro. Muralha, Grandão, Mulherengo, esses eram alguns dentre tantos atributos que Peter Stone encarava com bom humor. Mas ainda que ele fosse visto como o "Don Juan", havia um traço em Peter do qual ele carregava com orgulho: o de Salvador. Ele era o que ajudava em tudo e a todos. A regra era clara: não mexam com quem ele amava e protegia. E quando a jovem carregando cicatrizes internas e externas, Fabiana Mendes, é colocada sob seus cuidados, a ideia era apenas essa, protegê-la. No entanto, a couraça que ele construiu ao seu redor e que o ajudava a caçar bandidos e eliminar qualquer ameaça, agora sobre Fabiana, foi vencida graças à fragilidade, doçura e força interior desta mulher que tinha tudo para não sobreviver a tamanhas adversidades. As cicatrizes de Fabiana faziam com que Peter encarasse as dele. Fantasmas de seu passado ressurgiam para atormentá-lo e, em meio a tudo isso, ele se vê lutando contra o fascínio e o desejo incontrolável por sua Honey... O oitavo e último livro da série New York traz doses explosivas de romance, drama e ação, que farão seu coração viver momentos inesquecíveis.

Compre agora e leia


ELIZABETH
BEZERRA
MOIRA
BIANCHI
BARBARA
BIAZIOLI
A segunda chance é sempre mais doce
DESDE A
Primeira Vez
bezz
EDITORA

Desde a primeira vez

Bezerra, Elizabeth
9788568695944
120 páginas

Compre agora e leia

Pela primeira vez, a Editora Bezz reúne três autoras bestseller Amazon e encanta com histórias de fazer suspirar…
A Segunda Chance sempre é mais doce
E agora, Sr. Alz?, de Elizabeth Bezerra
A música sempre esteve presente na vida de Elisa e ter suas canções entoadas por uma multidão era o seu objetivo. Isso fez com que ela tomasse por garantido o amor dos que a cercavam: o seu pai, sua avó e Jack, e partisse, com planos de nunca mais voltar.
Quando oito anos depois, ela se vê obrigada a voltar à pequena cidade de Hope para cuidar de sua avó doente, sem a fama, sem o pai e sem o único homem que já amou, Elisa se depara com uma verdade que esteve diante de seus olhos todo esse tempo: há música nos pequenos gestos de amor.
Bentô Emocional, de Moira Bianchi
Acaso ou controle? Equilíbio na bagunça ou organização como numa marmita bentô? Coincidência ou sincronicidade?
Durante uma chuva de verão no Rio de Janeiro, Tom, médico, se apaixonou à luz de velas; Cota, musicoterapeuta, deixou-se encantar pela ideia de moldar-se a um homem tão diferente daqueles com quem costumava sair. Porém, amar nem sempre é simples, pactos nem sempre são mantidos, alguns espaços vazios levam tempo a serem preenchidos. Impulsionada por

uma desilusão amorosa, Cota cria um aplicativo de celular para unir pessoas através da música, mas é a chuva de verão que encaixa Tom na sua vida de novo.

Esculpida em seu Coração, de Barbara Biazioli

Kate tinha o plano perfeito para o futuro. Para Michael, qualquer coisa ao seu lado seria maravilhoso. Diferente dela, ele não se imaginava num banco de aula da faculdade nos próximos anos. Sua arte o chamava e Kate era especial o suficiente para aceitá-lo como era.

No entanto, dias antes de seu plano tornar-se realidade, Kate sente a decepção corroer-lhe a alma e não dá chance a Michael de se explicar.

Dez anos depois, Paris é o palco de seu reencontro. Sem terem como se evitar por questões de trabalho, eles terão de superar o mal-entendido. Mas como deter tamanho sentimento, esculpido para durar para sempre?

Compre agora e leia